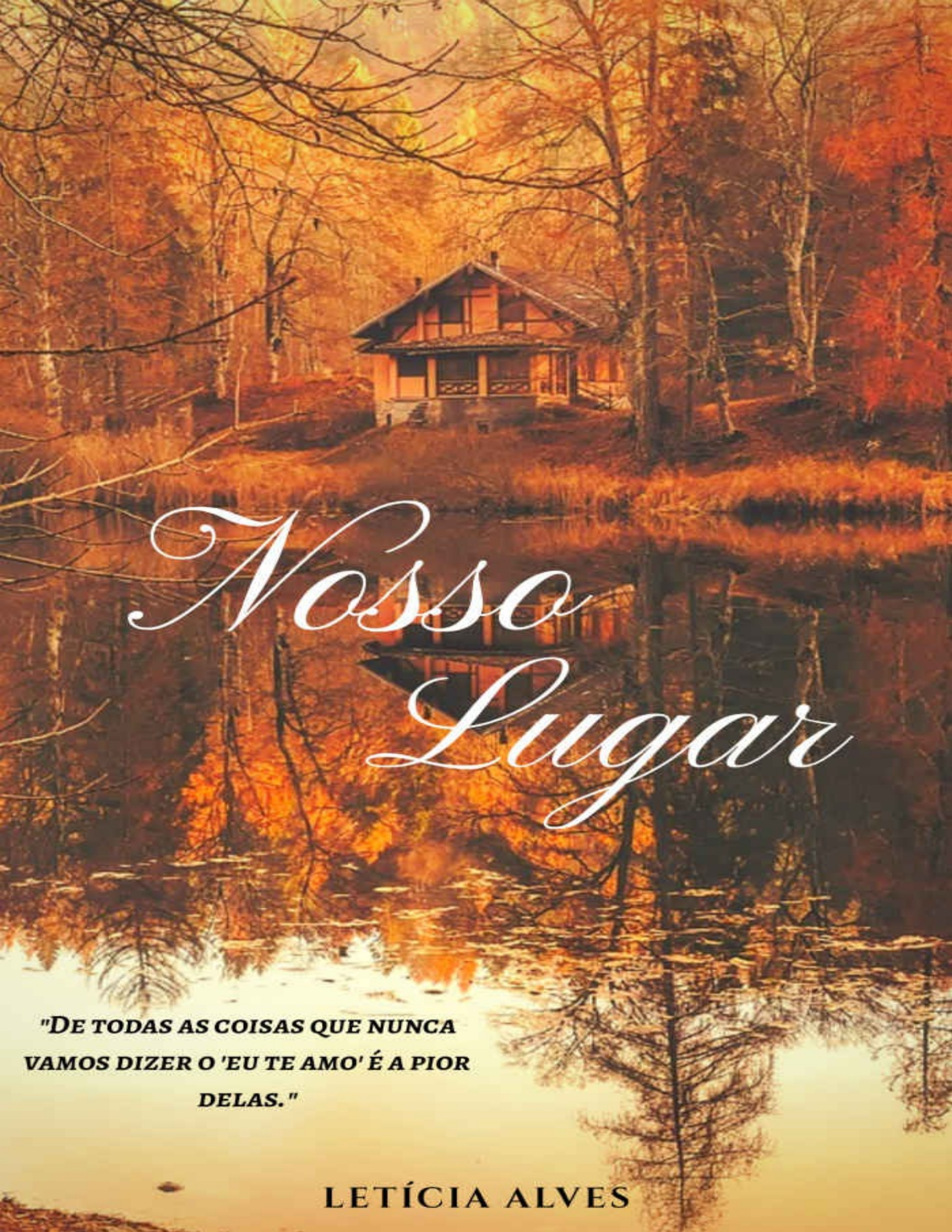




Nosso Lugar

**"DE TODAS AS COISAS QUE NUNCA
VAMOS DIZER O 'EU TE AMO' É A PIOR
DELAS."**

LETÍCIA ALVES



Esta é uma obra de ficção, qualquer semelhança com nomes, pessoas, fatos ou situações da vida real é mera coincidência.

PLÁGIO É CRIME. Previsto na lei 9.610.

Todos os direitos são reservados à L. S. Alves.

São proibidos o armazenamento e/ou a reprodução de qualquer parte desta obra sem o consentimento por escrito da autora.

Para João Pedro, que nos deixou cedo demais.

Você continua vivo em nossos corações.

*“Aqueles que passam por nós não vão sós
Deixam um pouco de si, levam um pouco de nós.”*

Antoine de Saint-Exupéry.

•

Capítulo 1

Tiro mais um pedaço do esmalte preto e descascado da minha unha. Estou sentada no último banco da igreja a quase duas horas. Já ouvi choros e risadas, e até mesmo as duas coisas juntas. Ouvi pessoas contarem histórias e chorarem, enquanto outras inventavam outras histórias, como se o conhecesse há muitos anos. A maioria das pessoas que estão aqui nunca trocaram mais de dez palavras com ele, isso eu tenho certeza. Porque eu nem ao menos o conhecia.

Por esse motivo me sinto culpada por estar aqui. Em um lugar que não sou bem-vinda. Provavelmente muitas outras pessoas que estão sentadas nos bancos de madeira desconfortáveis também não são bem-vindas. Lauren que está sentada no primeiro banco ao lado do meu pai não nota os olhares que, de vez em quando, lançam a ela. Tenho certeza que estão se perguntando o que ela faz aqui depois de abandonar o marido doente pelo chefe de polícia de Enumclaw. Michael Haywood. Meu pai.

No começo, assim como a maioria das pessoas da cidade, eu via Lauren apenas como uma interesseira que queria apenas o dinheiro dele. Dinheiro que meu pai herdou dos meus avós. Ainda penso assim, mas como sempre guardo esses pensamentos para mim mesma. Afinal, ele nunca me ouviu antes mesmo. Tudo aconteceu rápido demais. Minha mãe morreu de câncer a dois anos e um ano depois Lauren apareceu. Eu devia ficar feliz por ele, durante o primeiro ano sem a mamãe ele ficou devastado, assim como eu, mas a diferença entre nós dois é que ele sempre demonstra o que sente. Eu nunca faço isso.

Quando Lauren surgiu em nossas vidas ele voltou a sorrir. O brilho em seus

olhos claros quase voltou por completo. Ele finalmente estava se sentindo vivo novamente e enquanto ele sorria e fazia planos com Lauren o marido dela definhava numa cama de hospital. Quando descobrimos a briga entre eles durou apenas um dia e logo meu pai, bobo como é, entendeu e aceitou os argumentos dela. Ela se divorciou oficialmente e eles voltaram a ser os mesmos de antes. Felizes e sorridentes. Até o dia em que o telefone de casa tocou e tivemos que preparar o velório do ex marido de Lauren. Se as histórias que contaram aqui hoje forem verdadeiras ele devia ter sido muito amado. É uma pena eu não o ter conhecido.

As horas passam arrastadas e quando finalmente percebo que algumas pessoas estão saindo da igreja levanto do banco e vou em direção a meu pai e Lauren. Ela fala com um senhor que usa uma gravata verde clara e sorri para ela. Me aproximo do meu pai e toco sua mão. Ele me olha e franze o cenho. Sempre faz isso.

—Agora não, Amelie. — Ele diz.

Empurro meus óculos sobre a ponte do nariz e tento sorrir para ele.

—Só vim avisar que já estou indo para casa. — Digo.

Ele acena com a cabeça sem olhar para mim e volta a conversar com o senhor de gravata verde clara.

Saio da pequena capela e desvio de algumas pessoas que estão fumando na rua. Caminho devagar enquanto tento encontrar um táxi que me leve para casa. Acho que ele não pensou que nossa casa fica praticamente do outro lado da cidade. Ele deve estar cansado, não tem tempo para pensar nisso agora. Amanhã é provável que saia no jornal alguma nota sobre o que está acontecendo hoje. E toda a fofoca de dois anos atrás vai voltar. Eu gostaria que as pessoas parassem de cuidar tanto da vida dos outros e focassem em suas próprias vidas. Isso evitaria muitas brigas entre outras coisas.

Está começando a escurecer e ainda não vi nenhum táxi. As ruas estão molhadas da chuva que caiu hoje mais cedo. E pelo o que parece vai chover de novo. Me encolho dentro do meu agasalho de lã cinza e arrumo meu capuz marrom. Espero que um carro passe e me preparo para atravessar a rua. Antes

que me dê conta um barulho alto de moto me assusta e logo em seguida sou atingida pela água suja de uma poça na rua. Minha calça jeans e meu agasalho molham e respingos atingem meus óculos.

—Foi mal, gata!

Ouço uma voz gritar. Sinto vontade de dizer poucas e boas para quem quer que seja o imbecíl que me molhou, mas quando me viro a moto já está bem longe. Tiro meus óculos e tento limpá-los com meu agasalho, mas não muda muita coisa, já que quando os coloco estão embaçados. Ótimo.

Quando finalmente chego em casa estou encharcada. Começou a chover forte nas duas últimas ruas. Tentei correr para chegar logo, mas não fez diferença. Quando entro sou recebida pelo cheiro de comida e sorrio. Tiro meus *all star* rosa. Já estão velhos, mas ganhei de presente da minha mãe pouco antes dela morrer. São importantes para mim. Na ponta dos pés caminho até a escada. Antes que possa pisar no primeiro degrau ouço a voz grave do meu pai:

—Onde você estava?

Me controlo para não dizer que a culpa de eu chegar em casa tarde e encharcada de chuva é dele. Me viro e tiro os óculos. Agora ele se tornou um borrão. É melhor assim, desse jeito não vou ver seus olhos me fulminando.

—Não encontrei nenhum táxi na rua e como o senhor estava com Lauren eu tive que vir a pé. — Digo.

Ele mexe na gravata e assente. Espero que ele diga algo ou me pergunte se estou bem, mas ele me dá as costas e desaparece dentro do seu escritório. Gostaria muito que ele perguntasse como estou. Há dois anos ele deixou de me fazer essa pergunta. Subo a escada, tropeço algumas vezes porque não coloco os óculos. Chego no meu quarto e vou tirando a roupa molhada a caminho do banheiro. Preciso de um banho quente e de comida. Estou faminta.

Chego na sala de jantar e me sinto uma poeirinha na roupa da rainha. Meu pai

que está sentado na cabeceira está usando sua camisa branca social, Lauren está usando um vestido vermelho e muito apertado para alguém da sua idade e uma garota ruiva, que me olha com grandes olhos verdes como esmeraldas, está usando um vestido preto e branco. Eu estou usando meu pijama de unicórnio e com meu cabelo preso no alto da cabeça. Sou a poeirinha e eles a roupa da rainha. Olho para meu pai que acena com a cabeça para que eu me sente. Eu sento em frente a Lauren. A garota ruiva está sentada ao lado dela, me olha com o nariz franzido.

—Amélie, esta é Cassie minha filha. — Lauren diz.

Olho para a garota ruiva e consigo ver alguns traços de Lauren nela, como os olhos e o nariz perpetuamente franzido como se tudo a enojasse. Cassie me olha e força um sorriso. Olho para meu pai. Ele corta um pedaço do bife em seu prato e em seguida me olha.

—Cassie vai morar com a gente a partir de hoje. — Ele diz e leva o pedaço de bife que cortou até a boca.

A casa tem apenas dois quartos no andar de cima, o meu e do meu pai, isso significa que vou ter que dividir meu quarto com ela? Olho para todos eles que já começaram a jantar como se a vinda de uma pessoa estranha para nossa casa fosse algo normal. Sei que não devo falar nada a ele, meu pai tem problemas demais para resolver e eu não quero me tornar mais um deles. Nunca tive uma conversa longa com Lauren nem pretendo ter. Então como todas as outras vezes todas as palavras que quero dizer guardo dentro de mim.

Aprendi com o tempo que meu silêncio evita confusões. Embora elas constantemente aconteçam dentro de mim.

Nelie nos serve a sobremesa e sorri para mim antes de sair da sala de jantar. Desde que me entendo por gente tenho Nelie por perto. Ela trabalha aqui desde antes de eu nascer. Quando minha mãe morreu foi nela que me agarrei e chorei. Nelie é minha melhor amiga. É nela em quem confio. E eu a amo.

—Mamãe, amanhã irão entregar minhas coisas que ficaram na casa do papai.
— Cassie diz e joga os cabelos ruivos por cima do ombro.

—O quarto da Amélie é grande. Só é necessário abrir espaço no closet dela.
— Lauren diz.

Elas continuam falando as mudanças que farão no meu quarto como se eu não estivesse aqui. Às vezes acho isso bom, passar despercebida, mas não quando dizem que vão mexer nos meus livros. Olho para Lauren que sugere que as prateleiras sejam removidas e depois para meu pai. Ele dá um gole no vinho e assente com a cabeça para Lauren. Ela sorri e pisca para Cassie.

—Pai se tirar as prateleiras onde vou colocar meus livros? — Pergunto, um pouco alto demais.

De repente minha vontade de comer a sobremesa deliciosa de Nelie passa.

—Você dá um jeito, querida. — Lauren diz.

Olho para meu pai e espero que ele diga alguma coisa, mas volta a beber o vinho.

—Se bem que seria bem melhor se eu tivesse um quarto só para mim, sabe? Tenho muitas coisas. — Cassie diz e olha para meu pai sob os cílios cheios de rímel— E eu preciso tanto de um espaço para mim. Perder meu pai está sendo muito difícil. — Ela seca uma lágrima invisível no canto do olho.

Lauren coloca a mão sobre a do meu pai na mesa e lança um olhar de cachorrinho que caiu da mudança. Fico embasbacada quando meu pai sorri para Cassie e aperta a mão de Lauren.

—Amélie pode ir para o andar de cima. — Lauren sugere.

Andar de cima? ...

—Mas, pai, lá é o sótão. — Digo.

Ele me olha e sem mostrar nenhuma expressão diz:

—Você dá um jeito. Você sempre consegue dar um jeito.

Não digo nada a eles, apenas assinto e tento voltar a comer a sobremesa.

Quando ergo o olhar vejo um sorrisinho repuxar a boca de Cassie.

Talvez seja melhor ficar no sótão.

Capítulo 2

O sótão não é mais como antes. As paredes com o papel de parede azul claro estão descascadas e com manchas de umidade, o chão de madeira perdera a cor a muito tempo atrás e há pilhas de caixas empilhadas em todos os cantos. Lembro de quando eu me escondia aqui quando era criança, era o único lugar que meus pais não conseguiam me encontrar quando brincávamos juntos. Lembro das risadas e dos abraços sem fim que me davam. Agora este lugar não passa de um buraco cheio de poeira e lembranças abandonadas.

Nelita abre a pequena janela e a luz faz parecer que a poeira está dançando com o vento frio que invade o sótão. Consigo ouvir o barulho das vozes de Lauren e Cassie discutindo qual cor pintar as paredes do *meu* quarto. Para elas o branco é simples demais. Minhas coisas estão empilhadas na escada em caixas velhas que encontramos aqui. Olho ao redor do sótão e me dou conta de que metade das minhas coisas terão de ficar nas caixas, não tem espaço suficiente aqui. E olha que eu nem tenho muitas coisas.

—Vai ser necessário uma boa faxina aqui. — Nelie diz enquanto retira um lençol branco de cima de algumas caixas.

Suspiro e logo em seguida espirro. A poeira faz meu nariz coçar e espirro novamente. Espero que consigamos limpar tudo aqui ou então passarei o tempo todo espirrando. Mas não devo falar nada com meu pai, ele tem problemas demais para resolver. Por esse motivo não discuti quando tive que sair do meu quarto e vir para o sótão, não quero me tonar um peso na vida dele. Posso me virar sozinha e como ele mesmo disse eu posso dar um jeito. Só preciso acreditar que sou capaz disso.

Ajeito os óculos e me aproximo de Nelita. Retiramos caixas velhas e separamos algumas coisas para doar. Enquanto reviramos tudo encontro o álbum de casamento dos meus pais. Não sei como veio parar aqui. A capa vermelha tem gravado em letras grandes: *Sr. e Sra. Haywood*. Enquanto passeio pelas páginas sorrio ao ver meus pais tão felizes. O sorriso enorme e sincero deles me faz sorrir também. Paro em uma foto em que um está olhando nos olhos do outro e sorrindo, a paisagem do fundo é do pôr do sol formando tons de laranja no céu, mas o que me chama a atenção é o jeito como um olha para o outro. Eles eram tão felizes juntos. E lá está o brilho nos olhos do papai. O brilho que eu não vejo a dois anos.

Devia haver uma lei que impedisse que pessoas que se amam de verdade ficassem separadas.

Sinto a mão de Nelie no meu ombro quando ela para ao meu lado. Acho que se não fosse por Nelita eu já teria desmoronado a muito tempo.

—Eu também sinto a falta dela. — Ela murmura.

Deslizo o dedo na foto, pelo contorno do rosto perfeito da minha mãe, e suspiro. Ainda consigo me lembrar de como era tocá-la e de como seus olhos brilhavam toda vez que sorria.

—Gostaria que ela estivesse aqui. As coisas seriam diferentes se ela estivesse aqui, Nelie. *Tudo* seria diferente. — Sussurro.

Nelie acaricia minha cabeça e beija minha testa. Sorrio para ela porque ela não precisa saber que tudo o que quero é chorar, embora não consiga. Desde o dia em que perdi minha mãe nunca mais chorei, não que eu não tivesse motivos para isso, mas eu tinha que secar as lágrimas do meu pai. Eu não tinha tempo para as minhas. Até hoje não encontrei um tempo para isso.

—É melhor guardar isso antes que seu pai ou Lauren apareçam. — Nelie diz.

Deixo o álbum dentro de uma das minhas caixas. Ainda escuto as vozes lá embaixo enquanto limpo o sótão e separo roupas velhas para doar. Nelita e eu damos algumas risadas quando encontramos minhas antigas roupas de bebê. Ela me conta histórias dando um suspiro aqui e ali quando fala sobre minha mãe. São histórias que nunca ouvi antes, mas enquanto Nelita fala consigo imaginar minha mãe sorridente e feliz. Antes de ir embora e me deixar aqui.

Gostaria que tivéssemos tido mais tempo juntas. Talvez ela me ensinasse a não me sentir tão perdida.

Passamos quase o dia inteiro limpando o sótão, ainda não está tudo pronto, mas conseguimos arrumar muitas coisas. Agora as caixas empilhadas são as minhas. Minha cama não cabe lá dentro então terei de dormir num colchão no chão. Nelita ficou desesperada quando soube disso. Meu pai disse que eu daria um jeito. Não sei como fazer isso.

Antes do jantar arrumo algumas coisas e ajeito meu colchão no chão. Deixo perto da pequena janela. O sótão é muito quente por causa do aquecedor que Lauren insiste em deixar ligado o tempo inteiro. Dessa vez não comentei nada com Nelita ou meu pai, peguei um velho ventilador e levei para o sótão. Não faz muita diferença, mas ajuda a não fazer eu me sentir como se

estivesse numa sauna.

Quando me sento a mesa todos já estão jantando. Olho para o prato na minha frente e estranho ao ver um líquido verde com pedaços laranja flutuando. Olho para Nelita e ela revira os olhos para as costas de Lauren. Meu pai olha para o próprio prato e depois para Nelita, então para Lauren. Ela coloca a mão sobre a dele e sorri.

—Estou experimentando uma dieta nova, então pensei que todos podíamos tentar também. Li em um *blog* que essa dieta funciona. — Lauren diz.

Meu pai franze o cenho para o próprio prato e olha para Nelita.

—Preparei um prato para o senhor. Vou buscá-lo.— Ela diz e vai em direção a cozinha.

Pego a colher e cutuco os pedaços laranjas que flutuam como botes salva—vidas num mar verde e melequento.

—Não entendo por que insiste em fazer essas dietas loucas. Já disse que está perfeita desse jeito. Não precisa mudar nada, querida. — Meu pai diz.

E eu quase vomito em cima do meu prato.

—Ah, querido. Sei que pensa isso, mas nós mulheres sempre queremos mudar umas coisinhas. — Lauren sorri e começa a comer o troço verde.

Nelita volta da cozinha com um prato grande com bife e batatas fritas. Sinto minha boca encher d'agua. Fico esperando que Nelita também me traga um prato com bife e batatas fritas, mas ela não o faz. Olho para Nelita, ela me dá um sorrisinho triste e volta para a cozinha.

—Eu não estou fazendo dieta. — Digo.

Lauren e Cassie param de comer e olham para mim. Ajeito os óculos.

—Mas deveria, querida. — Lauren sorri e volta a comer.

Olho para meu pai em busca de ajuda, mas ele está muito entretido com suas

batatas fritas.

—A minha mãe tem razão. —Cassie diz.

Olho para o meu prato e suspiro. Talvez elas tenham razão. Algumas calças jeans não me servem mais, talvez eu esteja engordando e não percebi. Faço uma anotação mental para começar a fazer caminhada e uma dieta.

Dou uma colherada no troço verde e me forço a engolir. Tem gosto de mato e terra. Não sei como Lauren e Cassie estão comendo isso como se fosse um bolo de chocolate com calda.

Me forço a comer tudo e quando volto para o sótão sinto como se não tivesse comido nada. Talvez seja assim que as pessoas se sentem quando iniciam uma dieta. Pelo menos conseguem ficar bonitas. Espero que isso aconteça comigo também.

Capítulo 3

Acordo com o barulho da chuva batendo na pequena janela do sótão. Olho o

horário no celular e ainda são 07h15 da manhã. Me viro no colchão e tento voltar a dormir, mas não consigo. Decido levantar. Saio do sótão e uso o banheiro do corredor no andar de cima. A casa ainda está em silêncio, ninguém deve ter acordado ainda. Desço a escada em silêncio e vou para a cozinha quando abro a porta quase dou um grito ao ver uma sombra em frente ao balcão de granito cinza.

Meu pai.

Ele me olha e dá um meio sorriso. Sorrio para ele, tentando acalmar meu coração. Se bem que ninguém assalta a casa de um policial, tem que ser bem idiota para fazer isso.

—Acordou cedo, Amélie. — Ele diz.

Abro a geladeira e pego a jarra de leite. Vou até o armário e pego um copo. Olho para meu pai e ele sorri, então pego outro copo.

—O barulho da chuva me acordou. — Digo enquanto me sento no banquinho do balcão.

Meu pai vai até o armário e pega uma embalagem de biscoito de chocolate. Ele pega um prato e coloca os biscoitos dentro então volta e senta ao meu lado. Sirvo o leite e tento me controlar para que o sorriso que estou dando não rasgue meu rosto ao meio.

Desde que eu era criança meu pai pegava biscoitos Oreo para mim sem minha mãe saber. Minha mãe sempre foi rígida quanto a comer porcarias antes de qualquer refeição, mas o papai ia comigo até o jardim e comíamos Oreo com leite. Ficávamos escondidos atrás de uma árvore e olhávamos para o céu em busca de desenhos nas nuvens. Uma vez ele jurou que o que viu foi um macaco escalando uma árvore, para mim era um elefante dançando.

Sinto falta de quando passávamos o tempo todo juntos. Sinto falta do que éramos.

—Vai trabalhar mais cedo hoje? — Pergunto.

Pego um biscoito e molho no copo de leite. Pelo canto do olho vejo meu pai sorrir. Acho que ele sente falta de nós também.

—Sim. Vai ter uma reunião hoje, temos que decidir alguns assuntos na delegacia. Estamos investigando o roubo numa loja de peças e suspeito que o filho do dono seja o mandante.

Ele toma um gole do leite e come um biscoito.

—Espero que consiga resolver tudo. — Digo.

Ele assente.

Antes conversávamos sobre tudo, mas hoje em dia parece que ele não gosta de ouvir minha voz. O sinto cada vez mais distante de mim e não consigo entender o porquê.

—Estou pensando em mudar o sótão. Tirar aquele papel de parede horrível e colocar outro e também tentar encerar o chão. O que acha? — Pergunto sorrindo.

Ele não me olha. Toma um gole do leite e olha o relógio prateado no seu pulso esquerdo. Ele está usando seu uniforme azul e seu cabelo castanho com alguns grisalhos está bem penteado. Como todos os dias.

—Pode fazer o que quiser, Amélie. Só não faça muito barulho, Lauren tem tido enxaqueca ultimamente.

Ele levanta do banquinho e antes de sair me dá dois tapinhas no ombro. Ouço o barulho dos seus passos e então o barulho da porta da frente abrindo e fechando. Lavo nossos copos e guardo o que restou dos biscoitos. É como se tudo o que eu mais amava tivesse perdido a graça depois que minha mãe morreu.

Antes havia sorrisos e risadas altas que enchiam a casa de alegria, havia amor e felicidade em tudo o que fazíamos. Havia cor nos dias mais nublados e mãos dadas. Agora, para mim, tudo não passa de tons vagos e incertos de cinza.

Depois de pegar minha velha bolsa marrom saio de casa sem fazer barulho. Corro até a velha picape azul e quando ligo o motor sinto que posso respirar tranquilamente. Às vezes é difícil respirar quando estou perto de outras pessoas. E Lauren e Cassie me irritam.

A chuva dá uma trégua quando estou me aproximando do centro. Tem poucas pessoas na rua e hoje algumas lojas demoraram para abrir. Não sei para onde estou indo e não me importo com isso. Gosto de dirigir quando estou muito confusa ou triste. Algo no barulho do motor da picape e no vento frio que entra pelas janelas abertas me acalma. Além disso posso ouvir o rádio sem que Lauren me mande desligá-lo.

Paro em um sinal vermelho. Um caminhão com toras de madeira passa fazendo um barulho bem alto. A madeira treme no caminhão, como se fosse cair a qualquer momento. Dirijo por mais algumas ruas quando vejo uma placa grande em frente ao que parece ser um armazém. A placa diz: CENTRO DE AJUDA AO DEFICIENTE VISUAL. Estaciono em frente ao armazém e desço da picape. Alguns garotos jogam basquete numa cesta ao lado do enorme portão prateado. Ajeito os óculos e caminho até a entrada.

Entro e sou atingida por vozes e risadas bem altas. Olho ao redor e me impressiono ao ver tantas pessoas. É como se eu estivesse em um refeitório da escola, mas bem maior. Mesas redondas estão espalhadas em vários lugares, há um balcão de vidro como uma cantina, onde algumas pessoas estão se servindo. As paredes são pintadas de azul com desenhos de nuvens brancas e alguns pássaros. Enquanto caminho entre eles noto algumas crianças que devem ter menos de cinco anos sentadas num círculo em um tapete azul escuro. Uma mulher canta uma canção com eles. Sorrio ao vê-los.

—Olá, querida, em que posso ajudá-la?

Me viro e quase me bato em uma senhora de óculos. Ela está usando uma roupa de princesa cor—de—rosa, com uma coroa e tudo.

—Veio se voluntariar? — A senhora pergunta sorrindo.

Na verdade, não sei o que vim fazer aqui nem sei por que entrei aqui. Olho para as crianças cantando e um grupo de jovens sorrindo e conversando em um dos cantos. Cada um deles segura uma bengala longa. Olho para a senhora princesa na minha frente e sorrio.

—Sim, vim me voluntariar. — Digo.

Ela abre um sorriso enorme e prende seu braço no meu, me puxando com ela.

—Eu me chamo Suzanne, mas pode me chamar de Suzzie ou então Princesa S.— Ela sorri e me guia entre as pessoas até o outro lado do armazém.

Enquanto caminhamos ela me conta o que tenho que fazer e me fala sobre alguns dos pacientes, que ela prefere chamar de irmãos. A Princesa S diz que desde a fundação do centro de ajuda eles se denominam como uma família. Cada um tem um tratamento diferente de acordo com suas limitações. Algumas pessoas já nasceram cegas enquanto outras foram perdendo a visão gradualmente, algumas pessoas ficaram cegas por causa de acidentes e até mesmo por erro médico.

Princesa S explica que aqui eles aprendem a se aceitar como são e aprendem a lidar com as dificuldades que enfrentam no dia a dia. As crianças aprendem a ler e escrever em Braille, além de terem aulas de dança e música. Diz que aqui eles aprendem que podem ser o que quiserem. O único auxílio que têm são as doações de algumas pessoas, eles fazem algumas apresentações de canto e dança para arrecadar fundos para aqueles que tem tratamento e infelizmente não podem pagar.

—Aqui todos nós fazemos tudo com muito amor e somos pagos com o sorriso deles e o brilho nos olhos daqueles que não conseguem ver. Nós acreditamos que somos uma família e este armazém é o coração que nos une.

— Ela diz, vejo seus olhos brilharem com lágrimas.

—O que eu posso fazer por eles? — Pergunto.

Princesa S sorri e aperta minhas mãos.

—Tudo o que eles precisam é de amor e carinho. Isso é exatamente o que

pode fazer por eles. Amá-los.

Depois de preencher minha ficha fico um tempo perto de algumas crianças ouvindo—as cantar e tocar instrumentos de brinquedo. Em alguns momentos vejo algumas famílias virem buscar seus filhos, eles sorriem embora uma pontinha de tristeza permaneça em seus olhos. O mais bonito de tudo é vê-los sorrir e ouvir suas risadas. Princesa S disse que eles só precisam de carinho e amor, mas no fundo são eles que nos dão isso.

Meu pai me manda uma mensagem então me dou conta de que passei o dia inteiro fora, digo a ele que estou voltando para casa. Me despeço da Princesa S e saio do armazém. O céu já está quase escuro e um vento frio me faz estremecer. Caminho até a picate, mas dou meia volta quando vejo um garotinho sentado num banco de madeira da mesa redonda em frente ao armazém. Ele segura uma bengala longa, mas dobrada, e uma caixinha de suco. Caminho até ele e me sento ao seu lado, espero não estar parecendo uma louca. Coloco minha bolsa em cima da mesa e me viro para vê-lo. Ele parece ter uns sete ou oito anos.

Ele usa um gorro verde com uma bolinha na ponta e um agasalho combinando.

—Olá. — Eu digo.

Ele se afasta um pouquinho de mim e aperta firme seu bastão.

—Eu não devo falar com estranhos. Vá embora ou então eu vou gritar. — Ele diz.

—Eu não vou te fazer nenhum mal. Sou voluntária aqui da *Ong*. — Digo.

Ele parece relaxar e vira seu rosto em minha direção. Embora seus olhos não foquem em meu rosto sinto como se estivesse me avaliando, tendo certeza de que estou dizendo a verdade ou não.

—Como posso saber se é verdade? — Pergunta.

Sorrio. Garoto esperto.

—Se não fosse verdade e eu quisesse fazer algo de ruim contra você eu já teria feito, não acha? Já que estamos sozinhos aqui e não tem nenhum carro passando.

Ele ergue as sobrancelhas e então sorri. Um sorriso lindo se abre em seu rosto pálido, covinhas aparecem em suas bochechas. Marcas em seus olhos chamam minha atenção, são como olheiras. Como se fizesse dias desde a última vez em que dormiu.

—Você é esperta. — Ele diz.

Eu dou risada e ele também.

—Por que está aqui sozinho? — Pergunto.

—Estou esperando meu irmão. Sei que é tarde, mas ele sempre vem. Qual seu nome? — O garotinho pergunta.

—Amélie, e o seu?

—Meu nome é Timothy, mas pode me chamar de TimTim ou Timmy.

—É um prazer conhecê-lo, Timmy. — Digo sorrindo.

Conversamos sobre desenho animado e sobre comida. Fico sabendo que Timmy ama bolo de chocolate. Faço uma anotação mental para trazer bolo de chocolate quando voltar aqui.

—Sua voz é muito bonita. — Ele diz.

Fico sem saber o que dizer porque não recebo elogios com frequência, na verdade só Nelita me elogia e isso já é muito.

—Queria poder te ver, mas não importa para onde eu olhe é sempre escuro.

Tiro meus óculos e deixo em cima da mesa. Pego as mãos pequenas de Timothy e levo até meu rosto.

—Você não consegue me ver, mas pode me sentir. — Digo.

Os dedos dele passeiam pelo meu rosto e meu cabelo que está preso em um rabo de cavalo. Seus olhos estão focados em algo além de mim, mas ele está sorrindo. Sorrio também.

—Você é bonita. — Ele diz.

Coloco meus óculos e sorrio. Se ele pudesse me ver não diria isso. Estou muito longe de ser bonita. Estou longe de qualquer coisa que se aproxime da beleza. Timmy me pede para abrir sua caixinha de suco, mas eu digo para ele tentar sozinho. Depois de algumas tentativas ele consegue e solta uma risada alta e gostosa me fazendo rir também. O céu começa a ficar cada vez mais escuro e fico preocupada com ele. Tento distraí-lo fazendo aprender a contar quantos passos são necessários até alguns lugares onde ele possa ir. Meu pai me manda outras mensagens dizendo para eu ir para casa, mas não posso deixar Timothy sozinho.

Dou um pulo quando algo bate forte na mesa. Ajeito os óculos e me dou conta de que é um capacete preto com detalhes prateados. Ergo o olhar e vejo olhos incrivelmente azuis me fitarem. Meu coração acelera e penso em sair correndo, mas ouço a risada de Timmy.

—Pensei que tinha esquecido de mim. — Timmy diz.

O homem na minha frente desvia o olhar do meu e o vejo relaxar quando olha para Timothy.

—Achou que ia se livrar de mim pirralho? — O homem diz.

Sua voz rouca e grossa combina com seu rosto austero e seu olhar feroz. Ele passa a mão pelo cabelo bagunçado e sorri para Timmy.

—Eu tento, mas nunca consigo. — Timmy diz sorrindo.

Me levanto do banco e pego minha bolsa. Então percebo o quanto pareço uma formiga ao lado do homem. Ele é muito alto e adoraria que estivesse claro para poder vê-lo melhor.

—Bom, eu já estou indo. — Digo.

Sinto os olhos do homem em mim quando me aproximo de Timmy e dou um beijo em sua bochecha. Ele sorri e eu também. Me viro para ir em direção a picape quando esbarro no homem, dou um passo para trás. Me recomponho e ajeito meus óculos. Os olhos azuis do homem desviam dos meus e o vejo franzir a testa para algo além de mim. Me viro e vejo Timmy caminhando até a lixeira, levando sua caixinha vazia de suco. Ele vai a passos lentos até lá, fazendo o que ensinei. Disse que ele devia contar os passos que deve dar até chegar aonde quer. Treinamos da mesa até a lixeira e pelo visto ele aprendeu rápido.

—Timothy! — O homem grita.

Ele tenta passar por mim para ir até o Timmy, mas seguro seu braço. Ele me olha como se eu fosse louca ou quisesse me matar. Provavelmente as duas coisas.

—Ele sabe o que está fazendo. Deixe—o ir. — Digo.

Seu cenho se franze.

—Você é louca? Ele pode tropeçar e cair. Ele pode se machucar.

Sorrio e solto o braço dele. Ajeito os óculos e arrumo minha bolsa sobre o ombro.

—Se ele cair vai levantar e tentar de novo. Afinal, às vezes, até mesmo as pessoas que enxergam tropeçam. — Digo.

—Eu consegui! — Timmy grita.

Olho para o TimTim e sorrio. Ele é muito inteligente e muito perspicaz. Volto a olhar para o homem, um pequeno sorriso aparece em seu rosto.

—Sou Henry Montgomery.

Sorrio e estendo a mão para ele.

—Sou Amélie Haywood.

Capítulo 4

Fiquei uma semana sem poder sair de casa depois de chegar tarde, graças a adorável sugestão de Lauren. Fiquei no sótão por uma semana literalmente girando meus polegares. Todos os meus planos de tornar o lugar um pouco mais habitável foram por água abaixo. Tinha planejado sair e comprar um papel de parede bonito e até mesmo me arriscar a pintar sozinha o teto. Mas graças a Lauren meus planos foram adiados. Quando cheguei naquele dia eles já tinham jantado e meu pai estava esperando por mim no hall de entrada, vestia sua roupa formal e sua permanente carranca. Tentei dizer a ele que não estava em nenhum lugar perigoso, mas ele não me deu atenção.

Então Lauren apareceu e sorrindo docemente disse que ele devia me colocar de castigo por um tempo, somente para que eu não repetisse o que fiz.

Pensei em jogar o jarro de flores nela, mas antes que minha mão chegasse até

ele meu pai disse:

—Uma semana sem sair de casa.

E então desapareceu no seu escritório.

Hoje estou oficialmente liberada do meu castigo. Deveria ter usado a semana em casa para algo produtivo, tipo, encontrar um jeito de organizar meus livros sem que corram o risco de serem amassados, mas a única coisa que fiz foi passar meu tempo olhando pela janela do sótão e me perguntando incessantemente o porquê de o papai ter mudado tanto. Em alguns momentos senti que a culpa era minha. Só não sei por que.

Pego minha bolsa no gancho atrás da porta do sótão. O dia amanheceu cinzento, mas o sol tenta brilhar através das nuvens. Enquanto me aproximo da cozinha ouço as vozes de Lauren e Cassie, meu pai saiu para o trabalho há um tempo então tenho que sair daqui o mais rápido possível. Entro na cozinha para pegar uma maçã e encontro Nelita cortando algumas batatas. Sorrio para ela e me sento no banquinho do balcão.

—Bom dia, Melie. — Nelie diz sorrindo.

Seus olhos ganham marquinhas nos cantos quando ela sorri, mas seu sorriso é tão lindo e acolhedor que ninguém nota as rugas que ele forma.

—Bom dia, Nelie.

Inspiro profundamente. O cheiro de pão fresco e café faz meu estômago roncar. A família de Nelie é italiana e ela adora cozinhar as receitas da sua família para nós. Lembro—me de uma vez em que ela fez uma *Panna cotta* deliciosa que me fez ter dor de barriga depois por comer demais. Nelie também sabe fazer pães e vários doces. Pelo cheiro que está na cozinha ela deve ter feito o pão italiano, uma receita secreta da sua família.

—Está livre finalmente. — Ela diz e pisca um olho para mim.

Sorrio, embora sem nenhum motivo para isso.

Vejo Nelie se virar e pegar uma caneca grande e um prato, ela os coloca na

minha frente e sorri. Minha boca saliva quando vejo Nelie retirar do forno o seu famoso e mais delicioso pão italiano do mundo. Ela coloca um pedaço do pão no prato.

Inspiro profundamente.

—Que cheiro delicioso, Nelie. — Digo sorrindo.

Pego a manteiga e ela derrete quando encosta no pão quente. Dou uma mordida enorme e faço um som de "*hummmm*" para Nelie. Ela me serve café e seu sorriso aumenta. Sempre fazíamos isso. Nelie e mamãe cozinhavam e eu era a responsável por experimentar. Era tudo tão delicioso que não sei como eu não virei uma bolinha.

Droga a dieta!

Fiz tudo certinho durante uma semana e agora estou comendo pão italiano. Eu não deveria comer carboidratos, ouvi Lauren conversando com alguém no telefone sobre isso e talvez funcione comigo também. Algumas roupas já estão ficando mais largas e as calças jeans que não cabiam agora cabem. E eu estraguei tudo hoje.

Deixo o pão no prato e tomo um gole do café.

—Não vai comer? Não gostou? — Nelie pergunta.

—Está delicioso, como sempre, Nelie. É só... É que estou atrasada, tenho que sair agora. — Digo.

Ela me olha por um longo tempo sua expressão uma mistura de decepção e sei—que—você—está—mentindo.

Pego minha bolsa, beijo a bochecha de Nelie e saio o mais rápido que posso da cozinha ou então ela vai me interrogar até que eu diga a verdade.

Se tem uma coisa que nunca fiz antes foi comprar material para uma reforma. Durante todo o percurso até a loja de materiais eu fiquei pensando o que eu

preciso comprar. Até tentei pesquisar no Google, mas meu celular é tão velho que ao invés dos resultados da pesquisa ele simplesmente apagou. Depois de tentar várias vezes e não dar em nada desisti.

Pensei no desenho do papel de parede. Talvez algum com desenhos de flores ou pássaros.

Estaciono na frente da loja chamada *Mont's Materiais para Construção*. A caminhonete estala quando desligo o motor, uma senhora que passa com um cachorrinho branco e peludo dá um pulo de susto. Sorrio como um pedido de desculpas, mas ela dá as costas e segue seu caminho com a bolinha de pelo. Ajeito minha bolsa sobre o ombro e meus óculos. Entro na loja que está vazia.

A loja é pequena e precisa de uma limpeza urgentemente. Caminho pelos corredores em busca do lugar onde ficam os papéis de parede. Os encontro no fim do último corredor perto dos pincéis e latas de tinta. Eles estão dentro de um balde grande atrás dos pincéis. Enfio a mão no meio deles e tento puxar o balde. Puxo um pouco mais forte, consequentemente, fazendo os pincéis caírem em cima de mim. O balde com os papeis de parede e os pincéis cai no chão. Minha bunda bate forte contra o chão e o balde cai entre minhas pernas.

—Ai! merda, merda, merda! — Grito.

Minha bunda está doendo, me dou conta que tem pincéis embaixo dela.

Isso só pode ser brinc...

—Ei! Que porra você tá fazendo?

Ouçõ uma voz atrás de mim me fazendo dar um pulo de susto. Ajeito meus óculos e quando viro o rosto dou de cara com...

Henry?

—Eu acabei de arrumar isso aqui. — Ele diz.

—Des—desculpa... Eu só tentei tirar os papéis de parede, sabe? E aí caiu tudo. — Digo.

Ele ergue uma sobrancelha.

—Inclusive você. — Diz.

Reviro os olhos e aceito a mão que ele me estende. Em um puxão ele me coloca de pé. Passo a mão na minha bunda que está dolorida.

—Machucou? — Ele pergunta tentando não rir da minha cara.

Reviro os olhos novamente e tento me controlar para não dar um soco no meio da cara dele. Me abaixo no chão para arrumar a bagunça que fiz. Pela minha visão periférica vejo ele se sentar em um caixote perto da prateleira. Ele apoia o tornozelo no joelho esquerdo e cruza os braços sobre o peito.

—Você não vai ajudar? — Pergunto.

Ele dá de ombros.

—Foi você que derrubou tudo, não foi?

Seguro um papel de parede e penso em jogar nele, mas não o faço. Não vou estragar o papel de parede com ele.

Passo vários minutos ajeitando as coisas na prateleira até que o folgado decide me ajudar, porque, segundo ele, eu não sei fazer direito. Quando tudo está no lugar finalmente posso escolher o papel de parede. Fico em dúvida entre o de borboleta e o de lacinhos.

Ouçoo um pigarreio do meu lado e ergo a cabeça. Ele nem deve lembrar de mim, mas eu me lembro dele. Agora com a luz do sol que entra pela janela posso ver seu rosto melhor. Ainda lembro dos traços fortes do seu rosto, a mandíbula quadrada e as maçãs do rosto bem esculpidas. Seus olhos azuis emoldurados por sobrancelhas negras e cílios longos e escuros parecem mais claros nessa luz. Seu cabelo tem um tom de castanho escuro com alguns toques mais claros, mas não acho que ele tenha feito algo no cabelo. Ele não parece o tipo de cara que vai no salão fazer luzes. Nem que costuma pentear o cabelo, já que parece que ele acabou de acordar.

Ele é alto e forte, com a camiseta preta do *Rolling Stones* por baixo de um vermelho xadrez que usa poderia facilmente fazer qualquer garota cair de joelhos por ele (com trocadilho!). Mas não a mim. Eu até poderia me apaixonar por ele, até porque tenho o costume de gostar das coisas que não posso ter, mas ele nunca iria gostar de mim. Mas o mais importante é que meu coração está preenchido.

—Você veio comprar *papel de parede*? — Ele pergunta com o cenho franzido.

Respiro fundo.

—Sim, por quê?

Ele me olha dos pés à cabeça, seus olhos se fixam nos meus peitos por um tempo mais do que o necessário. Reviro os olhos.

—Quantos anos você tem? Cinco? — Ele retira os papéis de parede da minha mão— Sério? Borboletas? Laços?

Pego os papéis de parede das mãos dele e dou—lhe as costas.

—Você nem sabe o que vou fazer, então não vem dar pitaco nas coisas que eu faço. — Digo.

Ouçoo uma risada rouca e alta, mas na verdade não tenho certeza se é uma risada. Parece mais com alguém morrendo sufocado. Me viro e o fulmino com o olhar. Ele não para de rir—ou seja lá o que ele esteja fazendo —enquanto repete o que eu disse, dando ênfase em "pitaco". Vou até ele, pego um dos rolos e bato em sua cabeça.

—Tá louca, garota? — Ele diz com uma mão na cabeça e seu cenho franzido.

Pelo menos parou de "rir" de mim.

—Não ria de mim, não sou nenhuma palhaça seu babaca! — Grito.

Pego o papel de parede e saio andando pelo corredor. Antes que eu possa dar mais um passo sinto um puxão que me faz derrubar os papéis de parede no

chão.

—Ei, ei! Desculpa, gata.

Gata?

—Não me chame de gata. — Murmuro com os dentes cerrados.

Ele ergue as mãos em forma de rendição. "Sorrindo" pega os papéis de parede do chão.

—O que eu quis dizer, gat..., quero dizer, *senhorita Haywood*, é que se vai redecorar algum lugar, dependendo do cômodo, é melhor pintar. Uma boa tinta é melhor que papel de parede. — Ele diz.

Ele lembra de mim?

—Você lembra de mim? — Pergunto.

Ele dá de ombros e desvia o olhar.

—É meio difícil esquecer que uma garota estranha estava com meu irmão num lugar deserto e a noite. Pensei que você era alguma sequestradora.

Reviro os olhos.

—Claro, até porque eu me pareço uma sequestradora de crianças indefesas.

Ele ergue uma sobrancelha e aponta um papel de parede para mim.

—Ei! Hoje em dia qualquer pessoa pode ser *um sequestrador de crianças indefesas*. — Ele tenta imitar minha voz, falhando miseravelmente.

Respiro fundo e ajeito meus óculos.

—O que você vai reformar? — Ele pergunta.

—O sótão.

—Você ia colocar papel de parede no sótão?

Dou de ombros.

—Eu meio que durmo lá. — Murmuro.

—Tipo, igual uma rata?

Dou um soco no braço dele, mas dói em mim. Ele sorri.

—Não sou uma rata seu imbecil.

Ele me leva de volta para o corredor com as mãos nos meus ombros. Ele me faz comprar pincéis e tinta para as paredes. Decido pela cor branca porque combina com tudo, ele resmunga por um tempo, mas depois que lhe dou outro soco no braço—dói em mim mais uma vez— ele para de me encher o saco.

Saio da loja com várias sacolas com tintas, pincéis, cera para o chão e um grande sorriso.

Capítulo 5

Um pássaro está descansando sobre o parapeito da janela do meu quarto/sótão a cinquenta e sete minutos. Estou sentada no banco acolchoado da janela a duzentos minutos. Durante esse tempo duas pombas passaram em frente a janela. Algumas folhas da árvore em frente flutuaram elegantemente até o chão. Pelo o que consegui contar foram vinte e duas que caíram. A senhora na casa ao lado assou uma torta, pela cor vermelha em cima diria que é de cereja. Um cão passou latindo enquanto tentava pegar o gato da senhora Leen. Ela correu atrás do cachorro com uma vassoura.

Duzentos e dez minutos...

Ninguém apareceu aqui. Ninguém perguntou por mim. Nelie está de folga hoje então Lauren sugeriu que fôssemos jantar em algum restaurante. Quando

ela disse *nós* eu sabia que não estava incluída naquela simples palavra. E não me importei com isso.

Tente ficar bem com Lauren, Amélie. Ela agora faz parte de nossas vidas. Ela agora é parte da família.

Foi o que meu pai me disse quando desci as escadas e encontrei várias malas no hall de entrada. Uma mulher alta e toda elegante dava ordens a dois homens corpulentos que descarregavam algumas caixas. Eu estava perdida naquele dia. Não sabia o que estava acontecendo, não fazia a mínima ideia de nada. Naquela noite eu vi meu pai sorrir, um sorriso bem largo que fez seus olhos se franzirem nos cantos. Eu não via aquele sorriso desde o dia em que descobrimos a doença da minha mãe. Ele fingia sorrir às vezes, assim como eu. Afinal, como sorrir diante da dor da certeza de perder quem a gente ama?

Ainda continuo perdida. Como se o tempo entre a perda da minha mãe e a chegada de Lauren fosse um borrão. Como se eu estivesse enxergando essa parte da minha vida sem meus óculos. Mas o meu pai sorri e finjo estar bem.

O pássaro se cansa do tédio da minha janela e decide ir embora. Duzentos e trinta e cinco minutos. Encolho as pernas e abraço meus joelhos contra o peito. Encosto minha cabeça contra o vidro e respiro fundo. Sinto um nó no estômago, quase como se tivesse levado um soco. Meu peito dói, mas estou acostumada com essa sensação. Ouço um barulho do outro lado da porta. Passos apressados e um "*shiu*" seguido de uma risada baixa.

Olho pela janela novamente e vejo os cabelos ruivos de Cassie balançando com o vento. Ela segura a mão de um cara que parece ser mais velho. Tem uma barba bem grande e cabelos loiros e despenteados. Eles se beijam por um longo tempo e riem de alguma coisa. Um carro para ao lado deles com um som alto de alguma banda de rock que não conheço. Cassie balança a mão e a música para. O cara entra no carro e então vai embora.

Cassie olha para todos os lados e então ergue a cabeça. Acho que de onde está consegue me ver. Ela ergue a mão e me mostra o dedo do meio.

Duzentos e noventa e dois minutos...

A senhora Lee finalmente consegue pegar seu gato.

O que aconteceria se eu fosse embora? O que aconteceria se eu simplesmente entrasse na caminhonete e saísse por aí?

Sem um lugar para onde ir...

Sem saber o que encontrar...

Sem contar a ninguém...

Eu sairia de casa quando todos estivessem dormindo. Levaria uma mala pequena, alguns livros e o álbum de casamento dos meus pais. Talvez eu deixasse um bilhete em cima do balcão da cozinha. Talvez meu pai o lesse e então iria vestir seu uniforme e ir para o trabalho. Ele acharia que era uma brincadeira.

Amélie é muito boazinha. Ela nunca faria isso. Ela segue as regras. Ela não me desobedece. Ela não causa problemas...

Ele diria.

Quando passasse das dez da noite ele me ligaria. A chamada iria para a caixa de mensagens. Lauren tentaria acalmá-lo. Cassie iria rir e dizer que fui embora com um cara. Nelie sentiria minha falta e tentaria ligar também. Mas seria tarde demais.

Eu já estaria muito longe. Eles não poderiam me alcançar.

Mas eu sou a Amélie.

Não faria isso.

Capítulo 6

O sol resolveu aparecer depois de uma longa semana cinzenta. Sua luz não está tão forte para fazer as pessoas saírem de casa sem um agasalho, mas pelo menos o sol apareceu.

Estou ajudando Nelie a descascar algumas batatas para o jantar. Ela vai preparar alguma receita secreta da sua família. Ela nem começou o jantar ainda, mas já posso imaginar o quão delicioso vai ser. Corto as batatas em tiras e então em cubinhos, faço o mesmo com as cenouras. Ela cantarola alguma música italiana e remexe o máximo que pode os quadris. Houve um tempo em que Nelie não veio trabalhar, não lembro direito o que aconteceu sei apenas que ela precisou fazer uma cirurgia.

Ela passou a dar passos mais lentos e ficou difícil dobrar o joelho esquerdo, isso fez com que ela andasse mancando. Nelie sempre foi muito forte e sempre me amou como se eu fosse sua filha. Foi ela quem me viu chorar pela primeira e última vez depois que minha mãe morreu. Ela que me abraçou e chorou comigo.

Meu pai estava muito ocupado com o trabalho e reprimindo sua dor para chorar comigo.

Às vezes me pergunto se ele um dia pensou sobre isso, no quanto eu senti falta dos seus abraços e do jeito como me tratava. Eu sempre vou amá-lo e me preocupar com ele, mas às vezes eu sinto raiva. Talvez nem seja raiva dele, talvez seja raiva da vida por ter tirado minha mãe de mim e por ter criado um muro entre meu pai e eu.

Termino tudo o que Nelie me pediu e saio da cozinha. Ainda posso ouvir sua voz cantando e isso me faz sorrir. Subo até o sótão e pego minha bolsa em cima da cômoda. Paro antes de chegar até a porta e olho para as latas de tinta e os pincéis que estão empilhados em um canto. Ainda não tive vontade de pintar o sótão. Não consigo imaginar este lugar diferente do que ele é agora. Acho que eu quero que ele continue assim, com as paredes descascadas, as marcas de umidade no teto, o chão todo riscado e sem brilho, porque é assim que eu me sinto. Toda quebrada e feia por dentro.

Antes de sair de casa vou até a cozinha para me despedir de Nelie. Paro na porta da cozinha quando vejo Lauren olhando as panelas no fogão como se fosse alguma agente sanitária. Nelie me vê e revira os olhos com um sorriso no rosto. Nelie não gosta de Lauren, assim como eu, mas acho que ela aguenta todas as frescuras e exigências de Lauren porque, de um jeito que eu nunca vou entender, ela faz meu pai feliz.

Lauren passa por mim e franze o nariz ao me olhar. Ela nunca escondeu que não gosta de mim e eu também nunca escondi que não gosto dela, mas todas as vezes em que ela me olha assim me sinto a pior pessoa do mundo. Me sinto como se estivesse segurando o pedestal em que ela se exhibe em cima. Ela faz eu me sentir inútil. Como se a minha existência estivesse atrapalhando sua vida.

—Vai sair? — Nelie pergunta quando me aproximo do balcão.

Ela está sorrindo para mim. As rugas do seu rosto estão mais visíveis e seus cabelos estão ficando cada vez mais brancos. O tempo passa tão rápido que a gente nem se dá conta. Até ontem Nelie me carregava no colo e me empurrava no balanço do quintal. Lembro das risadas que enchiam a casa e que agora se tornaram silêncios dolorosos.

—Sim. Vou visitar uma pessoa hoje. — Digo.

Nelie para de cortar uma beterraba e me olha. Um sorriso repuxa seus lábios finos e vermelhos e uma sobrancelha levemente branca se ergue.

—Quem?

Reviro os olhos e sorrio.

Nelie sempre insistira que eu saísse mais e que fizesse amigos. O que foi e continua sendo muito difícil já que sou míope, baixinha e tenho o dom de ser extremamente desastrada. E minha aparência não ajuda muito, meus cabelos são castanhos claros e estão entre o liso e o crespo, meus olhos são castanhos também com alguns tons de verde. São parecidos com os da minha mãe, mas ninguém consegue ver o verde dos meus olhos graças aos óculos. Os garotos da escola nunca me notaram e eu sempre gostei disso.

As pessoas esbarravam em mim nos corredores da escola, riam de mim quando eu derrubava alguma coisa do armário ou quando eu ia mal nas aulas de educação física. As garotas escondiam meus óculos só para me verem tropeçar até encontrá-los. Resumindo: Minha vida na escola foi um inferno.

Depois que as aulas acabaram eu me dei conta de que as pessoas continuaram a não me notar. Enquanto andavam esbarravam em mim como se eu não existisse. Eu sempre gostei de não ser notada na multidão, mas às vezes isso doía.

—Um amigo. — Digo.

Deixo que Nelie fique remoendo seus pensamentos e pego o que tinha que pegar na cozinha.

Sou atingida pelas vozes altas das crianças e jovens rindo e cantando quando entro no armazém.

Enquanto caminho entre eles noto uma figura cor—de—rosa perto de um piano branco que não tinha visto da última vez que vim aqui. Ela está tocando alguma música e todos cantam junto com ela. Vejo uma mulher perto do balcão de vidro e vou até ela. Conversamos por um tempo e digo que trouxe bolo de chocolate. Saio do armazém e caminho em direção a picafe para pegar o bolo. Quando estou tentando fechar a porta do lado do carona vejo Timmy e Henry caminhando em direção a porta.

—Ei, Henry! — Grito.

Ele se vira junto com Timmy. Ergo a mão livre e balanço para que ele me note. Posso sentir os óculos deslizando pelo meu nariz e eles se tornando um borrão. Eles caminham na minha direção. Ajeito os óculos e sorrio ao ver o sorriso enorme que Timmy tem no rosto. Hoje ele está usando uma camisa cinza do super-homem e sua toca marrom com um pompom em cima, mesmo que não esteja frio. Noto o escuro embaixo dos seus olhos e isso me preocupa.

—Oi. — Eu digo para eles.

Timmy sorri e grita um oi bem alto me fazendo rir. Henry acena com a cabeça enquanto me olha. Ele está diferente hoje, parece cansado e até poderia dizer que triste. Ele está usando uma camisa preta de manga comprida, deve ser de alguma banda de rock, seus jeans escuros e botas doc martens pretas o deixam com um ar sombrio e assustador. Ele não sorri, apenas me olha por um tempo longo o suficiente para me fazer querer entrar na picape e dirigir até a Índia.

—Trouxe bolo de chocolate. — Digo a Timmy.

Ele sorri e pula feito um macaquinho. Olho para Henry e pela primeira vez vejo um sorriso aparecer em seu rosto, mas é um sorriso fraco. Fraco o bastante para desaparecer em menos de três segundos. Timmy encontra minha mão e me puxa para caminhar com ele. Aproveito que Henry está do meu lado e entrego os dois bolos que trouxe para que ele carregue. Vejo quando ele revira os olhos e isso me faz sorrir.

Princesa S. fica superfeliz quando me vê e fica mais feliz ainda quando digo que trouxe bolo. Fico ajudando uma senhora a arrumar alguns brinquedos das crianças. Ajudo na limpeza da cozinha e brinco com uma garotinha loira que chegou hoje. Coloquei nela uma fantasia de fada que encontrei num baú e o sorriso que apareceu no seu rostinho gordinho foi o suficiente para me aquecer por dentro. Timmy e ela ficaram juntos quase que o tempo todo. Foi muito fofo de ver.

É o horário da pausa das atividades para o lanche. Todos gostam do bolo que

Nelie fez e isso me faz sorrir. Saio do armazém em direção a minha picape quando vejo Henry sentado em uma das mesas do lado de fora. Ele está de costas para a mesa com os cotovelos apoiados na mesa e a cabeça erguida para a fraca luz do sol que o atinge. Ajeito meus óculos e a bolsa sobre meu ombro. Caminho até ele e paro na sua frente. Ele abre um olho quando sente a luz que o atingia desaparecer com a minha sombra.

—Oi. — Eu digo.

Ele volta a fechar o olho e suspira.

—Oi. — Ele diz.

Eu poderia ir embora depois de me dar conta que ele não quer conversar, mas isso só me faz querer ficar aqui com ele. Ele não se importa comigo e eu não me importo com ele então não vai fazer diferença nas nossas vidas amanhã. Sento ao lado dele no banco e sorrio ao vê-lo franzir os lábios.

Pego o potinho que trouxe na bolsa e coloco entre nós dois. Abro e pego um sanduíche de amendoim com geleia que trouxe. Cutuco a costela de Henry com o cotovelo até ele me olhar.

—Quer? — Pergunto.

Ele olha para o sanduíche e depois para mim.

—Geleia e amendoim. — Digo e aponto meu sanduíche para ele.

O raro sorriso aparece em sua boca por um tempo breve, mas é um sorriso de qualquer forma.

—Sabe, não tem veneno aí então você pode comer. — Digo enquanto mastigo um pedaço do meu.

Ele pega o outro dentro do pote e dá uma mordida.

—Obrigado. — Murmura.

Ficamos em silêncio por alguns minutos então Henry se levanta e desaparece

do lado do armazém por um tempo, penso que ele me achou estranha demais para ficar ao meu lado, mas ele volta e coloca duas latas de Coca—Cola sobre a mesa. Ele empurra uma para mim e volta a sentar ao meu lado. Eu sorrio e aceito.

Percebo que ele não gosta de conversar e que não tem nenhuma vergonha em arrotar na frente de outras pessoas. Estamos terminando de comer nossos sanduíches quando percebo os olhos dele se fixarem em algo atrás de mim. Me viro e vejo uma loira de vestido rosa justo e sapatos altos pretos. Ela olha para nós, o foco dos seus olhos em Henry então me viro e volto a comer meu sanduíche. Quando vejo que ela já está seguindo seu caminho me volto para Henry que já estava me olhando.

—Você a conhece? — Pergunto.

Ele dá um gole na sua Coca antes de responder.

—Sim.

—Ela é sua namorada?

Ele me olha e ergue uma sobrancelha.

—Não.

Reviro os olhos.

—Então...

—Ela foi alguém na minha vida. Agora não é mais. — Ele me interrompe.

Dou de ombros.

—Tipo, namorada?

Dessa vez é ele quem revira os olhos.

—*Ex*—namorada, se é que um dia chegamos a namorar.

Olho para a figura alta e cheia de curvas caminhando pela calçada e tento visualizá-los juntos. Formariam um bonito casal. Henry tem essa beleza esmagadora que te faz esquecer de respirar por um momento e ela tem a beleza da legítima riquinha loira que seduz um cara só por passar perto dele.

—Por que terminaram? — Pergunto.

Ele dá de ombros e amassa a latinha vazia com a mão.

—Sei lá, um dia estávamos bem e no outro não estávamos. Essas coisas acontecem, você pensa que está tudo bem e depois tudo vira um monte de merda. —Diz.

Ele parece magoado, mas ele não me olha por tempo o suficiente para que eu veja se a mágoa da sua voz está em seus olhos.

—Você estava apaixonado? — Pergunto.

Ele finalmente me olha.

—Acho que estava porque o começo foi bom. Nem parecia que eu ia tomar no cú.

Seja lá o que aquela garota tenha feito ele não merecia ter passado por isso.

Capítulo 7

Daqui a três semanas haverá um almoço na casa do senhor Brown, será em homenagem a um policial que foi indispensável numa investigação de assassinato. O chefe de polícia de Enumclaw. Senhor Haywood. Meu pai.

Estou muito feliz com isso. Estou orgulhosa do meu pai, claro. E embora eu não goste de passar muito tempo com pessoas que não conheço estou ansiosa para ir. Será em Seattle na própria casa do senhor Brown, muitas pessoas importantes foram convidadas e isso me deixa um pouco nervosa também, mas nada que seja forte o bastante para eclipsar meu desejo de que as próximas três semanas passem rápido.

Sid Brown.

O nome que tem feito meu coração palpitar nos últimos cinco anos. Sid Brown é o homem dos meus sonhos e do de muitas mulheres também. Ele é o filho mais novo dos Brown, tem um sotaque delicioso do Sul, por sua família ter vivido lá por mais de duas décadas, e olhos verdes de tirar o fôlego. Ele é o sonho de consumo de toda Seattle por ser filho do prefeito e da ex supermodelo Sarah Brown. Ele é a junção perfeita de beleza e poder. E o único solteiro de quatro irmãos.

Houve boatos de que ele havia se envolvido com uma universitária e a engravidado, mas foi tudo resolvido e agora todos sabem que é mentira. Ele é um cavalheiro e tem o sorriso mais safado do mundo. Ele nunca sorriu para

mim com o seu sorriso vou—tirar—sua—roupa, mas eu já o vi sorrir desse jeito e o efeito foi o mesmo para mim do que para a modelo que ele estava paquerando.

Ele é o mais perto de um príncipe encantado que encontrei até agora e eu o desejo desesperadamente. Agora que não sou mais a garotinha de quinze anos que escrevia seu nome num caderno e desenhava corações em volta posso pelo menos tentar.

Talvez no almoço ele possa me notar e então viveremos felizes para sempre.

Tenho que pintar o sótão porque cada vez que entro aqui parece que só piora. Mas não sei o que fazer aqui. A cor branca que insisti que ficaria melhor não parece boa agora. Talvez eu devesse ter ouvido Henry e comprado outra cor. Laranja ou roxo. Mas ainda não consigo mudar nada aqui dentro. Dentro do sótão. Dentro de mim. Às vezes, parece que as coisas não vão mudar nunca.

Parece que todos os dias da minha vida serão como *aquele* dia. O pior dia da minha vida. Acho que naquele dia eu acabei perdendo meu pai também. É estranho como as coisas que acontecem da noite para o dia podem afetar todo o resto de nossas vidas. É estranho como na maioria das vezes somente as coisas que queremos esquecer são as que não saem da nossa cabeça. É estranho como às vezes eu só quero que o tempo pare. Ou então que volte para antes de perder minha mãe, para me dar mais uma chance de dizer o quanto eu a amava.

Eu sinto falta dela todos os dias. Ela sempre sabia o que dizer e nesse momento nós estaríamos conversando sobre Sid. Ela me ajudaria a encontrar um jeito de conquistá-lo. Ela me apoiaria e diria que daria certo. Eu acreditaria nisso porque tudo o que ela dizia sempre acontecia. Ela sempre sabia o que fazer. Eu nunca soube.

Sento no banco acolchoado da janela e abraço meus joelhos contra o corpo. O céu é um manto negro. Nuvens cinza—escuras cobrem as estrelas, a Lua não apareceu esta noite. As luzes dos postes estão acesas mosquitos dançam perto da lâmpada. Ouço o som de risadas quando um grupo de pessoas passam na

calçada em frente, elas parecem felizes e suspeito que bêbadas.

Não desci para jantar hoje, avisei que estava sem fome. Meu pai não disse nada apenas acenou com a cabeça, Lauren não me ouviu ou fingiu que não me ouviu. Cassie sorriu e murmurou que eu precisava disso. Foi então que lembrei da dieta e me dei conta que ela tinha razão.

Se vou encontrar Sid em três semanas eu preciso me preparar. A dieta eu preciso seguir à risca. Quanto a parte de conquistá-lo é que me deixa perdida. Não sei o que fazer para conquistar um homem nem sei o que fazer para fazê-lo me notar. Eu poderia pedir a ajuda de Nelie, perguntar o que fazer para que Sid finalmente perceba que eu existo, mas ela me diria que se ele não nota uma garota como eu é porque ele é um idiota. Nelie me acha incrível, as vezes eu queria ver em mim o que ela consegue ver. Poderia pedir a ajuda de Lauren ou Cassie, mas eu não gosto delas. E quanto mais tempo ficarmos longe uma da outra melhor para ambas.

Eu não tenho amigos para quem pedir conselhos, o único amigo que tenho é um garotinho deficiente visual que deve ter sete ou oito anos. Nesses momentos eu adoraria ser extrovertida e ter feito amigos na escola, talvez eu tivesse alguém em quem pudesse confiar e conversar sobre essas coisas.

A única outra pessoa que conheço e que não saiu correndo de mim foi Henry, o irmão de Timmy. Ele é muito diferente de Sid. Henry é um mistério para mim, enquanto Sid deixa—se transparecer em todos os momentos. Mas Henry é um homem e poderia me dizer o que fazer para eu ser capaz de conquistar um.

Isso!

Henry pode me ajudar... Bom, talvez ele me ajude.

Só me resta você, Henry Montgomery.

Capítulo 8

Estaciono a picape em frente a *Mont's Materiais para Construção*, ajeito meus óculos e respiro fundo antes de descer da picape. Caminho até a porta de vidro com adesivos de propagandas, abro a porta e o sininho balança. Vejo uma senhora no balcão do caixa conversando com uma mulher de cabelos louros atrás do balcão. Caminho entre os corredores a procura de Henry, espero que ele esteja aqui.

Se ele for realmente me ajudar não podemos perder tempo.

O encontro no corredor onde ficam as lâmpadas e abajures. Ele está de costas para mim, enquanto coloca o preço nas lâmpadas e as coloca no lugar, noto o jeito como ele se mexe. Os músculos das suas costas ondulando quando ele ergue o braço, o quanto seus ombros são largos e seus braços fortes como se ele malhasse todos os dias. Ele usa uma calça jeans surrada e suas botas doc martens, a camisa preta se agarra a ele como se ele já tivesse crescido demais para ela.

É uma coisa tola de se fazer, prestar atenção em cada detalhe do seu corpo, mas Henry sempre faz isso. Nas vezes em que o vi chegando com Timmy no armazém e quando ia buscá-lo a noite eu não conseguia desviar meus olhos de cada movimento que ele fazia. Eu tentava encontrar um jeito de me aproximar e pedir para que ele me ajudasse. Tentei por três dias e não consegui, mas estou desesperada demais então vim procurá-lo hoje.

Mas, mais uma vez meus olhos se prendem nele. De um jeito que não entendo e nem preciso entender.

—Olá. — Digo.

Henry vira e me encara com seus olhos azuis. Adoro os olhos dele, são

lindos. O tom azul dos seus olhos deveria dar a ele um ar mais gentil e calmo, mas no seu rosto másculo só o deixa ainda mais sombrio. O brilho que cintila em seus olhos pode dizer duas coisas: *Vá embora* ou *Fique para sempre*. Ainda não sei o que esse brilho quer dizer para mim.

—Oi. — Ele murmura.

Ele volta a arrumar as coisas nas prateleiras. Ele bem que poderia ser mais gentil. Me aproximo dele. Ele continua a me ignorar. Me aproximo um pouco mais, perto o bastante para sentir o cheiro do seu perfume e cigarros. Ele me olha por cima do ombro.

—Quer subir em cima de mim? — Ele pergunta com uma sobrancelha erguida e a sombra de um sorriso nos lábios.

Sinto meu rosto queimando de vergonha. Dou dois passos para trás e me viro para ver algumas lâmpadas. Pego uma do formato de uma gota e finjo um interesse por ela. Pelo canto do olho vejo Henry continuar a sua função com aquele sorriso que não sabe se quer ou não realmente aparecer.

Eu preciso fazer isso logo, por mais vergonhoso que seja pedir ajuda para conquistar um cara e por mais idiota que eu possa parecer, eu preciso fazer isso. Sid é o sonho de toda garota e se Henry me ajudar esse sonho de cinco anos atrás se torne realidade.

Respiro fundo.

—Se uma garota te pedisse algo você daria? — Pergunto.

Ouçó o barulho de algo caindo, mas não olho para ele. Ainda continuo fingindo que a lâmpada é mais interessante.

—Tipo o quê?

Olho para ele e sinto minhas bochechas queimarem.

Vá em frente Amélie. Você consegue. É só dizer de uma vez.

—Tipo, ajudar uma garota a conquistar um cara. — Murmuro.

Henry para o que está fazendo e se aproxima de mim. Ergo minha cabeça para enxergá-lo melhor.

—Diz logo o que você quer, Amélie, e então digo se faço ou não.

Meu coração está batendo tão rápido que espero que ele não esteja ouvindo.

—Você... Você é um cara, né?...

Ele ergue uma sobrancelha e cruza os braços sobre seu peito largo.

—É, eu tenho um pênis. Sou um cara. — Ele revira os olhos.

Sinto vontade de rir, mas o olhar em seu rosto me faz tremer, embora não esteja frio.

—Você poderia me ajudar a conquistar um cara? Tipo... tipo, com dicas, sabe? V—Você é um... um cara e entende dessas coisas, né? O—O que um cara gosta e tal....

Ele me cala com o dedo na minha boca.

—Por que você precisa de ajuda com isso?

Dou de ombros e desvio o olhar.

Será que ele tem algum problema mental? Será que não consegue me enxergar direito? Qualquer pessoa que olhe para mim vai entender o por que preciso de ajuda para isso. Além da minha miopia e meu jeito nada elegante sou um completo desastre ao falar com outra pessoa.

—É, xó olhar pla mim. — Digo, ainda com o dedo dele pressionado contra minha boca.

Ele se afasta e me olha dos pés à cabeça.

—Antes de dizer se aceito ou não preciso de mais detalhes.

Minha boca se abre num sorriso enorme e ele nem disse que sim, mas o fato

de pensar no assunto já é alguma coisa. Meu sorriso desaparece quando ele pega o aparelho de colocar o preço e pressiona na minha testa.

Reviro os olhos.

Retiro o preço da testa, mas ele faz novamente na minha bochecha e no meu queixo. Eu poderia pegar o aparelho da mão dele e jogar no meio da sua cara, mas o fato de que ele pode me ajudar e o sorriso em seu rosto me impedem disso.

Ele não é a pessoa mais gentil e cavalheiresca que existe, mas pode ser bem divertido quando quer.

Passei a tarde inteira na *Mont's Materiais para Construção* ajudando Henry em tudo enquanto contava toda a história da minha paixão por Sid. Ele me ouviu e não disse nada, somente quando queria que eu fizesse algo. Via suas expressões mudarem de surpresa para confusão e então para algo que não consegui identificar.

Ele não fez perguntas apenas assentia mostrando que estava me ouvindo e isso me deixou com uma puta raiva dele. Além do fato de praticamente cobrir meu rosto com os malditos tickets do preço e quase—*quase*—gargalhar quando caí dentro de um cesto com fitas e rolos de adesivos.

Já está escurecendo quando saímos da loja. Henry segura um capacete preto com detalhes prateados e colocou sua jaqueta de couro. Ele parece bem mais assustador desse jeito.

Ele me acompanha até a picape e eu fico parada esperando sua resposta. Parece que décadas se passaram quando ele finalmente abre a boca.

—Se eu te ajudar com isso o que eu ganho em troca?

Sua pergunta me faz parar de respirar por um momento. O que um cara como ele poderia querer de uma garota como eu?

—O que você quer? — Pergunto.

Ele se aproxima, por alguma razão meu coração acelera.

—Quando chegar a hora certa você vai saber.

Eu sorrio.

—Então isso quer dizer que vai me ajudar?

Ele dá um passo para trás e bate com o capacete na lateral da picape, me fazendo pular de susto.

—É, Amélie Haywood, eu vou te ajudar a conquistar um cara.

Sem conseguir me conter pulo nele que me segura em seus braços. Beijo sua bochecha áspera pela barba e então me afasto. Não consigo fazer o sorriso no meu rosto sumir.

—Você— Aponto para ele— Henry Montgomery é o melhor! — Grito.

Corro para o lado do motorista e dirijo até em casa.

Sid Brown, se prepare porque você será meu.

Capítulo 9

Se houvesse uma lei que impedisse que as pessoas deixassem de cumprir suas promessas Henry Montgomery estaria sendo preso neste exato momento.

Faz três dias que estou à procura dele para que possamos iniciar nossas "aulas", mas ele simplesmente desapareceu. Não o vi no armazém nem no *Mont's*. Ontem dirigi pela cidade a procura de alguma pista dele e me dei conta do quão idiota fui por não ter pego seu número de celular. Me sinto ainda mais idiota por ter acreditado que ele me ajudaria com isso.

Henry não parece ser o tipo de cara que ajuda uma garota em algo assim, na verdade ele não tem cara de que costuma ajudar as pessoas em qualquer coisa. Ele é sério demais, seu rosto está petrificado na expressão não—se —aproxime, pelo visto. No dia que ele sorriu, enquanto estávamos no *Mont's* foi um evento raro e deveria entrar para a história dos Estados Unidos. Henry é lindo e é uma pena que não sorria com frequência.

Além do fato de querer dar um soco na cara dele também estou preocupada. Timmy não apareceu no armazém há três dias. Perguntei para Princesa S.,

mas ela não soube de nada. Perguntei a todos os outros voluntários, que, infelizmente, são poucos, mas nenhum deles tem notícias. Com toda certeza vou dar um soco em Henry.

Estou sentada na mesa do lado de fora do armazém, enquanto como meu sanduiche de manteiga de amendoim e geleia, ouço as vozes das pessoas dentro do armazém e isso me faz sorrir. O Sol está fraco hoje, estamos cada vez mais perto do inverno. Sua luz laranja e amarela ilumina a copa de uma árvore, que balança com o vento morno da tarde, há uns três metros de onde estou. Gosto desse período do dia.

Quando o Sol está bem perto de se pôr e o céu fica azul claro e as nuvens laranjas e amarelas. Gosto do vento fraco e ligeiramente frio. Acho a luz a melhor de todas, não é tão claro nem tão escuro, é perfeita. Lembro de ficar olhando o céu todas as tardes enquanto balançava no balanço no quintal. Gostava de como esse tipo de luz incerta fazia a grama e os arbustos parecerem mais bonitos. Acho que é isso. Esse tipo de luz deixa as coisas mais bonitas. Tudo parece mais calmo e silencioso.

Minha atenção a árvore evapora quando ouço o barulho de moto. Olho em direção a entrada e vejo Henry ajudar Timmy a descer da sua moto. Estou longe deles, mas consigo ver o pompom da touca marrom de Timmy. Ele está sorrindo para algo que Henry disse. Timmy abre seu bastão e caminha sozinho—*sozinho!* — para dentro do armazém. Henry fica observando—o até que Timmy desaparece lá dentro.

Penso em chamar Henry, afinal ele precisa me dar explicações do seu sumiço, mas ele me olha antes que eu o chame. Ele monta na moto, por um momento penso que irá embora, mas ele vem até mim. Ele estaciona a moto ao lado da mesa.

—Oi. — Ele diz ao sentar ao meu lado.

Semicerro meus olhos para ele. Empurro o outro sanduiche em sua direção sobre a mesa. Ele sorri— ou parece ser um sorriso —e o pega. Não sei porque depois do dia que dividimos o sanduiche passei a preparar dois e esperar ele aparecer.

—Não está esquecendo de nada? — Pergunto.

Ele me olha com o cenho franzido e a boca cheia, ainda mastigando.

—O quê?

Reviro os olhos e dou uma mordida no meu sanduiche.

—Me ajudar, Henry. Você disse que ia me ajudar. — Murmuro.

Ele ri.

Ele riu?

Mais um evento para a história dos Estados Unidos.

—Eu sei, ratinha. Vou te ajudar. — Diz.

Quase me engasgo com meu sanduiche.

Ele me chamou de rata? De novo?

—Você me chamou de rata?

Ele dá de ombros.

—Na verdade eu disse *ratinha*.

Nossa... isso mudou muita coisa.

—Por acaso eu pareço um rato?

Diga que não. Por favor, diga que não...

—Amélie, eu *quero* te chamar de ratinha e eu *vou* fazer isso. — Ele diz, agora sério.

Ele com toda certeza tem problemas mentais ou usa drogas.

Ou talvez eu pareça um rato...

—Por que?

Ele suspira e me olha. Seus olhos parecem mais azuis, parecem brilhantes e... É tão lindo que chega a ser indescritível. Talvez seja a luz. A luz que faz tudo parecer mais bonito. Ele parece bem mais bonito agora. A sombra da barba por fazer realça seu maxilar quadrado e o pequeno tracinho no meio do seu queixo, como uma bundinha de bebê. Seus lábios estão em uma linha fina, como se ele estivesse se controlando para não dizer o que quer. Sua boca também é muito bonita, bem desenhada e cheia na medida certa. Seus lábios parecem ser beijáveis... Ouvi isso uma vez na escola, mas não sabia o que isso queria dizer. Agora eu sei.

—É uma das minhas condições para te ajudar. — Diz.

Desvio meus olhos dos seus lábios e fito seus olhos. Não devia ter feito isso. Seus olhos me assustam, mas ao mesmo tempo me prendem.

—Tem mais condições? — Pergunto.

A sombra do sorriso aparece, mas some rápido demais.

—Duas.

Suspiro.

Agora só falta ele querer que eu use orelhas de rato. Eu até usaria, se no final eu me tornar a namorada de Sid Brown eu uso até dentadura de rato.

—Qual a outra? — Pergunto.

Ele lambe o canto da boca que estava sujo com a manteiga de amendoim e me fita. O jeito como ele me olha dá vontade de sair correndo.

—Você não pode se apaixonar por mim.

Eu bufo. Eu literalmente bufo e dou risada. Ele me olha com uma sobrancelha erguida. Talvez eu tenha furado o seu ego inflável.

—Henry Montgomery, não há nenhuma chance de que eu me apaixone por

você.

Estou deitada na cama/colchão quando ouço o barulho do celular. Já passa das 03h00 da manhã, mas ainda não consegui dormir. Pego o celular e a luz me faz ficar cega por alguns segundos. Procuro com a mão meus óculos quando os coloco e olho a mensagem começo a rir.

Henry: Regra nº um: Sempre levar sanduiche de manteiga de amendoim e geleia.

Talvez ele não seja tão mal quanto eu pensava. Só preciso fazê-lo sorrir mais vezes.

Capítulo 10

Estou sentada no chão acarpetado do armazém com a garotinha loura no meu colo e um cansado e sonolento Timmy sentado ao meu lado, com a cabeça apoiada em meu ombro. Depois de mais um sumiço de três dias de Timmy ele apareceu aqui hoje. Ele está magro e as manchas escuras em seus olhos ainda mais profundas. Isso me deixa preocupada, mas ele não quis falar sobre isso. Nem quando perguntei o porquê de sempre usar a touca marrom mesmo nos dias quentes. Timmy, assim como seu irmão, é um mistério. Timmy se tornou como um irmão mais novo para mim, eu realmente sinto uma ligação com ele. É como se Timmy fosse o irmão que nunca tive. E eu adoro isso.

Hoje estou me sentindo triste e confusa. Normalmente o armazém me faz

esquecer um pouco de tudo o que sinto. Desde o dia em que encontrei este lugar e me voluntariei deixo minhas dores lá fora, mas hoje elas entraram comigo. Sem pedir. Se infiltraram dentro do armazém, assim como há muito tempo atrás se infiltraram em mim.

Eu adoro estar aqui todos os dias e mesmo quando não estou não consigo parar de pensar neste lugar. Este lugar, por mais triste que alguém possa achar, me traz alegria. Essas pessoas—idosos, adolescentes e crianças— me fazem enxergar a vida de um jeito que nunca imaginei que poderia antes. Dói pensar em tudo o que eles passam, os preconceitos e a falta de estrutura nas ruas, a falta de apoio de órgãos públicos. Dói pensar que muitos deles vão passar toda sua vida num breu. Pensar que algumas delas nasceram com essa deficiência, não sei se foi causado por alguma doença ou genética, não entendo essas coisas. Eles não conseguiram enxergar os objetos, os animais e as cores. Nunca viram o rosto da sua mãe e pai, nunca...

Olho para Timmy e Lea— a garotinha loura—, eles nasceram assim. Acho que o que me deixa ainda mais triste é que são crianças, crianças que não têm a infância como a de todas as outras. Uns dias atrás Timmy me confessou que nunca brincou em um parque, Lea me disse que as garotas da sua escola não brincam com ela porque ela esbarra em alguma coisa e estraga tudo. Apesar de tudo isso eu não sinto pena deles, sinto compaixão e muita admiração também.

Os admiro por sempre estarem sorrindo. Os admiro por serem tão fortes. Os admiro por não permitirem que a escuridão de seus olhos se aposses de seus corações.

A primeira regra foi cumprida com êxito.

Todos os dias trago sanduiche de manteiga de amendoim e geleia, espero impacientemente que Henry apareça e então.... Sentamos na mesa em frente ao armazém e comemos sanduíches. É, não acontece mais nada. Estou a semana inteira esperando pelas outras regras ou qualquer tipo de dica que ele possa me dar, mas Henry Montgomery nunca diz muito e quando abre a boca nunca é para falar sobre as regras. Quando apareço na *Mont's* ele me usa para

ajudá-lo na loja, eu não me importo muito com isso porque gosto de me sentir útil, mas ele me irrita de uma forma que não consigo explicar.

Seu silêncio me incomoda. Nunca fui de falar muito, mas nunca me senti insegura para conversar com ele. De alguma forma Henry me faz sentir normal, como se eu pudesse ser eu mesma ao lado dele, o que é ótimo, menos quando ele se cala e finge que eu não estou ao seu lado. Como agora.

Estamos sentados no balcão da *Mont's*, ele bebe sua Coca—Cola enquanto traga um cigarro. Descobri que ele fuma, mas não me surpreendeu, já havia sentido o cheiro de cigarro nele antes. Enquanto fuma ele parece ir parar em outro lugar, como se seus pensamentos fossem expelidos e levados pelo vento como a fumaça que sopra. Ele fecha os olhos por um momento e parecesse ir em um lugar somente seu, quando seus olhos azuis se abrem e ele volta a focá-los em alguma coisa algo como uma pontinha de decepção se mostra em sua expressão. Como se a realidade fosse o pior lugar para se estar neste momento.

Abro minha bolsa e pego o pequeno caderno que comprei especialmente para anotar todas as regras, não quero esquecê-las. Pego uma caneca na lata em cima do balcão e me preparo para começar a anotar.

—Quando terei a honra de saber as próximas regras? — Pergunto.

Henry me olha e apaga o cigarro no cinzeiro a sua frente. Ele suspira como se estivesse cansado. Seu cabelo parece maior, uma mecha cai sobre sua testa.

—Você tem certeza de que quer fazer isso?

Não era isso que eu esperava ouvir. E não quero ter de pensar nisso agora. Já expliquei tudo a ele, então por que insiste em me fazer essa pergunta?

—Sim, tenho. — Reviro os olhos.

Ele contorna o balcão e para na minha frente. Seu peito largo fica na altura dos meus olhos, me pego pensando em como ele é sem essa camisa preta com os dizeres: *Arctic Monkeys*. Deve ser uma banda, mas nunca ouvi antes. Me pegar pensando nessas coisas tem se tornado frequente quando estou ao lado

dele. Deve ser porque nenhum cara bonito se aproximou de mim alguma vez.

—Antes de qualquer coisa e, já que você o conhece, vocês precisam ter um assunto em comum. Algo que possa iniciar uma conversa. — Diz.

Penso por um momento. Nunca ficamos muito tempo juntos e quando isso acontecia trocávamos um *oi* rápido e sem jeito. Ele nunca me dava atenção, estava mais ocupado com as garotas bonitas de peitos de plástico para conversar comigo. Só lembro das vezes em que o ouvia conversando com seus amigos, sempre falavam de mulheres e sexo. Em raros momentos falavam sobre futebol, mas eram bem raros esses momentos mesmo.

—Bom, ele gosta de mulheres e... sexo. — Murmuro.

Henry franze a testa e me olha como se um novo olho tivesse surgido no meio da minha testa.

—Por que está sussurrando isso? — Ele pergunta. Um sorrisinho se formando em seus lábios enquanto ele se aproxima de mim.

Engulo em seco e desvio o olhar do dele.

—Ratinha, só pra você saber, a maioria dos homens gostam de mulheres e sexo. — Ele enfatiza a palavra— Mas vamos deixar bem claro que esse assunto não é um dos melhores pra iniciar uma conversa. A não ser que você queira apenas sexo com ele ou então esteja falando com uma prostituta. É isso que você quer? Apenas sexo com ele? — Sua voz se perde num sussurro e o sorrisinho em seus lábios desaparece.

Sinto meu rosto esquentar. Não quero apenas sexo com Sid, imaginei como tudo seria. Eu iria ter coragem de falar com ele, nós iríamos nos apaixonar, iríamos casar e ter três filhos. Ainda estou pensando nos nomes. Eu quero mais que sexo com Sid, quero que ele me ame.

—Não, claro que não. — Digo, talvez alto demais.

Ele suspira e dá um passo para trás.

—Ótimo. — Murmura.

Não sei por que ele agiu desse jeito, não vamos nos falar para sempre. Nossa amizade ou seja lá o que temos não vai durar para sempre. Um dia ele não se lembrará mais de mim e eu também não me lembrarei dele. Caras como ele não costumam ficar muito tempo na vida de uma garota. Então ele não ficará muito tempo na minha.

—E então... Me diz a segunda regra.

Ele suspira novamente e passa a mão pelo cabelo bagunçado.

—Nunca, em hipótese alguma, transe com um cara no primeiro encontro. — Diz.

A ponta da caneta para sobre o papel antes que eu finalize o que estava escrevendo. Olho para ele, mas seus olhos estão focados nas latas de tinta na prateleira na sua frente. Quero que ele olhe para mim, quero saber o porquê de dizer isso. Todas as palavras que ele não diz tenho certeza de que seus olhos as dizem, mas ele nunca me permite ver além do que quer mostrar. Seus olhos sempre dizem o que sua boca se nega, mas ele consegue calá-los. Com uma facilidade surpreendente.

—Por que está dizendo isso? Não é isso o que todos os caras querem? — Pergunto.

Ele nega com a cabeça, com as mãos dentro dos bolsos da sua calça jeans e seus ombros curvados. Quando ele me olha seus olhos estão azuis e quentes, se é que é possível. É como se ele estivesse me queimando. Cada. Parte. Do. Meu. Corpo.

—Alguns caras querem *mais* que isso. Um corpo nu nunca chegará aos pés de uma alma despida, ratinha. — Diz.

Ele se afasta e se infiltra dentro de um dos corredores. Fico parada no mesmo lugar como se meus pés estivessem colados no chão. Suas palavras abriram algo dentro de mim. Como um corte profundo feito com o aço de uma faca quente. Em algum lugar dentro de mim ela acaba de ser cravada. Pelo visto o seu sumiço é minha deixa para ir embora.

Antes de ir pego a caneta novamente. Me dou conta de que Henry apenas me dará as dicas. As regras dessa história são minhas. Pego o caderninho e escrevo em letras grandes.

REGRA Nº DOIS: NUNCA OLHAR OS OLHOS DE HENRY MONTGOMERY POR MAIS DE CINCO SEGUNDOS.

Capítulo 11

Escutei uma conversa do meu pai ontem à noite, depois do jantar. Eu estava a caminho do meu quarto quando o som da sua voz deteu meus passos. A porta do seu quarto estava entreaberta, a luz alaranjada, do que imaginei ser a luminária do criado—mudo, me permitiu ver sua sombra. Sua voz estava embargada e imaginei que seus ombros estivessem curvados. Sempre que estava triste ou pensando demais em algo sua voz mudava para uma rouquidão baixa e estrangulada, seus ombros se curvavam como se carregasse um prédio sobre eles e seus olhos se desviavam com mais frequência do que a habitual. Por esse motivo me perguntei o que estava acontecendo.

Fiquei parada no mesmo lugar e o ouvi murmurar algo que não entendi, mas a voz de Lauren se sobressaiu:

—Você precisa se decidir, Michael, e precisa se decidir logo. Não vou passar o resto da minha vida dentro da casa da sua ex morta. Sou *quase* sua esposa e viver aqui não está sendo bom pra nenhum de nós. Tudo aqui te lembra ela, todos os objetos e até esta maldita cama...

Sua voz se perdeu em algum momento, não sei se ela parou de falar ou eu inconscientemente deixei de ouvi-la, mas a voz do meu pai me trouxe de volta a realidade.

—Vou dar um jeito nisso, eu só...— Ele pigarreou— Só preciso preparar Amélie para isso.

Não entendi o que ele quis dizer com me *preparar*, mas o gosto ruim na minha boca e o nó no estômago me indicaram de que seja lá o que for não vai ser bom. Eu estava voltando a andar até o sótão quando a voz de Lauren me deteve novamente:

—Não vou ficar numa casa tentando competir com um fantasma. Se me ama, Michael, fará isso. E logo.

Suas palavras me machucaram mais do que alguém poderia imaginar. Lauren

não podia competir com um fantasma.... Porque o fantasma também não poderia competir com ela. Nem com ninguém.

Lauren de um jeito só seu conseguiu me ferir ainda mais. Ela conseguia destruir meus sonhos e minhas lembranças. Ela queria destruir as memórias do meu pai. Queria arrancar minha mãe da vida dele. Queria ser a única. E eu torci com todas as forças de que ele não permitisse que ela fizesse isso.

Quando cheguei no sótão (ainda não consigo chamá-lo de quarto) me encolhi no meu colchão e fiquei assim, ainda acordada e tentando controlar o rumo de meus pensamentos, até os primeiros sinais da manhã surgirem e eu finalmente conseguir fechar os olhos.

As coisas podiam ter sido diferentes, se eu não tivesse tido a brilhante ideia de pedir ajuda a Henry Montgomery, neste momento estaria no meu quarto lendo um livro e fingindo que não existo. Mas Lauren decidiu redecorar a casa, mas para mim era só mais um indício de que logo iria redecorar o coração do meu pai. Então me peguei dirigindo pela cidade e ainda não sei o que me levou a vir até a *Mont's*.

Mais uma vez Timmy não apareceu no armazém e dessa vez pude perceber que Princesa S. sabia o motivo e não quis me contar. Então aproveito que estou aqui e vou perguntar a Henry o que está acontecendo com Timmy, os seus sumiços sem explicação me deixam assustada e preocupada. Então vou exigir que me responda. Ou pelo menos tentar.

Abro a porta de vidro e uma mulher de cabelos loiros na altura dos ombros e um sorriso de lado me recebe. Ela está com os braços apoiados no balcão e uma revista aberta sobre ele. Ela me olha com seus olhos pequenos e brilhantes, azuis. Seu sorriso me lembra muito o de Henry, embora o dela seja mais natural e aberto. E Henry não tenha sorrido com muita frequência para que seja capaz de compará-lo com o de alguém. Mas se eu não estiver errada ela pode ser a mãe dele.

—Olá, bom dia. — Ela diz quando me aproximo.

Ajeito meus óculos e sorrio. Me aproximo do balcão.

—Bom dia, a senhora sabe se o Henry está aqui? — Pergunto.

Seu sorriso vacila um pouco, mas ela logo o ergue novamente. Seus olhos são menos azuis que os de Henry, eles são mais escuros e mais "falantes". Seus olhos me dizem muito mais que os dele uma vez me pudera dizer. Neles estão algo semelhante a dor, algo que a está machucando por dentro. Sinto um aperto no peito.

—Ele não veio hoje, querida. Quer deixar algum recado? — Pergunta.

Abro a boca para dizer que não precisa quando sou interrompida pelo barulho de uma caixa caindo. Olho sobre o ombro e vejo um homem alguns centímetros mais baixo que Henry, com cabelos grisalhos e gentis olhos azuis.

—Ele deve estar em casa agora, pode ir lá se quiser. — Ele diz e sorri.

Noto o pequeno tracinho em seu queixo, como uma bundinha de bebê. Como o queixo de Henry. Ele pega um pedaço de papel e uma caneta sobre a lata em cima do balcão e rabisca algo nele. Então me entrega. No papel está um endereço, o endereço da casa de Henry. Meus olhos se arregalam por trás da armação de meus óculos, como podem dar o endereço dele se nem me conhecem? Olho para a mulher que sorri e o homem também.

—O—obrigada. — Digo.

Antes de me afastar sinto uma mão sobre meu ombro ergo a cabeça e olho para o homem que sorri timidamente. Um brilho suave lhe cobre os olhos.

—Ele vai gostar de vê-la. — Diz.

Eu sorrio e saio da loja.

Será que Henry falou de mim para eles? Mas não tem nada de interessante em mim para ser contado a alguém. E eles pareciam me conhecer. Entro na picafe e enquanto dirijo me pergunto se devo ir até lá ou esperar para vê-lo quando eu for até o armazém. Se dessa vez ele e Timmy aparecerem. Pego o

pedaço de papel e olho o endereço. Não é tão longe e não estou afim de voltar para casa e ver Lauren.

Só você me faz fugir da realidade, Henry. Só me resta você.

Capítulo 12

Dirigi por alguns minutos e, embora o trânsito colaborasse, me dei conta de que não me importava com o tempo que levaria até a casa de Henry. Por isso dirigi devagar e sem pressa.

Seria estranho dizer que embora viva há dezenove anos em Enumclaw nunca vim para esta parte da cidade. Sei que ainda estou dentro dos limites do condado, mas parece ser bem mais distante do que eu imaginava. Sigo olhando as placas das indicações das ruas e os números das casas. É engraçado como elas vão ficando menores e coloridas. São de madeira com chaminé e tudo. Parece ser de desenho animado.

Passo por uma armação gigantesca de um portão de ferro, que está aberto, e então me sinto transportada para algum tipo de mundo mágico. A rua que se transformou num chão de terra úmida, está em silêncio, alguns carros passam por mim, mas quando nenhum outro se aproxima sinto como se fosse a única pessoa no mundo. O silêncio é cortado pelo latido de um cachorro em algum lugar. Dirijo em busca da casa de número 75 e a encontro no fim da rua.

É a mais simples de todas. O gramado em frente, embora aparado, parece já ter tido dias melhores, a casa é feita de madeira escura, como troncos de árvores, o portão de ferro pequeno que separa a calçada do gramado está um pouco enferrujado, uma cadeira de balanço de madeira descansa em frente à casa. Uma pequena trilha de cascalhos ao lado da casa chama minha atenção. Além da sua moto estacionada em frente, preta e brilhante.

Desço da picape e me preparo para ouvir algo ofensivo de Henry, já que não avisei que viria. Abro o portão de ferro que solta um ruído como um grito de "preciso de óleo nas minhas juntas!" e caminho em direção a casa. A porta está aberta e consigo ouvir um ruído lá dentro que não consigo identificar o que é. Subo os três degraus da escada, sentindo meu coração bater rápido em meu peito. Ajeito meus óculos e a alça da bolsa no meu ombro, empurro a porta e me preparo para ser enxotada para fora pelo o mais gentil dos homens, Henry Montgomery.

Olho ao redor da casa e me surpreendo pela simplicidade e aconchego das coisas. Da porta de entrada é possível ver a sala e a cozinha, que na verdade não tem paredes dividindo—as, apenas algumas colunas de madeira. Caminho até o centro, ficando entre a sala e a cozinha, sei que deveria avisar

a ele que estou aqui, mas observar sua casa é como se eu estivesse descobrindo um pouquinho dele. O ruído vem da cozinha, quando olho em direção ao barulho me surpreendo a ver Henry lá, o que é muito idiota já que a casa é dele.

Henry está de costas para mim, sem camisa e usando uma calça de moletom cinza. O ruído aumenta e um cheiro delicioso enche a casa. Ele está fritando bacon. Sinto minha boca salivar, quanto tempo que não como bacon. Nossa. Deve estar uma delícia porque o cheiro está quase me fazendo flutuar até ele como nos desenhos animados. Me aproximo do balcão de granito cinza escuro. Me perco por um momento observando os músculos de suas costas, os ombros largos e o jeito como sua calça pende nos quadris estreitos. Ele deve ter quebrado muitos corações ao longo da vida porque...

Ele é incrível.

—Oi. — Digo.

Ele dá um pulo e a espátula que segurava vai de encontro ao chão. Ele se vira para mim com os olhos semicerrados e a boca aberta. Seu cabelo bagunçado e a visão privilegiada que tenho do seu corpo me fazem esquecer por um momento toda a raiva que ele está jogando em mim com seus olhos. Ele tem tatuagens. Muitas tatuagens. Nos seus braços e uma na costela direita. Além de.... Aquilo é um piercing? Ele tem piercings nos mamilos!

Não fazia ideia de como tatuagens e piercings poderiam ser sexys. Mas no Henry.... É tão fodidamente sexy que deveria ser proibido.

—QUE PORRA VOCÊ TÁ FAZENDO AQUI?

Bom, pelo menos ele não me jogou para fora... Ainda.

—Fui no *Mont's* te procurar e seus pais, são seus pais, né? me deram o endereço da sua casa. — Digo.

Ele bufa e se vira para desligar o fogão. Olho seus braços, os desenhos negros que estão ali. Consigo identificar um pássaro, mas parece ser tudo muito confuso. Ele se vira novamente então desvio o olhar do seu tronco para seu

rosto. Ele coça o queixo, a barba por fazer lhe sombreia o rosto. Ele está me olhando com tanta intensidade que se tivesse visão de raio laser eu estaria morta neste momento.

—E só porque meus pais te deram meu endereço você se sente no direito de invadir minha casa?

Sua sobrancelha está arqueada esperando minha resposta, mas seus lábios comprimidos me fazem querer rir. Sei que não devo rir ou então ele joga a frigideira em mim.

—A porta estava aberta. — Digo, enquanto deslizo o dedo sobre as linhas irregulares do mármore.

Ele bufa.

—Ah, claro que ver a porta da casa de alguém aberta dá o direito de a pessoa entrar.

Ele revira os olhos.

Em alguns momentos eu sinto muita vontade de dar um soco na cara dele. Este momento é um deles.

—Olha só, entrei na tua casa sem avisar e me desculpa por isso, mas pelo menos não foi nenhum bandido ou assassino louco que entrou. Então *você* é o culpado por ter deixado a porta aberta.

Ele dá um passo na minha direção e dou graças a Deus por existir o balcão que o impede de chegar até mim. Ele ergue a mão na minha direção, penso que vai me pegar pelo braço e me arrastar para fora, mas ele me surpreende ao afastar uma mecha de cabelo que soltou do meu rabo de cavalo. Seus dedos tocam a lateral do meu rosto e a armação dos meus óculos, sinto algo percorrer minha espinha e então me inundar com uma sensação estranha de paz. Como se eu devesse estar aqui. Bom, deve ser somente porque a casa que é linda e aconchegante, além do cheiro de bacon que com toda certeza me faria ficar aqui para sempre. Sua mão se afasta do meu rosto como se eu o tivesse queimado.

—Tá. — Ele diz, então volta para o fogão.

Sento em um banquinho e deixo minha bolsa sobre o balcão. Ele continua fazendo sei lá o que no fogão. Ficamos em silêncio por um tempo longo demais. O vejo abrir um armário acima dele e pegar duas xícaras, ele as enche com café e sem me olhar nos olhos coloca uma na minha frente, sobre o balcão. Não posso deixar de sorrir por ele fazer isso, servir café a alguém que invade sua casa só pode significar que você não quer que essa pessoa vá embora.

—Obrigada. — Digo.

Ele me responde com um aceno de cabeça. Pelo menos é alguma coisa.

Ouçoo um miado e quase pulo em cima do balcão. Olho para trás e vejo um gato gordo e peludo de cor laranja, preto e cinza, estirado no chão de madeira velha do pequeno espaço que separa a sala da cozinha. O bichano levanta e se espreguiça, com as patas da frente estiradas e seu rabo grande e peludo para cima. Olho para Henry servindo o bacon num prato e tirando algumas torradas de dentro de um forno pequeno ao lado da pia.

—Você tem um gato? — Pergunto, embora seja bem óbvio.

Ele olha por cima do ombro.

—Não, isso é uma salamandra. — Diz.

Reviro os olhos.

—Sim. — Ele diz, sem ser um idiota agora.

Odeio quando ele é monossilábico, mas pelo visto isso faz parte do seu jeito idiota de ser.

O gato caminha preguiçosamente alguns passos e para ao lado de Henry, em frente a geladeira.

—Qual o nome? —pergunto.

—Macarrão.

Olho para o gato que agora está com seus olhos verdes e esbugalhados focados em mim.

—Por ser laranja como o Garfield? — Pergunto.

—Não, quando o encontrei estava comendo macarrão. — Diz.

Penso em dizer algo, mas qual argumento eu poderia ter contra isso?

O gato, Macarrão, lambe suas patas e depois passa sobre sua cabeça peluda. Pensando bem, até que chamá-lo de Macarrão tem lógica.

Comemos bacon, ovos e torradas que não sei o que Henry colocou nelas, mas a cada mordida me sentia no paraíso. Passamos a maior parte do tempo em silêncio porque é meio impossível fazer Henry dizer alguma coisa. O máximo que conversamos foi sobre Timmy, perguntei o porquê de ele ter sumido por vários dias, mas Henry apenas me lançou um olhar de não—pergunte—sobre—isso e então voltou a comer. O que devo dizer que, muito. Ele realmente come muito, tipo como se tivesse ficado dias sem comer. Me perguntei como cabe tanta comida dentro dele. Deve ter algo no seu DNA que transforma as gorduras em músculos porque nesse quesito ele está de parabéns.

Estou lavando os pratos quando o sinto se aproximar de mim, ele saiu para dar comida ao Macarrão e então aproveitei para lavar as louças sujas.

—Não precisa fazer isso. — Ele diz.

Olho por cima do meu ombro e sorrio.

—Invadi sua casa e ainda comi da sua comida, acho que é o mínimo que posso fazer.

Ele vai até a geladeira e enche um copo com suco de laranja.

—Tem razão, eu não queria fazer isso mesmo. Não fez mais que sua

obrigação. — Diz.

E mais um para a lista de Momentos Em Que Quero Bater Em Henry Montgomery.

Reviro os olhos.

Depois de colocar tudo no escorredor na pia, seco minhas mãos e me viro para encará-lo. Ele está com o quadril apoiado no balcão, um braço cruzado sobre o peito largo enquanto a outra mão segura o copo de suco próximo a sua boca. Seu olhar em mim me faz querer sair correndo como sempre, mas eu preciso saber se ele vai me ajudar a conquistar Sid ou não porque seus sumiços não me ajudaram em nada.

—Você vai me ajudar, Henry? — Pergunto.

Ele ergue uma sobrancelha e toma um gole do suco.

Suspiro e reviro os olhos.

—Me ajude, Henry. Você disse que iria me ajudar a fazer ele me amar. — Digo.

Odeio que minha voz tenha saído embargada. Odeio que ele tenha percebido. Odeio precisar que Henry me ajude com isso. Odeio não ser capaz de fazer isso sozinha.

Ele deixa o copo sobre o balcão atrás de si e se aproxima de mim. Ergo minha cabeça para vê-lo, sinto o nó familiar se formar na minha garganta, a luta constante contra as lágrimas que sempre, de algum jeito, tentam escapar.

—O único amor do qual precisa é o *seu* amor. É preciso se amar primeiro antes de permitir ou mesmo *querer* que alguém te ame. Seu amor próprio deve ser o seu primeiro e único amor.

Sinto uma vontade súbita de abraçá-lo e bater no seu rosto perfeito ao mesmo tempo, mas não o faço. Me despeço de Macarrão que descansa de barriga para cima na escada de entrada da casa. Entro na picape e antes de dar partida pego meu caderninho e anoto:

REGRA Nº TRÊS: NUNCA AMAR MAIS ALGUÉM DO QUE A SÍ MESMO.

Escrevo esta regra, embora sinta que será bem difícil não a quebrar.

Capítulo 13

Parece que o Sol não gosta muito de Seattle. Os dias nublados duraram mais do que todos esperavam, mas estamos perto do inverno então isso deveria ser normal para todos, mas não é. Os dias nublados deixam Lauren irritada e ficar dentro de casa se torna insuportável. Ela reclama de tudo. Da louça colocada do jeito errado na hora do jantar, do tapete da sala estar com marca do aspirador de pó, do seu travesseiro estar deixando—a com torcicolo. Se eu respiro alto demais.

Minhas fugas nesses dias estão cada vez mais frequentes, saio de manhã e volto a noite, não gosto de deixar Nelie sozinha com Lauren, mas Nelie sempre consegue vencer Lauren nas "discussões" sobre qualquer coisa. Eu nunca consegui vencê-la, talvez seja por nunca ter conseguido chegar até o fim de uma. Sempre fico em silêncio, a escuto falar o que quer, e então vou embora. Amélie é assim, ela tem de ser assim porque é assim que todos a querem.

É uma merda ser sempre aquilo que as pessoas querem que você seja porque em um determinado momento você acaba se esquecendo de quem realmente é.

Eu esqueci.

Meu pai não pergunta nada, na verdade acho que nem ao menos sabe para onde vou. O problema é que praticamente todos em Enumclaw o conhecem e tenho certeza de que já devem ter dito a ele para onde a filha vai todos os dias. Ele não disse nada, não sei se me sinto triste pelo seu desinteresse ou feliz por ele não se meter nisso. Sinto que o armazém é o meu cantinho secreto, lá não penso nas minhas dores nem em mim, lá eu apenas respiro melhor, como se nada me impedisse de finalmente respirar.

Princesa S. está tocando piano, notas baixas e suaves, enquanto as crianças dormem. Aqui no armazém tem o horário da soneca. Os adultos e jovens ficam em silêncio ou então vão para o lado de fora enquanto as crianças dormem, menos o meu garotinho Timmy. Estamos do lado de fora do armazém sentados no chão perto da máquina de refrigerante, escondidos de todos os olhos curiosos. Princesa S. nos viu saindo, mas sorriu e nos deixou

ir. Em uma das estantes peguei um livro e viemos para cá ler.

Está um pouco frio, enrolei em Timmy meu cachecol vermelho e ajeitei seu casaco da Liga da Justiça. O vento frio balança as folhas caídas no chão, a luz do Sol tenta se infiltrar nas nuvens nubladas. Timmy se aconchega no meu colo e apoia sua cabeça no meu ombro, o pompom da sua touca—que ele nunca tira—bate na minha boca. Viro a página do livro e continuo a ler:

—E então ele disse: "*Um dia, vi o Sol se pôr quarenta e quatro vezes!*" E logo acrescentou "*Você sabe... quando se está triste, é bom ver o pôr do Sol...*"

—Você já viu o pôr do Sol? — Timmy pergunta, interrompendo a leitura.

Deixo o livro de lado e o ajeito no meu colo. Posso ouvir as vozes das pessoas lá na frente, tentam falar baixo, mas estão falhando.

—Sim. — Respondo.

Ele suspira e segura minha mão.

—Você estava triste? Quando as pessoas estão tristes elas veem o pôr do Sol?

Penso por um momento. Da última vez que parei para ver um pôr do Sol foi quando minha mãe e eu fomos até a montanha Pikes Peak, nós tínhamos feito planos para aquele dia, mas meu pai precisou ir para o trabalho então fomos apenas nós duas. Ela já estava bem fraca, se cansava facilmente, mas se esforçou para subirmos a montanha. A trilha em alguns pontos estava escorregadia e eu me assustava toda vez que ela escorregava um pouco. Nós chegamos lá em cima e ficamos maravilhadas com a vista. O Sol começou a se pôr alguns minutos depois que chegamos e, embora não seja recomendável ficar ali até escurecer, nós ficamos. Nós não dissemos nada uma a outra, não precisávamos dizer nada. Bem, nós apenas choramos.

Ela sabia que seria nosso último pôr do Sol. Acho que eu também sabia.

—Da última vez que o vi eu estava triste, mas nem todas as pessoas veem o pôr do Sol quando estão tristes. — Digo.

Ele suspira mais uma vez e ergue a cabeça em direção ao céu.

—Gostaria de saber como é um pôr do Sol. — Diz, mais para si mesmo que para mim.

Sinto meu coração se apertar. Desde o dia em que me voluntariei no armazém me pego pensando em quão cruel a vida pode ser com pessoas boas. Eu o abraço.

—Sabe, o pôr do Sol é como um abraço quentinho vindo direto do céu. — Murmuro.

Timmy sorri e se vira para me abraçar.

—Assim? — Pergunta.

Eu sorrio.

—Exatamente assim.

Lemos um pouco mais de *O Pequeno Príncipe* até o momento em que o barulho de moto nós fez perceber que Henry havia chegado para buscá-lo. Paramos na parte em que o Pequeno Príncipe fala sobre sua rosa. Acho Timmy bem parecido com o Pequeno Príncipe, um garotinho cheio de perguntas a fazer e nunca para até que essa pergunta seja respondida.

Henry nos pegou saindo do lado do armazém e percebi seu cenho se franzir, mas aquele sorrisinho, a sombra de um sorriso, repuxou seus lábios. Percebi que ele não precisa de um sorriso completo para que eu saiba que está sorrindo.

Caminho com Timmy até a moto. Henry me faz um aceno de cabeça, como se há alguns dias nós não tivéssemos tomado café da manhã juntos, quase o bati por isso.

—Sabe, eu queria ter um carneirinho. — Timmy diz.

Henry ergue uma sobrancelha para mim e eu sorrio. Me abaixo e beijo o rosto de Timmy. Ele sorri e então sussurro em seu ouvido:

—Essa é a prova de que você existe.

Quando entro na picape e me preparo para dar a partida sinto meu celular vibrar. Eu o pego e leio:

Henry: Você é incrível, Ratinha.

Ergo o olhar para vê-los, mas é tarde demais. A moto desaparece em meio aos outros carros.

Capítulo 14

Faz muito tempo que não entro no escritório do meu pai. Quando era criança adorava entrar aqui escondida para pegar algum livro, então sentava

encolhida na grande poltrona marrom e lia até o momento em que meu pai me encontrava. Ele não brigava comigo, me erguia em seus braços me fazendo dar gritinhos e risadas ao mesmo tempo então me colocava em seu colo e líamos juntos. Era bom. Era uma das coisas que amávamos fazer juntos. Eu pegava no sono e quando acordava estava deitada na minha cama sem saber como fui parar lá. No fundo eu sabia. Sempre soube.

Bato de leve na porta e espero. Ele não escuta então bato novamente. Ele diz para que eu entre. Ele não sabe que sou eu, normalmente é Lauren que o lembra de ir jantar.

Abro a porta e sinto o forte cheiro de bebida no ar. A luz está apagada apenas o abajur sobre sua mesa de mogno marrom está acesa. Consigo ver as estantes de livros atrás dele, mas é o líquido âmbar cintilando na garrafa de vidro sobre a mesa que chama minha atenção. Ele não costumava beber, não muito, minha mãe nunca deixou. Dizia que isso o fazia ficar irritado e ela acabava ficando irritada também. Mas a mamãe não está aqui para fazê-lo parar. E ele não costuma me ouvir.

Caminho até sua mesa e me sento na cadeira acolchoada em frente. Ele ergue os olhos e me encara com suas sobrancelhas franzidas. Forço um sorriso.

—Oi. — Digo.

Ele pega o copo com a bebida e toma um gole.

—Aconteceu alguma coisa? — Pergunta.

Às vezes me pergunto se ele ainda lembra do que éramos. Ou se um dia chegamos a ser pai e filha de verdade. Talvez quando minha mãe morreu uma parte sua tenha morrido também, mas isso também aconteceu comigo. Uma parte minha morreu naquele dia. Pensei que pudéssemos juntar nossas partes vivas e sobreviver a tudo isso.

—Não, quer dizer... Só vim chamá-lo para jantar.

Ele suspira. Guarda uns papéis dentro de uma pasta azul.

—Lauren e Cassie vão jantar fora hoje, uma noite de garotas. Pensei que sabia disso, Cassie disse que te chamou, mas você disse que não ia. — Ele sorri.

Mas seu sorriso não chega até seus olhos.

Não sei o que dizer a ele, Cassie não falou nada comigo, muito menos Lauren, não que isso fosse fazer alguma diferença. Eu não sairia com elas mesmo que me implorassem. Mas meu pai não sabe disso, ele não faz ideia do quanto Lauren odeia esta casa e de todas as noites em que Cassie sai escondida junto com o homem de cabelo comprido.

—É, eu não quis ir. — Digo sorrindo.

Eu deveria ganhar um Oscar por todas as vezes que me sinto um lixo por dentro conseguir enganar a todos fingindo que estou bem.

Ele sai de trás da sua mesa e vai em direção a porta.

—Vamos. — Diz.

Eu o sigo.

O jantar ocorreu imerso numa bolha silenciosa de constrangimento e tensão. O ruído dos talheres batendo no prato foi o único som que podia ser ouvido. Por um segundo o nó familiar das lágrimas não derramadas apareceu e se tornou difícil continuar comendo. Lembrei dos jantares que tínhamos todas as noites, das risadas contidas da minha mãe quando meu pai contava alguma piada estúpida que algum policial contou naquele dia. Da minha mãe, toda orgulhosa de si mesma, contando as receitas que fizera com Nelie. Lembrei de tudo o que éramos e odiei não sermos mais nada hoje.

Me perguntei o que ele estava pensando, se sentia tanta a falta da minha mãe assim como eu sinto. Me perguntei se ele ainda sentia algo.

Ele saiu da mesa sem dizer nada. Fiquei sentada cutucando as ervilhas no meu prato. Nem um beijo de boa noite ou mesmo um sorriso. É difícil dividir

uma casa com pessoas que não se importa com você. É difícil quando você não se encaixa num lugar no qual pensou que nasceu para estar. Talvez não seja este o meu lugar. Talvez nunca tenha sido.

Nelie aparece na sala de jantar e retira o prato do meu pai. Eu pego o meu e vou com ela até a cozinha.

—Vai melhorar, minha menina. — Ela diz sorrindo.

Coloco os pratos na pia e me viro para vê-la. Seus olhos brilham gentis para mim, o seu sorriso deveria me tranquilizar como todas as outras vezes, mas hoje ele não tem mais o mesmo efeito.

Ah, Nelie, eu queria tanto acreditar em você.

—Talvez. — Murmuro e dou de ombros.

Nelie se aproxima de mim, coloca suas mãos em meus ombros e me puxa de encontro a seu abraço. Me aconchego nele e tento—com todas as forças—fingir que tudo está bem.

—Minha menininha perdida, ele precisa desse tempo. É difícil para ele também. — Diz.

Suspiro.

—Mas, Nelie, quanto tempo mais ele precisa? Eu vou dar todo o tempo do mundo a ele, se for preciso, mas eu só quero saber quando ele vai voltar pra mim. Eu só quero o meu pai de volta. — Sussurro.

Nelie me abraça mais apertado e beija minha cabeça.

—Ele está aqui, Melie, só está perdido, assim como você.

Me afasto e a fito. Seus olhos brilham com lágrimas que tenta reprimir.

—Quando chega o momento em que a gente se encontra?

Nelie sorri.

—Quando você menos imaginar.

São 04h37 da madrugada quando ouço meu celular apitar. Pego meus óculos ao lado do colchão e me sento.

Henry: Amanhã, às 14h00 no Hernandez Place.

Eu deveria ficar com raiva por ser acordada às quatro da madrugada, mas só consigo sorrir.

Capítulo 15

O Hernandez Place é um pequeno restaurante/bar mexicano. Fica localizado

entre duas das lojas chiques de Enumclaw onde vendem roupas da Gap e lingerie da Victoria's Secret's e La Perla. Nunca o tinha notado antes, mas deveria já que um enorme chapéu de *mariachi* com luzes de néon brilha incansavelmente no H do nome Hernandez na placa do lado de fora. O lugar é frequentado por adolescentes e trabalhadores cansados demais para irem mais alguns quilômetros adiante e comerem em restaurantes de verdade no centro.

Cheguei a vinte e seis minutos, a música já passou de eletrônica a um rock pesado no qual parece que as pessoas só gritam, agora uma música mexicana toca ao fundo. Provavelmente a senhora de óculos cor de rosa mandou abaixarem o volume, a agradei mentalmente. Um garçom adolescente e cheio de espinhas passa novamente pela minha mesa e enche meu copo com mais água, embora eu tenha tomado apenas dois goles. Ele sorri, me pergunta se quero pedir algo e mais uma vez digo a ele que estou esperando uma pessoa. Dessa vez ele vai embora sem sorrir, deve me achar uma idiota.

Passo o dedo sobre os desenhos feitos por alguma criança sobre a mesa enquanto penso nas formas de matar o Henry. Encontro um pênis desenhado na mesa então me dou conta de que nem todos os rabiscos foram feitos por crianças. Uma garota loira dos peitos mais falsos que os cabelos ruivos de Cassie vai até uma Jukebox nos fundos e muda novamente a música. A voz fina e enjoativa da Britney Spears ecoa por todo o restaurante/bar. Reviro os olhos quando a garota passa desfilando sobre seus saltos estupidamente altos e "sem querer" esbarra em um homem de terno. Ele não a nota, seus olhos estão presos na tela do Iphone. Ela volta para seu grupo de amigas e elas riem de algo.

Pego minha bolsa na cadeira ao meu lado e me preparo para ir embora. Sinto uma mão no meu ombro me fazendo sentar novamente. O corpo grande de Henry desaba sobre a cadeira na minha frente. Ele não diz nada, joga meu cachecol vermelho na mesa entre nós e ergue a mão para chamar o garçom —das—espinhas.

—Timothy mandou isso aí pra você. Disse que você esqueceu com ele. — Henry diz.

O Sol deu as caras hoje e, mesmo o inverno se aproximando, não foi

necessário usar nenhuma roupa de inverno hoje. A luz do Sol atravessa a janela ao lado da nossa mesa, iluminando o cardápio plastificado e um portaguardanapo de peixe. Retiro meu casaco azul e o deixo sobre minha bolsa ao meu lado.

—Não precisava ter tido o trabalho de me trazer, Timmy poderia ter me entregado quando fosse no armazém. — Digo.

Ele dá de ombros.

—Não foi trabalho nenhum, eu já ia vir aqui pra comer mesmo.

Eu reviro os olhos.

O garçom—das—espinhas se aproxima de nós com a jarra de água. Ele olha para Henry e depois para mim. Dou meu melhor sorriso, mostrando a ele que eu realmente estava esperando alguém, e ele desvia o olhar. Percebo quando seu olhar para por mais tempo que o necessário sobre meus seios. Henry pigarreia e o olha do seu jeito mais assustador. Posso jurar que o cara tremeu sobre suas pernas finas.

—Quero *enchiladas* de queijo e frango e uma corona. — Henry diz.

O garçom anota num caderninho amarelo e olha para mim. Dou uma olhada no cardápio. Tem tantas opções, não parece que o restaurante/bar sirva tudo isso mesmo.

—Ela vai querer *nachos* e uma Coca—Cola.

Ergo o olhar a tempo de ver o garçom saindo. Olho para Henry com minha melhor cara de má, mas ele desvia o olhar e sorri. Parece que sorri.

—Sabe, eu posso escolher o que vou comer. — Digo, jogo o cardápio entre nós.

Ele me olha nos olhos, pela primeira vez desde que chegou.

—Se eu fosse esperar até você escolher alguma coisa iria morrer de fome.

³/₄Diz.

Estalo a língua entre os dentes.

—Não é minha culpa se você tem um buraco negro no lugar do estômago.

Ele abre a boca para dizer algo, mas logo se cala. Um ponto pra mim!

A música muda para uma melodia sensual que poderia facilmente transformar o restaurante/bar num clube de strip—tease. O cara de terno sai em silêncio, uma das garotas faz biquinho quando ele sai. Uma morena alta de peitos enormes caminha até o balcão do bar e flerta descaradamente com o barman. O cara que poderia ser o pai da garota sorri de um jeito assustador para ela, enquanto morde um palito. Ela diz algo a ele e remexe os ombros, consigo ver o rosto do cara, que deve ter passado mais tempo que o permitido no Sol, se abrir num sorriso maior ainda. Ele a serve uma bebida. A garota morena chama a loira peituda e uma outra baixinha como uma criança. Elas se sentam nos bancos do bar e bebem dando risadinhas. Volto minha atenção para os desenhos obscenos sobre a mesa.

Garotas bonitas sempre conseguem o que querem. Isso não é justo. Peitos não deviam ter mais valor que um cérebro. Deslizo o dedo sobre um desenho de —olha só! — peitos sobre a mesa até encontrar o pênis perdido no meio dos rabiscos. Até que é um pênis engraçadinho.

—Por favor, me diga por que está fazendo isso.

Ergo o olhar para encontrar o de Henry. Ele indica com o queixo o meu dedo que permanece sobre o desenho. O retiro rapidamente.

—Eu não estou pensando em pênis se é isso que está pensando. — Digo.

Cruzo os braços sobre os seios e olho pela janela. Uma senhora passeia com seu cachorro marrom e branco.

Ele solta um ruído que não sei se é uma risada contida ou está morrendo engasgado.

—Pensei que estava tentando fazer o desenho gozar. — Ele morde o lábio inferior, tentando conter a risada.

Reviro os olhos.

O garçom traz nossa comida e dá mais uma olhada nos meus peitos antes de sair. Comemos em silêncio por um tempo, sendo interrompidos apenas quando uma mulher bêbada sai carregada do bar. E quando Henry jogou a tampinha da cerveja na minha testa.

—Henry, posso te perguntar uma coisa?

Ele me olha com seus olhos azuis franzidos e toma um gole da segunda cerveja. Dou uma mordida no *nacho*. Ele faz um sinal para que eu continue. Respiro fundo.

—Por que Timmy e você sempre desaparecem por vários dias?

Ele para de comer. Olha para seu prato quase vazio com o cenho franzido. Um pequeno V se forma entre suas sobrancelhas.

—Por que quer saber?

Dessa vez ele me olha. Espera por minha resposta e a única coisa que posso fazer é ser honesta com ele.

—É que me preocupo com Timmy e você. Fico pensando milhões de coisas ruins que possa ter acontecido e isso me deixa nervosa. — Digo.

Ele me olha por um longo tempo. Tempo suficiente para me fazer notar a pequena manchinha castanha clara que ele tem na parte superior da íris do olho esquerdo. Chego mais perto, me apoio em cima da mesa. Seus olhos estão grudados nos meus agora. A luz do Sol faz seus olhos ficarem azuis claros. É como olhar para o mar e ali, no olho esquerdo, estivesse uma pequena ilha. Uma pequena ilha no meio do mar azul sem fim. É tão lindo. Analiso o resto do seu rosto. O nariz reto, as maçãs do rosto esculpidas. Seus lábios que não são nem finos demais nem grossos demais, são bem desenhados e perfeitos. E, claro, a pequena covinha em seu queixo que me faz querer...

—Ratinha...

Volto meu olhar para seus olhos.

—O quê?

—Seus peitos estão dentro do prato de *nachos*.

Me afasto da mesa. Olho para minha blusa que por azar é branca. Duas manchas em formato de bolas estão sobre meus seios. E escorrendo para minha barriga.

—Não acredito nisso! — Resmungo.

Pego guardanapos e tento em vão limpar a sujeira na minha blusa. Parece que só piora. Ouço o risinho abafado de Henry e o fulmino com o olhar.

—Se não vai ajudar, para de olhar pros meus peitos. — Digo.

Ele ergue as mãos em forma de rendição e sorri. Toma um gole da cerveja e aponta com ela os meus peitos.

—É difícil não olhar. — Diz.

Reviro os olhos.

Consegui secar o máximo do molho, mas agora meus mamilos estão parecendo dois faróis acesos. Henry continua olhando e sorrindo.

—Para de olhar, idiota. — Resmungo.

Pego meu casaco e tento vesti—lo.

—Você olhou para os meus há alguns dias. Acho que tenho o direito de retribuir, não acha?

—Você estava sem camisa, para começo de conversa, e eu olhei os seus piercings. — Digo.

E tatuagens. E seus músculos. E todo o resto.

Ele ergue uma sobrancelha.

—Gostou do que viu? — Pergunta.

Olho para seu peito largo, a camisa preta e gasta esticada sobre seus braços fortes e... A marca dos piercings sob a camisa. Lembro do seu peito nu e das tatuagens e aqueles piercings que me intrigaram tanto. Tento me imaginar tocando—os e me surpreendo com minha capacidade imaginativa.

Pigarreio e ajeito meus óculos.

—Doeu? — Pergunto.

Tento apagar da minha mente a imagem dos meus dedos tocando—o bem ali. E dá vontade de deslizar minha língua sobre eles e ver sua reação.

Tomo o resto da Coca—Cola.

—Não.

Olho para seu rosto, a sombra de um sorriso permanece ali.

—Por que colocou?

Ele dá de ombros. Ergue a mão para chamar o garçom.

—Estava passando em frente a um estúdio de tatuagem, aí entrei lá e coloquei os piercings.

Dou risada.

—Ah, claro. Então um dia se eu passar em frente a um estúdio de tatuagens vou sair de lá com piercings nos mamilos.

Olho para o lado e vejo o garçom—das—espinhas com os olhos arregalados olhando pros meus peitos. Esqueci de colocar o casaco. Droga! O visto rapidamente.

—Piercings nos mamilos? — Ele pergunta, ainda me olhando.

—Se você continuar olhando pra ela com essa cara de cachorro no cio, quem vai ter piercings vai ser você. E nos olhos.

A voz de Henry traz de volta o garoto para a realidade. Ele entrega a conta a Henry sem olhá-lo nos olhos e vai embora. Antes que me dê tempo de pegar minha carteira Henry já pagou a conta e está indo em direção a porta. Corro para alcançá-lo.

Ele para abruptamente me fazendo bater contra suas costas. Seu olhar feroz prende o meu por um segundo antes que eu lhe dê as costas e saia andando.

—Ei!

Ouçó sua voz atrás de mim, mas continuo andando. Não entendo Henry Montgomery. Em um momento ele parece feliz e em poucos segundos se transforma nesse gigante de gelo.

Um puxão em meu braço me faz cambalear para trás. Meus óculos caem no chão. Fico sem enxergar, me abaixo para pegá-los. Sem meus óculos tudo se torna um enorme borrão. Odeio isso. Procuro por eles no chão, mas não os encontro.

—Está aqui. — Henry diz, agachado ao meu lado.

Pego meus óculos e os coloco. E o mundo volta a ter forma. Seu rosto está

perto do meu. Posso sentir o cheiro de cigarros e cerveja. Ele se afasta e me ajuda a levantar.

—Por que está fugindo de mim? — Pergunta.

Reviro os olhos.

—Quem saiu correndo primeiro foi você e eu não te fiz nada, então não vem me perguntar por que estou fugindo se quem está sempre se escondendo de mim é você.

Ele suspira.

—Ratinha, não faz as coisas ficarem mais difíceis. — Murmura.

—Por que disse que ia me ajudar, Henry, se nunca está comigo? Se nunca me diz nada? Você não pode sumir e aparecer sem avisar, achando que está tudo bem porque não está. Você se comprometeu comigo, Henry, não pode falhar agora. — Grito.

Ele se aproxima em um passo largo.

—Você não entende.

—Então me explica!

Ele se afasta, balançando negativamente a cabeça.

—Não posso. Não agora.

Então me dá as costas e vai embora.

Hoje à tarde chegou o convite para o almoço na casa do Sr. Brown. No dia 16 de setembro. Chegou um somente para mim, me permitindo levar um convidado. Mas não me importei com isso. Não consegui parar de pensar em Henry.

Na ilha solitária em seu olho esquerdo. No sorriso que, pela primeira vez, consegui ver. Na melhor comida mexicana que já comi. Nas risadas que dei da cara dele, que fazia tanto tempo que eu não ria assim. Sem precisar fingir. Não consegui parar de pensar na dor no fundo dos seus olhos bonitos quando me disse que não podia me dizer nada.

Eu quero saber o que é esse *nada*. Quero saber quem é o Henry.

Meu celular vibra ao meu lado, com uma nova mensagem.

Henry: Desculpa.

Não o respondo. Pego o caderninho das regras e adiciono mais uma:

REGRA Nº QUATRO: OLHOS TIRARÃO SEU SONO.

Capítulo 16

Quando se é filha do chefe do departamento de polícia de um subúrbio, todos sabem que você existe. Todos sabem o que acontece na vida uns dos outros. O melhor passatempo dos moradores de Enumclaw é falar sobre a vida alheia. Nunca de forma explícita, mas quando você é o alvo da atual fofoca, passar diante daqueles que falam de você te faz se sentir estranha. Porque você sabe que eles estão falando sobre sua vida, mas não pode fazer nada para que, o que quer que eles estejam dizendo, parem.

Já fui o alvo de muitas fofocas, desde o jardim de infância quando uma garota enfiou uma tesoura no meu braço. Eles falaram sobre isso, não estavam preocupados comigo, apenas queriam saber o que eu tinha feito para que algo assim acontecesse. No ensino médio as coisas pioraram, todos falavam coisas ruins sobre mim. A filha do policial sempre foi o alvo favorito deles. Uma vez eu transei com três garotos do time de futebol atrás da arquibancada. Foi mentira. Uma vez transei com o professor de História dentro do armário do zelador. Foi mentira. Uma vez disseram que eu comia restos de animais mortos para que os "deuses—dos—nerds" me deixassem bonita. Foi mentira.

Era doloroso andar pelo corredor da escola até meu armário e ouvir as garotas rirem de mim, chegar no meu armário e encontrar fotos obscenas grudadas na porta. Uma vez tiraram uma foto minha enquanto eu chupava um picolé e espalharam pela escola. Ao meio—dia do mesmo dia eu já havia recebido quatro propostas de boquetes. O problema de sofrer bullying é que você se pergunta o tempo todo o que fez de errado para que pessoas que nunca se propuseram a te conhecer de julguem de uma forma tão feroz. Mas você não fez nada de errado. Você apenas existe. Então começa a pensar como seria se você não existisse mais.

Eu torcia todos os dias para que o último ano acabasse logo, eu tinha que sumir logo daquele lugar. Aquelas pessoas só me causavam dor. Até mesmo dor física. Uma vez esconderam meus óculos dentro do calção de treino de Rick Anderson, o capitão do time. Me fizeram ajoelhar e enfiar a mão dentro do calção dele, mas meus óculos não estavam ali. Foi a primeira vez que toquei em um pênis. Foi a primeira vez que chorei diante de tantas pessoas. Uma vez me trancaram no banheiro junto com um garoto que chamavam de BallBoy, disseram que só abririam a porta quando o BallBoy visse meus peitos. Ele viu.

Eles faziam tudo aquilo comigo porque sabiam que a Melie A Nerd não contaria ao papai policial. Então foi assim todos os dias. Eles gostavam do que faziam porque eu nunca havia tentado impedi-los.

Quando minha mãe morreu eles fizeram piadas sobre isso. Não faziam ideia do quanto aquilo doía. Eles disseram que ela morreu porque tinha vergonha da filha sem graça. Eles davam risada e até colaram Descanse em Paz no meu armário, em formato de pequenos pênis. Eu chorava escondida no banheiro,

nas salas vazias e até atrás das arquibancadas. Foi lá que John White me beijou pela primeira vez. Foi lá onde o deixei me tocar pela primeira vez. Foi lá que ele tirou minha virgindade. Foi lá que voltei para chorar quando toda a escola ficou sabendo. Recebi convites para fazer aquilo de novo. Chorei por um tempo. Até tudo secar. Inclusive eu.

Deixei os sanduíches de manteiga de amendoim e geleia no balcão da cozinha e corri até o sótão para pegar minha bolsa. Estou torcendo para que dessa vez Henry e Timmy apareçam no armazém. Quero tentar fazer Henry falar comigo. Ontem à noite não conseguia parar de pensar nele. Seus olhos tinham tanta dor escondida que era difícil olhar por muito tempo, mas ao mesmo tempo eu os encarava a procura do motivo de tudo aquilo. É estranho quando ele não sai dos meus pensamentos. Às vezes penso tanto nele que posso senti-lo por perto. O cheiro do cigarro misturado com a loção pós barba. Ou até mesmo a respiração rápida, que saem como lufadas de ar mornas.

Quando se passa a pensar muito em alguém é como se essa pessoa começasse a fazer parte de você.

Pego o caderninho das regras e meu celular, coloco—os dentro da bolsa. Me viro para sair do sótão, mas uma Cassie sorridente está parada ali. Olho ao redor para ver se entrei no quarto certo e, sim, entrei. No sótão. Ela se aproxima de mim, remexendo os quadris sob saltos altos e um vestido verde e justo. Olho para seu rosto sempre perfeitamente maquiado e espero que ela diga o que quer. Noto que ela retocou a raiz do cabelo.

—Vai sair? — Pergunta, mexendo no meu cachecol azul pendurado perto da porta.

—Sim. — Sussurro.

A presença de Cassie me faz lembrar aquelas garotas peitudas e vadias da escola. Fico pensando no que ela vai me chamar ou se vai me fazer enfiar a mão na calça de algum cara. Cassie me intimida. Ela é tudo o que eu deveria ter sido quando ainda ia naquela jaula de felinos que todos chamavam de

escola.

—Para onde você sempre vai, pequena Melie? — Pergunta.

Ajeito meus óculos e minha bolsa sobre o ombro. Caminho até a porta esperando que ela saia da frente, mas ela permanece no lugar. Me encarando com um sorrisinho nos lábios cheios de gloss.

—Por que quer saber?

Ela se retrai como se eu a tivesse ofendido. Surpresa com meu tom de voz, talvez. Também estou surpresa comigo mesma.

—Curiosidade. — Diz.

Então vai embora. Ouço o som dos seus saltos altos cada vez mais distantes.

Então volto a respirar normalmente.

Capítulo 17

Timmy não estava no armazém. Fiquei lá por um tempo esperando que ele aparecesse, mas não apareceu. Lea sente falta dele quando ele não vai até lá. Ela disse que ele é seu melhor amigo e que eles brincam juntos. Lea é a garotinha loira que começou a ir no armazém poucos dias depois que me voluntariei. Ela é doce e gentil, quando sorri covinhas aparecem em suas bochechas gordinhas. Ela parece uma boneca. Ultimamente se tornou uma bonequinha triste. Timmy não foi vê-la.

Dirijo até a *Mont's*, espero que Henry possa estar lá. Fiz os sanduíches para

nós dois e estou pensando em conversar com ele, honestamente. Os dias estão passando rápidos demais, o dia 16 se aproxima, e eu preciso saber o que fazer quando encontrar com Sid. Até agora a única coisa que Henry me disse foi para não transar com Sid no primeiro encontro. Mas ele esqueceu de uma parte bem importante: Como raios vou fazer com que ele me convide para um encontro?!

Às vezes minha vontade de bater em Henry ultrapassa limites astronômicos.

Estaciono em frente à loja, vejo sua moto estacionada e sorrio. Ele está aqui. Pego minha bolsa e saio da picape. Antes que me aproxime da porta uma mulher sai de lá. A loira que vi há um tempo perto do armazém. Foi ela que fez, segundo Henry, ele tomar no cú. Ela me olha e sorri. Um sorriso sincero, gentil até. É estranho quando garotas bonitas são gentis comigo, já penso logo no que irão fazer em seguida. Me empurrar contra o armário? Me fazer mostrar os peitos a alguém? Jogar refrigerante no meu cabelo?

É automático. Sempre espero o pior porque é sempre o pior que acontece comigo.

Ela caminha em direção a um carro onde um cara está encostado. Ela o beija, antes de entrar me olha mais uma vez. Desvio o olhar e entro na loja. O pai de Henry está sentado atrás do balcão, lendo um jornal e bebericando um café. Ele ergue o olhar e sorri para mim. Sorrio também. Ele tem um sorriso que faz com que você se sinta bem.

—Último corredor. — Ele diz, apontando com a xícara a direção.

Eu sorrio novamente e caminho até o último corredor. No corredor onde ficam uns produtos de limpeza uma senhora de vestido laranja e chapéu com penas discute com um garoto sobre desentupidores. Paro no último corredor e encontro Henry etiquetando pincéis e latas de tinta. Lembro de quando o encontrei aqui a primeira vez. Do meu tombo. Lembro de quando o ajudei e ele etiquetou minha testa.

—Olá. — Digo.

Ele me olha e sorri. Não é um sorriso de verdade, é mais um repuxar no canto

direito da sua boca. Mas estou quase lá.

—Oi, Ratinha. — Diz.

Sorrio.

É estranho como acostumei rápido a esse apelido. Poderia facilmente ser um insulto se eu estivesse na escola, mas quando é ele quem diz parece ser algum tipo louco de elogio.

—Trouxe sanduíches. — Sussurro, como se tivesse contando que acabei de matar alguém.

Ele se aproxima de mim e... Cola uma etiqueta de preço na minha testa. Pego a máquina da sua mão e passo em seu queixo. Eu sorrio. Então o que era uma brincadeira se transforma e em um ataque de etiquetas em todos os lugares. Ele me segura com um dos braços e com o outro cola etiquetas nas minhas bochechas, na minha testa e até mesmo na minha boca. Tento me afastar, mas ele me segura firme e então me ataca de verdade. Meus óculos foram parar em algum lugar do corredor, minha bolsa caiu em algum momento. O aparelho de etiquetas cai no chão junto com pincéis. Henry aperta minhas costelas me fazendo contorcer em seus braços. Odeio que me façam cócegas. Ele percebe. E continua.

—Para! — Digo, tento dizer.

Lágrimas escorrem dos meus olhos e é difícil respirar. Ouço a risada dele se misturar com a minha. Queria poder estar com meus óculos para olhar seu rosto. Gostaria de vê-lo rir.

—Henry!

Nós dois paramos de rir no mesmo instante. Henry me solta e eu arrumo minha blusa. Olho em direção a voz, tudo um borrão. É o pai de Henry. Não sei se ele está sorrindo ou não, mas ele balança a cabeça.

—Tem uma entrega pra fazer. Quero que leve algumas caixas na casa da Sra. Evan.

Henry me entrega meus óculos. Sim, o pai dele está sorrindo para nós. Como se estivesse se controlando para não soltar uma gargalhada.

—Logan pegou a van pra levar sua mãe em Seattle. — Ele diz.

Tiro uma etiqueta de preço do meu braço.

—Pode usar a minha picape. — Digo sorrindo para Henry.

Ele me olha com as sobrancelhas franzidas. Olho para o seu pai e ele sorri pra mim. Então sorrio ainda mais.

—Ótimo. Vou preparar as caixas. — O pai de Henry diz e vai embora. Ainda com um sorrisinho nos lábios.

Olho para Henry. Ele não me olha nos olhos. Pelo visto vai ser sempre assim. Pego minha bolsa no chão e coloco alguns pincéis no lugar. Espero que os sanduíches ainda estejam inteiros.

Puxo Henry pela mão.

—Vamos, a gente come os sanduíches no caminho. — Digo.

Ele caminha ao meu lado. Ainda me permitindo segurar sua mão.

O Sr. Montgomery e Henry colocam as caixas na traseira da picape. Eles falam alguma coisa, mas não consigo entender. Tiro meus óculos e limpo as lentes na minha blusa. Meu oftalmologista odeia que eu faça isso, mas eu sempre esqueço o paninho que ele me deu. Além disso preciso marcar uma nova consulta e fazer novos óculos, a armação desse está folgada e fica escorregando o tempo inteiro. Faço uma anotação mental para marcar uma consulta quando voltar para casa.

—Ei, Ratinha. Vamos! — Henry diz, parado ao lado da picape.

Entro e me preparo para dirigir. Henry ainda está do lado de fora. Então me lembro de que a porta do passageiro está emperrada. Dou risada ao ver Henry

tentar abri-la. Saio da picape.

—A porta não está funcionando. Você precisa entrar por aqui.

Ele revira os olhos e caminha até mim, parando ao meu lado. Ele estende a mão indicando o interior da picape. Até que pode ser um cavalheiro quando quer.

—Ah, não. Eu vou dirigir. — Digo.

Ele suspira.

—Você não sabe onde a Sra. Evan mora.

Sorrio.

—É só você me dizer. Ninguém dirige meu bebê aqui. — Dou dois tapinhas na porta da picape.

Tenho um orgulho danado da minha picape. Minha avó deu de presente para minha mãe, e minha mãe deu de presente para mim. É tipo coisa de família. Ainda me impressiono que mesmo passando tanto tempo ela ainda funcione. A chamo de Lilo secretamente.

Ele bufa e entra na picape. Sua camisa cinza de manga comprida se ergue um pouco em seus quadris, o cóis da sua cueca aparece. É preta. Calvin Klein. Por um segundo o imagino somente com essa cueca. Me bato mentalmente por pensar nisso.

—Bebê? Isso está mais para vovó. — Ele resmunga.

Reviro os olhos. Entro na picape e coloco o cinto de segurança. Ajeito o espelho retrovisor e depois meus óculos.

—Por que não mandou consertarem a porta? — Ele pergunta, enquanto coloca o cinto.

Dou a partida.

—Bom, na verdade eu sempre dirigi a picape sozinha. — Digo, dando de ombros.

Saio do estacionamento da loja. Um caminhão de madeira passa perto da picape. Meu coração dá um "leve" pulo dentro do meu peito. Dou a ré para sair no melhor ângulo, a roda dianteira do lado direito passa por cima da calçada, fazendo a picape balançar.

—Eu não devia ter entrado aqui. — Diz.

Olho para ele, segurando firme o ganchinho no teto da picape. Sorrio.

—Não se preocupa, sou uma boa motorista.

Ele ergue uma sobrancelha.

—Bom, de qualquer forma, é tarde demais para você desistir. — Digo.

Capítulo 18

A Sra. Evan nos recebe com três gatos nos braços e equilibrando uma xícara de chá cor—de—rosa. Henry deixa as caixas na cozinha e volta correndo para a picape. Ele disse que a Sra. Evan o fez segurar um dos gatos e tentou fazê-lo ficar para tomar chá com ela. Eu ri e isso quase nos fez acertar uma árvore. Depois disso ele ficou calado para não me desconcentrar. O que é bem idiota já que só a presença dele dentro da picape já me fez passar com uma roda por cima da calçada três vezes. Nas três vezes ele disse: "Mas que porra! Você quer matar a gente?"

Tentei acalmá-lo, mas isso só fez com que eu quase acertasse um carro em frente. Decidi ficar quieta. Henry liga para seu pai e diz que já entregamos as caixas, ele pergunta sobre Seattle e fica em silêncio por alguns minutos escutando seu pai.

—E está tudo bem?... Tá... Vou até lá daqui a pouco. Tchau. — Diz e desliga.

Olho para ele quando paro em um sinal vermelho.

—Tudo bem? — Pergunto.

Seu cenho está franzido, seus lábios são duas linhas duras. Seu olhar está perdido, olhando para o nada do lado de fora. Ele respira fundo.

—Está. — Diz, ainda olhando lá para fora.

Seguro a mão que descansa sobre sua coxa. Ele me olha e eu sorrio. Retiro

minha mão da sua e volto a dirigir.

Digo a Henry para pararmos no parque e comer nossos sanduíches. Desde a ligação é a primeira vez que a sombra do sorriso volta a aparecer. Estaciono a picafe. O parque está vazio, a não ser pelos atletas que mesmo no frio vão correr. Ou o carinho do cachorro quente. Um homem passeia com um cachorro gigante e uma mulher magricela ao seu lado. Henry e eu nos sentamos numa mesa de piquenique perto de uma árvore. Ele sai da mesa sem dizer nada e vai até o carinho do cachorro quente. Volta de lá com duas Coca—Cola. Eu sorrio.

Ele senta na minha frente. Seu olhar ainda perdido em um mundo só seu. Gostaria tanto de saber o que passa dentro da cabeça dele. O que ele pensa quando todo o resto do mundo parece desaparecer diante dos seus olhos. Ele é um mistério para mim. Me pergunto até quando.

—Então, me fala sobre você. — Digo.

Dou uma mordida no meu sanduíche e sorrio. Ele me olha com os olhos azuis franzidos. Depois que descobri a pequena ilha no seu olho esquerdo não consigo deixar de notá-la quando olho em seus olhos.

—O que quer saber? — Pergunta.

Abro minha Coca e penso por um segundo. Se eu perguntar sobre Timmy ele vai ficar nervoso e querer ir embora. Eu não quero que ele vá embora.

—Ah, me diz aquelas coisas que as pessoas menos se importam. Tipo, sua cor favorita, seu filme preferido, o que você mais gosta de comer, sua banda favorita... Essas coisas. — Dou de ombros.

Ele dá um gole na Coca.

—Azul. O pianista. Sanduíche de manteiga de amendoim e geleia. Música boa, não importa quem cante. Bom, no momento Arctic Monkeys. — Ele morde o sanduíche— E você?

—Azul também. Adoro aquele filme O guarda—costas, o que eu mais gosto de comer é pizza e minha banda favorita no momento é The Civil Wars.

Ele "sorri".

—The Civil Wars? Que porra é essa?

Reviro os olhos.

—É só a melhor banda do mundo. Tem músicas lindas, você devia ouvir. — Digo.

Termino meu sanduíche e tomo mais um gole da Coca.

—Me fala uma.

Penso por um tempo e sorrio ao lembrar de uma.

—*Oh, Henry.*

—O quê?

Dou risada.

—É o nome da música.

Ele franze as sobrancelhas, logo depois revira os olhos. Sorrio.

—Me fala uma desse Monkeys aí.

Ele revira os olhos.

—É Arctic Monkeys. When The Sun Goes Down, conhece? — Pergunta.

Sinceramente se Henry não tivesse falado sobre esse Monkeys eu iria morrer sem saber que eles existem.

—Não, mas nem deve ser tão bom assim se eu nunca ouvi antes. — Digo.

Ele revira os olhos de novo. Eu sorrio. De novo.

Estacionamos em frente a *Mont's* quando já está escurecendo. Ficamos sentados no parque falando sobre música até minha bunda doer por ficar tanto tempo sentada naquele banco desconfortável. Então andamos um pouco, falamos sobre coisas bobas como nossos sabores de sorvete preferidos. Eu: baunilha com pedaços de chocolate. Ele: chocolate com nozes. Compramos café numa Starbucks e voltamos para o parque. Nós jogamos futebol com dois garotinhos e Henry me deixou fazer um gol.

Eu o fiz me empurrar no balanço e por um tempo me imaginei fazendo isso sempre. Seria legal andar por aí com Henry, falando besteiras e comendo sanduíches. Mas durou pouco, tivemos que voltar logo. Dessa vez deixei Henry dirigir, ele suspirou aliviado por isso.

—Vou te levar em um lugar amanhã à noite. — Ele diz, desafivelando o cinto de segurança.

A mistura do sanduíche de manteiga de amendoim e geleia, Coca Cola e café fazem meu estômago revirar.

—Que lugar? — Pergunto.

É estranho tudo isso. Passar um dia inteiro com um cara que, provavelmente, na escola foi um daqueles bonitões do time de futebol, que tinha todas as garotas que quisesse e que, se tivesse estudado comigo, seria um daqueles que iriam me fazer chorar escondida no banheiro. O mais estranho é que estou feliz com isso. Nunca fui chamada para sair antes. Isso é meio excitante.

—Amanhã você vai saber. Te espero aqui às oito. — Diz.

Reviro os olhos, mas sorrio.

—Tudo bem. — Murmuro.

Ele se inclina na minha direção, por um segundo penso que vai me beijar. Por

um segundo realmente quero isso. Ele afasta o cabelo da minha testa e planta um beijo ali. Sinto meu rosto esquentando. Ele sai do carro. Assumo meu lugar do lado do motorista. Ele bate no vidro. Eu abaixo o vidro.

—Boa noite, Ratinha.

Capítulo 19

Cassie reclamou a manhã toda sobre tudo o que acontece na casa. Hoje é o dia de folga do meu pai, mas parece que é o dia de fazer as vontades de Cassidy. Ele e Lauren foram a várias lojas tentando encontrar a cor certa para as prateleiras do closet dela. Nelie fez a comida preferida de Cassie: Arroz com ervilhas, aspargos e cenoura. Revirei os olhos ao ver aquilo no meu prato. E até o meu pai comeu aquilo. De sobremesa comemos torta de limão. Pelo menos algo bom tinha que ter acontecido. Comi duas vezes. Quando estava subindo as escadas Cassie me chamou de gorda. Lembrei da dieta. Decidi não jantar esta noite.

Estou decidindo qual roupa usar para sair com Henry hoje. *Sair com Henry*. Soa estranhas essas palavras. Na verdade, as palavras que envolvam eu e alguém nunca soam confortáveis para mim. Quando se cresce ouvindo o quanto você é insignificante, você começa a creditar nisso também. Quando todos os caras bonitos te ignoraram durante toda a sua vida e então um cara super lindo te convida para sair a única coisa que se pode pensar é no pior. Claro que quero sair com Henry, só estou torcendo para que ele não atire ovos podres em mim. Aconteceu no primeiro ano do ensino médio. Demorei

uma semana para que o cheiro saísse por completo. Demorou quase um mês para que todos parassem de falar sobre aquilo.

Embora Henry seja diferente e me trate bem uma boa parte do tempo, uma parte de mim me diz para sair correndo e ficar o mais longe dele possível. Mas uma outra parte de mim me diz para mantê-lo por perto o resto da minha vida, o que é bem idiota já que o que temos (seja lá o que for) não vai durar muito. Só preciso de Henry até o dia em que Sid se apaixone por mim e então cada um seguirá sua vida.

Escolho meu vestido verde, o casaquinho branco, caso esfrie ainda mais, e minhas botinhas marrons. E, claro que não poderia esquecer minhas meias da sorte, roxas de bolinhas brancas. Não vai combinar em nada com a roupa, mas estou torcendo que elas funcionem hoje. Não sei para onde vamos, mas espero que o que estou usando sirva.

Espero que o lugar não tenha ovos também.

Meu pai está no escritório, Lauren está na cozinha e ouvi Cassie conversando com alguém ao telefone no quarto dela. Dessa vez não fiz nenhum sanduíche e espero que Henry não fique bravo por isso. Saio de casa e caminho até a picape, Lilo nunca fica dentro da garagem, meu pai não deixou mais depois que Lauren veio morar com a gente.

O céu está completamente escuro hoje, a Lua não deu as caras e é como se as estrelas não existissem. A rua está deserta, mas posso ouvir a Sra. Lee gritando com o gato dela. Me aproximo da porta da picape quando uma mão toca meu ombro. Abafo um grito com a mão e me viro. Meu coração bate tão forte que atrapalha o rumo dos meus pensamentos. Henry está aqui. Parado com as mãos erguidas em forma de rendição e a sombra do seu sorriso nos lábios. Ele usa a jaqueta preta, calças jeans escuras pendem em seus quadris embora eu possa ver a fivela prateada do cinto, uma camisa do The Beatles e suas botas pretas. Ele está tão bonito que dói olhar.

Ele parece ter saído de alguma revista masculina, tipo a G magazine. Ou um cantor de rock em ascensão. Espera... O que ele faz aqui?

—O que você está fazendo aqui? — Pergunto, baixinho para que ninguém nos escute.

Olho para a casa, a luz do quarto de Cassie ainda está acesa, vejo sua sombra caminhando de um lado pro outro, ainda com o telefone contra a orelha.

—Vim te buscar, Ratinha. — Henry diz.

É estranho como todas as vezes em que ele diz Ratinha eu me sinto diferente. Quase como se eu fosse única no mundo.

—Como você sabia onde eu moro? — Pergunto.

Ele dá de ombros.

—Descobri.

Reviro os olhos.

—Vamos?

Me viro para entrar na picape quando ele me impede. Um brilho perverso aparece em seus olhos azuis quando diz que vai me levar em sua moto. Nunca andei de moto antes, mas não digo isso a ele. Uso a desculpa de estar usando vestido, seus olhos percorrem meu corpo como se fossem raios laser me queimando inteira. Ignoro a sensação. Ele diz que se alguém olhar para minhas pernas ele vai bater no cara até ele virar do avesso. Eu ir disso, porque até parece que alguém vai olhar para mim. Mas me senti estranhamente lisonjeada com o que ele disse.

Segundo Henry a sua moto é uma Harley Davidson Iron 883, muito potente e rápida. Foi a única coisa que entendi, o resto pra mim foi *blá—blá—blá*. O engraçado é que ele realmente ama a moto como se fosse parte sua, me controlo para não rir enquanto ele fala da moto como se fosse um pai orgulhoso dizendo que o filho entrou em Harvard. Ele me entrega um capacete preto com detalhes prateados, parecem raios ou algo assim. Ele sobe na moto. Eu fico parada ao seu lado segurando o capacete como se fosse um bote salva—vidas.

—Sobe, Ratinha. — Diz, com um sorrisinho.

Engulo em seco e coloco o capacete. Subo na moto e fico sem saber onde colocar as mãos. A moto tem uma inclinação para a frente, por isso Henry está praticamente todo curvado sobre o guidom. Ele coloca o capacete e liga a moto. Estou visualizando minha queda desde o momento em que ele disse que me levaria na moto. Engulo em seco mais uma vez.

—Ratinha...

—O quê? — Pergunto, minha voz sai abafada não sei se pelo capacete ou pelo medo.

Ele pega minha mão, sem se virar para me ver, e me puxa em sua direção.

—Se segura em mim. Não vou te deixar cair. — Sussurra.

Envolvo sua cintura com meus braços, minhas coxas se apertam contra seus quadris, quase como por vontade própria, e meus seios se comprimem contra suas costas. Tento ignorar o lugar onde minhas mãos estão agora, mas é impossível não pensar que apenas uma fina camada de roupa separa minhas mãos dos músculos da sua barriga. Tento ignorar a lembrança dos piercings em seus mamilos, tão perto de mim. Se eu subisse minhas mãos eu poderia senti-los, mesmo que sobre a camisa. É tão tentador que me bato mentalmente para não pensar mais nisso.

Ele dirige devagar por um tempo e então quanto mais nos afastamos de perto das casas da vizinhança mais ele acelera. As ruas vão ficando cada vez mais vazias e quanto mais ele corre mais eu sorrio. A sensação é tão incrível que me deixa sem palavras. O vento frio, o barulho da moto e o balançar dos nossos corpos. Ele acelera ao entrar em uma rua, então saímos numa pista mais movimentada onde ele diminui a velocidade, mas só um pouco. Me aperto contra ele, não quero que ele pare essa moto nunca. É uma sensação única de... *Liberdade*.

É quase como se eu estivesse voando.

Ele para em um sinal vermelho. Meu coração bate tão forte e rápido que não

entendo como ele ainda consegue permanecer dentro de mim. Ele segura minhas mãos contra sua barriga. Sua mão está gelada, mas meu corpo inteiro incendeia.

—Está tudo bem? — Pergunta.

Sorrio, embora ele não possa ver.

—Sim! — Digo.

Sua barriga balança um pouquinho como se estivesse rindo. Ele aperta minhas mãos antes de voltar a dirigir. Não sei para onde estamos indo, mas espero que seja para bem longe. Espero que continuemos nessa moto, sentindo o vento frio e fazendo meu coração acelerar.

Espero que Henry continue me fazendo sentir o quanto é bom ser... *Livre*.

Henry estaciona em frente a um bar. Vários carros estão estacionados em um estacionamento escuro ao lado. Desço da moto e tiro o capacete, ajeito meus óculos. O bar parece ser velho, com a tinta verde descascando e um buraco no reboco fazendo os tijolos alaranjados aparecerem. Uma placa com balões azuis diz que hoje à noite a promoção é de duas cervejas por uma. Um balão estoura me fazendo pular de susto, olho para o lado e um garoto de cabelo preto alisado ri com os amigos. Henry segura meu braço e me conduz para dentro do bar escuro.

Algumas pessoas cumprimentam Henry com acenos de cabeça, algumas garotas que parecem ter esquecido de colocar uma roupa lançam sorrisinhos a ele. Ele ignora e continua me levando bar a dentro. O bar parece ter saído de algum filme de caubóis. Mesas de madeira desgastada estão dispostas em frente ao que parece ser um palco improvisado, chifres enormes enfeitam as paredes junto com chapéus de caubóis. O bar tem cheiro de cerveja e suor. Me sinto ainda mais excluída, mesmo com Henry ao meu lado. Jovens bebem e fumam num canto perto do palco, parecem adolescentes. A maioria dos homens são velhos de barrigas grandes e barbas maiores ainda, todos usam roupas pretas, a maioria com camisas de bandas de rock. Eles parecem

assustadores. Eu poderia ser esmagada pelo dedo deles se quisessem.

Henry me faz sentar numa mesa em frente ao palco improvisado. Um pequeno jarro, em formato de lâmpada com uma vela dentro, está no centro da mesa.

—Vou trazer algo pra você beber, já volto. — Diz, então desaparece em direção ao balcão de bebidas.

Foco meu olhar em frente para as guitarras, baixos, bateria e microfones no "palco". Ouço o barulho das conversas alta dos homens falando sobre o último jogo, o copo quebrando ao cair no chão e os gritinhos e risadinhas das mulheres. Uma mulher usando um short e top vermelho passa por mim e franze o nariz como se eu tivesse duas cabeças.

Talvez isso seja uma brincadeira do Henry, me deixar aqui sozinha para ver até quando eu vou aguentar. Eu devia saber que ele faria isso. Nenhum cara bonito convida *Melie a Nerd* para sair. Olho em volta a procura da saída quando o vejo caminhar na minha direção, segurando uma cerveja e um copo com um líquido rosa. Sorrio.

Ele não é como os outros caras. Ele não é como os outros caras.

Repito isso para mim mesma. Ele senta na minha frente e me entrega o copo. Cheiro o conteúdo do copo, tem cheiro doce.

—É uma bebida de morango, sem álcool. — Henry diz, toma um gole da cerveja.

Experimento um pouco e sorrio. Até que é bem gostoso.

—Você que não devia beber álcool. — Digo.

Ele revira os olhos, mas "sorri".

—É só essa. — Diz, e bebe mais um gole.

Sorrio.

Três cervejas e duas bebidas de morango depois, a música que tocava ao fundo para e o barulho dos instrumentos sendo preparados enche o bar. Alguns homens arrumam microfones e os instrumentos, enquanto riem de algo. Henry coloca sua cadeira ao lado da minha, para ficar em frente ao palco. Olho para ele, mas ele já estava olhando para mim. Sinto minhas bochechas esquentarem. Seus olhos desviam dos meus para algo atrás de mim. Me viro e vejo um cara sorrindo para ele.

—Ora, ora, ora... A que devo a honra de sua presença, querido primo? — O cara diz, embora seus olhos estejam em mim.

Ele usa uma camisa azul xadrez, calças caqui e tem um belo sorriso. Seus cabelos escuros pendem em sua testa, são ondulados e bagunçados. Além de olhos castanhos que brilham com alguma piada que só ele parece saber.

—Logan, essa é Amélie. Amélie, esse é meu primo Logan. — Henry diz.

Estendo a mão e o cumprimento. Ele sorri.

—Ah, Amélie a garota que fez meu priminho voltar a...

—Cala a boca, Logan. — Henry diz, sua voz rouca me fazendo estremecer.

Logan ri.

—É sua vez, priminho. — Logan aponta o palco e sorri.

Olho para Henry, mas ele desvia os olhos dos meus. Ele toca algum instrumento? Sabia que ele tinha cara de rock star. Ele se levanta e me puxa com ele. Fico de pé na sua frente, sinto o cheiro da sua loção pós—barba e de cigarros. Seus olhos fitam os meus dessa vez. Lá está minha ilha favorita.

Logan para ao nosso lado e pigarreia.

—Qual vai ser a de hoje? A música—arranca—calcinha ou a música—molha—calcinha? — Ele pergunta.

Franzo as sobrancelhas. Que diabos de músicas são essas?

—Nenhuma dessas. *Do I Wanna Know*. — Henry diz a Logan, embora seus olhos fitem os meus.

Logan bate palma e vai até o palco.

—Não vou demorar. Você vai ficar bem aqui sozinha, não vai?

Meu coração dá um pequeno pulo.

—Você vai voltar? — Pergunto.

Por favor não me deixe sozinha aqui...

Ele se aproxima de mim, seus lábios tocam o nódulo da minha orelha. Um arrepio me percorre a espinha em ondas de eletricidade.

—Sempre vou voltar pra você. — Sussurra.

Ele se afasta e caminha até o palco, fala algo com Logan que abre um sorriso enorme fazendo as maçãs do seu rosto se elevarem. Volto a me sentar. Meu estômago não para de se revirar. Não devia ter bebido tanto.

As luzes se apagam e as pessoas ficam em silêncio. Um holofote ilumina o palco e algumas pessoas aplaudem. Henry está sentado num banquinho alto, uma perna dobrada com um pé apoiado no banco enquanto o outro pé permanece no chão. Ele segura o pedestal do microfone e o ajusta para ficar na altura certa da sua boca. Dá algumas batidinhas nele, para se certificar de que está funcionando. Outros dois homens, um com guitarra e o outro com um baixo, se posicionam em frente aos seus respectivos microfones. Um grupo de garotas sentadas numa mesa perto do palco soltam gritinhos e batem palmas para eles. Reviro os olhos.

A luz diminui e então a batida das baquetas começa. Me sinto nervosa como se fosse eu que estivesse prestes a cantar, mas sorrio mesmo assim. A música começa. O som da bateria fazendo um *tum tum tum tum* se mistura com o da guitarra. Henry bate o pé no chão ao mesmo ritmo e então começa a cantar. Sua voz rouca e grossa, mas ao mesmo tempo suave me faz suspirar de susto,

mas um susto bom. Não imaginava que ele cantasse e tão bem assim. Seus olhos estão fechados, uma mão grande e pálida pela luz que o ilumina segura firme o microfone. Seus olhos estão firmemente fechados, seu pé ainda bate contra o chão no mesmo ritmo que o *tum tum tum tum* da bateria.

Os outros dois homens cantam algumas frases junto com ele. Então tudo explode num misto de guitarra, bateria e a voz de Henry. A luzes do palco ficam mais fortes, quando chega o refrão. Ele abre os olhos. Seus olhos ficam tão azuis pela luz do holofote que parecem brilhar por conta própria. Seus olhos me encontram e ele não os desvia. Como se cantasse somente para mim. A batida viciante da música me invade fazendo meu coração bater ao mesmo ritmo dela. Algumas pessoas cantam junto com Henry e os outros homens, devem conhecer a música. Mas os olhos de Henry permanecem em mim.

Sinto meu sangue vibrar a cada vez em que ele canta, sua voz entrando em mim como um veneno em minhas veias. Ele embala o microfone como se dançasse com uma amante. Meu coração bate forte, é difícil respirar quando ele me olha desse jeito, mas... Não quero que ele deixe de me olhar.

Do I wanna know... Acho que nunca mais esquecerei essa música. A música termina e o bar explode em aplausos e assobios. Me levanto e aplaudo junto com eles. Eu sorrio tanto que minha mandíbula dói. Henry sai do palco e caminha na minha direção. Seus olhos ainda grudados nos meus, determinado a chegar até mim. Uma garota pula na frente dele e se joga em seus braços, é a mesma do short vermelho. Ela fala algo com ele e então o beija.

Deixo um dinheiro em baixo do meu copo, pego minha bolsa e saio do bar.

Capítulo 20

Não sei a quanto tempo estou caminhando e, sinceramente, nem sei para onde estou indo. Não sei porque sai do bar daquele jeito, mas ver aquela garota o beijando foi como se algo rasgasse dentro de mim. Foi tão lindo ouvi-lo cantar, parecia que era sua alma saindo de dentro dele tomando todo o bar para si. Fiquei hipnotizada, foi como se ele estivesse entrando em mim. Um delicioso veneno em minhas veias, indo diretamente para meu coração e me matando.

Sim, acho que finalmente morri.

Ajeito meus óculos e caminho mais rápido. Vejo uma casa amarela com uma escultura de pato na frente, mas lembro de já tê-la visto antes. Devo estar andando em círculos. Estou com medo, com muito medo. Não sei para onde estou indo. Droga!

Sinto o choro preso no fundo da minha garganta, mas ele não quer sair. O sinto bem ali no fundo, me torturando. Eu quero voltar para casa. Quero Henry comigo.

O barulho de rodas raspando o asfalto me faz gritar. Corro, não sei para onde. Eu apenas corro.

—AMÉLIE!

Paro de correr quando sinto braços ao meu redor, minhas costas batem de encontro a um peito largo. Então relaxo. Sou atingida pelo cheiro de Henry. Ele me aperta contra si mesmo, sua cabeça afunda em meu pescoço, ele respira fundo.

—*Ratinha....* — Sussurra.

Minhas pernas viram gelatina, ele me aperta ainda mais. Meu coração bate

forte e arrepios percorrem minha espinha, do ponto entre meu ombro e meu pescoço, onde ele respira fundo várias vezes, até meus dedos dos pés. Me livro dos seus braços e então me viro para vê-lo, não me controlo e o abraço. Nunca me senti tão segura quanto agora. Ele me abraça de volta.

De repente ele me afasta, ainda segurando meus ombros.

—Que porra você estava fazendo? Não pode sair por aí sozinha, Amélie. Fiquei preocupado, achei que algo tinha acontecido e...

—Desculpa.— Sussurro.

Ele se cala e me olha nos olhos. Olhar seu rosto me faz querer chorar, mas a porra das lágrimas não veem. Me torturam. Me matam.

—Por que saiu daquele jeito?

Desvio o olhar.

Eu também não sei. Acho que o extinto que me faz querer correr dele o tempo todo venceu dessa vez, então fugi. Mas não posso fugir dele, mesmo quando quero. Ou eu me auto impeço de ir ou ele me encontra. Sinto que algo quebrou dentro de mim, não sei o que é, mas dói muito.

—Você nunca me disse que cantava. — Digo, mudando de assunto.

Ele desvia o olhar e dá de ombros.

—Você nunca perguntou. — Diz.

Reviro os olhos.

—Sempre que eu quero saber de algo você vai embora.

Dessa vez ele não diz nada, apenas me leva até sua moto. Posso jurar que a dor apareceu em seus olhos. Odeio vê-la quando olho para ele. Quero descobrir que dor é essa.

Talvez ela esteja escondida naquela ilha.

Henry dirige até um mercado que já fechou a algumas horas. O estacionamento está vazio, ele para a moto e me pede para descer. Por um segundo penso que ele vai me deixar aqui e então vão aparecer pessoas e jogar ovos em mim, mas ele desce da moto também então suspiro aliviada. Tiro o capacete e ele tira o dele.

—Por que paramos aqui? — Pergunto.

Ele abre o assento da moto e tira de lá duas Coca—Cola. Ele me entrega uma e pega meu capacete, deixa os capacetes na moto e volta na minha direção. Sorrio. Ele "sorri".

—Esqueci os sanduiches de manteiga de amendoim e geleia em casa, mas pelo menos a Coca ainda está gelada. — Diz.

Eu sorrio.

Ele bate sua latinha na minha e toma um gole.

Em momentos assim, quando não precisamos dizer nada e mesmo assim ficamos bem, é quando sinto vontade de mantê-lo ao meu lado para sempre. Me aproximo dele e passo meus braços em volta da sua cintura. Ele se surpreende, mas passa um braço sobre meus ombros.

—Henry, posso te pedir uma coisa? — Pergunto.

Ele se afasta para me olhar. Tomo um gole da minha Coca. Ele arrota fazendo o som reverberar por todo o estacionamento vazio. Dou risada. Ele não se importa com isso.

—O que você quer, Ratinha?

Me aproximo dele novamente.

—Vem comigo em um almoço?

Ele franze as sobrancelhas.

—Almoço? Você tá me convidando pra sair? — Pergunta.

Sinto meu rosto esquentar. Droga! Não queria que ele pensasse desse jeito. Quero que ele vá comigo no almoço na casa do Sr. Brown porque ele faz eu me sentir confiante. E pode me dizer o que fazer quando eu for falar com Sid. Não quero parecer uma idiota.

—Sim... Bom, não é que eu esteja te convidando pra sair nem nada do tipo, é só que... Bom, é que eu quero que vá comigo.

Ele "sorri".

—Se você me *convidar* eu vou, mas você não me *convidou*. — Diz, com um sorrisinho presunçoso.

Reviro os olhos.

—Henry Montgomery, você aceita me acompanhar em um almoço? — Digo, tentando fazer minha voz soar como a das pessoas das peças de teatro antigas. Cheia de floreios e tento parecer britânica também.

Ele se aproxima de mim e segura meu queixo, erguendo minha cabeça. Olho seus olhos sob a luz alaranjada do poste, seus olhos sempre parecem brilhar. Sorrio.

Ele aproxima seu rosto do meu, está tão perto que nossas respirações se misturam. Nós estamos respirando juntos. O mesmo ar. Seu nariz toca o meu então desliza pela minha bochecha, minha mandíbula, meu queixo... Fecho meus olhos, meu coração bate forte contra minhas costelas, espero pelo momento em que seus lábios toquem os meus...

Vamos lá, Henry, me beije... Me beije, Henry.

Ele se afasta. Abro meus olhos. Sinto como se tivessem jogado um balde de gelo... Não, parece que jogaram um iceberg em mim.

—Aceito. — Diz.

Ele caminha até a moto e sobe nela, coloca o capacete e a liga. Corro até ele e

monto na moto, coloco meu capacete e então ele dirige de volta para minha casa.

REGRA Nº CINCO: EVITE SE ARREPENDER DE COISAS QUE DEVIA TER FEITO.

Capítulo 21

—Melie, adivinha quem está lá embaixo te esperando? — Disse Nelie, com um sorriso que se brilhasse eclipsaria o Sol.

No primeiro momento eu não entendi, tinha acabado de abrir os olhos. Estava sonhando com a noite de ontem, com Henry no bar. Aquela música que não sai mais da minha cabeça. Olhos azuis brilhantes e aquela voz capaz de fazer meu coração saltar em direção as nuvens. Não entendi por que sonhei com ele, mas demorei a pegar no sono ontem. Estou tentando evitar pensar no quão estúpida eu fui por querer que Henry me beijasse. Ainda bem que não disse nada em voz alta.

Nelie me acordou no momento em que eu estava prestes a beijar Henry, meu coração ainda batia rápido quando ela disse: Sid Brown. Então meu coração parou de bater por um momento e logo começou a bater tão forte quanto possível. Levantei às pressas da cama, tirei meu pijama de porquinhos e corri para o banheiro. Enquanto descia a escada— usando meu vestido azul e sapatilhas vermelhas (até passei um batom) —ouvi a voz dele, suave e quase feminina, mas quando você olha para aquele rosto esquece de todo o resto. Minha mão tremia contra a maçaneta fria e tive de dar três respiradas profundas antes de entrar.

Então agora estou sentada no sofá branco e impecável da sala de estar em frente ao meu futuro marido, tentando imaginar como seria nossos filhos. Mas somente a imagem de Henry me vem na mente. E, confesso, estou tentando me concentrar na função de respirar e falar ao mesmo tempo. Sid Brown está na minha casa!

—Soube que virá ao almoço em minha casa. — Ele diz, sorrindo.

Cassie está olhando para sua xícara de café e tentando não rir. Lauren está recostada no braço do sofá com suas pernas longas cruzadas, equilibrando uma xícara e o pires em suas mãos de quem não faz nada. Mas Sid está olhando para *mim*. Sorrindo para *mim*. Falando *comigo*.

—Sim, eu irei. — Digo baixinho. Espero que ele tenha me ouvido.

Sid está usando calças e sapatos sociais, camisa de botão branca e um blazer preto. Seu cabelo castanho claro, quase loiro, está bem penteado e o sorriso que estampa seu rosto parece realmente estar gostando de estar aqui.

—Sei que posso parecer rude por vir aqui antes do previsto, mas, vim até aqui para convidá-la para jantar. — Ele diz.

Olho o jeito como seus lábios finos se mexe, seus dedos finos e compridos segurando a xícara de café. Ele parece nervoso. Olho para Cassie e espero ela responder, ela o olha com a boca aberta e os olhos arregalados. Como se não fosse normal ser chamada para sair. Por um momento imaginei que ele estivesse aqui por mim, mas é claro que não. Penteei meu cabelo atoa. Devia ter ficado no sótão dormindo, sonhando com Henry, do que descer e ter de ver meu coração levar um soco.

Talvez ele tenha mudado, no final das contas. Talvez ele não seja mais aquele garoto que falava de sexo e futebol e saísse com modelos e agora esteja à procura de uma namorada de verdade, por isso veio atrás de Cassie. Ele parece mais sério e até com uma aparência de pessoa importante, o verdadeiro jeito de "filho—de—prefeito". Talvez o Sr. Brown o tenha, finalmente, colocado na linha.

—Amélie?

Olho para ele, suas bochechas estão um pouco rosadas.

—O quê? — Pergunto.

Seu pomo—de—adão proeminente balança quando ele engole.

—Você aceita ir jantar comigo? — Pergunta.

Ai meu Deus... Ai meu Deus... Ai meu Deus...

Sid Brown me chamou para jantar!

Sinto meu rosto se abrir num sorriso.

Está acontecendo. Está acontecendo. Finalmente terei minha chance com Sid. Ele vai se apaixonar por mim. Nós vamos casar. Nós teremos filhos. Nós viveremos felizes para sempre.

—Ela? Por que ela?

Ouçó a voz de Cassie, mas não consigo parar de sorrir e olhar para Sid.

—SIM! — Digo, talvez alto demais.

Cassie deixa a xícara sobre a mesa de centro e sai pisando duro para fora da sala, Lauren sai em seguida se desculpando com Sid sobre Cassie não estar se sentindo bem. Sid se levanta e vem sentar ao meu lado. Minhas bochechas doem, mas não consigo deixar de sorrir.

—Antes de vir para cá falei com seu pai, ele me deixou levá-la para jantar amanhã à noite.

—Tu—tudo bem. Eu vou adorar. — Digo.

Sid se aproxima, penso que vai me beijar, mas ele não o faz. Sem minha permissão imagens do meu sonho com Henry surgem na minha mente. Nós estávamos rindo juntos no parque, logo em seguida estávamos naquele bar, mas era apenas nós dois. Ele cantava para mim. Logo depois a imagem mudou para aquele estacionamento vazio e nosso quase beijo. Ele ia me

beijar no meu sonho, mas Nelie me acordou. Acho que nunca desejei tanto ser beijada antes.

Será que Henry me beijaria? Será que isso já passou pela cabeça dele? Não sou o tipo de garota que os homens pensam em beijar, mas queria tanto que ele sentisse isso por mim. Mesmo que só um pouquinho.

—Amélie.

—Sim?

Sid sorri.

—Você parece ter ido parar em outro mundo. Está tudo bem? — Pergunta.

Olho para o seu rosto. Traços delicados se destacam em sua mandíbula, nas maçãs do rosto. São traços delicados, como se tivessem sido desenhados por uma artista apaixonada por sua inspiração. Ele não tem uma sombra de barba por fazer, como Henry quase sempre tem, seu rosto é liso como bumbum de bebê. Seus olhos são acolhedores, não são olhos de um adolescente safado como anos antes, eles parecem gentis. Seus olhos não têm uma chama que me faz querer fitá-lo, nada em seus olhos me dizem para sair correndo.

Então, por que não consigo me imaginar beijando você, Sid?

—Sim, está. É só uma dor de cabeça. — Digo.

Ele sorri e toca minha mão, sobre minha coxa. Meu corpo não reage a ele.

—Espero que melhore, minha querida, amanhã à noite virei buscá-la. — Diz.

Eu sorrio e o acompanho até a porta. Antes de sair ele beija minha bochecha. O vejo entrar no seu carro chique e ir embora. Carros limitam, motos fazem parecer voar. É estranho como quanto mais o tempo passa mais as coisas que importavam antes deixam de fazer sentido agora.

Minha querida...

Gosto mais de *Ratinha*.

Sei que não devia ter feito isso. Sou filha de um policial, mas tenho certeza de que posso ser presa a qualquer momento.

Saí de casa um tempo depois que Sid saiu. Ouvi a voz de Cassie rindo enquanto falava com alguém em seu quarto. Tomei banho e coloquei meus sapatos favoritos— minhas meias da sorte também—. Preparei alguns sanduiches e fui até o armazém. Como eu torcera durante todo o trajeto até lá, encontrei Timmy e Lea sentados juntos brincando com peças de Lego, que os voluntários adaptaram para que brincando eles aprendessem o Braille. Um dos voluntários, um moço bonito chamado Brandon, estava com eles. Fiquei um tempo por lá, ajudei a arrumar os brinquedos e fiz ligações para números de uma lista telefônica para pedir doações. Foi assustadora a quantidade de recusas.

Depois de algumas horas era o momento da soneca das crianças. Dessa vez foi mais cedo, hoje um bebê de alguns meses entrou para o centro de ajuda. Meu coração doeu ao ver aquele bebê nos braços da mãe, sua cabecinha mexia de um lado para o outro, procurando o que estava fazendo todo aquele barulho, mas sem nunca conseguir ver. A mãe parecia desesperada, sem saber o que fazer para que o seu bebê pudesse ter uma vida normal enquanto crescesse. Ouvi Princesa S. dizer que o bebê terá uma vida normal, assim como todas as pessoas, a mãe só precisará ensinar a ele que ele nunca estará sozinho. Acho que estava sendo mais difícil para a mãe que para o bebê.

Na hora da soneca disse a Princesa S. que levaria Timmy e Lea para passear, ela me olhou desconfiada por um tempo, mas me permitiu sair um pouco com eles. Então aqui estamos nós. No parque, sentados na grama e lendo O Pequeno Príncipe. Estamos na parte em que a raposa diz ao Pequeno Príncipe que ele a cativou. Timmy me faz as mesmas perguntas que o Pequeno Príncipe faz a raposa, por um tempo eu sorrio e faço algumas piadinhas, mas Timmy nunca desiste até que alguém responda sua pergunta. Ele virou meu Pequeno Príncipe.

—Então se você me cativar vai me fazer sofrer? — Ele pergunta.

Penso por um tempo. Às vezes não sei o que dizer a alguma criança, parece

que elas sempre sabem mais do que os adultos pensam saber.

—Cativar quer dizer criar laços o que, pra mim, é como amar alguém. Então se você ama alguém corre o risco de sofrer um pouco por essa pessoa. Acho que é a lei natural das coisas. — Digo.

Lea se aconchega entre minhas pernas cruzadas, seus cabelos voando de encontro ao meu rosto. Timmy, segura firme sua bengala dobrada, cutucando a grama. O céu está azul claro com nuvens brancas e fofinhas como algodão, o vento frio da tarde balança a copa das árvores, o cheiro de chuva me faz lembrar que o inverno se aproxima. O dia está tão lindo, mas ele seria ainda mais bonito se Timmy e Lea pudessem vê—lo.

—Então o amor vai machucar as pessoas? —Lea pergunta, parece chocada com isso.

Acho que posso estar traumatizando essas crianças. O amor não é ruim. O amor salva as pessoas. Não as machuca.

—Meu irmão disse que o amor é uma desgraça. Porque o amor machuca, mas é o único que pode curar. — Timmy diz.

Meu coração dá um pulo dentro do meu peito.

—Henry disse isso? — Pergunto.

Não queria pensar em Henry, mas depois daquele maldito sonho ele não me deixa em paz. Em todo lugar que olho é como se pudesse vê—lo. Estou tentando fazer com que a pequena chama de felicidade que senti ao ser chamada para sair por Sid me incendeie, mas o máximo que a chama faz é brilhar— fraca e lentamente—dentro de mim. Apenas me lembrando de sua existência. Estou esperando a explosão, mas ela não acontece.

—Disse. Ele escreve essas coisas no caderno que dei de presente pra ele. — Diz Timmy, sorrindo orgulhoso.

Suspiro.

—Ele é escritor? Você tem um irmão escritor? Isso é muito legal. A minha

irmã só usa o computador e tira foto. A mamãe não gosta disso. — Diz Lea.

Ela se senta ereta em meu colo, esmagando meu pé na grama. Tem um sorriso no rosto enquanto fala com Timmy sobre sua irmã. Penso em Henry escrevendo em um caderno coisas sobre o quanto o amor é uma desgraça. Por que ele diria isso a uma criança? Cada vez mais as coisas que descubro sobre Henry me surpreendem.

—Poeta! — Timmy grita.

Uma mulher com um cachorro para e olha para nós, sorrio para ela. Ela vai embora balançando a cabeça.

—É isso, a mamãe disse que Henry é poeta. Isso é importante, não é? Meu papai disse que é muito importante.

Lea concorda com Timmy, dizendo o quanto a palavra POETA é bonita e importante. Eles conversam como se fossem dois adultos em miniatura. Mas não, não acho que conversem como adultos. Eles conversam com as palavras puras que veem do coração. Eles fazem a vida parecer bela o tempo todo, embora não seja. Gostaria de ver a beleza das coisas como as crianças conseguem ver. Ou sentir.

Henry, o poeta...

Sorrio ao pensar nele. Mais um pedacinho dele se revela. Estou ansiosa para vê-lo por inteiro.

REGRA N° SEIS: SONHOS TE IMPEDIRÃO DE DORMIR.

Capítulo 22

Pela primeira vez mandei uma mensagem de texto para Henry. Esta manhã fui até o armazém e fiquei um tempo por lá, encontrei Timmy e Lea e lemos mais um pouco de O Pequeno Príncipe. Eu amo passar o dia no armazém, mas hoje eu não consegui me concentrar em nada. Não parei de repetir a conversa com Sid e em me perguntar no por que depois de tanto tempo ele simplesmente aparecer e me convidar para jantar. Estou tentando me fazer acreditar que ele finalmente se deu conta de que sou o amor da sua vida e que ele não pode viver sem mim e então resolveu me procurar.

Sou mesmo uma idiota.

Pedi a Henry que me encontrasse no parque, por mais incrível que pareça ele me respondeu quase que imediatamente e disse que já estava a caminho. Acho que nós precisamos conversar, temos que terminar o que a gente começou. Quero dizer, sobre as dicas e em insistir no milagre de me ajudar a fazer Sid me amar. Bom, o jantar já me leva até mais perto do meu objetivo. Mas ainda quero que Henry vá comigo no almoço na casa do Sr. Brown. Quando ele está por perto me sinto confiante e especial, é disso que preciso quando estiver com Sid.

Sinto um aperto no peito, imagino quando o dia chegar. O dia em que Henry vai desaparecer da minha vida, afinal é sempre assim que acontece. Eu não ansiava que ele ficasse por perto por mais tempo além do necessário, mas agora é difícil imaginá-lo longe de mim. É difícil imaginar o fim desta história. Se bem que, acho que nem ao menos criamos uma.

Ouço o barulho alto da sua moto e não preciso me virar para vê-lo para saber que ele está por perto. Eu sempre sorrio quando o vejo e uma dorzinha no meu peito sempre se intensifica. É uma sensação nova e completamente estranha, às vezes eu só quero bater nele, bater de verdade, principalmente quando ele me dá suas respostas irônicas ou quando se torna monossilábico. Mas ao mesmo tempo quero rir e beijá-lo... Não! Eu não quero beijá-lo. Nunca. Em hipótese alguma. De jeito nenhum. Se bem que...

—Oi. — Henry diz, ao sentar ao meu lado na grama.

O dia está frio e úmido, um vento frio balança as árvores e os balanços solitários. Estou usando meu cachecol vermelho e meu casaco marrom. Além dos meus tênis rosa e claro que não poderia esquecer minhas meias da sorte. O vento frio balança meu rabo—de—cavalo no alto da cabeça, mas o mais importante é que me traz o cheiro de Henry. Loção pós barba e cigarros. Nunca gostei do cheiro de cigarros, mas em Henry o odor queimante não é tão forte e o deixa ainda mais fodidamente sexy.

—Oi. — Murmuro.

Olho para seu rosto, ele parece mais pálido o que faz a sua barba por fazer se acentuar. O vento balança seu cabelo cumprido e bagunçado demais, me controlo para não tirar da sua testa a mecha de cabelo escuro que o vento soprou ali. A sombra de um sorriso arremata todo o lote de beleza dele. Além dos seus olhos que parecem mais escuros, nessa luz cinzenta do dia. Adoro aquela pequena ilha. Sorrio.

—Por que me chamou aqui? Tá um frio da porra. — Diz.

Olho para os balanços solitários a alguns metros à frente de nós, mas sorrio. O parque está vazio, os atletas não saíram para correr hoje nem o carinha do cachorro—quente apareceu. Por isso pedi para que nos encontrássemos aqui, não haveria ninguém para nos interromper ou algo que me tirasse da minha linha de raciocínio, que tracei enquanto vinha até aqui.

—O Sid me convidou para jantar hoje à noite. — Digo.

Sinto o corpo de Henry enrijecer ao meu lado, deve ser de frio. Ele dobra as

pernas e apoia os braços em seus joelhos. A barra da sua calça jeans está suja de lama e de pequenos fiapos de galhos ou madeira, não sei.

—Quem é Sid? — Pergunta, sua voz sai baixa e rouca. Meus pelos arrepiam quando me lembro de quando ele cantou no bar.

Suspiro.

Dessa vez parece estranho falar de Sid. Minha reação ao ouvir seu nome não é a mesma de cinco anos antes. Agora parece... *errado*?

—Sid é o cara por quem eu pedi que me ajudasse a fazer me amar. — Digo— Ontem ele apareceu na minha casa e me convidou para jantar esta noite. Isso... Isso é legal, né?

Não o olho, minha atenção ainda está nos balanços, mas o gosto amargo na minha boca ao proferir essas palavras me deixa confusa. Henry não diz nada por um tempo, embora sinta seu braço encostar no meu em alguns momentos, fazendo meu café da manhã revirar em meu estômago. O silvo do vento, as correntes dos balanços e nossas respirações são os únicos sons que podem ser ouvidos.

De alguma forma— que não entendo— saber que estamos sozinhos aqui me deixa confortável. O clima cinzento e sombrio que paira sobre o parque não parece assustador. É solitário para quem nos vê de longe, mas para mim a solidão nunca pareceu tão acolhedora.

—Então não vamos mais nos ver, é isso? — Pergunta, sua voz se tornando apenas um sussurro nas últimas palavras.

O vento gelado me faz sentir um arrepio.

—Não! Quero dizer, eu quero que vá comigo ao almoço se ainda quiser, claro. E... e ainda podemos nos ver. Você sempre leva Timmy ao armazém e eu sou voluntária lá, então...— Dou de ombros.

Dessa vez viro meu rosto para vê—lo. Sua cabeça está baixa e ele arranca a grama do chão entre suas pernas com uma mão.

—Então ainda vou ganhar os sanduíches de manteiga de amendoim e geleia?
— Pergunta, sorrindo, embora ainda fite a grama.

Eu sorrio e o empurro com meu ombro. Ele me olha.

—Só se prometer levar a Coca Cola. — Digo.

Ele sorri. Um sorriso de verdade, mostrando seus dentes brancos e perfeitos. Fazendo as maçãs do seu rosto se elevarem e pequenos tracinhos, quase imperceptíveis, aparecerem nos cantos dos seus olhos. Além de uma linha em suas bochechas, como se algum dia covinhas tivessem tido a intenção de aparecerem ali, mas desistiram. Eu perco meu fôlego por três segundos e volto a respirar de forma rápida e irregular, como se tivesse corrido uma maratona inteira sob o Sol do Saara. Meu coração bate acelerado e sinto as pontadas rápidas de arrepios irem e virem em minha espinha. Ele passa a ponta da língua sobre os lábios, ainda sorrindo, antes de me responder:

—Prometo, Ratinha.

Sorrio. Sei que ele vai cumprir.

Eu havia deixado a picape no armazém antes de ir até o parque, então quando Henry sugeriu irmos comprar um café tivemos de ir na sua moto. Embora tenha andado em sua moto apenas uma vez me senti muito familiarizada com ela. Além de poder abraçar Henry e sentir como se ele fosse o Super —Homem me fazendo voar. Compramos café e algumas rosquinhas. Enquanto voltávamos para o parque torci para que a comida chegasse sã e salva, já que eu que as carreguei.

A caixa de rosquinhas parece ter sido atingida por uma bomba. As rosquinhas de morango se transformaram nas de chocolate, as de baunilha nas de morango. É uma mistura de glacê de todos os tipos, mas não nos importamos com isso. Na verdade, rimos e meio que começamos uma pequena guerra de cobertura de rosquinhas. Henry está decido a sujar meu rosto com a cobertura de morango e eu tento fazer o mesmo com ele. Claro que é ele quem ganha.

—Tudo bem, você ganhou. Chega. — Digo, limpando meu queixo com um guardanapo de papel.

Henry está sorrindo e me olhando como se eu fosse a coisa mais engraçada do mundo. Eu até poderia deixar ele pensar isso, me achar engraçada ou até mesmo boba, se ele me deixar ver seu sorriso pode fazer e pensar o que quiser.

—Por que está me olhando assim? — Pergunto, depois de vários minutos em que ele me olha sorrindo.

Ele dá de ombros e desvia o olhar do meu, o sorriso desaparecendo.

—Por nada.

Deixo meu copo de café vazio ao lado do dele dentro da caixa de rosquinhas. Me deito na grama e olho para o céu nublado. As nuvens cinzentas e carregadas de chuva deslizam rápidas pelo céu, sendo levadas pelo vento frio. Devem ser apenas quatro ou cinco horas da tarde, mas parece ser bem mais. Poucos carros passam pela rua e a única lembrança de que não somos os únicos seres humanos na Terra é o barulho das lojas e do mercado que tem aqui por perto.

Sinto quando Henry se deita ao meu lado na grama. Sorrio e cruzo meus dedos sobre minha barriga.

—É lindo, não é? — Pergunto, ainda mantendo meus olhos nas nuvens dançantes.

O ouço suspirar.

—É, é lindo. Triste e um pouco melancólico, mas lindo. — Diz.

Ficamos um tempo em silêncio e, sinceramente, não sei quando aconteceu. Mas nossos corpos parecem terem sido puxados um para o outro e nossas respirações decidiram se embaralhar num ritmo incerto. O tecido cinza do agasalho de lã de Henry tocando o tecido marrom do meu agasalho, me faz lembrar que, embora todo o parque pareça um lugar abandonado jogado num

imenso silêncio triste, ele ainda está aqui comigo. Ele me faz lembrar que não estou sozinha, embora tudo faça parecer que estou.

—Você devia gostar de dias longos e ensolarados e não de tardes nubladas e tristes. — Ele murmura.

—Por que está dizendo isso? — Pergunto, viro minha cabeça para vê-lo.

Vejo seu peito subir e descer numa respiração profunda.

—Porque...— Ele me olha— Quando te olho, seus olhos me fazem lembrar da luz do Sol da manhã quando clareiam a grama ainda molhada com o orvalho. E... e quando você sorri, parece que estou vendo flores desabrocharem na primavera. Gosto do seu sorriso. — Murmura.

Sinto como se meu coração tivesse pulado do meu peito e estivesse saltitando todo feliz pelo parque. Olho para seus olhos—para minha ilha favorita—e, embora meus óculos estejam um pouco tortos por causa da posição da minha cabeça, sinto como se realmente fosse única no mundo pelo jeito como ele me olha. E por um momento, um curto momento, suas palavras parecem verdadeiras. Como se fosse possível o meu sorriso fazer flores desabrocharem. Como se fosse possível alguém imaginar isso de mim.

Não me controlo e instintivamente sorrio.

—Você me faz sorrir. — Digo.

Ele sorri. (De verdade!)

Seus olhos azuis parecem brilhar para mim. Parecem me chamar para explorar aquela pequena ilha.

—Gosto de olhar seus olhos. — Sussurro.

Ele sorri e aproxima seu corpo do meu, não reclamo. Na verdade, queria que ele pudesse chegar ainda mais perto. Se fundir em mim e ficar para sempre.

—Que bom, porque não consigo parar de olhar pra você. — Diz, sorrindo.

Quando me dou conta já estou com minha cabeça apoiada no ombro de Henry, sentindo seus dedos brincarem com as mechas do meu cabelo que se soltaram do meu rabo—de—cavalo. Ficamos olhando o céu nublado nos deleitando com sua beleza, com a beleza que poucos veem, mas que existe nele. Como se ele fosse um céu azul claro com nuvens brancas e fofinhas numa tarde quente e perfeita. Acho que para nós a tarde mesmo nublada e cinza é perfeita.

As rosquinhas, o dia nublado e o vento frio foram esquecidos. Assim como todo o resto da minha mente, que me implora para lembrar de algo, mas me recuso. Estar com Henry torna todo o resto do mundo irrelevante.

Capítulo 23

Eu devia ter chegado há horas antes. Talvez nem devesse ter saído hoje para encontrar com Henry. Ficamos a tarde inteira no parque. Não conversamos muito, tive de me conter para não falar sobre o que Timmy me disse ontem, que Henry é um poeta. Toda vez que o olhava me perguntava o que o inspirava a escrever poesias, o que o fazia parar por um momento e simplesmente escrever. Foi por passar tanto tempo olhando para ele e fazendo suposições que acabei me esquecendo do meu jantar com Sid.

Tentei dirigir o mais rápido que pude com minha velha Lilo e acabo chegando em casa poucos minutos antes de Sid aparecer. Tomo um banho rápido e acabo pegando o primeiro vestido que vejo na minha frente, não sei andar de salto alto muito bem então minha sapatilha azul é a premiada da noite. Sid está me esperando na sala de estar com meu pai e Lauren. Fico surpresa e um pouco intimidada ao ver três pares de olhos me observando como se eu tivesse sido pega plantando maconha no meu quarto. A única coisa que consigo notar antes de Sid me levar para fora de casa é a expressão do meu pai, ele parece um tiquinho triste. Não sei por que.

Se bem que não consigo mais reconhecer o que ele está sentindo muito bem. Ele devia estar feliz por mim, afinal Sid é filho do seu melhor amigo e também porque vamos passar o resto da vida juntos. Sid abre a porta do carro para mim e eu sorrio em agradecimento. O vejo dar a volta no carro até o lado do motorista, e ainda não consigo deixar de sorrir. É estranho tudo isso porque, por mais que estejamos fadados a viver felizes para sempre ao lado do outro, não nos imaginava desse jeito agora. Na verdade, nunca imaginei que Sid Brown me convidaria para jantar algum dia.

Controle—se, Amélie, tudo vai dar certo.

—Como foi seu dia, Sid? — Pergunto, tentando puxar assunto.

—Foi normal, como todos os outros dias. — Responde.

Ah, claro, até porque eu passo todos os outros dias ao seu lado. Não digo.

Ele dirige pela cidade e penso em perguntar para onde estamos indo, mas quero pensar que ele vai virar para me olhar e dizer: "*É surpresa*" e então vai sorrir e piscar para mim, mas isso não acontece. Eu até poderia perguntar, mas não estou conseguindo fazer minha boca parar de tagarelar. E ele está concentrado demais na estrada para me olhar. Ele acena com a cabeça, para mostrar que está me ouvindo ou então fingindo estar.

Ele estaciona em frente a um restaurante de aparência bem chique. Então paro de falar para respirar um pouco. Um homem abre a porta para mim e feliz e toda sorridente o agradeço. Ele deve estar pensando que sou louco, mas não estou nem aí. Agarro o braço de Sid antes de entrarmos, ele parece surpreso por isso, mas finjo não notar. Quero entrar no restaurante como aquelas mocinhas dos livros que são convidadas para sair com o homem dos seus sonhos. Ou como as mocinhas dos filmes de comédia romântica.

Sorrio para a maitre. Uma loira alta de pernas finas e grandes olhos verdes. Ela não presta atenção em mim, claro. Sid diz seu nome e a loira nos leva até nossa mesa. Caminhamos por quase todo o restaurante e por um segundo penso se não vamos comer na cozinha. Ela fala com Sid e ri de algo que ele diz, colocando a mão no braço dele.

—Temos excelentes tipos de vinho e champanhe, caso queira provar. Estarei à disposição para o que precisar. — Ela diz, passando a língua sobre os lábios finos.

Ei, querida, não está me vendo aqui, não?

—Obrigada, mas se quisermos vinho chamamos o garçom. — Digo, sorrindo.

Ela me olha dos pés à cabeça e franze o nariz pontudo. Para Sid ela lança um sorriso antes de se retirar. Ele afasta a cadeira para eu me sentar e começo a sentir as batidas rápidas do meu coração, esperando pelo som do violino e o

pedido de casamento. Tá, talvez não o anel de casamento, mas o violino ainda tenho esperanças.

—Você vai gostar do restaurante, é um dos melhores. Já provou *escargot*? — Ele pergunta.

Aceno que não e ele sorri.

—Você vai gostar. — Diz.

Escargot foi a pior coisa que já experimentei na minha vida.

Se menti dizendo que estava gostando? Sim. Se menti dizendo que já estava satisfeita? Sim. Se me controlei para não esfregar escargot na cara da Olivia Palito de nariz pontudo? Sim. Se estou morrendo de fome e não consigo parar de pensar na comida do Hernandez Place? Com certeza. Se me decepcionei esperando o violino e o pedido de casamento? Acho que nem preciso responder.

Comemos em silêncio por duas razões. Primeira: Não sabia o que dizer, além das minhas fantasias com ele de um futuro cheio de pequenos Sids e Amélies. Eu devia ter pedido algumas dicas para Henry. Segundo: Se eu abrisse a boca para dizer algo era bem provável que o escargot fizesse a subida de volta pela minha garganta. Então ficamos em silêncio, bebi mais vinho do que achava ser possível, mas o gosto do escargot ainda ficou na minha boca. Além do fato de que percebi a troca de olhares entre Sid e a nariz pontudo.

Estamos de volta no carro e dessa vez quem fica quieta sou eu porque ainda estou com fome e inconformada pela quantidade de comida que tinha nos pratos, não consigo acreditar no quão caro são aquelas coisas minúsculas que servem lá. E ficar com fome me deixa irritada. Já está bem escuro, mas não o suficiente para que eu perceba que não viramos na rua que deveríamos.

—Estou ansioso para recebê-la em minha casa. — Sid diz, após um longo tempo em silêncio.

Sinto meu rosto esquentar, mas sorrio.

—Também estou ansiosa para o almoço na sua casa. Vai ser muito importante pro meu pai. — Digo.

—O Sr. Haywood é um bom homem e amigo de meu pai, sei que não foi fácil as investigações e que se não fosse por ele aquele delinquente estaria solto hoje. — Diz.

Eu sorrio. Sorrio de verdade pela primeira vez esta noite. Estou muito orgulhosa do meu pai e sei que ele merece todos os prêmios do mundo. Uma parte de mim morre de medo todas as vezes em que ele sai de casa para ir ao trabalho, ser policial é uma profissão bem difícil, não só para quem trabalha nessa área, mas para a família que espera em casa. Lembro de quando eu era criança e esperava por ele em frente de casa. Todas as vezes em que ouvia o barulho do carro se aproximando eu pulava e gritava porque ele estava de volta. Vê-lo chegar usando seu uniforme me fazia pensar que eu tinha meu próprio super-herói. Era isso que eu dizia para todas as crianças que faziam piadas comigo quando eu era criança—eu já usava óculos e tinha aparelho nos dentes. Eu dizia que meu pai era um super-herói e que ele sempre iria me salvar. Elas riam, mas eu não me importava. Eu tinha um super-herói me esperando voltar para casa.

—E como seu pai está? — Pergunto.

—Ah, o Prefeito Brown está muito bem e ocupado como sempre. —Sid sorri, mas o sorriso não chega a seus olhos.

É claro que notei a pontinha de tristeza em suas palavras. Sei como é difícil crescer com um pai que está sempre ocupado, mas meu pai sempre encontrou um jeito de ter tempo para mim e para minha mãe. Imagino Sid, sendo o mais novo de três irmãos e sem a presença do pai. Deve ter sido bem difícil.

Quando penso que não chegaremos nunca a minha casa ele estaciona bem em frente à minha picape. Solto meu cinto de segurança e me preparo para descer quando sinto a mão de Sid tocar a minha. Ajeito meus óculos e olho para ele.

—Obrigada pelo jantar, Sid. Estava tudo muito bom. — Digo.

Claro que não posso falar do escargot horrível e das porções minúsculas de comida. Ele sorri e solta seu cinto de segurança.

—Não foi nada, Amélie. E espero que possamos nos encontrar novamente.
— Diz.

Sid se aproxima de mim, sorrindo estende a mão em direção ao meu rosto e retira meus óculos. Abro a boca para dizer a ele que sem meus óculos não consigo enxergar nada, mas ele já está perto demais. Sua mão fria toca meu rosto e me puxa em sua direção, sua boca encontra a minha e ele me beija. Fico tensa no início, mas me forço a retribuir o beijo, mesmo que o escargot esteja se revirando em meu estômago.

Ele é rude e se ele tentasse só mais um pouquinho sua língua chegaria a minha garganta. Tento me afastar para respirar, mas ele me impede. Sinto sua mão tocando minha coxa e me puxando para seu colo. Ele se afasta por um segundo e então volta a me beijar com mais força, me puxando para si. Suas mãos em meus quadris, me puxando cada vez mais, mas resisto.

—Si—Sid, não podemos... — Digo, ou tento dizer.

Ele não me escuta e continua a me beijar. Seus lábios escorregam para meu pescoço e suas mãos sobem por dentro do meu vestido até que eu as detenho.

Faça isso, Amélie. Você o queria e agora o tem. Então faça!

Não consigo relaxar o suficiente por mais que ele insista e o cheiro de hambúrguer velho e cerveja estragada me fazem querer vomitar nos acentos de couro do seu carro chique. Não foi assim que imaginei e estou ficando bem cansada de decepções.

Nunca, em hipótese alguma, transe com um cara no primeiro encontro.

A voz de Henry ecoa em minha cabeça, suas palavras piscando como luzes de neon em minha mente. Droga, Henry, por que penso em você logo agora?

Sid ainda insiste, mas não o deixo continuar. Me afasto o suficiente para respirar quando sinto sua mão apertar meu seio. O barulho do contato da

minha mão em seu rosto me faz dar um pulo de susto. Minha mão arde e tenho certeza de que ele ficará com uma marca na bochecha. Procuro pelos meus óculos e quando os coloco vejo a cara de surpresa e raiva de Sid. Eu também não esperava bater nele, mas acho que foi reflexo.

—Por que me convidou para jantar? Por que você me quer agora, Sid, se eu continuo a mesma de antes? O que mudou? — Pergunto em voz baixa.

Ele toca a bochecha vermelha que bati e ir.

—Amélie, você não estava pronta pra mim. Agora está.

Me encolho ao ouvir suas palavras. Como pude ser tão idiota? Eu só enxergava em Sid aquilo que ele queria que eu visse. Ontem ele pareceu tão gentil e tão diferente de antes, até mesmo o jeito que me olhava. Nem ao menos entendo o que ele quer dizer com isso. Abro a porta do carro e saio para o ar frio da noite, fecho a porta com força e não me importa o barulho alto que faz. Gostaria que a cabeça de Sid fosse essa maldita porta e eu pudesse batê-la com força. Acho que agora me dou conta de que Sid Brown não é meu príncipe encantado. Ele é apenas um sapo usando uma coroa. E eu sou a boba da corte.

Se ser decepcionada fosse uma profissão, eu seria a funcionária do mês em todos os meses de todos os anos da minha vida.

Capítulo 24

Acho que nunca gostei tanto de ficar na *Mont's*. O dia parece passar mais

lentamente e quando o dia está nublado poucos clientes aparecem. Então ficamos apenas Henry e eu. Bom, dessa vez Logan está com a gente. Logan estava aqui com Henry quando cheguei, os dois conversavam sobre algo que fez Henry sorrir e Logan dar uma gargalhada. Uma senhora estava saindo quando entrei então eles não me notaram no começo, ouvi Logan falar algo sobre hospital. Isso fez Henry franzir as sobrancelhas. Quando me aproximei do balcão Henry sorriu e Logan me cumprimentou com um beijo na bochecha. Isso fez Henry revirar os olhos.

Atendi alguns clientes da loja e até ajudei um homem a escolher a cor do quarto da filha que está para nascer em breve. Ele gostou das minhas sugestões e eu fiquei muito feliz por isso. É sempre bom ajudar as pessoas, mesmo que seja com coisas pequenas, tipo a cor das paredes do quarto da filha. É bom me sentir útil e por um tempo esquecer a noite de ontem. Custei a dormir ontem à noite e dessa vez não foi por sentir uma leve comichão em meu estômago, como aconteceu quando saí com Henry, dessa vez foi por me sentir suja. Tomei um banho demorado assim que entrei em casa, mas não foi suficiente para arrancar da minha pele a sensação dos dedos de Sid em minha carne.

Você não estava pronta pra mim. Agora está.

O que ele quis dizer com isso? Quando é que estamos prontos para alguém? Um dia estamos prontos?

Logan passa em frente ao balcão onde estou sentada atrás rabiscando em uma velha nota fiscal e sorri para mim. Ele está ajudando Henry a guardar algumas caixas nos fundos da loja enquanto eu fico encarregada de atender os clientes. Não sou muito boa em conversar com pessoas, mas me esforço hoje porque Henry precisa da minha ajuda. Henry disse que seus pais foram com Timmy para Seattle, perguntei o que foram fazer lá e quando Logan abriu a boca para me responder Henry lançou um olhar a ele que quase o desintegrou.

Quantos segredos Henry Montgomery consegue guardar?

—Tá pensando em trabalhar aqui, Ratinha? — Henry pergunta ao passar por debaixo da abertura do balcão e parar ao meu lado.

Ele está sorrindo e seus olhos azuis estão brilhando. Adoro quando seus olhos brilham. Sorrio e dou um soquinho em seu braço, coberto pelo agasalho verde do Royal Marines.

—Não, mas eu gosto de ficar aqui e te ajudar. — Digo e volto a rabiscar na nota fiscal.

Ele se aproxima de mim e apoia o braço na minha cabeça enquanto se inclina para olhar o que estou fazendo. Sorrio embora seu braço seja pesado, gosto quando ele por vontade própria se aproxima de mim e me toca. Ou sorri. Gosto muito quando ele sorri.

—Então me ajude dizendo que porra é essa que você está fazendo.

Reviro os olhos.

Mostro a ele meu desenho. Na verdade, são vários desenhos, uma flor grande e cheia de pétalas, algumas borboletas e vaga-lumes. Ele franze os lábios para não rir. Eu poderia bater nele, mas quando olho o meu desenho também sinto vontade de rir. Não sou uma boa desenhista. Na verdade, me dou conta de que sou uma péssima desenhista. Meu desenho parece ter sido feito por uma criança.

—Isso era pra ser o quê? — Ele pergunta, apontando para um dos vaga-lumes.

Que parece uma bola com asas e antenas. Os tracinhos que desenhei na bundinha do vaga-lume indicando a luz parecem setas tentando furar a bola de asas.

—Um vaga-lume. — Digo.

Ele tira seu braço de cima da minha cabeça e coloca sobre meus ombros. Me abraçando com um braço só. Ele se inclina para frente para ver melhor o desenho, seu pescoço perto do meu rosto me fazendo sentir de pertinho o seu cheiro. Viro minha cabeça em direção a ele, meu nariz raspa de leve em sua mandíbula e eu inspiro seu cheiro. Um cheiro que aprendi a gostar rápido demais. Os dedos de Henry deslizam pela curva da minha nuca em direção ao

meu pescoço. Ele me olha, fazendo nossos rostos ficarem perto. Perto demais. Meu coração bate rápido dentro do peito, sinto um calor invadir meu corpo inteiro.

Seus olhos são como labaredas jogadas dentro do meu corpo me fazendo pegar fogo por inteira.

Ele chega mais perto, seus lábios bem pertinho dos meus. Sua respiração morna em contato com minha pele, sua mão em minha nuca me puxa de leve para mais perto e eu vou.

Me beije, Henry... Me be...

Ele se afasta.

—Droga! Quase gozei glitter. — Logan diz.

Olho para frente e vejo Logan com as mãos na cintura e um sorrisinho safado estampado no rosto. Ele olha de Henry para mim e ergue as sobrancelhas sugestivamente. Sinto meu rosto corar. Olho para Henry que está fulminando Logan com o olhar, mas sua mão permanece em minha nuca. Inconscientemente fazendo círculos com os dedos.

Sorrio.

É bom saber que ele não tem vergonha de mim, que ficar ao meu lado não é problema para ele. Que ele me toca mesmo sabendo que alguém pode nos ver. Logan pega uma caixa e vai em direção aos fundos da loja, assobiando. Olho para Henry. Ele volta sua atenção para mim e sorri (de verdade!), ele revira os olhos e depois faz uma careta ficando vesgo. Mesmo assim é lindo. Eu dou risada.

—Você é uma péssima desenhista, Ratinha. — Diz.

Não posso contrariá-lo, sou uma péssima desenhista mesmo. Ele se aproxima e me abraça, envolvo meus braços em sua cintura e sorrio.

Se o Sid fosse como Henry talvez eu pudesse ter certeza de que o amo. E iria gostar de ficar perto dele.

Henry comprou Coca—Cola e Ruffles, então me fez subir na sua moto e dirigiu até o parque. Quando fui a *Mont's* hoje não lembrei de levar os sanduíches e isso me fez ficar devendo dois sanduíches a ele.

Estamos sentados nos balanços e bebendo nossa Coca. O parque está vazio novamente, mas o Sol deu as caras hoje. Não muito forte, mas é possível ver seus raios tentando atravessar as nuvens. Me balanço um pouco e sorrio ao olhar para Henry. Suas pernas são longas demais e ele não cabe no balanço, é muito engraçado olhar para ele. Ele parece desconfortável, mas continua no balanço ao meu lado e ainda sorri quando me olha.

Contei a ele sobre o jantar com Sid. Henry me ouviu em silêncio, em alguns momentos ele quis dizer algo, mas logo mudava de ideia. Não sei bem como essas coisas acontecem, sempre quando encontro com Henry sinto vontade de dizer como foi meu dia, dos planos para a noite ou até mesmo do que pretendo fazer no dia seguinte. Estar perto dele me faz querer falar sobre tudo. E ao mesmo tempo todas as palavras somem.

—Henry, posso te fazer uma pergunta?

Ele me olha e dá de ombros. Suas sobrancelhas se franzindo.

—Uma *outra* pergunta? Sim, claro.

Reviro os olhos. Ele sorri.

—Você já amou alguém? Tipo, aquele amor de verdade, que te faz suspirar e pensar naquela pessoa tanto ou mais do que em qualquer outra coisa. Amor de verdade, sabe?

Olho para ele e espero sua resposta. Um sorriso triste repuxa seus lábios. O brilho em seus olhos não é o brilho intenso que sempre me aquece de alguma forma.

—Já. — Murmura.

Uma dorzinha no peito me faz estremecer.

—Como é amar alguém? — Pergunto.

Henry levanta do balanço e para na minha frente. Pega a minha lata de Coca-Cola e deixa ao lado da sua sobre a grama. Ele se ajoelha, apoiando suas mãos em minhas coxas. Seguro com mais força as correntes do balanço porque sinto que poderia cair a qualquer momento, mesmo sabendo que o balanço é firme. Talvez minhas pernas não estejam mais tão firmes agora.

—Amar alguém é sofrer em silêncio. É sorrir e desejar sempre o melhor mesmo que esteja doendo dentro de você. É sentir medo de que algo de ruim possa acontecer e esse alguém desapareça da sua vida. — Diz.

Suspiro.

—Você ainda ama esse alguém, né? — Pergunto.

Esperava que ele desviasse seus olhos dos meus, mas quem desvia primeiro sou eu. Não sei por que fiz essa pergunta. Não quero imaginá-lo com alguém. Principalmente se um *alguém* ainda existir.

Dessa vez é ele quem suspira. Seus dedos deslizam pelas minhas coxas. Eu devia tirar sua mão dali, mas a sensação do seu toque é tão boa que eu o deixaria me tocar para sempre. É como se a cada pequeno pedacinho de mim que ele toca fosse o combustível para fazer meu coração bater.

—Acho que nunca vou amar alguém mais do que eu a amo.

—Você está apaixonado. Você a ama. — Sussurro.

Ele dá de ombros, mas sorri. O sorriso não faz seus olhos brilharem.

—Ela não me ama. — Diz.

Reviro os olhos. Às vezes quero muito bater nele.

—Diga que a ama, Henry. E então ela vai te amar. — Sugiro.

Só espero que esse *alguém* não afaste Henry de mim quando se der conta da sorte que tem por Henry Montgomery estar apaixonado por ela.

—Ela já está apaixonada por outro.

Sei bem como é isso de amar quem não nos ama. De sorrir quando quer chorar. De tentar ser feliz quando tudo está aos pedaços. É bem difícil. E dói pra cacete.

—Faça ela te amar.

Ele sorri, é triste, mas pelo menos é um sorriso.

—Não se pode fazer alguém nos amar. — Diz.

Agora eu sei disso. É uma merda.

—E o que se pode fazer? — Pergunto.

Ele abraça minha cintura e deita sua cabeça em minhas coxas. Deslizo minha mão pelo seu rosto, um pouco áspero pela barba, e com a outra toco seu cabelo macio. Movimento meus dedos em seu cabelo e ele suspira.

—O máximo que se pode fazer é amar essa pessoa com tudo o que você tem e torcer para que ela um dia te ame de volta.

Seja lá quem for esse *alguém* por quem Henry é apaixonado, não sabe o que está perdendo. Qualquer pessoa no mundo seria sortuda por ter o amor de Henry. Por poder ter o coração de Henry somente para si. De ser a responsável por fazê-lo sorrir e por receber os sorrisos dele.

De ser a moradora daquela pequena ilha.

Capítulo 25

"Amélie, sinto muito por ontem à noite. Fui um idiota com você e peço que me perdoe por isso. Eu... eu apenas estava nervoso por ver você depois de tanto tempo e acabei me descontrolando. Espero que esteja bem. Quero poder me redimir de alguma forma. Espero vê-la no almoço em minha casa. Me desculpe, Amélie. Por tudo. Me ligue neste número ou mande uma mensagem se puder. Esperarei por notícias suas. "

É a quarta vez que ouço a mensagem que Sid deixou para mim. Meu celular

não colaborou muito, me permitindo saber da existência da mensagem dois dias depois, mas ouvir a voz de Sid me pedindo desculpas me aliviou. Talvez ele tenha mudado de verdade. Ele não me ligaria para pedir desculpas se não se importasse com meus sentimentos. Aquela noite ainda me assusta, mas como eu poderia odiá-lo?

Sid era um adolescente cheio de hormônios e testosterona que amava mais o sexo do que qualquer outra coisa e agora eu o entendo. Quando se é adolescente fazemos coisas estúpidas nas quais nos arrependemos depois, com Sid deve ter sido assim. Eu também não me orgulho de ter transado com Rick Anderson atrás da arquibancada e me arrependo disso. É assim que as coisas funcionam, fazemos uma coisa que achamos incrível no momento e então depois vem a pergunta: "Por que fiz uma coisa dessas?". Arrependimento. A vida é cheia deles, principalmente daquelas coisas das quais não fizemos. Das palavras não ditas. Dos abraços não dados. Das oportunidades perdidas...

Aquele dia atrás da arquibancada sempre será uma lembrança amarga. Vou sempre me arrepender de ter tido minha primeira vez com um cara qualquer. Fui estúpida por pensar que ele sentia algo por mim, mas mais ainda por ter cogitado sentir algo por ele. Aquele dia me ensinou a não acreditar em todas as pessoas. Me ensinou o quão horríveis as pessoas podem ser. Me ensinou a não fazer aquilo de novo.

Depois de ouvir a mensagem mais uma vez, tenho certeza que é isso que Sid sente. Ele mudou, mas como todas as mudanças vem as consequências. Não importa o quanto estejamos agarrados no futuro, nada vai fazer com que o passado seja apagado. Ele vai sempre existir, não importa o que façamos. Vi Sid mudar e ele sabe disso, via o jeito como ele tratava as pessoas com desprezo e como tratava as mulheres com quem dormia, aquele garoto não existe mais. E talvez agora ele possa sentir algo por mim. Um sentimento de verdade.

Gostaria que Sid me amasse da mesma forma que Henry ama aquele *alguém*.

Lauren e Cassie acabaram de sair para comprar "a roupa perfeita" para o

almoço na casa do Sr. Brown, Lauren disse que compraria um terno maravilhoso para meu pai. Hoje é seu dia de folga, ele não me avisou, mas vi a jaqueta do seu uniforme jogado contra o encosto do sofá. Nelie o tirou de lá rapidamente, Lauren tem uma certa obsessão por aquele sofá. Ela sempre suspira quando eu sento no sofá, como se a qualquer momento eu fosse fazer o sofá ser destruído apenas por me aproximar dele.

Desço a escada, ainda segurando meu celular, esperando uma resposta de Sid. Enviei uma mensagem dizendo que estou bem e que o verei no almoço. Quero muito que as coisas deem certo com Sid, ele pode ser um idiota às vezes, mas é um idiota bem bonito. Eu ainda o quero, mas confesso que com menos intensidade que antes. Ele me assustou naquela noite e suas palavras ainda flutuam em minha mente. Ainda tenho um tempo antes de vê-lo e talvez, talvez, eu consiga estar pronta para ele até lá. Só não sei como vou fazer isso.

Ouçõ um barulho na sala quando toco na maçaneta para sair de casa. Estava pensando em ir encontrar com Henry, tenho uma ideia de um passeio com Timmy e quero muito que ele vá. É estranho como, às vezes, sinto saudade dele, mesmo que o tenha visto no dia anterior. Acho que ele está começando a se tornar importante demais. Isso não pode acontecer. Me assusta pensar o quanto ele está se tornando importante para mim cada vez mais. Os abraços que ele me dá sem nem ao menos eu pedir, os beijos na testa, os tickets de preço que ele insiste em colar em mim o tempo todo e os sorrisos. O sorriso dele é tão bonito e me faz tão bem que sinto que devo fazê-lo sorrir sempre. Ouçõ outro barulho seguido de um "Ai!"

Caminho até a sala e me surpreendo ao ver meu pai tirando e colocando algumas esculturas estranhas na prateleira perto da tv. Lauren colocou aquelas coisas ali quando se mudou. Aquela prateleira era o lugar onde ficavam alguns porta—retratos, fotos do meu pai, minha mãe e eu. Fotos dos natais, dos dias de ação de graças e até mesmo do feriado de 4 de julho. Minha mãe tinha uma mania estranha de tirar foto de tudo o que ela achasse importante, mesmo que fossem as coisas mais bobas do mundo. Ela dizia que as lembranças mantidas em fotos são tão importantes quanto as mantidas na memória. Eu devia ter tirado mais fotos dela. Nós devíamos ter tirado fotos no dia em que fomos na montanha, a lembrança ainda está viva em minha

mente. Eu apenas tenho medo de esquecer. Eu devia ter mantido essas lembranças numa foto, assim elas não apagariam. Minhas lembranças se manteriam vivas numa fotografia.

Me aproximo do meu pai, ele não escuta meus passos o tapete grosso silencia meus passos. Queria abraçá-lo e dizer que eu o amo muito, mas não me lembro mais de como fazer isso. Antes era tão fácil. Agora não sei como fazê-lo.

—Pai?

Ele não se vira para me olhar, continua tirando e colocando os objetos da prateleira. O escuto suspirar.

—O que foi, Amélie?

Engulo em seco e me afasto.

—Nada, papai, só queria saber se está tudo bem. — Digo.

Se você ainda lembra que eu existo. Se sente minha falta. Se percebeu o quanto nos afastamos.

Ele se vira e me olha nos olhos. Ele é alto e forte e, embora tenha a barriga proeminente e os cabelos ligeiramente brancos, meu pai é muito bonito. Mas parece que envelheceu dez anos em apenas dois anos. As marcas no seu rosto denunciam a tristeza profunda que ele tenta esconder, os lábios sempre curvados para baixo e os olhos fundos e tristes. Olhos tão cheios de dor que quando olho para eles é como se me ferisse também. Gostaria de sacudi-lo e gritar "EI, EU ESTOU AQUI. FALE COMIGO!". Eu só queria ter meu pai de volta. Essa pessoa para qual eu olho todos os dias não é meu pai. É uma sombra do homem que ele foi um dia.

—Vai sair? — Pergunta, apontando para minha bolsa.

—Sim, vou... Vou comprar um vestido. — Digo.

Na verdade, não vou comprar vestido nenhum, tenho vestidos que nunca usei antes e algum deve servir para o almoço. Pelo menos vou ter uma

oportunidade de usar um deles. Talvez Henry possa me ajudar a escolher um.

—Não demore muito a voltar. — Diz, então volta sua atenção para a prateleira.

Não sei por que, mas suas palavras me machucam. Dói estar perto dele, por mais que eu queira abraçá-lo e dizer que o amo. Parece que me olhar e ouvir minha voz é a pior coisa do mundo pra ele.

Caminho em direção a porta da sala, mas paro antes de sair. Não olho para ele, ouço algo cair novamente e ele praguejar baixinho. Eu preciso dizer.

—Eu te amo, papai. — Sussurro.

Quando giro a maçaneta da porta de entrada posso jurar ter ouvido ele fungar e então algo cair no chão novamente.

Capítulo 26

Nunca me importei com jantares e festas, mas sempre fui obrigada a ir a eles.

Quando se tem um pai policial e que faz muito bem o seu trabalho é comum isso acontecer. Meu pai já foi homenageado algumas vezes e eu e minha mãe sempre o acompanhamos, claro. Os eventos que íamos não chegavam nem aos pés do que estamos hoje e agora eu não sou a garota míope e estranha que ficava em um canto lendo um livro. Estou muito orgulhosa do meu pai, por saber que ele está sendo reconhecido por seu trabalho. Eu sei que ele está orgulhoso de si mesmo, da mesma forma que eu sei que não era de braço dado a Lauren que ele gostaria de estar entrando na casa do Sr. Brown.

O problema de algumas pessoas ricas é que elas amam mostrar que são ricas. As festas, almoços e jantares em suas casas é apenas um jeito de esfregar na cara das outras pessoas o quanto possuem em suas contas bancárias. E o Sr. e Sra. Brown fizeram um ótimo trabalho mostrando isso. Somos recebidos por um Sr. Brown sorridente e uma deslumbrante Sra. Brown. Eles formam um lindo casal justamente por serem tão diferentes, Sarah é uma super ex —modelo de pernas finas e longas, seu rosto é delicado e ela tem gentis olhos azuis claros. Um vestido vermelho e justo realça a curvas do seu corpo, que mesmo depois de ter tido quatro filhos, continua o mesmo. O Sr. Brown está elegante em seu terno azul escuro com gravata vermelha, um sorriso enorme repuxa seus lábios e seus olhos verdes em contraste com a pele morena brilham.

Lembro de ter conhecido o Sr. Brown quando ele ainda estava se candidatando ao posto de prefeito de Seattle, lembro de meu pai ter dito que eles estudaram juntos. Foi em um dos muitos encontros entre eles que vi Sid pela primeira vez, ele estava assustando uma garota com uma minhoca. Os gritos estridentes dela e a risada de gozação dele não existiam enquanto eu via o garoto por quem eu iria me apaixonar. Eu literalmente caí de amor por Sid Brown no momento em que o vi, na verdade tropecei em um galho e meti a cara no chão. A pior parte da queda foi que quebrei meus óculos. Desde aquele dia tenho pensado em um jeito de fazê-lo me notar, acho que finalmente consegui.

Depois das apresentações de Lauren e Cassie—e o Sr. Brown me erguer do chão como se eu fosse uma criança—eles nos levam até o jardim. A casa é enorme e parece não ter paredes, o que faz tudo parecer ainda maior, além de ser tudo branco como um hospital. Quadros de artistas famosos estão

expostos nas poucas paredes e flores em todos os cantos possíveis. Passamos pelas portas francesas de vidro e sou surpreendida ao ver mais pessoas do lado de fora da casa. Alguns policiais, que lembro de ter visto algumas vezes quando ia visitar meu pai no trabalho, e suas esposas e filhos. Mesas redondas estão dispostas no jardim, todas decoradas com pequenos arranjos de flores, um piano e um trio de cordas tocam debaixo de uma tenda branca. Meu pai é recebido com aplausos e assobios. Está tudo tão bonito e a grama tão verde que nem ao menos parece que estamos quase no inverno. Os Brown são tão sortudos que até mesmo o Sol decidiu dar as caras hoje. Bem, o máximo de Sol que Seattle poderia receber.

—Olha só se não é a pequena Amélie. Acho que agora não posso mais te chamar de pequena, não é? Você cresceu tanto desde a última vez que a vi.
— Diz uma senhora para mim, depois de cumprimentar meu pai, Lauren e Cassie.

Não lembro dela, mas sorrio e retribuo os dois beijinhos que ela estala nas minhas bochechas. Ainda me incomoda o jeito como as pessoas falam comigo, nunca é "Oi, Amélie." é sempre "*Pequena*, Amélie." como se eu fosse a menor pessoa do mundo. Depois de falar com várias pessoas e fingir que as conheço somos levados até nossa mesa, junto com os Brown. Olho ao redor a procura de Sid, mas não o encontro. Vejo seus dois irmãos e suas respectivas esposas e sua irmã com o namorado sentados em uma das mesas conversando e rindo de algo. São tão lindos juntos que parecem ter acabado de sair de uma revista de moda. A conversa flui entre meu pai e o Sr. Brown como sempre, como se nunca tivessem se separado. O rosto do Sr. Brown fica vermelho quando meu pai o lembra dos dias no colégio, Sarah (ela prefere que a chamem pelo primeiro nome) dá risada junto com Lauren. Disfarçadamente olho meu celular por debaixo do pano branco da mesa, estou esperando por notícias de Henry. Enviei uma mensagem ontem à noite com o endereço e outra hoje de manhã o lembrando de vir no almoço, mas ele não me respondeu.

—Olá.

Olho para trás e sorrio ao ver Sid. Ele cumprimenta meu pai e Lauren, seus olhos se demoram um pouco no decote do vestido de Cassie o que me faz querer jogar um prato na cabeça dele. Ele usa um terno escuro e seu cabelo

brilha sob a luz fraca do Sol. Ele se aproxima de mim e sorri ao pegar minha mão e beijá-la. Sorrio para ele, talvez eu esteja sorrindo demais, mas eu não me importo com isso. Ele senta ao meu lado.

—Você está diferente. — Ele diz, baixinho.

A conversa na mesa aumenta, mas não consigo me concentrar. Afinal, Sid Brown está sentado ao meu lado. Talvez ele tenha notado que não estou usando óculos hoje, na minha consulta com o oftalmologista pedi lentes de contato. Meus olhos estão ardendo e quero muito coçá-los, mas não posso por causa das lentes.

Abro a boca para respondê-lo, mas ele me interrompe:

—Essa cor te deixa pálida. Você parece estar doente.

Meu sorriso se desfaz e quero muito jogar a taça de água na cara dele. Escolhi o meu melhor vestido e até coloquei lentes de contato que parecem terem sido criadas pelo próprio capeta somente para o almoço e porque iria vê-lo e ele me olha e diz que pareço estar doente? Tudo bem que meu vestido não está nas capas de revistas e que quando começa a esfriar muito eu fico só um pouquinho mais pálida que o normal, mas ouvir isso de Sid faz eu me sentir horrível. Eu até passei rímel e olha que eu nem sei passar esse troço direito sem enfiar dentro do meu olho.

—Mas não estou doente, Sid. E você também está bonito, tá? — Digo e me viro na vã tentativa de ignorá-lo.

—Eu sei disso, obrigado. — Ele diz.

Reviro os olhos. Droga! Eu não devia ter feito isso, agora quero coçar meu olho.

Sinto meu celular vibrar. Pego—o e vejo uma mensagem de Henry:

Henry: Estou aqui, Ratinha, mas tem dois dinossauros que ã querem me deixar entrar.

Peço licença e saio da mesa. Eu deveria ter vindo de sapatilhas, meus sapatos

de salto afundam na grama e devo estar parecendo uma pata correndo. Atravesso a casa correndo o máximo que meus saltos e minha falta de coordenação motora me permitem, paro abruptamente ao ouvir a voz de Henry xingando os dois... dinossauros/seguranças na porta de entrada. Caminho até eles e quando os dois seguranças me olham eu sorrio. Eles são grandes e realmente assustam, mas não o fodão do Henry que não para de xingar os dois. Sabe os momentos em que quero bater no Henry? Um desses momentos é agora.

—Ele está comigo. — Digo.

—Ah, tenta dizer isso pra esses brutamontes. Vamos ver se os esteroides não os deixaram surdos. Estou aqui tentando explicar isso, mas esses...

—Henry, pelo amor de Deus, cala a boca. — Digo.

Ele fica resmungando baixinho.

—Olha, senhores, sei que estão fazendo o trabalho de vocês, mas ele é meu convidado. Só chegou atrasado. — Digo, sorrindo.

Os seguranças trocam olhares e murmuram algo que não entendo. Então olham novamente para Henry, que lança um olhar azul afiado na direção deles. Que não se intimidam.

—Pode entrar, rapaz. — Um dos seguranças diz.

Puxo Henry pela mão para caminhar junto comigo.

—Vamos ficar de olho em você. — Diz o segurança mais baixinho.

Aperto a mão de Henry, ele olha por cima do ombro e lança um olhar afiado para os seguranças.

—Vão se foder, caralho. — Resmunga.

Puxo Henry para irmos mais rápido, mas a voz do segurança grandão nos faz parar.

—Ei, o que foi que você disse?

Me viro e sorrio para ele, que lança flechas com o olhar para Henry.

—Ele disse para que tenham um bom dia. — Digo, sorrindo.

Volto a caminhar com Henry em direção ao jardim, mas ele me faz parar. Em frente a um quadro estranho e colorido. Uma criança poderia ter feito isso, mas deve valer mais que minha casa.

—Desculpa pelo atraso, Ratinha. Tive que ajudar minha mãe e acabei me atrasando. — Diz.

Eu sorrio e aperto sua mão. Ele está tão bonito, nem parece o Henry da loja de material para construção. Seu cabelo está penteado e ele fez a barba, além de que dessa vez ele não está usando suas camisetas gastas, os jeans velhos e as botas doc martens. Ele está usando uma camisa branca de botão e um blazer preto, jeans escuros e sapatos comuns também pretos. Ele está tão lindo que é difícil olhar por tanto tempo, mas não consigo deixar de olhar para ele.

—Tu—tudo bem...— Pigarreio e olho para o rosto dele— Espero que esteja tudo bem com sua mãe.

Ele se afasta e me olha dos pés à cabeça. Consigo sentir minhas bochechas corarem.

—Você está linda, Ratinha. — Murmura.

Tento não sorrir muito, então mordo meu lábio inferior.

—Sério? Você não acha que estou doente? — Pergunto.

Ele franze as sobrancelhas.

—Seus olhos estão vermelhos. — Diz.

Desvio o olhar e tento ignorar o quanto quero coçar meus olhos.

—É que estou usando lentes de contato.

Ele afasta uma mecha de cabelo do meu ombro.

—Eu gosto dos seus óculos.

Eu bufo. Ele só pode estar brincando. Meus óculos fazem meus olhos parecem maiores do que já são. Posso ser facilmente confundida com um lêmure quando estou usando-os.

—Meus óculos são feios. — Digo.

—Você precisa usar seus óculos, o que faz deles uma parte de você, e nenhuma parte sua é feia. Todas são lindas.

Minhas bochechas queimam, mas sorrio. Espero que ele não esteja brincando com a minha cara porque eu meio que acredito nele. Quero acreditar que alguém no mundo me acha bonita e logo Henry Montgomery dizer isso faz eu me sentir especial. Faz eu me sentir única e linda.

Ele me faz sentir tudo o que nunca imaginei que poderia sentir antes.

Eu pensei que apresentar Henry ao meu pai e todos os outros da mesa seria a parte mais difícil do almoço, mas quando Henry e o Sr. Brown tiveram uma conversa bem acalorada sobre os direitos das pessoas e a falta de investimento em projetos sociais eu senti vontade de entrar debaixo da mesa ou então sair correndo. Por incrível que pareça pratos e talheres não saíram voando e a conversa se tornou mais agradável. Sarah adorou Henry e eles conversaram por um longo tempo, ele sentou ao lado dela, na minha frente. Sid não gostou nada disso.

O almoço é servido e comemos ao som do trio de cordas e muitas risadas e conversas altas. Olho para Sid e espero que ele diga para pararem de conversar, mas ele conversa com Cassie e ir o tempo todo. Cadê o cara que disse que conversar enquanto come é falta de educação? É estranho o quanto estou odiando ficar perto dele. Pensei que hoje seria o dia perfeito para que

ele me pedisse desculpas pelo o que fez naquela noite. Me surpreendo com o quanto eu consigo me enganar com as pessoas.

Sinto os olhos do meu pai sobre mim quase o tempo todo, tenho certeza que ele está se perguntando o por que nunca falei sobre Henry. Bom, se ele conversasse comigo de vez em quando eu poderia falar sobre Henry e Timmy, sobre o armazém e a Princesa S. Se fosse como antes tudo seria mais fácil, mas meu pai não parece mais com meu pai. E eu talvez não seja mais eu.

Sid e Cassie sorriem um para o outro e sussurram coisas que os fazem rir, meu pai conversa com o Sr. Brown e Lauren e Sarah cochicham sobre alguma coisa. As outras pessoas nas outras mesas também parecem estar gostando de estar aqui. Eu queria estar gostando do almoço, a comida está muito boa e isso já conta bastante para mim, mas sempre parece faltar algo. Sempre sinto como se um buraco existisse dentro de mim, tento preenchê-lo com qualquer coisa quando estou perto de outras pessoas, mas nada parece se encaixar nele. Então quando preciso estar perto de outras pessoas tiro um sorriso de dentro da bolsa e o deixo estampado no rosto, não por que eu esteja realmente feliz, mas para que ninguém perceba toda a bagunça que existe dentro de mim.

Sinto um cutucão no meu pé e olho para frente. Henry me olha com seus olhos azuis franzidos, sem emitir som ele me pergunta se estou bem, eu sorrio e digo que sim. Não é o sorriso que sempre levo na bolsa, é de verdade. Olhar para Henry me faz sorrir e estou começando a gostar muito disso. De simplesmente sorrir, sem um significado visível para todos os outros, mas que significa muito para mim.

Quando os convidados vão embora depois de mais uma salva de palmas para meu pai o céu já começa a escurecer. O Sr. Brown nos leva para sua sala de estar, há um piano na sala de estar e o mesmo pianista do jardim começa a tocar uma melodia calma e suave. Meu pai e Lauren dançam perto de Sarah e do Sr. Brown, eles parecem felizes e sorriem. Ouço as vozes dos filhos dos Brown na outra sala, eles também parecem felizes. Estou distraída os olhando dançar e rir quando sinto Henry sentar ao meu lado no sofá. Ele ergue sua mão até a altura dos meus olhos. Um barquinho de papel está nela. Eu o pego.

—Um barquinho? Pra mim? — Pergunto.

Olho para ele e sorrio.

—Leia. — Diz.

Olho para o barquinho de papel— feito com uma folha de jornal— (me pergunto onde ele arranjou uma) e vejo escrito em letras maiúsculas e difíceis de serem lidas.

—*Felicidade*. — Sussurro.

Um barquinho da felicidade.

—Você está precisando dar uma voltinha nesse barco.

Suspiro.

—E se a água na qual o barquinho flutua for muito funda? E se o barquinho não aguentar a água turbulenta? Eu vou cair na água e posso morrer afogada porque não sei nadar.

Ele sorri e bate com a ponta do dedo em meu nariz, me fazendo sorrir também.

—E quem disse que você vai ser a única no barco? Eu vou estar nele também e não vou te deixar cair. E se as águas forem turbulentas demais a gente se segura um no outro e espera tudo se acalmar. As tempestades não duram para sempre, Ratinha, e quando ela termina tudo fica bem. — Murmura.

Eu sorrio. Henry tem uma facilidade enorme em me fazer sorrir e em me fazer acreditar que eu posso mais. Ele me faz acreditar que não estou sozinha. Será que o barquinho da felicidade me levaria até a minha ilha favorita?

—Obrigada pelo barquinho. Por ser meu salva-vidas. — Digo.

Ele sorri e beija minha testa.

—Talvez seja você que esteja salvando minha vida. — Sussurra, ainda com

os lábios próximos a minha testa.

Suas palavras me pegam de surpresa, a surpresa é tanta que continuo de olhos fechados depois que ele se afasta. Quando estou de olhos fechados e penso em Henry é como se pudesse sentir o toque dele em minha pele, como se pudesse sentir sua respiração e ouvir sua voz. Às vezes faço isso, fecho os olhos e penso nele, apenas por prazer. Faço mais vezes do que poderia admitir.

Antes de irmos embora o Sr. Brown chama Henry e eles desaparecem por um tempo atrás de uma porta. Enquanto me despeço de Sarah e dos outros, minha mente fica ruminando o que eles podem estar conversando lá. O Sr. Brown sai de lá sorrindo e dando tapinhas no ombro de Henry que sorri e balança a cabeça. Nos despedimos de todos e saímos de encontro a noite fria e úmida de Seattle. Penso em acompanhar Henry até sua moto, mas o olhar severo do meu pai me impede.

—Foi bom conhecê-lo, Sr. Haywood. — Henry diz e estende a mão para cumprimentar meu pai.

Meu pai é alguns centímetros mais baixo que Henry, mas o mede dos pés à cabeça com os olhos. Por fim o cumprimenta e sorri. Talvez Henry não confesse isso nunca, mas pude notar o pequeno tremor em sua mão estendida ao cumprimentar meu pai. Henry caminha até sua moto e sobe nela.

—Só um momento, papai, eu já volto. — Digo ao meu pai e corro até Henry.

Meu coração bate acelerado, mas sorrio ao me aproximar dele. Ele sorri ao me ver.

—Obrigada por ter vindo, Henry. — Digo.

Ele olha para meu pai por cima do ombro. Cassie e Lauren já estão dentro do carro. Meu pai nos observa de longe.

—EU TENHO UMA ARMA, GAROTO! — Meu pai grita e aponta para Henry.

Sinto meu rosto esquentar. Henry sorri e balança a cabeça.

—Seu pai trouxe a arma hoje? — Pergunta.

Sorrio e nego com a cabeça.

—Então vem cá.

Ele me abraça. Enfio a cabeça contra seu pescoço e inalo seu cheiro. É meu cheiro favorito. É o cheiro de Henry. Ele se afasta e beija minha testa.

—Se cuida, Ratinha. — Diz.

Eu sorrio e beijo sua bochecha.

—Boa noite, Henry.

Enquanto meu pai dirige olho pela janela e sorrio. Ainda seguro meu barquinho da felicidade.

Capítulo 27

Eu sempre fui de planejar muito. Tudo o que eu pretendia fazer era planejado nos mínimos detalhes. Eu planejei minha vida inteira no momento em que estava terminando o ensino fundamental, para as outras pessoas que me viam com um pequeno caderno lilás para cima e para baixo não imaginavam que era nele que todos os meus dias até o fim da faculdade estavam escritos. Aquele caderno não existe mais. Os planos. Os dias marcados. As horas bem programadas. Os sonhos. Eu. No dia 03 de abril de 2014 eu o queimei. Os planos. Os dias marcados. As horas bem programadas. Os sonhos. Eu. Eu deixei de ser eu. Eu deixei tudo para trás.

Mas eu sinto falta de tudo isso. Sinto falta do meu caderninho de planos. Sinto falta de mim. Mas as coisas que acontecem nas nossas vidas mudam a gente. Nos força a crescer mais rápido, nos faz mudar os planos. Nos faz mudar quem nós somos. Sentir saudade de tudo o que fazíamos é a consequência da mudança. Eu sinto falta do que eu era, mas sinto mais falta ainda do que eu era quando estava perto da minha mãe. Eu era eu. Ela era ela. Nós éramos nós. E sendo nós éramos mais. Ela me completava e eu completava ela. Minha mãe era tudo o que eu não tinha. Minha melhor amiga. Minha irmã. Minha prima.... Meu tudo. Deve ser por isso que agora eu me sinto um nada.

Tudo aconteceu rápido demais. Um dia estávamos no quintal, ela lia um livro e meu pai tentava não queimar a carne na churrasqueira enquanto eu me balançava no balanço. Eu estava crescida demais para ele, mas eu sempre ameieir até lá, isso fazia minha mãe sorrir. Eu havia girado o balanço, enrolando as duas cordas que o segurava, então quando eu já havia dado voltas o suficiente ergui os pés do chão e o balanço girou e girou junto comigo. Eu ria muito e mantive os olhos abertos para ver o céu azul claro girar junto comigo. Eu ainda girava quando ouvi algo de vidro estilhaçar no chão e a voz do meu pai gritar bem alto o nome da minha mãe. Rápido como o giro do balanço vi meu pai segurar o corpo mole da minha mãe em seus braços. Esse foi o primeiro sinal de que estava cada vez mais perto o dia terrível.

Não demorou muito e eu estava ao lado da cama do hospital olhando o corpo pálido e frio da minha mãe, seus olhos estavam fechados e havia um tubo em

sua boca e um monte de fios em seu corpo. Naquele dia me peguei sorrindo para ela porque havíamos invertido os papéis. Era ela quem velava meu sono e naquele dia fui eu quem velou o dela. Eu nunca vou esquecer daquele dia, da dor que me rasgou ao meio, das lágrimas que não desceram e do grito que eu não dei.

Naquele dia eu também morri. Com a dor que me rasgou ao meio. Afogada nas lágrimas que não caíram. Engasgada com o grito que não dei.

Meu pai está sentado no seu lugar de costume na mesa de jantar. Comendo seu jantar de costume. Com seu silêncio de costume. Lauren não para de falar com meu pai sobre cores para as paredes e móveis para os cômodos da casa. Me pergunto se ela pretende mudar ainda mais as coisas aqui em casa. Na *minha* casa. Na casa da *minha* mãe. Na casa do *meu* pai. Continuo comendo meu jantar e fingindo que não existo. Cassie mexe no celular embaixo da mesa e finge comer o jantar.

—Acho que poderíamos pintar uma parede da sala de vermelho e colocar um quadro de algum artista famoso. — Lauren diz.

Ela fala sobre artistas e os quadros que suas amigas—da classe média/baixa que andam de nariz em pé como se fossem as rainhas do mundo—têm em suas casas. Termino de comer o mais rápido que consigo porque a voz de Lauren e o *tec—tec—tec* de Cassie digitando no celular me irritam. Me levanto da mesa e me viro para ir para o meu quarto/sótão quando ouço a voz do meu pai.

—Amélie, volte aqui. Tenho uma notícia para te dar.

Caminho de volta para a mesa e me sento. A mão de Lauren está em cima da mão do meu pai sobre a mesa. Cassie deixou de mexer no celular e agora me olha com uma mistura de superioridade e algo mais que não consigo identificar. Meu pai limpa a garganta.

—Ernest me ofereceu um emprego como chefe de segurança. E eu aceitei.
—Ele diz.

Eu sorrio. Uma vez ouvi o Sr. Brown dizer que um dia, de alguma forma, eles iriam ficar sempre juntos como quando jogavam futebol na escola. Eles eram melhores amigos e pelo visto continuam sendo.

—Então nos mudaremos para Seattle.

Sinto meu sorriso se desfazendo e aquela dor que me rasgou uma vez descobrir um pedaço de mim do qual rasgar novamente. Lauren me olha com um sorriso forçado no rosto. Olho ao redor da sala de jantar e isso me faz rasgar mais um pouco. Essa casa é como uma fotografia, ela me faz lembrar da minha mãe. É uma lembrança que se mantém viva. Eu não posso deixá-la. Não posso abandonar essa casa. Essa lembrança. Eu finalmente fiz amigos. Sou voluntária no armazém. E como vai ficar a minha vida? E Timmy? E Henry?

Por muito tempo quis ir embora daqui, simplesmente desaparecer. Começar uma nova vida, mas agora eu finalmente tenho uma vida para viver. Agora eu estou vivendo e não apenas tentando sobreviver. Se eu sair daqui irei morrer. Minha vida será arrancada de mim mais uma vez.

—*Nós?* — Pergunto.

Preciso ter certeza porque normalmente as pessoas não me incluem no "*nós*". E dessa vez quero muito que não me incluam.

—Sim, Amélie. Todos *nós* nos mudaremos para Seattle e...

—Vamos começar novamente, longe desse lugar. Como uma família. — Lauren completa, ainda sorrindo.

Olho para meu pai e tento encontrar o *meu pai*, mas ele não está ali. Me pergunto se ele também sentiu o nó no estômago quando Lauren disse que seríamos uma família. Nós não somos uma família, somos pessoas quebradas tentando se encaixar uma na outra.

—E como as coisas vão ficar? Quero dizer, e os meus amigos? — Sussurro.

—*Amigos...* — Cassie ri. Lauren a cutuca com o cotovelo a fazendo parar.

—Você vai dar um jeito. — Meu pai diz.

Ele não me olha, fita o resto de comida no seu prato. Lauren cochicha algo com Cassie. Eu me levanto e saio da sala de jantar. Não consigo mais olhar para eles. Não consigo mais fingir que posso *dar um jeito* nas coisas que me machucam. E agora estou com raiva. Com muita raiva. Eu não posso dar um jeito nisso. Não posso dessa vez.

Me desculpe, papai, mas dessa vez eu simplesmente não posso.

Capítulo 28

Eu sei que meu pai me viu saindo, mas ele não me parou e nem disse nada. O que ele não sabe é que eu não vou voltar. Coloquei as coisas mais importantes dentro de uma mochila e estou dirigindo há algumas horas em direção a lugar nenhum. Eu tenho um mapa dentro do porta-luvas, era do meu pai e peguei emprestado, sem ele saber. Mas eu não quero olhar no mapa, não quero planejar aonde ir. Dessa vez não tenho planos. Dessa vez eu apenas dirijo minha Lilo sem rumo. A estrada está vazia e a noite silenciosa e fria, a janela do lado do motorista não está completamente fechada ela sempre emperra na metade. O freio também não está muito bom então não corro muito, embora seja o que mais preciso agora. Eu queria ser como Henry, montar na moto e correr como o vento. Eu queria que ele me dissesse o que fazer porque nesse momento eu não sei. E Henry sempre diz a coisa certa, sempre diz o que eu preciso ou devo ouvir.

Umas das coisas importantes que trouxe junto comigo foi o barquinho que ele me deu. A água está turbulenta agora e ele não está aqui para me segurar. Quero que ele me segure e me salve. Quero que me leve até a ilha.

Lembro de ter passado por algumas placas de cidades, mas não sei onde estou. Dirigi por horas e horas sem parar, meu celular tocou algumas vezes, mas não atendi. Eu imaginei esse dia, mas quando imaginei eu não sentia medo. Na minha imaginação eu era forte e segura de mim mesma, na minha mente eu consigo me amar. Mas agora não estou imaginando, eu sai de casa sem avisar e estou com medo de para onde estou indo. A rua é de terra e com pouca iluminação, as poucas casas que consigo enxergar estão com as luzes apagadas. Paro a picafe no acostamento e respiro fundo. Pego meu celular na bolsa e vejo quinze ligações do meu pai e uma mensagem que diz: **Já foi tarde, gorda.** Deduzo ser de Cassie. Eu não ligo para meu pai apenas mando uma mensagem dizendo que estou bem. Na verdade, estou com medo e frio porque a porra da janela não fecha. Já passa das três da madrugada, mas mesmo assim eu disco o número dele. Chama por três vezes e então ele atende.

—Ratinha? Você tá bem? O que aconteceu?

Henry diz com a voz rouca de quem acabou de acordar. Me bato

mentalmente por tê-lo acordado, mas uma parte egoísta de mim não. Ouvir sua voz me faz querer chorar e eu queria muito que ele estivesse aqui agora.

—Henry, me desculpa te acordar a essa hora, mas é que eu preciso de você.
—Digo, minha voz sai baixa e embargada.

Dessa vez não por medo, mas pelo tamanho da verdade em minhas palavras.

Ele me bombardeia de perguntas e parece desesperado, ouço algo cair no chão e ele xinga. Conto a ele o que aconteceu, não tudo porque não quero que ele saiba que existe a possibilidade de que eu vá embora. Descrevo o lugar onde estou, embora não haja muito a ser dito. Ele diz para eu ficar calma que ele vai vir me buscar logo. Por um tempo ele não desliga, ouço o barulho de chaves e o miado de Macarrão. Estou sozinha numa estrada quase deserta no meio da madrugada, mas a voz de Henry não me permite me sentir sozinha. Ela entra em mim e me preenche, como no dia que ele cantou no bar. Mas não dura tanto quanto eu esperava.

—Ratinha, me escuta, eu vou desligar pra poder ligar pro Logan e irmos aí te buscar. Fica calma, meu amor, eu vou te buscar. Prometo que vai ficar tudo bem. — Diz.

—Tudo bem. — Murmuro.

Porque meu coração parou de bater ao ouvi-lo me chamar de *meu amor*. Desligo e fico quieta e em silêncio esperando por Henry e Logan. Agora eu não estou com medo porque sei que Henry virá e isso me faz sorrir. Me faz sorrir muito.

Em algum momento eu devo ter pegado no sono porque meu pescoço dói e o Sol começa a clarear o céu. Olho o horário no celular e são 06h34 da manhã. O celular começa a tocar, atendo.

—Oi. — Digo, enquanto bocejo.

Ouçó ele suspirar do outro lado da linha e por algum motivo isso me faz

sorrir.

—Estamos chegando, Ratinha. Está tudo bem? — Pergunta.

Sorrio de novo porque faz muito tempo que não sinto alguém se preocupar de verdade comigo.

—Sim, estou bem. Meu pescoço tá doendo, mas fora isso estou bem.

Olho ao redor e me surpreendo. A luz do dia o lugar se transformou de assustador para simplesmente lindo. Parece que estou no campo, dos dois lados da estrada de terra há plantações do que acho ser trigo. As poucas casas que vi são brancas e com janelas em formato oval na parte de cima, tem até chaminé. Descrevo o lugar para Henry novamente e ele diz que estão perto. Ouço Logan resmungar alguma coisa e rir e então gemer de dor depois, acho que Henry bateu nele. Henry fala comigo sobre coisas bobas e provavelmente bate em Logan de novo, mas dessa vez Logan apenas ri.

—Você vai ter que me explicar direitinho o porquê fez uma porra dessa. — Ele diz.

Reviro os olhos.

—Nem adianta revirar os olhos, Ratinha, você vai ter que me contar.

—Como você sabe que estou revirando os olhos?

Olho pela janela pra ver se ele está por perto, mas a única coisa que vejo é um pássaro.

—Você sempre revira os olhos por qualquer coisa, o que é bem estranho. E sempre morde o lábio quando não quer rir demais, faz barulhinhos enquanto come e olha pro céu como se a resposta de todas as suas perguntas estivesse lá. — Murmura.

Olho para minha mão que segura o barquinho da felicidade e sorrio.

—Como você sabe de tudo isso? — Pergunto.

Ele suspira e posso imaginar seu sorriso.

—Porque eu observo você.

—Então eu devia ficar com medo. — Digo, mas só de brincadeira.

—Eu nunca machucaria você.

Eu sorrio. Porque sei que é verdade.

—Logan precisa parar no posto de gasolina e como ele não para de encher o saco vou precisar desligar pra bater nele. — Diz.

Eu dou risada.

—Tudo bem, não vou sair daqui. Vou ficar te esperando. — Murmuro.

Ouçõ uma porta ser fechada e a voz de um Henry zangado. Ele afasta o celular, mas ainda posso ouvir sua voz gritando com Logan:

—ENTÃO VAI NA FRENTE, CARALHO.

Logan ri. E eu também.

—Ratinha? — Ele diz, com a voz calma e baixa dessa vez.

—Sim.

—Vou desligar agora, mas quero que saiba que eu estou abraçando você neste momento. Consegue sentir, Ratinha?

Meu coração bate tão rápido que me assusta. A voz baixa e deliciosamente rouca de Henry me faz arrepiar.

—Sim. Eu sinto.

Capítulo 29

O barulho do carro me assusta, mas ao olhar pela janela da picape sorrio ao ver Henry saindo da van da loja de materiais. Abro a porta da picape e corro até ele. Acho que nunca fiquei tão feliz em ver alguém antes. Não espero ele dizer alguma coisa, me jogo em seus braços e o abraço com todas as forças que tenho. Ele me abraça de volta, me erguendo do chão e me apertando como se eu fosse tudo o que ele mais quer no mundo. Me afasto para poder olhar seu rosto, seus olhos estão azuis claros e, como sempre, sorrio ao ver minha ilha favorita. Ele sorri.

—Fui eu que dirigi até aqui e ele que ganha um abraço? Olha, estou cada vez mais importante. — Logan diz.

Ele balança a cabeça fazendo seus cabelos balançarem, as mãos nos bolsos do seu jeans claro e faz biquinho. Henry me coloca no chão e eu abraço Logan, apertado como abracei Henry. Logan também me abraça de volta e me balança de um lado pro outro como se eu fosse uma boneca de pano. Sinto uma mão no meu ombro e sou puxada para trás.

—Tá legal, chega. — Henry diz.

Fico confusa, mas Logan ri.

—Garota, você deu um susto no meu priminho aqui. — Logan bate no ombro de Henry, que o olha, zangado— E em mim também. O que você estava pensando quando fez uma loucura dessas? Não faça mais isso, garota, ou meu priminho vai ter um ataque cardíaco. — Ele ri.

Olho para Henry que parece com... vergonha? Henry olha para os próprios

pés e em todo lugar menos para mim. Olho para Logan, ele mexe as sobrancelhas e tem um sorrisinho nos lábios. Balanço a cabeça e sorrio porque não estou entendendo nada, mas não quero que eles saibam que não estou entendendo nada.

—Obrigada por virem me buscar e me desculpem. Não queria preocupar ninguém. — Digo.

Logan me abraça novamente, ignorando o olhar mortal de Henry, e bagunça meu cabelo com os dedos. Ele se afasta e me segura pelos ombros. Ajeito meus óculos e olho para ele. Logan tem um jeito doce e brincalhão, como se ainda fosse um garotinho descobrindo o mundo. Seu sorriso é terno e suave e ele tem um brilho sonhador nos olhos castanhos.

—Não precisa pedir desculpas, os amigos são pra essas coisas. E mesmo que você tenha me feito acordar no meio do meu sonho maravilhoso com Lenny Kravitz não estou com raiva. Faria tudo de novo sem pensar duas vezes. — Ele diz, sorri e pisca pra mim.

Sorrio.

É assim que é ter amigos de verdade? Eu nunca pensei que um dia passaria por isso. Que em um momento difícil eu teria amigos pra me ajudar. Que eles deixariam a cidade só para me socorrer. Estou feliz por ouvir Logan dizer que sou sua amiga, embora não nos conheçamos a muito tempo, mas uma parte de mim está bem triste. No momento em que encontro amigos é no momento que estou indo embora.

Henry envolve seu braço em meus ombros e me puxa para perto. Ergo o olhar para ver o rosto que está grudado em minha mente desde o primeiro instante em que o vi. Ele sorri para mim e por um momento eu me sinto a garota mais sortuda do mundo. No começo pensei que nunca o veria sorrir, que a carranca em seu rosto era permanente, e saber que ele está sorrindo e que o sorriso é para mim me faz pensar que tudo valeu a pena. O vento balança seu cabelo, sinto vontade de tocá-los como naquele dia no parque.

—Bom, vou deixar *Ross e Rachel* e voltar para minha vida de *onde—está—meu—Kravitz*. Vejo vocês depois. — Logan diz e caminha até a van.

—Obrigada por ter vindo, Logan. Sêrio. — Digo.

Ele sorri e balança os dedos, dando tchau.

—Não foi nada. Cuida da sua lagosta. — Diz.

Minha lagosta?

—O quê? — Pergunto, mas é tarde demais ele já foi.

Vejo a van se distanciar. Henry pega minha mão e me leva de volta a picape. Não digo nada quando ele me faz entrar primeiro—ainda não consertei a porta do lado do passageiro—para poder dirigir. Tenho que explicar a ele que é necessário pisar bem firme no freio e que a janela não fecha toda. Ele me dá um sermão de que eu preciso mandar arrumar a picape ou me livrar dela de vez e *blá—blá—blá*. Reviro os olhos, o que só o faz falar mais um monte de coisas. Por um tempo sorrio porque é engraçado vê-lo gesticular tanto com a mão livre e falar sem parar.

Ele dirige por um tempo e ficamos em silêncio. Gosto de ouvir a voz dele, mas às vezes quando ficamos em silêncio parece que ficamos mais próximos. E, sinceramente, gosto muito dessa nossa proximidade silenciosa. Não precisamos de palavras quando estamos juntos.

—Me diz o que aconteceu, Ratinha.

Suspiro, mas não olho para ele. Olho para a paisagem através da janela, o Sol brilhante através das nuvens iluminando os campos amarelados ao lado da estrada de terra. O vento balançar a copa das árvores, os pássaros voando tranquilamente. Se eu pudesse não voltaria para casa, iria continuar dirigindo porque enquanto estivesse dirigindo em direção a lugar nenhum tudo estaria bem. Uma parte de mim se arrepende de ter ligado para Henry, mas uma outra parte— a racional— diz que fiz a coisa certa. Por mais que seja tentador essa minha tentativa de sair sem rumo eu sei que não seria tão prazeroso quanto eu imaginava porque eu sentiria falta de casa, assim como eu senti enquanto esperava por Henry ontem à noite. E tudo parece melhor com ele ao meu lado.

—Eu discuti com meu pai. — Digo.

Sinto seus olhos em mim, mas ele não insiste em me perguntar o que me levou a discutir com meu pai. Fico aliviada por isso. Como eu poderia explicar que estou indo embora? Como poderia dizer que, embora eu tenha fugido, eu não queria deixá-lo? Depois que entrei naquele armazém minha vida mudou completamente. Conhecer todas aquelas pessoas que são tão fortes e guerreiras, conhecer Timmy e Lea que sempre sorriem e tem os abraços mais incríveis do mundo e Logan, com seus olhos gentis e sorriso acolhedor. São tantas pessoas de quem vou sentir saudade quando for embora, pessoas que mudaram meu jeito de ver a vida.

Olho para Henry, concentrado enquanto dirige, seu perfil iluminado pelo sol, os cabelos sendo balançados pelo vento que entra pela janela, enchendo a picape com o cheiro que é só dele. Vou sentir falta dele, somente em pensar nisso sinto meu coração se comprimir dentro do peito. Vou sentir falta dos abraços e dos beijos na testa, das palavras que me diz e o jeito como me olha. Por mais que me doa saber que irei embora, não posso abandonar meu pai. Ele precisa de mim do mesmo jeito que preciso dele, temos apenas um ao outro agora e a mamãe não iria querer que nos separássemos. Eu mudei toda a minha vida para ficar ao lado dele, queimei o meu caderninho de planos porque todos os planos que havia feito não funcionariam naquele momento. Não fazia parte dos meus planos deixar tudo para trás, mas deixei porque meu pai precisava de mim. Ou talvez porque eu precisasse dele.

Henry vira na minha direção e me flagra o olhando, ele sorri. Sinto minhas bochechas corarem. Ele estica a mão e liga o rádio, me olha surpreso. Deve estar surpreso por pelo menos o rádio funcionar na picape, mas eu amo música então sempre fiz de tudo para que o rádio funcionasse. Ele bate os dedos no volante enquanto acompanha o ritmo da música que toca no rádio, não reconheço a música, mas me balanço ao ritmo suave dela. De repente começa a chover bem forte, gotas grossas de chuva batem na picape. Acho que esse é um péssimo momento para dizer que o limpador de para-brisa não está funcionando. O mais engraçado é que o Sol continua a brilhar lá fora, faz com que as gotas pareçam pequenas luzes caindo do céu.

Henry para a picape no acostamento e suspira.

—O limpador de para-brisa não funciona. — Diz.

Balanço a cabeça dizendo que não. Dessa vez é ele quem revira os olhos.

—Tem algo que funcione nessa lata-velha?

—Tem. O rádio. — Digo e para provar aumento o volume do rádio.

Ele bufa, mas sei que quer sorrir.

O carro é preenchido pela voz de Rod Stewart cantando uma das minhas músicas favoritas. Sei que vamos ter de esperar a chuva passar para voltar a dirigir porque é impossível enxergar através do para—brisa. Solto meu sinto de segurança e me balanço ao ritmo da música. Aumento ainda mais o volume e olho para Henry.

—Essa música é perfeita pra esse momento. Canta comigo! — Grito.

Ele me olha com um sorriso lindo no seu rosto e também solta seu cinto de segurança. Então o refrão começa e cantamos bem alto.

—I wanna know have you ever seen the rain... I wanna know have you ever seen the rain... Comin' down on a sunny day?

Nos olhamos e sorrimos e então continuamos cantando. A chuva continua a cair forte e nós cantamos ainda mais alto. Henry abre a porta e sai da picape, antes que eu possa dizer algo ele me puxa para fora. A chuva nos deixa encharcados em pouco tempo. Meu cabelo gruda na minha testa e meus óculos estão molhados, o que não me permite enxergar nada. Ele me puxa e me abraça, nos balançamos no ritmo da música. A chuva parece não querer parar de cair, minhas roupas estão encharcadas, meus óculos embaçados e mesmo com o Sol brilhando através da tempestade estou com frio, mas eu não consigo parar de rir. Henry nos faz girar e girar e o som da nossa risada, a música alta e a chuva caindo forte contra o chão se vão com o vento frio.

Tudo parece tão perfeito agora que a dor se intensifica por ter que deixá-lo. É por coisas assim que não quero me afastar de Henry. Ele faz as coisas mais simples se tornarem as coisas mais especiais.

Capítulo 30

Henry não me leva até minha casa. Quando chegamos a Enumclaw ainda estamos rindo e cantando com as músicas do rádio. Reconheço a rua que leva até a casa dele e fico feliz por não estarmos a caminho da minha, não quero ver Lauren e Cassie e tenho certeza que meu pai vai querer me matar quando me vir. Ele para a picafe em frente à sua casa e me ajuda a descer dela. Nossa roupa está molhada e, diferente do Sol que tinha antes, está nublado o que me faz estremecer de frio. Pego minha mochila e o acompanho até a casa. Assim que ele abre a porta vejo Macarrão caminhar rebolando até nós. Henry se abaixa e faz carinho na cabeça do gato. Sorrio.

Ele pega minha mochila e joga em cima do sofá, então se vira para mim. Meus óculos ainda estão embaçados mesmo que eu tenha tentado limpá-los então tudo está um pouco embaçado também, inclusive ele.

—Vou pegar uma toalha pra você tomar um banho e trocar essa roupa molhada, enquanto isso vou preparar algo pra gente comer. — Diz.

Sorrio e agradeço. Pego uma muda de roupa na mochila e o sigo até seu quarto, ele diz que o seu banheiro tem água quente e que é melhor eu usá-lo. É estranho entrar no quarto dele, mas ao mesmo tempo fico feliz porque aos poucos estou descobrindo um pedaço a mais dele. O quarto é simples, tem uma cama de casal, uma cômoda, uma estante de livros na parede perto de uma janela enorme e o que parece ser uma escrivaninha, com uma luminária e diversos cadernos e papéis em cima, um violão está encostado perto da janela e algumas caixas pequenas de papelão estão empilhadas em um canto. As paredes são azuis claras quase brancas, em uma delas está um painel com diversas fotos e desenhos. Me pergunto se foi ele quem fez.

Ele abre a porta do banheiro e acende a luz, antes de sair do banheiro ele me

olha por um tempo, tempo suficiente para eu me perguntar se tem algo no meu rosto, ele se aproxima e beija minha testa então fecha a porta e vai embora. Fico parada no meio do banheiro esperando meu coração desacelerar. Tiro meus óculos e a roupa molhada e deixo em cima da bancada da pia, entro no box e espero a água esquentar. Só depois de um tempo me lembro que não trouxe nada além da roupa e a toalha que Henry me entregou, então uso o seu sabonete. O levo até meu nariz e inspiro fundo. É o cheiro dele. Termino o banho e me visto, saio do banheiro e consigo sentir o cheiro de torradas e café atravessar a porta entreaberta do quarto. Dou uma última olhada no quarto dele porque pode ser a última vez que entrarei aqui, vejo um caderno preto em cima do criado—mudo, algo me faz caminhar até lá, eu o pego e analiso. A capa é completamente preta e parece ser de couro ou algo assim, as folhas estão um pouco amassadas e algumas com manchas do que parece ser bebida. Deve ser o caderno que Timmy deu a ele. Não me contendo e o folheio.

Sua letra é horrível, mas legível. Ele escreve poemas e frases, como Timmy dissera. O que me surpreende são suas palavras. Suas palavras são como um grito de uma alma desesperada. São cruas e me assustam, embora sejam lindas de serem lidas. As letras no papel parecem como sangue transbordando de um corte profundo. Suas palavras escorrem pelo papel como o sangue escorre de uma ferida. Quanta dor alguém pode guardar dentro de si? Me desespero por Henry. Ele parece forte e intocável para as outras pessoas e, por um tempo, até mesmo para mim, mas não mais ao ler isto. Neste caderno é como se o garotinho perdido e triste dentro dele tivesse encontrado sua única forma de ser ouvido. São como gritos do garotinho que só podem ser ouvidos dessa forma.

Folheio algumas folhas do caderno e encontro algo que chama minha atenção:

Quando a porta onde os demônios ficavam se abre não tem mais volta.

Eles estão livres para voltar a te assombrar.

Não importa o quanto tente trancá-los de novo.

É impossível.

Ele vai te torturar.

Vai te fazer pedir "por favor" para parar.

Ele vai te derrubar no chão.

Olhar em seus olhos e rir da sua cara.

As paredes vão te pressionar.

O ar vai sumir.

Respirar. É tudo o que você vai querer.

Respirar. É tudo o que você não vai conseguir fazer.

Até que você se dê conta de que os demônios estão dentro de você.

É você.

Quais demônios te assombram, Henry? Olho por cima do ombro para me certificar de que ele não está vindo e continuo a olhar o caderno.

A verdade é que sou apenas um cara quebrado fingindo ser inteiro para você.

A verdade é que sou apenas uma parte do que já fui antes de você aparecer.

A verdade é que não sei o que ser depois de você.

A verdade é que não quero um depois.

Quero um agora.

Quero para sempre.

Mas não vou ter.

Não sei como reagir a suas palavras. É difícil interpretá-las. Quanto mais tento entendê-lo mais confusa eu fico. Folheio algumas páginas—cada vez mais amassadas e manchadas.

A garrafa de uísque me faz companhia novamente.

Mais um copo e mais um dia.

Outro dia tentando olhar nos olhos da filha da puta da vida.

Mais um copo e mais um dia.

Saio e fodo mais uma vez com a vadia da esquina.

Outra garrafa. Mais um copo. Mais um dia.

Dessa vez troquei por um shot de tequila.

Volto ao bar a procura de uma nova vadia.

Ela sempre vem. Elas sempre gostam.

Mais um shot de tequila. Mais uma vadia.

Volto outra vez para o início de tudo.

Apagando os erros com o álcool.

Desejando mais do que poderia desejar.

Mais uma garrafa. Mais um copo.

Dessa vez sem nenhuma vadia.

As noites são longas.

Dessa vez é Jack Daniels que me faz companhia.

Mais um copo. Para encerrar o dia.

Henry Montgomery é um mistério para mim e parece que nunca vou conseguir desvendá-lo. Ele parece alguém que teve o coração partido e não quer aceitar isso. Ele parece alguém que precisa ser ouvido. Quantas pessoas existem dentro dele? Pelo tempo que nos conhecemos posso dizer que muitas, mas o que me surpreende é que todas essas pessoas dentro dele amam alguém—talvez tente esquecê-la com a bebida e as vadias. Eu odeio esse *alguém* porque Henry está apaixonado por ela, porque sei o quanto ele é incrível e o quão feliz esse *alguém* poderá ser ao lado dele. Deixo o caderno no mesmo lugar e saio do quarto. Fecho a porta atrás de mim e me recosto nela. Sinto o cheiro de café e torradas e sobre o chiado da frigideira ouço a voz de Henry cantarolar uma música que não reconheço e sorrio. Ele é tão incrível e parece tão errado ele estar comigo e não com quem ele realmente quer estar. Eu sou uma egoísta porque não me importa quem seja seu *alguém*, enquanto ele está comigo eu posso fingir que sou o *alguém* dele. E fingir que ele é o meu.

Eu adoraria ser o *alguém* dele.

Henry já tomou seu banho e agora está usando calça de moletom cinza e uma camisa verde escura, seu cabelo ainda está molhado e quando ele se aproxima de mim, com seu sorriso lindo e caloroso, sinto o cheiro do seu perfume e cigarros. Ele ainda está sorrindo quando me abraça e, me surpreendendo, beija minha bochecha. Ele não devia fazer essas coisas, me tratar como se eu fosse sua pessoa preferida no mundo. Eu vou embora logo e não quero deixar ninguém triste com minha partida. Uma pessoinha egoísta dentro de mim adoraria saber se ele sentiria minha falta. Porque sentirei a falta dele.

—Você tomou banho gelado. Por que não me esperou terminar? Demorei

muito? — Pergunto.

Ele sorri e vai até o fogão desligar o fogo que frita o bacon. Humm... Bacon!

—Você não demorou muito e eu não me importo com banho gelado. — Ele dá de ombros.

Me sento em um dos bancos altos no balcão e o observo se movimentar na sua cozinha. Claro que ele já está familiarizado com tudo, afinal é sua casa, mas vê-lo tão à vontade me faz sorrir. Ele tem pernas e braços longos o que em outras pessoas poderiam deixá-las desengonçadas, mas não em Henry. Ele tem braços fortes e sua bunda nessa calça está espetacular, mas não é apenas isso. Não é apenas o seu corpo que o torna sexy e irresistível. Ele não liga para o que os outros pensam, ele é quem quer ser e foda—se o resto. É isso que admiro em Henry Montgomery. Ele tem confiança em si mesmo.

Ele se vira com dois pratos com bacon, ovos e torradas e me pega sorrindo, fico séria quando ele abre um sorrisinho presunçoso e ergue uma sobrancelha. Desvio meu olhar para o mármore do balcão, mas não consigo deixar de sorrir. Ele coloca o prato na minha frente e nos serve café. O meu com leite e o dele puro. Nós comemos em silêncio e é nesse silêncio que as perguntas voltam para minha cabeça. Aquele caderno e suas palavras ainda estão frescas na minha memória. Fico me perguntando o que se passa dentro da sua cabeça, o que todos esses silêncios querem dizer e o por que sinto que ele se esconde de mim. Ele está bem ao meu lado, eu sinto seu cheiro, ouço sua voz e posso tocá-lo se quiser, mas ele parece estar a quilômetros de distância de mim. Todas as vezes em que ele se perde em seus pensamentos fico tentada a fazer alguma coisa que o traga para mim de volta.

Depois do que li naquele caderno acho que esses momentos são os que ele tenta prender seus demônios. Se ele me deixasse entrar eu o ajudaria. Eu faria qualquer coisa por ele. E isso me assusta.

Terminamos de comer e então pego os pratos sujos e os levo até a pia para lavá-los. Olho para ele por cima do ombro e espero ouvir alguma piadinha, mas ele apenas sorri e balança a cabeça, provavelmente lembrando do dia que entrei na sua casa. Estou secando minhas mãos no pano de prato quando o sinto se aproximar de mim. Ele pega um isqueiro quadrado e prateado em

cima do balcão e um cigarro. O observo abrir a porta dos fundos e deixar Macarrão sair, ele puxa uma cadeira da mesa redonda e marrom clara perto da porta e senta, estica as pernas e cruza os pés. Pego a xícara e a encho com mais café, então quem se recosta confortavelmente sou eu. Ele traga seu cigarro enquanto se perde em seus pensamentos olhando a grama verde e molhada lá fora. Eu beberico meu café e faço o que mais gosto, olho para Henry Montgomery.

Seu peito sobe e desce quando ele respira fundo, a fumaça do seu cigarro se esvai lentamente enquanto ele a sopra e o vento balança seu cabelo indomável. Ele é tão lindo e parece não notar o quanto tudo o que faz se torna sexy. Quando ele abaixa a mão para jogar a cinza do cigarro noto a marca dos seus piercings sob a camisa. Sinto minhas mãos formigarem com vontade de tocá-los.

—Eu poderia me acostumar com isso. — Ele diz, me tirando da minha fantasia erótica com seus piercings.

Sinto meu rosto esquentar. Tomo um gole do café, o sinto queimar minha língua e descer quente pela minha garganta.

—Com o quê? — Pergunto.

Ele me olha e sorri.

—Com você. Aqui. Na minha casa.

Eu poderia me acostumar com ele junto comigo. O resto da minha vida.

Ele apaga o cigarro e se aproxima de mim. Ainda estou segurando minha xícara perto da boca quando ele me prende contra o balcão com uma mão de cada lado da minha cintura. Me engasgo com o gole de café. Ele se abaixa até ficar na minha altura, todo seu corpo imenso sobre mim. Respiro com dificuldade a cada milímetro que seu rosto se aproxima do meu. E eu espero por mais. Suas pupilas estão dilatadas e sua respiração parece estar tão irregular quanto a minha.

—Eu adoraria estar bêbado agora. — Diz.

Ótimo. Não era bem isso que eu esperava ouvir. Poderia ser um: "*Amélie, vou te beijar e vamos transar aqui mesmo no balcão da cozinha. Você pode tocar meus piercings.*" Mas, como tudo na minha vida acontece ao contrário do que eu espero, isso não acontece.

—Por que? — Pergunto.

Agora ele está mais perto. Sinto seu hálito quente contra meu rosto e esqueço momentaneamente o quanto a xícara do café quente está queimando minhas mãos.

—Se eu estivesse bêbado eu poderia fazer o que venho pensando em fazer desde o dia em que te vi e culpar a bebida por isso, não essa coisa louca que estou sentindo.

Olho para seus lábios que parecem ser tão macios e imploro mentalmente que ele me beije. Não quero saber o que ele quer fazer, a única coisa que consigo pensar é no que *eu* quero fazer. Eu quero beijá-lo. Estico minha cabeça em sua direção e a inclino para o lado, me aproximo mais e mais. Só mais um pouquinho e... Ele se afasta.

—Vou te levar pra casa. Seus pais devem estar preocupados.

Porra!

Capítulo 31

Respirei fundo três vezes antes de abrir a porta de casa. Durante todo o caminho de volta fiquei me perguntando o porquê de não ter ido em frente com minha "fuga", se eu não tivesse ligado para Henry neste momento estaria bem longe, mas não se pode fugir das vistas de um policial por muito tempo, principalmente quando esse policial é seu pai. Henry, como se ouvisse minhas brigas internas, segurou minha mão e disse que tudo ficaria bem. Ele não me questionou sobre nada e não me encheu de perguntas como eu imaginava que faria, apenas segurou minha mão e naquele momento eu quis tanto que ele desse a volta e me levasse para sua casa. Henry me trouxe na minha picape e quando eu o questionei de como voltaria para casa ele sorriu, beijou minha testa e disse para que não me preocupasse com isso, mas eu me preocupo. E muito.

Meu coração bate acelerado quando entro em casa, trago a mochila nas costas e o coração na garganta a cada passo que dou. A casa parece estar vazia o que é incomum nesse horário nem ao menos o cheiro da comida de Nelie consigo sentir. Então me permito relaxar um pouco. Confiante, caminho até a escada.

—Amélie.

Viro de supetão fazendo minha mochila cair com um baque surdo no chão. Ajeito meus óculos e olho para meu pai, parado logo atrás de mim com sua carranca e um olhar mortal. Eu esperava vê-lo, mas apenas a noite quando ele voltasse do trabalho. Pelas roupas casuais que usa acho que ele não foi trabalhar hoje. Ensaiei o que diria a ele quando o visse e fosse questionada do por que fugi, mas ao olhar seu rosto marcado pela raiva tudo o que ensaiei desaparece da minha mente.

—Oi, papai. — Digo.

Ele cruza os braços e me olha, como se avaliasse se estou sendo sincera no meu Oi ou se estou respirando de forma correta. Pela minha visão periférica vejo Lauren adentrar o hall de entrada da casa, um sorrisinho repuxa seus lábios pintados de vermelho escarlata. Meu olhar se volta ao jarro com flores na mesinha e me contenho para não o arremessar na cabeça dela. Ela se aproxima do seu peito e desliza suas mãos com unhas falsas vermelhas sobre o ombro dele. Sinto repulsa ao ver isso, vê-la tocando meu pai como se ela fosse a mulher que ele realmente ama. Quero acreditar que a única mulher que ele amou de verdade foi minha mãe. E não a vaca da Lauren.

—Você tem alguma ideia do que me fez passar ao sair de casa e passar a noite inteira fora sem dar notícias? Tem alguma noção nessa sua cabeça de vento do quanto fiquei preocupado? — Ele diz, mais alto do que já o ouvi falar com alguém. Está quase gritando comigo.

Me retraio e desvio o olhar do seu olhar inquisidor.

—M—me desculpa, é só que...

Mas não consigo terminar porque as palavras não querem sair e tenho medo de dizê-las e magoá-lo, mais do que já o magoei. Todas elas ficam presas na minha garganta e me sufocam, como todas as outras vezes.

Amélie não faz essas coisas. Amélie não ofende ninguém. Amélie é sempre bem-educada com todos.

Talvez *Amélie* só queira morrer.

—É só o quê, Amélie? Diga! — Ele grita e dá um passo na minha direção, me fazendo dar um passo para trás.

Tento engolir o nó na garganta das lágrimas e palavras que não consigo botar para fora, mas não consigo. Se eu disser tudo o que penso irá machucá-lo e eu não suportaria vê-lo sofrer ainda mais do que sei que sofre. Eu nunca o vi dessa forma com tanta raiva de mim, como se eu tivesse sido pega usando drogas.

—Eu fui ver um amigo e perdi a noção da hora. Me desculpe, papai. — Sussurro.

Ele me olha dos pés à cabeça e espana a mão no ar, como quem encerra o assunto. Sei que ele está com raiva e que se eu disser tudo talvez as coisas piores, mas eu não quero que o assunto se encerre. Eu preciso saber se ele realmente se importa. Preciso que ele pergunte se estou bem e que ele perceba quando eu mentir dizendo que, sim, estou. Preciso saber se alguém consegue realmente me vê, não quem eu finjo ser. Henry. Ele é o único que me enxerga de verdade. E não se importa com os meus pedaços quebrados. Ele me torna inteira.

—Vá para o seu quarto, você está de castigo. Por tempo indeterminado. — Ele diz, então marcha a passos firmes para seu escritório.

O senhor quer dizer o sótão.

Suspiro derrotada, pego minha mochila no chão e subo a escada. Passo pelo meu antigo quarto e consigo ouvir a voz de Cassie rindo de algo através da porta fechada. Estou quase chegando no sótão quando a voz de Lauren me chamando me faz parar no meio do caminho. Eu poderia ignorá-la e seguir em frente, mas a *Amélie* não faz essas coisas. Me viro e a encaro. Ela usa calça jeans escura com um agasalho rosa claro e sapatos de salto alto, me pergunto como ela consegue usar esses sapatos altos o dia inteiro. Só de olhar para eles já consigo me imaginar tropeçando e caindo.

—Você deixou seu pai preocupado. — Diz.

—Por favor, não finja que se importa. — Digo.

Eu poderia me comover com sua preocupação, mas sei que é mentira. Olho para seu rosto onde os anos não parecem ter passado e tento ver o que raios meu pai viu nela. Até sua voz me enjoa. Tá explicado de quem Cassie herdou a voz irritante. Lauren suspira alto, sua expressão muda de compreensiva para puta da vida em poucos segundos.

—Por que você voltou? Por que não foi embora de vez? — Diz, entre os dentes cerrados.

—O quê?

Ela se aproxima a passos rápidos e decididos e para a poucos centímetros de mim.

—Você é igualzinha a ela. *Você* é o fantasma que o assombra. Eu devia saber disso a muito tempo. — Ela diz, seus olhos verdes analisando cada pedacinho do meu rosto.

Me afasto.

—Por que está dizendo isso? — Pergunto.

Dessa vez é ela quem se afasta como se somente agora tivesse retomado o rumo de suas ações e suspira.

— Quero fazer seu pai feliz, Amélie. Tento todos os dias fazê-lo perceber que eu o amo, mas a maldita lembrança da sua mãe que está impregnada nesta casa e no seu rosto o impedem de ser feliz. De me amar. — Murmura.

Não quero ouvi-la falar nada sobre minha mãe nem seja lá o que ela quer do meu pai. Ela não tem esse direito. Não se pode tentar arrancar do lugar o que estava destinado a estar lá. Ela nunca será como minha mãe. E meu pai nunca a amará como amou minha mãe. Quero que meu pai seja feliz, mas com alguém que respeite a memória da minha mãe dentro do coração dele e não a vaca da Lauren que tenta arrancá-la de lá a todo custo.

Não importa o quanto você tente, Lauren, você nunca será como minha mãe. Meu pai nunca vai amá-la como amou a minha mãe, não digo.

Porque não posso dizer. Porque não consigo dizer, por mais que ela mereça ouvir isso as palavras não saem. Então dou de ombros e suspiro. Não devia ser tão difícil dizer o que se sente, mas para mim é. Então digo o que ela quer ouvir.

—Então o faça feliz.

Não vejo sua expressão diante das minhas palavras dou as costas a ela e sigo para o sótão. O único lugar que ainda é meu. O único lugar que posso ser eu mesma. Seja lá quem eu seja.

Não desci para o almoço nem para o jantar, ninguém veio me chamar para isso. Não me importei, acho que não consigo comer mais nada. O nó na garganta me impede de comer e por muitos momentos durante o dia me impediu de respirar. Agora a pouco aconteceu outra vez, por um tempo que pareceu longo demais eu não respirei. Gosto disso, enquanto estou prendendo a respiração meus pensamentos não me atormentam. Estou tentando entender o porquê ainda estou respirando. Por tantas vezes eu só quis parar de respirar, mas eu respiro. Não por mim. Respiro por meu pai porque ele parece precisar de mim respirando. Quero acreditar nisso.

Quero acreditar que algo bom ainda pode acontecer, mas é tão difícil. É tão difícil acordar neste mundo de merda no qual minha mãe não está, meu pai se preocupa cada vez menos comigo e sou obrigada a morar numa casa com pessoas que me odeiam. O que foi que eu fiz para que isso acontecesse? Por que me sinto tão sufocada?

A casa está silenciosa e a rua está deserta, todos devem estar dormindo agora. Deixei a luz do sótão apagada para que ninguém na rua me notasse sentada aqui, no banco acolchoado da janela. Descobri a poucos dias que a janela abre sem fazer o barulho alto que antes fazia, os trincos foram trocados em algum momento e eu não notei. Eu poderia abri-la. Eu poderia abrir a janela e... Seria tão fácil. Eu não abro a janela. Fecho os olhos e apoio a cabeça contra a parede. Respiro fundo e lentamente três vezes. Então prendo a respiração.

Se eu não respirar não vou pensar em nada.

Não sei a quanto tempo estou sem respirar quando ouço o meu celular vibrar sobre o criado—mudo, o som parece distante e insistente, mas eu não quero voltar a respirar. Eu não quero pensar em nada. O som continua e isso me irrita. Então com um ruído alto solto a respiração e volto a respirar de forma rápida porque agora preciso de ar em meus pulmões. Cambaleando caminho até o criado—mudo e pegou o celular. O nome de Henry aparece na tela novamente e por algum motivo isso me faz sorrir.

—Ratinha, o que aconteceu? Por que não me atendeu? — Ele diz, assim que aperto o botão de atender.

Sua voz parece embargada e sonolenta. Afasto o celular e olho o horário são 02h43 da madrugada. Para mim isso é normal porque não costumo dormir cedo, mas me preocupo por Henry me ligar a essa hora.

—Não aconteceu nada, eu só estava... ocupada. — Digo, baixinho para que ninguém me ouça.

Mesmo no sótão, o lugar mais isolado da casa, ainda sinto que alguém pode me ouvir. É sempre bom ter cuidado, afinal o quarto de Cassie é logo embaixo do sótão.

—Ocupada às duas da manhã?

Não posso dizer essas coisas ao Henry, se eu disser tudo o que passa na minha cabeça ele vai se assustar e se afastar de mim. Eu preciso dele.

—O que você está fazendo acordado a essa hora? — Pergunto, mudando de assunto.

Ele suspira. Ouço o som abafado do que parece ser lençóis, talvez ele esteja na cama. A imagem de Henry deitado em sua cama, com um braço dobrado atrás da cabeça enquanto o outro segura o celular, me vem à mente. Deito no meu colchão e fito o teto enquanto o visualizo em sua cama, sem camisa e com aquele sorrisinho presunçoso que só ele tem. Então sorrio.

—Não consegui dormir. — Ele diz. sua voz levemente rouca e baixa faz os pelos dos meus braços arrepiarem.

—E o que você tá fazendo agora? — Pergunto.

Espero que ele não me ache invasiva ou curiosa demais, mas meio que quero saber o que ele faz nas noites em que o sono não vem. Quero saber tudo sobre ele porque logo eu não estarei mais aqui para fazê-lo.

—Agora estou na cama falando com uma certa Ratinha teimosa. E você? — Pergunta, posso imaginar o seu sorriso.

Mordo o lábio para impedir que o sorriso rasgue meu rosto.

—Estou na cama conversando com um certo cara rabugento. — Respondo.

Ele ri. Uma risada leve e gostosa de se ouvir. Eu adoro quando ele ri, é um som tão bom.

—Eu não sou rabugento.

Dessa vez quem ri sou eu.

—É, sim.

Nós conversamos sobre nosso dia e claro que o dele foi mais interessante que o meu já que não saí de casa. Ele diz que Timmy perguntou por mim e isso faz uma pontada surgir no meu coração. Lembro que tenho que terminar de ler O Pequeno Príncipe para ele. Conversamos sobre música e filmes. Sugiro marcamos um dia para assistirmos um, falo sem pensar e depois de um silêncio, que me deixou constrangida, ele diz que mal pode esperar por isso. Fico aliviada por ele não perguntar se me meti em problemas quando cheguei em casa, mas sei que no fundo ele esperava que eu falasse sobre o assunto sem que ele precisasse insistir. O sono me atinge rapidamente, tento me manter acordada porque quero ouvir a voz dele, mas quando bocejo ele me diz para ir dormir. Antes de desligar me ocorre a pergunta que eu devia ter feito desde o primeiro momento em que atendi o celular.

—Henry, por quê me ligou? — Sussurro.

O silêncio entre nós volta a tomar conta, posso ouvi-lo respirar. Fecho os olhos e me concentro na sua respiração. É como se ele estivesse bem aqui, ao meu lado. Posso imaginar o roçar suave dos seus dedos em minha pele, me fazendo arrepiar. Consigo imaginar seus olhos azuis e minha pequena ilha.

—Porque eu precisava ouvir sua voz.

Eu sorrio.

—Boa noite, Ratinha. Durma bem. — Ele diz.

Suspiro, ainda sorrindo.

—Henry. — Digo, antes que ele possa desligar.

—Sim?

Abro os olhos e sorrio para o teto.

—Obrigada. — Digo.

Ele fica em silêncio por um tempo, então suspira.

—Pelo o quê? — Pergunta.

Por me fazer respirar.

—Por tudo. Boa noite, Henry. — Digo e desligo.

Respirar...

Eu preciso respirar.

Capítulo 32

Eu devia ter ficado no sótão fazendo o que faço de melhor, fingir que não existo. Mas depois de dois dias em que eu tive que aguentar as risadinhas e piadas maldosas de Cassie e o olhar de desprezo de Lauren decidi pôr fim ao meu castigo. Não estou desobedecendo meu pai, digo a mim mesma, afinal ele não impôs a quantidade de tempo em que eu ficaria de castigo. Se bem que pensar na palavra *castigo* quando não sou mais criança me faz sentir uma idiota. Não estou descumprindo as regras, estou apenas começando a viver minha vida. A partir de agora é isso que vou fazer. Viver. Está na hora da

Amélie viver um pouco.

Conversar com Henry todas as noites antes de dormir me ajudou a tomar essa decisão. Ouvir a voz dele me faz respirar e, pensando bem, era disso que eu precisava quando minha vida desmoronou. Acho que no meio de toda a destruição acabei ficando soterrada nos escombros da minha vida. Ainda não encontrei uma brecha que me faça sair de lá, mas consigo enxergar a luz. E é para lá que vou. Sinto bem no fundo que minha mãe ia gostar disso, de me ver sair do buraco que me escondi durante toda a minha vida. Se ela soubesse o quanto um certo garoto cheio de tatuagens e piercings nos mamilos me ajudou nisso... Será que ela reprovaria? Ou iria me apoiar no que penso ser uma loucura?

Espero que seja a segunda opção.

Estaciono a picape em frente ao armazém e antes de descer mando uma mensagem para Henry dizendo para me encontrar aqui quando puder. Caminho em direção ao armazém sentindo o vento gelado contra o rosto, trazendo um delicioso cheiro de bolo e o som de risadas. Adoro vir até aqui, é como se estar ao lado deles eu pudesse me sentir forte de novo. Entro no armazém e logo que meus olhos encontram Princesa S. sorrio. Ela está usando um vestido de princesa(claro!) verde e um enorme chapéu cheio de flores e pássaros grudados nele. Um sorriso enorme estampa seu rosto gentil enquanto ela canta uma música que não conheço. É por isso que todos estão rindo, ela é horrível cantando e sabe disso, pois ri também. Mesmo sendo um desastre no quesito cantar ela insiste e eu a admiro por isso, pois mesmo que saiba do quão ruim é cantando, ela continua. Sei que, enquanto todos estiverem rindo e se divertindo, ela não vai parar.

Caminho até o fundo do armazém e penduro minha bolsa num dos ganchos, então vou até a estante e pego o livro do Pequeno Príncipe. Passeio meus olhos a procura de Timmy ou Lea e os vejo sentados em volta de Brandon que está ensinando o Braille a eles, mas antes que possa ir até eles noto todos os outros que estão aqui. Eles parecem mais sorridentes, até mesmo o garoto novo. Ele chegou a pouco tempo e pelo o que soube ele conseguia enxergar até os 14 anos, depois de um acidente de carro ele foi perdendo a visão aos poucos até o dia em que parou de enxergar por completo. Brandon me disse que ele ficou muito deprimido e tentou se matar, mas a família fez de tudo

para mantê-lo vivo. Procuraram na internet instituições que ajudassem deficientes visuais e nos encontrou. Quando ele chegou aqui ficava em um canto, sozinho e com a cabeça baixa, eu não estava aqui quando ele chegou, mas Princesa S. e Brandon disse que Timmy foi o primeiro a falar com ele, antes mesmo que eles pudessem dar as boas—vindas. Eu não me surpreendi por isso, afinal Timmy tem algo de especial que nos faz querer viver cada segundo intensamente.

Pelo visto ele já fez muitas amizades aqui e espero que a garota que segura sua mão e sorri ao ouvi-lo conversar com dois outros garotos o faça se sentir bem sempre.

—As pessoas não costumam notar isso, mas às vezes encontramos a felicidade nos lugares mais improváveis.

Me assusto ao ouvir a voz de uma senhora ao meu lado. Ela é baixinha e tem cheiro de flores, usa um lenço rosa no pescoço. Ela olha para o garoto novo e a mão da garota, que segura firmemente a dele. Seu rosto redondo e cheio de rugas se abre num sorriso, instintivamente sorriu. Seus olhos pequenos desviam da cena e me encaram. Ela parece tão adorável que me controlo para não a abraçar agora.

—Me chamo Eva Turner, como se chama? — Ela pergunta, sorrindo.

Estendo a mão e a cumprimento.

—Me chamo Amélie Haywood, é um prazer conhecê-la Sra. Turner. — Digo.

Ela sorri novamente, um sorriso ainda mais caloroso que o primeiro. A vontade de abraçá-la volta com força.

—Amélie é um nome muito bonito. Combina com você.

Ah, ela deve ser louca.

—É voluntária aqui ou veio trazer alguém? — Pergunta, olhando ao redor.

—Sou voluntária.

Ela se aproxima e dá tapinhas no meu braço com sua mão gordinha e macia.

—Ah, que maravilha. É sempre bom que os jovens façam trabalhos voluntários, isso só ensina a vocês desde cedo que ajudar ao próximo sem esperar algo em troca é uma sensação maravilhosa. Além disso é um ótimo jeito de fazer amigos. Lembro que uma vez...

A Sra. Turner explica, com todos os detalhes possíveis, de quando era adolescente e ajudava em um hospital em Hampshire, foi lá que conheceu o marido. Ela me fala sobre ele, o quanto é um homem dedicado e trabalhador, diz que ele ainda a presenteia com flores todas as quartas—feiras. Fico surpresa quando ela diz que ele tem Alzheimer, a doença está no começo, mas ele já começa a esquecer de muitas coisas. Ela continua falando comigo e percebo que é uma tagarela assumida, em alguns momentos ela se perde no meio da história e acaba contando uma outra, mas ainda assim consigo entendê-la. Só me dou conta que fomos para uma das mesas quando ela solta sua bolsa cheia de chaveiros sobre a mesa, causando um baita barulho. Ela sorri quando fala dos filhos e lágrimas enchem seus olhos quando volta a falar do marido, embora seu sorriso ainda permaneça em seu rosto é difícil ignorar as lágrimas que ela tenta conter. Seguro sua mão sobre a mesa e a aperto gentilmente.

—Quer saber de uma coisa, minha querida? Hoje vim até aqui porque quero que meu marido volte a ser quem era, sei que não poderá voltar a ser aquele de antes.— Ela suspira e as lágrimas voltam aos seus olhos— Ele tem muito medo de se esquecer das pessoas que ama e da família. Ele e todos nós sabemos que isso pode acontecer, cedo ou tarde. Eu o amo o suficiente para me lembrar dele enquanto viver, mas...

Ela pega um lenço dentro da bolsa e seca os olhos pequenos.

—Mesmo que ele esqueça quem vocês são, vocês ainda lembrarão dele e enquanto se lembrarem ele vai lembrar de vocês. Talvez o Alzheimer apague somente a memória do cérebro, mas não do coração. — Digo, tentando reconfortá-la.

Ela sorri, um sorriso grande e verdadeiro.

—Você tem razão. Ele não é cego, mas falei com a... é, a Princesa S. e ela disse que ele pode frequentar o lugar sempre que quiser. Você não imagina o quanto eu fico grata por isso, por este lugar existir e acolher tantas pessoas que pensavam estar sozinhas neste mundo.

Dessa vez sou eu quem fica emocionada.

—Traga—o até aqui, nós vamos recebê-lo de braços abertos e tenho certeza de que ele poderá nos ajudar. Afinal, qualquer ajuda é bem-vinda para aqueles que precisam. — Digo.

A Sra. Turner se despede depois de falar com um dos filhos pelo celular, a vejo sair do armazém, suas perninhas roliças e curtas dão cada pequeno passo em direção ao lugar onde seu amado marido está. Aperto o livro contra o peito e sorrio.

Henry chegou no armazém um tempo depois de Lea cochilar em meus braços enquanto eu lia O Pequeno Príncipe. Fiquei feliz ao vê-lo se aproximar de nós, com Logan logo atrás dele. Como eu mandara na mensagem, depois que a Sra. Turner saiu, ele trouxe o violão. Falei com Princesa S. sobre meu plano de animar todos do armazém e ela concordou de imediato. Henry se assustou quando eu disse para ele o que planejei, mas lancei meu melhor sorriso e ele concordou. Até ganhei um beijo na bochecha. Brandon ligou para uma pizzeria e pediu várias pizzas, o dono do lugar ao saber para onde iriam enviar o pedido disse que não precisaríamos pagar nada, era um presente. Então o dia de hoje se tornou um dia especial, não é feriado nem aniversário de ninguém, mas mesmo assim comemoramos alguma coisa. Ninguém sabe o que está comemorando, mas acho que no fundo cada um está com algo na cabeça. Na minha cabeça estou comemorando o *nosso* dia, os sorrisos e os progressos que cada um deles faz todos os dias.

Enquanto Logan e Brandon ajudam todos a encontrarem um lugar para sentar caminho até Henry, enquanto carrego uma cadeira para ele se sentar. A coloco no lugar, de frente para todas as pessoas. Ele senta e apoia o violão sobre a perna dobrada. Sorrindo ele arrasta um dos *pufs* para o seu lado e indica com a cabeça para que eu me sente. Faço como ele pediu e o observo

se preparar e afinar o violão. Logan e Brandon sentam perto de nós. Depois de Princesa S. fazer uma apresentação bem acalorada de Henry ele começa a dedilhar os primeiros acordes no violão. No momento em que ele começa a cantar é como se todo o resto desaparecesse. Sua voz ressoa pelo armazém, mantendo seus olhos no violão e às vezes os mantendo fechados ele canta, mostrando o quanto é bom nisso. O quanto sua voz tem poder. Todos sorriem ao reconhecer a música, até mesmo os mais novos.

Quando ele chega ao refrão todos começam a cantar junto com ele. Vejo Princesa S. secar as lágrimas no canto dos olhos, Logan, canta ao mesmo tempo em que morde um pedaço de pizza e Brandon o olha enquanto tempo não rir. Todos cantam e se balançam de um lado pro outro. Olho para Henry no momento em que ele olha para mim. Nós sorrimos. Então junto com Henry e todos os outros o acompanho cantando:

—Let it be, let it be... Whisper words of wisdom... Let it be...

Capítulo 33

O Hernandez Place sempre vai fazer parte das minhas memórias especiais, não somente pela comida deliciosa e por ter sido neste lugar que vi a ilha no olho esquerdo de Henry, mas, sim, pelo momento constrangedor que passei nele. Peitos nos nachos. Foi isso que Henry sussurrou no meu ouvido enquanto seguíamos até o restaurante acompanhados de Logan e Timmy. O seu comentário foi apenas para que eu escutasse e não sei se foi pelo o que ele disse— trazendo a lembrança de volta— ou por sentir seu hálito quente na minha orelha, mas senti meu rosto pegar fogo. A cada passo para mais perto do restaurante, mais eu me sentia corar. Henry fez com que isso se concretizasse já que não parou de me olhar e sorrir do seu jeito presunçoso, que me dá vontade de dar uns tapas nele.

Embora o dia esteja cinzento, anunciando uma tempestade, Logan escolhe a mesa perto da janela e se acomoda ao meu lado, Henry ajuda Timmy a se sentar e dobra a bengala dele a deixando sobre a mesa. Henry senta na minha frente (de propósito, tenho certeza!) e ergue as sobrancelhas sugestivamente para mim, reviro os olhos e mostro a língua para ele. Ele ri e chuta minha canela embaixo da mesa, não machucou, mas faço biquinho para que ele se sinta culpado. Quando sua expressão muda para preocupação eu chuto a canela dele. Dessa vez quem ri sou eu.

—Gente, não queria atrapalhar, mas se não se importam eu vim aqui pra comer. — Logan diz, ajeitando a mecha de cabelo que caiu sobre seus olhos com um sopro.

Henry amassa um guardanapo e joga nele.

—Eu também tô com fome, hoje Hank tomou café da manhã com o papai e

eu e aí comeu todas as panquecas que a mamãe fez. — Diz Timmy, não aparentando estar ofendido com isso, mas se divertindo.

Logan joga a bolinha de papel em Henry, errando uns três metros a esquerda dele.

—Cara, você comeu as panquecas do teu irmão. Isso não se faz.

Logan balança a cabeça com pesar.

—Mas ontem você comeu meu sorvete todinho. — Diz Timmy para Logan.

Henry e eu rimos da cara de ofendido de Logan. O garçom que nos atende é o mesmo da outra vez que vim aqui, o das espinhas. Ele tenta não olhar diretamente nos olhos de Henry e fica olhando para seu caderninho quando faço meu pedido. Ele parece constrangido e sai o mais rápido que pode depois de anotar o pedido de todos.

—Você vai na festa do Billy? — Logan pergunta a Henry, depois toma um gole da sua água.

Henry se remexe na cadeira, desconfortável. Desvio meus olhos para os desenhos obscenos na mesa já que a conversa não me inclui, mas posso notar pelo jeito que seu corpo está rígido e sua mandíbula travada que ele não quer falar sobre isso.

—Não sei. — Ele responde.

Logan me cutuca nas costelas, me fazendo dar um pulo na cadeira.

—Quer ir, Melie?

—Você tá me convidando pra uma festa? — Sussurro.

Ele ri, mas não ri da minha cara como eu esperava, ele dá risada da minha pergunta. Como se eu estivesse sendo muito boba ao perguntar, o que, confesso, estou.

—É, por quê?

Porque ninguém nunca me convidou antes.

—Nossa, eu vou amar! Claro que eu quero ir. — Digo sorrindo, talvez mais do que uma pessoa normal sorriria ao ser convidada para uma festa.

Ouçoo o suspiro longo e exasperado de Henry que faz meu sorriso desaparecer.

—Eu também posso ir? — Timmy pergunta.

Henry e Logan trocam um olhar cheio de significado para os dois, um sorriso triste repuxando os lábios deles. Para mim essa troca de olhar significa muito mais, parece carregar uma tonelada de segredos.

—Não nesse tipo de festa, pirralho. — Henry diz, balançando a touca marrom de Timmy, como se despenteasse seu cabelo.

Por um momento o sorriso de Timmy desaparece, mas volta a aparecer quando Henry arruma sua touca.

O garçom das espinhas traz nossos pedidos e se retira mais rápido que um raio depois de o deixar na mesa. Henry me olha e sorri porque sabemos o motivo do garçom sair correndo de nós, ou melhor *dele*.

—O que vai ter nessa festa? — Pergunto, depois de dar uma boa e grande mordida na minha tortilha.

—É uma festa como qualquer outra. — Henry diz, enquanto ajuda Timmy com os talheres.

Logan ri com a boca cheia. Depois de engolir e respirar profundamente ele diz:

—Não as festas do Billy. A dessa vez é festa a fantasia e... bom, o resto você verá com os próprios olhos.

Fico tentando imaginar o que de diferente pode ter nessa festa. As únicas festas que conheço são as dos livros que leio e elas parecem bem legais, tirando aquela em que todos morrem. Mas eu devia suspeitar disso, era *Poe*,

afinal. Nessas festas eu podia ir sem precisar de convite e ninguém iria jogar ovos em mim. Mas a vida real é bem diferente da dos livros, por isso que leio tanto. Quando estou lendo não estou existindo em outro lugar que não seja naquele livro.

—Fantasia? Que tipo de fantasia? — Pergunto.

Logan dá de ombros.

—Qualquer fantasia. Billy deixou bem claro que as fantasias são obrigatórias. Deve ser algum tipo de fetiche. — Ele ri.

Henry e eu rimos também, mas nossa risada desaparece ao ouvir a voz de Timmy:

—O que é fetiche?

Nós três trocamos olhares e então Logan muda de assunto do jeito que somente ele consegue fazer:

—E aí, soube que vai começar a nova temporada de Game Of Thrones. Legal, né?

Suspiramos quando Timmy se empolga ao falar da sua série favorita e esquece a pergunta não respondida por nós. Comemos e rimos muito das coisas que Timmy e Logan dizem. Solto uma gargalhada alta e quase me engasgo quando Logan diz que uma vez flagrou Henry cantando e dançando na cozinha usando uma cueca do Homer Simpson. Tentei não pensar em Henry de cueca, mas fracassei. Quando Timmy derruba o potinho com molho é necessário chamar o garçom para trocar por um novo. Timmy parece constrangido e fica pedindo desculpas a Henry pelo o que causou.

—Timmy, não se preocupa com isso, do jeito que Logan está comendo teríamos que pedir outro mesmo. — Digo.

Logan confirma com a cabeça, embora Timmy não possa vê-lo. Timmy sorri.

—É verdade, eu estava quase comendo o pote.

Henry me lança um olhar azul brilhante, me agradecendo com ele. Sorrio.

O garçom nos traz outro potinho de molho e um pano para limpar o que caiu na mesa. Ele revira os olhos e faz cara feia a Timmy enquanto se abaixa e passa o pano úmido na mesa. Timmy se afasta para não o atrapalhar e acaba derrubando os talheres no chão. Henry se aproxima de Timmy para afastá-lo junto com a cadeira. Percebo a cara azeda que o garçom das espinhas faz quando olha para Timmy que parece tão envergonhado, prestes a chorar. Lanço um olhar mortal ao garçom, mas ele não nota.

—Garoto cego e idiota. — Ouço-o murmurar.

Só percebo o que estou fazendo quando já estou de pé jogando o resto da cerveja de Henry na cara do garçom. Tenho a vaga lembrança de tê-lo empurrado no chão e chutado suas partes de menino e dos braços de Logan me segurando. Quando o silêncio ao redor se torna longo demais e noto os olhares em mim sinto meu rosto esquentar, mas não de vergonha porque não me arrependo do que fiz.

—Sua vadia estúpida. — O garçom murmura enquanto limpa os olhos com uma mão e tenta se manter firme em seus pés instáveis.

Numa fração de segundo vejo o punho de Henry atingir o olho direito do garçom, os "ohs" preenchem o restaurante.

—Isso é pelo meu irmão. E isso...— Seu punho atinge o maxilar do garçom, que cai no chão novamente— É pela Ratinha. — Henry diz.

O silêncio é quebrado pelos funcionários que correm para socorrer o amigo. O restaurante ainda está silencioso, todos chocados com a cena que acabaram de ver, quando o som da voz embargada de Timmy nos faz soltar a respiração numa lufada de ar.

—Eu sou cego dos olhos, mas você é cego do coração. Isso é bem pior.

O garçom das espinhas ergue a cabeça, o olho está começando a ficar roxo e sangue escorre do canto da boca. Ele olha para Timmy e então para nós três,

um olhar arrependido cruza seu rosto, mas logo desaparece quando ele ergue a mão e mostra o dedo do meio. Henry dá um passo para frente, mas o interrompo antes que a situação piore.

Depois de dar explicações para o dono do restaurante e pagar a conta e o estrago que fizemos caminhamos em direção a van da loja da *Mont's*. Todos ainda estamos perturbados com o que aconteceu e putos da vida com o maldito garçom das espinhas. Sei o quanto Henry quer voltar até lá e quebrar todos os dentes dele porque eu também quero. Timmy segura minha mão apertado, enquanto dou passos curtos acompanhando—o. Ele guia seu caminho com a bengala.

—Você me defendeu. — Ele diz, me fazendo parar a poucos passos da van.

—É claro que te defendi. Você me cativou, Timothy Montgomery. E sempre defendemos aqueles que nos cativam. — Digo.

E em troca recebo o sorriso do garotinho mais incrível do mundo.

Como todas as outras noites Henry me liga e ficamos conversando por horas até o sono chegar e nos levar para a terra dos sonhos. Ele me diz que Timmy foi dormir na casa dele e agora está na cama dormindo com Macarrão, diz que o Macarrão usou Timmy como desculpa para poder dormir na cama. Além de ter tido que inventar algo para responder o que é fetiche a Timmy, que não desisti da sua resposta enquanto Henry não o respondesse. Não fiquei surpresa por isso, Timmy nunca desiste enquanto suas perguntas não são respondidas. Dessa vez não temos muito a dizer sobre o nosso dia, ficamos quase o dia inteiro juntos, mas antes de desligar decido perguntar o que estava rondando minha cabeça o dia inteiro.

—Você não quer que eu vá na festa, né?

Ouçó o seu suspiro cansado e me pergunto se o estou irritando ou o impedindo de dormir quando é isso que ele quer.

—Não é isso, Ratinha, é só... É que aquele lugar não parece ser um bom lugar

pra você.

—Por que não? — Pergunto.

Ouçó seus passos. O imagino caminhando em sua casa com... Sorrio... Com sua cueca do Homer Simpson.

—É que você não se encaixa naquele lugar e alguma coisa pode acontecer e te machucar.... E se eu não estiver lá pra te defender se algum idiota quiser fazer alguma coisa com você?

Eu não me encaixo em muitos lugares..., mas não digo isso a ele.

—Eu não preciso de proteção, Henry. Posso me defender sozinha. — Digo.

Sinto minha pulsação subir com a raiva repentina que me atinge.

—Mas eu quero *cuidar* de você e te *defender* quando for necessário, mas você é teimosa e irritante de um jeito que me deixa louco. — Diz.

Suas palavras me desarmam por um tempo, mas a parte de que ele pensa que eu preciso ser cuidada e protegida por alguém me deixa com raiva. Eu devia saber que ele me enxerga como uma idiota.

—Quer saber de uma coisa, Henry? Vai cuidar e proteger o seu *alguém*. E se alguma coisa acontecer comigo vai ser porque *eu* quero que aconteça.

Ouçó o barulho de algo caindo no chão e uma parte de mim—que não está puta da vida com ele— se pergunta se ele se machucou.

—Porra, será que você ainda não percebeu que *você* é o meu *al...*

Eu desligo. Porque não posso continuar falando com ele quando estou com raiva. Sei o quanto as palavras podem machucar, e machucam ainda mais quando são ditas no calor do momento. As coisas saem sem pensar e estraga tudo. Não quero estragar minha amizade—ou seja lá o que isso for— com Henry. Ele é importante demais para que algo tão bobo o tire de perto de mim. Tenho que lutar todos os dias quando o vejo para não estragar tudo e perdê-lo. Minha mãe costumava dizer que coisas boas sempre acontecem em

nossas vidas, por um tempo não acreditei nisso porque coisas boas não aconteceram na minha vida, principalmente depois que ela se foi. Mas então eu conheci Henry Montgomery e me dei conta de que minha mãe sempre esteve certa. Coisas boas sempre acontecem em nossas vidas, quando menos esperamos conseguimos vê-las e senti-las e tudo muda por completo. Por isso tenho que pisar em ovos todas as vezes que estamos juntos.

Ele é aquela coisa boa que acontece quando a gente menos espera e quando mais precisa. Inesperadamente essencial. Ele é minha coisa boa. A melhor coisa boa de todas.

Capítulo 34

Uma fantasia. Era a única coisa que eu precisava para entrar na festa. Uma fantasia.

Logan me mandou o endereço da festa e disse para nos encontrarmos lá. Se fiquei nervosa ao receber a mensagem? Claro que fiquei. Foram necessários dois dias para encontrar uma fantasia que coubesse em mim e para me preparar para conhecer novas pessoas. Não sou boa nisso, normalmente estrago tudo, mas a nova Amélie—a que quer viver—precisa fazer isso. E Logan estará lá, estou mantendo isso na minha cabeça para não surtar e dar meia volta e correr para dentro do sótão. Vai dar tudo certo, só preciso me manter confiante e otimista. Duas coisas que, definitivamente, não sou.

Faz dias que meu pai não fala comigo e, pelo o que pude notar, com Lauren também. O único momento em que o vejo é no jantar e embora não troquemos nenhuma palavra é um pouco reconfortante. Ontem enquanto

ajudava Nelie na cozinha ouvi em silêncio enquanto Lauren discutia com meu pai sobre a mudança para Seattle. Eu quis atravessar a cozinha e ir até eles, gritar o quanto eu não quero ir. Queria dizer que isso está me machucando. Queria gritar para que eles parassem de falar sobre isso, porque é como se eu os ouvisse expulsar minha mãe de nossas vidas. Sei o quanto Lauren quer isso, mas eu não vou suportar vê-la desaparecer da vida do meu pai como se nunca tivesse existido. Nelie estava certa quando me disse que não há nada que eu possa fazer para mudar isso. Acho que Lauren está conseguindo o que sempre quis. A barreira entre meu pai e eu parece crescer a cada dia, a distância entre nós nunca pareceu tão grande quanto agora.

Ligo o rádio da picape e me forço a mudar o rumo dos meus pensamentos. Passo ao lado de uma árvore enorme que me indica que estou saindo da cidade. Eu deveria ter deixado para colocar a fantasia quando estivesse chegando a tal festa, mas coloquei antes mesmo de sair de casa e agora me arrependo disso. Nelie me ajudou a vesti-la e deu um sorriso orgulhoso de mãe quando me virei e ela me olhou dos pés à cabeça. Ela disse que eu estou linda. Claro que ela disse, ela cuidou de mim a vida inteira e me trata como sua filha. Os pais sempre acham os filhos bonitos por mais feios que eles sejam. Eu sou a prova viva disso.

Não é preciso muito para encontrar onde está acontecendo a festa. Uma casa de aparência antiga está enfeitada com luzes e fitas do lado de fora, o que parece ser papel higiênico está nos arbustos em frente e nas janelas do andar de cima. Filas de carros caros ocupam toda a rua, me obrigando a fazer o retorno e estacionar três ruas longe da casa. Parece que todas as pessoas da cidade vieram porque foi horrível encontrar uma vaga que coubesse a picape. Antes de descer coloco a touca que cobre todo o meu cabelo e boa parte do meu rosto já que ficou grande demais, a prendo com o velcro no pescoço e respiro fundo.

Eu consigo fazer isso. Todos vão estar usando fantasia e ninguém vai me notar. Eu posso fazer isso... Eu consigo fazer isso...

Desço da picape e respiro aliviada o ar gelado da noite. A rua está vazia e fico feliz por isso. Embora tenha escolhido a fantasia porque tem um significado muito grande para mim sei que não ficou como eu esperava, ficou grande demais e duas crianças começaram a chorar quando um carro parou ao

lado do meu no semáforo. Caminho o mais confiante que posso fingir ser em direção a casa da festa. Quanto mais me aproximo mais o som da música alta faz meu coração pular dentro do peito. Eu realmente devia ter estacionado mais perto da casa. Torço para encontrar com Logan logo.

Algumas pessoas que bebem em copos vermelhos no gramado em frente à casa me olham como se eu tivesse duas cabeças. Como eu suspeitava e fiquei muito feliz por comprovar isso, todos usam fantasias. Um cara fantasiado de Capitão América para de enfiar a língua dentro da boca da sua acompanhante, Mulher-Gato, quando subo os degraus que leva até a porta aberta da casa. Ignoro os risinhos e entro na casa. O cheiro de bebida e maconha me atinge, me fazendo franzir o nariz. Tento respirar fundo e sorrir a cada passo que dou em frente. Todos parecem me olhar, mas ignoro. Estou numa festa de verdade pela primeira vez e não quero que nada estrague isso. Um cara usando uma tanga e com cipós enrolado em volta do corpo, suponho que seja o Tarzan, me para no meio do caminho para o que parece ser a sala. É difícil dizer pela quantidade de pessoas na casa. O Tarzan me entrega um copo vermelho e sai gritando "*Oh—Oooh—Ooooooh*". Bebo um gole e fico feliz por ele não ter me dado nada alcóolico, é uma bebida doce. Tem gosto de chiclete de morango.

Entro na sala e encontro um lugar no canto. Sento no sofá de cor amarelo bem duvidoso ao lado do que parece ser uma Mulher—Maravilha apagada. A música alta toca perfurando os meus tímpanos e depois de alguns copos de bebida tenho certeza de que há algo mais dentro do copo do que líquido sabor chiclete de morango. Saio do meu cantinho e decido caminhar um pouco, talvez me faça sentir melhor. Eu devia ter trazido um livro, mesmo com a música, as pessoas dançando e as risadas, a festa está me entediando. As dos livros são bem melhores. Atravesso a sala e enquanto caminho encontro vários casais em posições bem estranhas nos corredores. A cozinha é o lugar mais sossegado, apenas uma garota fantasiada com algo que não consigo saber o que é, sua roupa é tão curta que poderia ter vindo nua que não faria diferença, mistura várias garrafas de bebida em uma única garrafa. Ela me olha e então começa a gargalhar, ela ri tanto que sua maquiagem escura escorre dos olhos. Quando ela passa por mim em direção a sala ainda está rindo, tentando equilibrar copos sobre uma bandeja e uma garrafa.

Abro os armários em busca de um copo limpo, quando o encontro encho de

água e bebo rápido. O gosto da bebida começa a deixar um gosto ruim na minha boca. Ouço um barulho do lado de fora da porta que leva ao quintal, penso em deixar para lá e ir tentar encontrar Logan, mas os sussurros me impedem. Eu não devia fazer isso, mas quando me dou conta já estou abrindo lentamente a porta e tentando ver quem está lá. A luz do lado de fora está acesa e copos espelhados pela grama. O vento gelado da noite traz consigo e cheiro de cigarro e os sussurros parecem mais altos. Me aproximo um pouco mais e então congelo no mesmo lugar. Não é o vento frio ou o embrulho no estômago que me faz paralisar no mesmo lugar. É a cena que vejo.

Uma garota fantasiada de coelhinha está de joelhos com a cabeça em frente a virilha de uma cara. Ela tenta com os dedos vacilantes abrir o botão da calça dele, ela solta risadinhas bêbadas e resmungos quando ele tenta ajudá-la a abrir a calça. O cara está fantasiado de pirata, mas não como o Jack Sparrow, eu diria que é um pirata mais moderno. Usa uma bandana vermelha na cabeça e um tapa—olho que não está cobrindo seu olho, a camisa branca está pendendo para fora da sua calça o que atrapalha o trabalho das mãos —bêbadas da coelhinha. Ele resmunga quando desiste de tentar ajudá-la e traga mais uma vez o seu cigarro.

Eu não devia ter aberto a porta, não devia ficar parada no mesmo lugar olhando para o que parece ser o prelúdio de um boquete. E eu, definitivamente, não devia ter vindo para essa festa idiota.

Quando dou as costas para a cena mais perturbadora que já vi ouço o barulho de um zíper sendo aberto, mas o som do zíper e da música não podem encobrir o som do meu sangue correndo em minhas veias e zunindo em meu ouvido. Ou do meu coração.

Estou caminhando pela rua tentando lembrar onde estacionei a picape quando ouço passos atrás de mim, de alguém correndo. Olho por cima do ombro medindo minhas opções de fuga ou algo que possa bater na pessoa que corre desesperada até mim. Seus braços balançam acima da cabeça de um lado para o outro como um boneco de posto de gasolina. Quando está chegando mais perto percebo que quem corre até mim é um Power Ranger. Um Power Ranger rosa. Minha vontade de correr ou gritar por ajuda desaparece quando

um ofegante Ranger Rosa para na minha frente e tenta respirar.

—Eu...nunca...corri...tanto...na...minha...vida. — Diz e se inclina para frente apoiando as mãos nos joelhos enquanto puxa o ar.

Não sei por que ele parece estar morrendo já que a casa da festa está a pelo menos uma quadra de onde estamos. Tiro meus óculos e limpo as lentes com a parte felpuda da pata da minha fantasia e então os coloco de volta. Ainda não consigo acreditar no que estou vendo.

—Disseram que viram um rato gigante na festa e então eu tentei...ligar pra você, mas não consegui...Vi um ponto cinza...aqui...na rua e imaginei que era você.

Não sei se me sinto ofendida ou se me sinto lisonjeada por ele correr até mim. Decido ignorar porque ele fantasiado dessa forma me faz querer rir.

—Eu não consigo me concentrar com você vestido desse jeito. — Digo.

Ele se ergue e coloca os punhos cerrados no quadril, virando seu rosto de lado ainda me olhando e erguendo as sobrancelhas.

—Tô muito sexy, eu sei. — Diz.

Não aguento e começo a rir. Logan fica confuso diante a minha gargalhada nada bonita. Minha risada é interrompida quando vejo quem eu mais temia —embora quisesse desesperadamente ver— se aproximar de nós. Ele caminha calmamente em nossa direção e quando para na minha frente abre um sorriso tímido, não retribuo o sorriso embora não consiga desviar meus olhos dele. Ainda me olhando ele joga um capacete rosa para Logan.

—Você esqueceu isso. — Ele diz.

Logan sorri agradecido.

Ele me olha dos pés à cabeça percebendo somente agora o quão humilhante estou vestida. Analisa cada detalhe da fantasia, das patas grandes e com unhas pontudas e pretas, passando pelas pernas peludas e cinzas e pela mancha oval cor de rosa que estampa toda a parte da frente, as minhas mãos

que agora são patas com unhas negras até chegar ao meu rosto onde meus óculos não conseguem ficar no lugar por causa da touca. Logan parece distraído com seu capacete e quase tropeça no meu rabo rosa e gigante. Eu o tiro do caminho antes que ele pise.

—Ratinha...

O apelido que Henry me deu nunca pareceu tão apropriado. Sinto meu rosto esquentar e finalmente crio coragem para desviar meus olhos dos dele. Volto a andar a procura da minha picape, ignorando os passos de Henry atrás de mim e tentando com todas as forças não lembrar do que me fez sair daquela festa. Logan caminha ao meu lado rindo de algo que ele disse, mas não consegui prestar atenção. Com as pernas longas que tem Henry consegue chegar ao meu lado antes que minha mente possa formar a palavra IDIOTA.

—Ei, ei, espera. O que aconteceu? — Ele pergunta, me fazendo parar no meio da calçada.

Olho para ele querendo gritar o quão puta da vida estou por ter visto aquilo, por ter vindo a essa festa idiota e por ter pensado que pelo menos uma vez na vida eu podia ir a uma festa e agir como qualquer pessoa que vai encontrar os amigos e beber. Mas eu não tenho amigos e não consigo beber nada que ultrapasse Coca—Cola ou ficar num lugar que cheira a maconha e sexo. Não tenho o talento de ser sociável e fazer amigos. Sou estranha e ninguém gosta de coisas estranhas. Isso é um dos motivos que me fazem questionar o por que ele ainda fica ao meu lado e age como se fôssemos melhores amigos. Quero sair correndo e me esconder no sótão porque é lá onde os ratos ficam. E agora que estou parecendo um é lá onde eu devia ter ficado.

—Não aconteceu nada, só vou voltar pra casa. — Digo.

Ele tinha razão esse lugar não é para mim.

—Pensei que quisesse vir na festa. Você parecia bem animada com isso.

Sorrio e volto a caminhar. Se ele soubesse o quanto me arrependo de ter vindo. Pensei que ao vir fantasiada ninguém iria rir de mim ou se afastar como se eu tivesse uma doença contagiosa, mas eu estava errada. As pessoas

usam máscaras todos os dias, mas parecem não entender e repudiar quando as máscaras podem ser vistas. Talvez as máscaras invisíveis tenham mais poder do que as visíveis.

—Só estou cansada, Henry, vou pra casa. Vocês não precisam ir comigo. — Murmuro.

Ele parece entender e fica em silêncio enquanto caminha ao meu lado e tenta não pisar no meu rabo. Logan segura meu braço e o prende ao seu, ele sorri e pisca para mim. Eles parecem ter ignorado a parte que disse que não precisam me acompanhar.

—Nós devíamos passar no mercado e comprar bebida. — Logan sugere.

Eu dou risada.

—Do jeito que estamos fantasiados vão pensar que vamos assaltar eles. — Digo.

Logan estala a língua e assente com a cabeça.

—Tem razão. Somos um trio bem estranho.

Henry encaixa meu braço na curva do seu, notando minha surpresa ele sorri.

—Uma rata míope. — Logan diz.

Ainda estou tentando não puxar meu braço de Henry quando ele diz:

—Um Ranger daltônico.

Logan ri.

—E um *pirata* valentão. — Digo.

Nós três rimos e caminhamos em direção a lugar nenhum. Não estou mais procurando minha picape e com toda certeza o álcool ainda não saiu do sangue de Logan que fala coisas desconexas e do quanto se arrepende de ter dado o primeiro boquete da vida do caixa da loja de fantasias por ele ter

vendido a fantasia do Ranger rosa e não do vermelho. Decido não perguntar sobre o que ele está falando porque ele ainda está muito bêbado e não importa o que ele tenha feito. Logan é incrivelmente lindo por fora e por dentro não importa se gosta de meninas ou não.

Quando encontramos a rua onde estacionei a picape Logan, ainda cambaleante em suas pernas, começa a cantar *I believe I can fly*. Sorrindo canto junto com ele. Henry não resiste e cantarola junto com a gente. Somos um trio bem estranho.

Capítulo 35

Nelie está preparando a massa do Cannoli enquanto eu a assisto, sentada no banquinho e lambendo o que sobrou do recheio na panela. Ela cantarola uma música italiana como se estivesse se apresentando no América Idol. Embora eu esteja sorrindo sei o porquê ela está fazendo isso. Depois da morte da

minha mãe as músicas e danças esquisitas na cozinha pararam. Não havia mais motivo para isso e, sinceramente, para mim ainda não existe um, mas Nelie não sabe disso. Ela está se esforçando o máximo que pode para me fazer rir e é isso o que estou me forçando a fazer.

Nelie, praticamente, me viu crescer. Ela sabe de todas as minhas alergias, as minhas comidas preferidas, meu grau de miopia e até mesmo os dias do mês em que me transformo num diabo faminto. Nelie sabe de tudo sobre mim, mas no meu atual estado eu gostaria muito que ela não soubesse tanto assim. Eu ainda não contei a ela sobre o armazém e Timmy e Henry, não por que eu não confie nela, mas porque tenho medo. Não quero falar sobre eles, sobre ter encontrado um lugar que me transformou. Não quero falar sobre Henry, principalmente.

Conhecer Henry Montgomery foi a coisa mais maravilhosa que me aconteceu e por ser tão fantástico tenho medo de falar sobre ele em voz alta. De, de repente, como num show de mágica, um estalar de dedos, ele desaparecer. Se eu falar sobre ele em voz alta vai ser real e a realidade não tem estado do meu lado ultimamente. Se eu falar sobre ele—mesmo que eu queira desesperadamente—ele vai deixar de ser minha coisa boa e pode se tornar a coisa boa de outra pessoa.

Ele já tem outra pessoa. Ele tem alguém.

Minha mente também não tem me ajudado. A cena na festa foi como se uma faca fosse cravada no meu coração. Foi tão horrível que, juro, ter sentido dor física. Foi como se eu tivesse levado um soco no estômago, me fazendo ficar sem ar e sem saber como voltar a respirar. De todas as noites em que nos falamos e por todas as vezes em que eu agradeci a ele por me fazer respirar nunca imaginei que seria logo ele a me fazer perder o fôlego, e não de um jeito bom. Faz dias que não nos falamos, mas é por escolha minha. Eu não atendo suas ligações e não respondo suas mensagens. Quando vou até o armazém arrumo uma desculpa para sair mais cedo e quando Timmy me fala dele eu forço meus ouvidos a pararem de ouvir, mas meus pensamentos sempre vão até ele.

Por mais que estejamos separados por milhas de distância um do outro ainda o sinto perto de mim. Às vezes parece que ele vive em alguma parte secreta

do meu corpo, eu não sei onde ele está para que o tire de lá. E o pior de tudo é que eu não tenho o direito de pensar nele dessa forma, como se eu o amasse porque não o amo. Ele apenas me dá o que passei minha vida inteira ansiando, talvez por isso seja tão difícil me ver longe dele. Por me sentir tão confusa é que andei pensando sobre me mudar para Seattle. Eu tinha medo de ir e perdê-lo, mas se eu não for agora vai ser pior para mim. A dor de perdê-lo não parece ser pior do que deixá-lo se impregnar ainda mais em mim.

Suspiro.

Só percebo a proximidade de alguém quando um copo de leite é colocado na minha frente, sobre o balcão. Ergo o olhar e encontro o olhar inquisidor de Nelie, ela sorri, tentando me encorajar a desabafar. O que Nelie não entende é que se eu começar a falar não vou conseguir parar e, provavelmente, vou dizer mais do que devia. Ela nem ninguém precisa saber a confusão que acontece dentro de mim. Se eu não entendo como ela poderia entender?

—Obrigada. — Digo, pegando o copo de leite e tomando um gole.

Ela não me questiona, mas sei o quanto ela quer. Nelie sempre foi de falar muito tudo o que pensa, mas aos poucos esse seu lado foi desaparecendo. Talvez ela saiba que às vezes palavras não passam de simples palavras quando estamos aos pedaços. Ela leva a panela até a pia e volta para o meu lado. Pelo cheiro que está na cozinha logo os Cannolis ficarão prontos, eu nem percebi. Nelie envolve seus braços gordinhos ao redor dos meus ombros e me dá um abraço apertado, eu a abraço de volta. Eu não fazia ideia do quanto eu estava precisando disso.

Ficamos abraçadas por tempo suficiente para eu saber que ela está chorando e por tempo suficiente para que eu pense em falar sobre Henry, sobre a festa e tudo o que está me incomodando. Um pigarreio vindo da porta da cozinha nos faz separar. Olho sobre meu ombro e vejo meu pai parado na porta, usando seu uniforme e com os braços cruzados sobre o peito. Seus olhos desviam de mim para Nelie, quando olho para ela percebo que seca seus olhos com um pano de prato.

—Senti o cheiro assim que abri a porta da frente. Deixe—me adivinhar, são os famosos Cannolis de Nelita? — Meu pai pergunta, sorrindo.

Por um segundo eu sorrio, uma parte de mim esperando que minha mãe entre pela porta dos fundos com seu sorriso enorme e olhos brilhantes e abrace meu pai. Uma parte de mim consegue ouvir sua voz e o som da sua risada suave e tímida misturada com a risada grossa e extrovertida do meu pai. Uma parte de mim consegue voltar para cinco anos atrás e nos observar neste mesmo lugar, sentir esse mesmo cheiro e ouvir essas mesmas palavras do meu pai. Mas uma outra parte de mim me força a voltar a realidade. Minha mãe não entra pela porta dos fundos sorrindo e indo abraçar meu pai. Sua risada não se mistura com a dele. Eu não estou vivendo a cinco anos atrás. Estou no agora. E agora ela não está mais aqui.

Agora há um silêncio pairando sobre nós e um desconforto mútuo. Não olho para Nelie quando ela caminha até o forno e o desliga nem para o meu pai que se força a sorrir enquanto caminha até ela. Eu não sei para onde ir, mas adoraria não estar aqui agora. Eu não quero sorrisos forçados e nuvens negras do passado pairando sobre mim. Eu quero um agora sem resquícios do passado. Eu quero sorrisos e abraços que sejam dados sem pesar. Eu quero ir para longe, para algum lugar onde a dor não esteja. Eu quero beijos na testa e respostas irônicas. Eu quero músicas e poesias. Eu quero Henry Montgomery.

Meu pai se senta do meu lado e deixa seu cinto com a arma sobre o balcão. Nelie e ele conversam sobre algo, mas não me importo em saber o que é.

—Posso? — Ele pergunta, apontando para meu copo de leite.

Eu aceno que sim e percebo o olhar de Nelie em mim, ela pensa que estamos bem agora, mas não estamos. E eu estou cansada de fingir que estou. Eles continuam conversando e rindo de algo, mas meus olhos estão presos na arma sobre o balcão. Nunca tive permissão de chegar perto dela nem ao menos de tocá-la, mas ela está bem aqui na minha frente. Tão tocável. Nunca segurei uma arma antes, mas também nunca imaginei querer tanto segurar uma.

Desço do banco e saio da cozinha sem me despedir. Não sei para onde vou ou o que vou fazer, mas não posso ficar perto deles agora. Não posso ficar perto daquela arma. Ela parecia gritar meu nome, parecia me chamar. Subo até o sótão e pego minha bolsa sem olhar para qualquer outro lugar. Eu também não posso ficar perto daquela janela. Às vezes também a ouço me chamar. Desço a escada o mais rápido que posso e tentando ao máximo não fazer

barulho. Antes que eu possa virar a maçaneta consigo ouvir a voz de Nelie e papai na cozinha.

—O que aconteceu com ela dessa vez? — Meu pai pergunta a Nelie, tentando falar em voz baixa.

Você nunca conseguiu ser silencioso, papai.

Quase sorrio, mas escuto a voz de Nelie.

—Dê um tempo a ela. Não é difícil apenas para o senhor.

Suspiro. Giro a maçaneta da porta e saio.

Não me dê tempo, por favor. Tempo é tudo o que não preciso nesse momento.

Dirigir por toda a cidade não me faria não acabar neste lugar.

Sem que eu percebesse tudo começou aqui. Eu comecei algo sem imaginar o quanto o fim me machucaria. Eu devia saber que as coisas boas não durariam, mas nunca parei para pensar no que eu faria depois que terminasse. Tudo tem um fim e o meu está próximo. Eu sei disso. Eu posso *sentir* isso. Mas ninguém mais sabe. Henry não sabe. Não posso deixar que ele saiba. Embora eu queira me afastar dele eu não consigo. Não importa o que eu faça, algo sempre me leva até ele. E eu me permito ser levada.

Eu sei que ele está lá dentro da loja, ajudando seus pais em alguma coisa porque ele é assim. Passei em frente à sua casa, mesmo sabendo que estava vazia. Estacionei a picape em frente e fiquei olhando para a casa que já me acolheu. Eu queria guardar cada pequeno detalhe daquela casa, cada cor e cada sentimento que ela me dá. Eu quero guardar tudo numa caixa dentro da minha memória para todas as vezes em que sentir saudade dele eu possa abri-la. É o que faço agora enquanto olho para a *Mont's*. Quero guardar cada detalhe, cada cor e cada sentimento que olhar para ela me proporciona. Cada um desses lugares são os lugares em que eu e Henry estivemos. Cada lugar

que fui ao lado dele se transformou nos meus lugares favoritos. Porque ele estava comigo.

Talvez meu lugar favorito seja ao lado dele.

Pela janela de vidro, que se estende do lado direito da porta, consigo vê-lo caminhar até o balcão enquanto ajuda um homem com suas compras. Não consigo ver seus pais, mas não tenho certeza se eles estão lá também. A van da loja não está estacionada no seu lugar habitual. Ele fala algo com o homem e os dois riem, mesmo estando longe—ainda dentro da picape—eu sorrio ao vê-lo rir. É como se eu pudesse ouvir sua risada ecoando dentro de mim. Cada vibração fazendo algo se partir. Quando o homem sai da loja segurando as sacolas e ainda com um sorriso no rosto desço da picape e caminho até a porta. Cada parte de mim me diz para voltar e me afastar de vez dele, mas não posso. Não consigo voltar. Minhas pernas não me obedecem e quando ouço o barulho do sininho da porta sei que não posso mais voltar.

Ele vira a cabeça em minha direção e um sorriso se abre em seu rosto bonito. Ele parece estar feliz por me ver, mas ele não deveria. Ainda fico esperando pelo momento em que ele vai enjoar de mim e me magoar. Fico todos os dias esperando pelo golpe, mas ele não vem. A cada vez que ele sorri para mim me faz acreditar que ele não é como os outros. Henry Montgomery não vai me magoar. Sou eu quem irá magoá-lo.

—Ratinha...— Ele suspira.

Seu sorriso vacila um pouco quando eu não sorrio de volta. Então me forço a sorrir. Ele se aproxima e me esmaga contra seu peito num abraço apertado. Envolver meus braços ao seu redor e inspiro seu cheiro. É o meu cheiro favorito.

—Me diz o que está acontecendo? — Ele pede, suas palavras sussurradas de encontro aos meus cabelos.

Eu o abraço ainda mais forte. Quero que ele se impregne em mim, não importa o quanto vai doer. Eu aguento toda a dor do mundo se no fim tudo o que estamos vivendo não se torne uma mentira.

—É uma péssima hora pra dizer que não trouxe sanduíches? — Pergunto.

Posso sentir seu corpo relaxar e tenho certeza de que ele está sorrindo. É isso que queria fazer.

—Você veio até aqui, é isso que importa. Era isso que eu queria. — Diz.

Ele realmente não devia dizer essas coisas pra mim.

Me afasto para olhá-lo nos olhos. Ajeito meus óculos e encontro minha ilha preferida.

—Você sentiu minha falta? — Pergunto.

Seu sorriso se desfaz e automaticamente me arrependo da pergunta. É claro que ele não sentiu minha falta. Ele vivia muito bem antes de mim e pode viver ainda melhor depois de mim.

—Claro que senti, Ratinha.

Essa não era bem a resposta que eu queria, mas eu nem ao menos sei o que esperava ouvir.

Henry sorri e volta a me abraçar, seus braços ao redor da minha cintura puxando meu corpo de encontro ao seu. Nunca imaginei que algum cara me tocaria dessa forma e iria me querer perto, mas também nunca imaginei que um toque que me desconcerta seria o toque que mais anseio sentir. Ele me empurra contra o balcão, ainda com seus braços ao meu redor, e pressiona seu rosto em meu pescoço. Posso sentir sua respiração rápida e irregular, assim como as batidas do meu coração. Ele beija meu pescoço, mas logo se afasta. Sinto seu corpo ficar tenso assim como o meu. Ele não esperava fazer isso e eu, com toda certeza, não imaginava que ele o fizesse.

O sininho da porta tilinta e nos separamos, apenas o suficiente para vermos quem é. Ele ainda tem seus braços ao meu redor. Um casal entra com uma garotinha que carrega um balão. Eles sorriem para nós e seguem para os corredores. A garotinha sorri e acena com seus dedinhos. Henry volta sua atenção para mim e sorri, parece envergonhado, mas nem um pouco

arrependido. Será que ele não vê o quanto errado nós somos juntos? Eu não sou uma coelhinha que faz boquetes em festas, sou uma rata que se esconde no sótão.

A imagem de Henry e aquela garota na festa volta com força na minha mente. Ele não devia me abraçar como se fosse eu que estava prestes a chupar seu pau na festa. Ele não pode me tratar como se me... *amasse*. Ele não pode fazer essas coisas. Eu não posso aceitar que ele as faça. Me afasto dele e finjo limpar meus óculos na blusa para não vê-lo.

—Ei, o que aconteceu?

Me viro para vê-lo, mas não coloco meus óculos. Mesmo com tudo não passando de um borrão ainda assim ele é lindo.

—Eu preciso ir, Henry. — Digo.

Não sei para onde ir depois que sair daqui, mas não posso mais ficar. Quero sentir seus braços ao meu redor outra vez. Quero sentir sua respiração no meu pescoço e seus lábios. Quero tudo com ele. Tudo o que eu não deveria querer.

Ele me puxa, me impedindo de me virar e ir embora.

—Não. Você não vai fazer isso de novo. Você não pode fazer isso, Ratinha. Não vá, por favor. — Murmura.

—Não faça isso, Henry. Me deixe ir. — Digo.

Ele parece confuso, mas logo sua expressão se torne triste. Droga, o que foi que eu fiz agora?

—Tudo bem.

Ele me dá as costas e vai para os fundos da loja. Não sei se fico feliz ou triste por isso. Escolho ficar triste porque a tristeza é algo que já estou acostumada a sentir.

Capítulo 36

Antes que me aproxime da cozinha consigo ouvir risadinhas e sussurros. Acabei de acordar e ainda estou atordoada com o sonho que tive com Henry. Não quero me lembrar dos detalhes, mas no sonho fizemos muito mais do que nos abraçar. O barulho de talhares e pratos fica mais alto quanto mais me aproximo. Posso reconhecer a voz de Cassie e reviro os olhos. Sempre quando ela me vê diz coisas que me faz querer dar um soco nela, mas são sempre suas palavras que parecem me bater. Abro a porta da cozinha e não me importo nem um pouco com ela quando levo minha mão até minha bunda e coço. Nem está coçando de verdade, mas ela sempre se irrita quando eu faço isso então eu faço.

Abro a porta da geladeira e pego a caixa de leite, como tem pouco leite levo a caixa até minha boca e bebo. Estou coçando minha bunda e bebendo leite da caixa quando ouço um pigarreio. Um pigarreio que não é o de Cassie. Me viro e dou de cara com Sid. Sid Brown está na minha cozinha com as sobancelhas erguidas e um braço em volta da cintura de Cassie. E acaba de me ver beber leite direto da caixa e coçar minha bunda. Tirando a parte que estou parecendo um zumbi com pijama do Teletubbies.

—Olá, Amélie. — Cassie diz, sorrindo enquanto desliza os dedos sobre o peito de Sid.

Ainda estou em choque por vê-lo aqui, mas não mais do que o choque de que vê-lo não me faz sentir nada.

—Bom dia. — Digo.

Volto a beber o leite da caixa e subo no banquinho para pegar o pote de

biscoitos. Ignoro os dois e me sento no balcão para comer. Descobri que ignorar Cassie a deixa com raiva então é isso que tenho feito. Olho para eles enquanto como e sorrio. Eles parecem surpresos e isso me alegra. Desde o dia em que a Amélie decidiu viver ela também ligou o botão do foda—se.

Cassie beija Sid na boca e sai da cozinha, rebolando sua falta de bunda enquanto passa por mim. Reviro os olhos. Sid parece constrangido ao se aproximar do balcão, ofereço os biscoitos, mas ele acena que não quer. Ótimo. Sobra mais pra mim.

—Eu devia ter conversado com você antes de me envolver com Cassidy. — Ele diz.

Tomo um gole do leite e olho para ele.

—Por quê? — Pergunto.

Ele enfia as mãos nos bolsos do jeans e olha para mim.

Dessa vez consigo sentir algo. Esse rosto era o rosto das minhas fantasias, era o rosto que eu pensei querer ver pelo resto da minha vida, mas eu não o imagino mais comigo. Não consigo pensar em nós dois juntos, no nosso casamento e como seriam nossos filhos. Uma parte de mim se pergunta o por que pensei nele dessa forma. E outra parte de mim se questiona o quanto todas essas coisas não fazem diferença agora.

—Pensei que nós tínhamos tido algo, naquele dia, sabe?

Ele está falando do jantar naquele restaurante chique, que parecia querer poupar comida pois colocou um nada no meu prato. Naquele dia eu também pensei que tínhamos algo, que ele tinha se dado conta que me amava e finalmente viera me buscar. A única coisa que me dei conta foi de que eu nunca estive apaixonada por ele porque, se estivesse, vê-lo ao lado de Cassie me magoaria. E eu não sinto nada.

—Mas não tivemos, Sid. Você não me deve explicações. — Digo.

Ele parece surpreso e eu também estou, mas não posso parar agora.

—Eu pensei que você estava apaixonada por mim. — Ele diz.

Eu poderia revirar os olhos, mas sorrio. Eu também pensei que estivesse apaixonada por ele.

—Vou ser sincera com você, Sid. Eu não sei bem o que sinto por você, em um momento te odiei e em outros pensei que te amava. Sabe, quer realmente saber de uma coisa? — Pergunto.

Ele acena que sim. Respiro fundo e continuo:

—Eu não te odeio e, sinceramente, agora tenho certeza de que não te amo. É pior que isso, eu não sinto nada por você. E não sentir nada por alguém é bem pior do que sentir tudo. Eu passei cinco anos da minha vida pensando que te amava e me machucava quando eu te via com outra mulher, Sid. Agora percebo que eu nunca ameí você. Eu ameí alguém que criei na minha mente. Se você tivesse tentado só um pouquinho eu poderia ter te amado. Mas eu não estava pronta pra você, né? Bem, talvez seja você que nunca esteve pronto pra mim.

Ele suspira.

—Ai, essa doeu. — Diz, levando a mão ao peito.

—Eu sinto muito, mas você não é o amor da minha vida. E isso dói mais em mim, se quer saber, porque por um tempo eu desejei tanto que você fosse.

Ele assente com a cabeça e dá um meio sorriso.

—Então espero que você encontre logo o amor da sua vida e seja muito feliz, Amélie. De verdade.

Acho que nunca fui tão sincera antes, mas não é apenas ele quem precisava ouvir isso eu também precisava. E agora que foi dito não tem mais volta. O problema das palavras é que depois que são ditas elas não podem mais voltar. As palavras se tornam livres para serem interpretadas de diversas formas. Da forma mais errada até a forma mais certa.

Desço do banco e o abraço. Ele sorri e eu também. Saio da cozinha enquanto

minhas palavras pairam no ar e descem até ele. Espero que ele me entenda da forma certa, pois não o odeio e nunca poderia odiar. Ele me fez descobrir que o amor é bem mais do que sonhar com um futuro perfeito. O amor vai bem mais além de um Felizes para Sempre.

Sid, você sempre será o homem pelo qual pensei ter amado.

E lá está ele novamente. Ou aqui estou eu de novo.

Todas as coisas que eu devia fazer ou dizer desaparecem quando o vejo. Ele sempre está lá. Ou dentro de mim. Fechei um capítulo com Sid e agora estou tentando me convencer a dar um fim a minha história com Henry. O engraçado é que a história nem ao menos teve início, mas me sinto partindo ao meio. Qualquer pessoa que me olhe agora não poderia dizer o quanto estou quebrada, o quanto me sinto dolorida e destrocada. Eu já experimentei essa sensação antes, mas nunca me pareceu tão amarga antes de hoje.

Ele está sentado nos degraus que levam até sua varanda. Ele traga um cigarro enquanto seus olhos focam em algo a sua frente, já tentei ver para onde ele está olhando, mas não há nada lá. Nunca há algo no lugar onde ele olha. Seus olhos perdem o foco e sua boca se transforma numa linha fina quando isso acontece. É um daqueles momentos em que ele se desliga do mundo e entra dentro de si mesmo. Não deve ser um lugar muito bom para se estar, mas ele sempre vai até lá. Às vezes quero tirá-lo de lá, mas em outros momentos, como agora, gostaria de entrar com ele. Sua dor também é minha dor, posso senti-la pulsar em minhas veias e me machucar. Me torturar, como sei que o tortura.

Estou atrás da árvore na casa vizinha por um longo tempo, estacionei Lilo algumas ruas antes da rua da sua casa. Eu só queria vê-lo mesmo que de longe. Eu faria de tudo para que essa vontade desaparecesse, os sonhos e todas as sensações que ele me faz sentir. Se ao menos houvesse uma explicação. Se eu ao menos pudesse entender.

Macarrão caminha até ele, o rabo longo e laranja balançando de um lado pro outro. Ele se esfrega em Henry para chamar sua atenção, Henry acaricia a

cabeça do gato e sorri. Eu sorrio também. Macarrão parece tê-lo tirado do seu lugar ruim e o trazido de volta a realidade. Se bem que a realidade pode ser bem pior, às vezes. Ele traga seu cigarro pela última vez antes de apagá-lo, esfregando—o na madeira da escada. Seus lábios se franzem ao soprar a fumaça branca, sua boca formando um biquinho. Ele suspira e fecha os olhos por alguns segundos, Macarrão está sentado ao seu lado e parece seguir o rumo da fumaça até o céu antes dela desaparecer. Henry parece relaxado e isso me deixa inquieta. Ele não deveria achar tão prazeroso algo que o está matando lentamente.

Ele pega o celular dentro do bolso da calça jeans e o gira entre os dedos. O vento sopra seu cabelo, gostaria de tirá-lo de cima dos seus olhos e acariciar entre meus dedos, como no dia do parque. Gostaria de ir até ele e olhar em seus olhos, gostaria de ver a pequena ilha que se esconde neles. Gostaria de ter coragem para dizer que estou indo embora. Gostaria que ele me pedisse para ficar. Ele lambe o lábio inferior e o prende entre os dentes, me pego sorrindo ao saber que ele nem ao menos nota a mania que tem. Ele digita algo no celular. Sinto meu celular vibrar dentro do bolso do meu casaco, fico feliz por ter tirado o som antes de sair. Ele se levanta e entra na sua casa, seguido por Macarrão. Quando a porta se fecha pego meu celular.

Henry: Andarei quinhentas milhas até você e mais quinhentas milhas até seu coração. Andarei milhares de milhas até poder te encontrar. Andarei até sua porta e cairei de joelhos no chão. Esteja em casa quando eu chegar. Me veja cair de joelhos e implorar.

Meu coração bate descontrolado e esqueço como levar ar até meus pulmões. O celular treme em minhas mãos e minha visão fica embaçada. Não sei o que ele quer dizer com isso. Será que vai até minha casa? Ele vai andando até lá? Ele vai implorar pelo o quê?

Ele me deixa tão confusa. Não o respondo.

Faço o caminho de volta até a rua onde estacionei a picape. Enquanto sinto algo pesar sobre mim, uma leve comichão em meu estômago e um estalar dentro do peito. Seja lá o que for, me assusta. Mas é um medo bom.

Capítulo 37

Passei a noite inteira e boa parte do dia esperando que Henry aparecesse na minha casa, mas isso não aconteceu. Então cheguei à conclusão de que ele enviou aquela mensagem para mim por engano. Também cheguei à conclusão de que se eu não vou ficar aqui por muito tempo vou passar todo o tempo que me resta ao lado dele. Então pego minha bolsa atrás da porta e ignoro as latas de tintas e pincéis que ainda estão no chão do sótão. Sei que devia ter feito algo aqui, mas agora é tarde demais.

Hoje é a folga de Nelie por isso me surpreendo ao ouvir barulho na cozinha quando me aproximo da porta. Sei que Lauren saiu com as amigas e Cassie, bem, sei lá onde ela está. Por isso fico surpresa ao abrir a porta e encontrar meu pai. Ele não percebe minha presença e continua a beber sua cerveja e olhar para o quintal dos fundos, com um lado do corpo apoiado contra a porta aberta. Deixo a bolsa sobre a mesa e me aproximo dele. É estranho encontrá-

lo em casa a esta hora e sem o uniforme, mas é muito bom tê-lo por perto. Toco seu braço e ele se sobressalta, mas sorri.

—Pensei que não estava em casa. — Ele diz.

O céu está cinzento, parece que pode chover a qualquer momento, por isso penso em deixar para encontrar com Henry em outro dia e passar o dia com meu pai, como costumávamos fazer, mas ele não costuma me querer por perto. Só me mantenho afastada para dar a ele o que precisa. Se sou o fantasma que o assombra, como Lauren disse, então devo fazer de tudo para que ele não me veja.

—Vou sair daqui a pouco. — Digo.

Ele me olha e espera por mais informações, mas não dou. Henry é minha coisa boa e a vida que vivo fora de casa é a única que me faz sentir bem. Não quero que desapareça. Então a mantenho escondida.

Papai volta sua atenção para o quintal e fica em silêncio. Sei o que ele está pensando porque estou pensando nisso também. Nós costumávamos fazer churrascos e comemorar feriados e aniversários no quintal, mas depois daquele dia não voltamos lá novamente. Eu tentei, mas todas as vezes em que pisava na grama as lembranças voltavam e eu tinha que sair correndo de lá para não desmoronar. A grama ainda é cortada pelo nosso vizinho, por isso o quintal ainda é bonito. Se não fosse por Nelie e a sua preocupação conosco o quintal teria sido completamente engolido pela tristeza que nos engoliu depois daquele dia.

Seguro sua mão e aperto seus dedos junto aos meus. Ele parece surpreso, mas eu precisava disso. Preciso sentir que ele está perto de mim, mesmo que somente fisicamente. O nó na garganta volta e sinto as lágrimas querendo cair, mas sem conseguir. Sempre me torturando.

—Sinto tanta saudade dela, papai. — Sussurro.

Quero que ele diga que sente saudade também, quero que diga que está comigo e que eu não preciso me sentir assim, tão perdida e sozinha. Quero que ele diga que eu não o assombro e que não é culpa minha ele não

conseguir seguir em frente com Lauren. Quero que diga que ela está errada. Quero que diga que sempre amará minha mãe.

Mas ele não diz. E solta minha mão.

—Quando sair tranque a porta e se não for voltar para o jantar, avise. —Diz.

Ele sai da cozinha e mais uma vez me deixa sozinha.

Preparei mais sanduíches de manteiga de amendoim e geleia porque tive a esperança de encontrar com Logan na *Mont's*, mas me surpreendi ao vê-lo em frente ao mercado, onde passei para comprar Coca—Cola. Ele está falando com um cara alto e magro, mas não parece ser uma conversa muito amistosa. O cara magrelo o empurra da sua frente e atravessa a rua, onde um grupo de garotos riem. Corro até Logan, torcendo para que as coisas na sacola não estraguem.

—Ei, você tá bem? O que aconteceu? — Pergunto, tentando ajeitar meus óculos.

Ele se vira para me olhar e sorri, mas não é o sorriso zombeteiro e cheio de alegria que sempre vejo estampado em seu rosto. Olho para o grupo de garotos, eles ainda riem e consigo ouvir um deles, o mais alto, gritar a palavra *bicha*. Olho de volta para Logan, que parece tão triste e com raiva quanto eu estou.

—Está tudo bem. — Ele diz.

Reviro os olhos.

—Eu sei que não está, Logan. Eu posso ir até lá e bater neles se quiser. — Digo, tentando fazê-lo rir.

Claro que eu faria isso e tenho que me controlar para não o fazer. Logan é meu amigo e faria tudo por ele, até mesmo correr o risco de ser esmagada por aqueles caras.

Ele ri e bagunça meu cabelo.

—Eu sei que faria, Melie, mas não precisa. Sério.

Ele pega uma sacola da minha mão e estende o braço para que eu enrosque o meu com o dele, o faço. Caminhamos ainda ouvindo as risadas e piadas idiotas.

— Ele fez alguma coisa pra você, né? — Pergunto.

—Quem?

—Aquele cara que te empurrou.

Logan suspira e olha por cima do ombro, faço o mesmo e percebo que o cara magrelo é o único que não parece se divertir às custas de Logan.

—A única coisa que ele fez foi dizer que me amava e depois se juntar com os amigos para rir de mim. E jogar merda na porta da minha casa. — Ele diz.

—Ele é um idiota. — Digo.

Gostaria de jogar merda na cara dele. Logan ri, sem achar graça, e suspira.

—Não, ele não é um idiota.

—Mas ele...

—Ele é apenas uma pessoa que tem medo de enfrentar seus medos. De aceitar quem ele é, mesmo que quando esteja comigo não pareça. Ele é apenas mais uma das muitas pessoas que a sociedade não aceita.

Suspiro. Foi bom ter deixado a picape em casa e caminhar um pouco, assim demoramos mais de chegar até a loja. Dessa forma Logan pode se abrir comigo.

—Ele não aceita amar você? — Pergunto.

Ele assente.

—As pessoas podem ser bem cruéis quando querem, Amélie. As pessoas não aceitam o diferente porque a sociedade cria um padrão e nos forçam a nos encaixar nele. Existem tantas formas de amor no mundo, por que a nossa tem que ser condenada?

Fico em silêncio porque não sei como respondê-lo. E porque é uma pergunta que eu também adoraria saber a resposta.

—Ele disse que me ama na semana passada e hoje quando fui cumprimentá-lo ele me tratou da forma como algumas pessoas me trataram quando eu estava na escola. Eu me senti horrível, mas entendi. Por isso não disse nada.
— Murmura.

—Entendeu que ele não merece você, é isso? Porque ele, com certeza, não merece você. — Digo.

Logan sorri.

—Entendi que ele tem medo de perder o amor da família, que é muito religiosa. Entendi que ele tem medo do que pode acontecer com ele caso saibam sobre nós. E que talvez ele não queira ter merda pegando fogo na porta da sua casa. Entendi porque estamos sempre, mesmo que inconscientemente, tentando nos encaixar nos padrões. Eu sei bem disso porque por um longo tempo eu tentei, mas não tive sucesso. — Diz.

O abraço da melhor forma que consigo, com um braço só.

—Você é uma pessoa incrível que merece ser amado por alguém que seja incrível também. Fico muito feliz por você não se forçar a se encaixar nos padrões, porque se fizesse isso não estaria aqui comigo. E não seria incrível.
— Digo.

Logan sorri, de verdade.

—Nesses meus vinte e dois anos aprendi algo muito importante, e que serve para você também, Melie. Você não pode mudar quem as pessoas são, e nunca deve mudar quem você é por causa delas.

—E como isso serve pra mim? — Pergunto.

Ele sorri.

—Tenho certeza de que já passou pela sua cabeça ser como àquelas modelos de revistas. E já passou pela minha me sentir atraído por mulheres como me sinto atraído por homens. Quando você aceita quem você realmente é começa a se sentir livre. E, de qualquer forma, é sempre bom dizer um bom FODA —SE para os padrões.

Sorrio e assinto, porque ele tem toda a razão.

—Amo você, Logan. E se aquele idiota não quiser te amar eu posso amar você por nós dois. —Digo.

Ele sorri e respira profundamente.

—Eu também amo você, Melie, mesmo que você não tenha um pênis. — Diz.

Eu dou risada e voltamos a caminhar em direção a loja.

—Oh, eu quase esqueci.

Ele me para e me vira em sua direção.

—O que foi? — Pergunto.

—No dia 15 de novembro é aniversário do Henry e vamos fazer uma festinha surpresa pra ele. Na verdade, não é bem uma festa surpresa. Meu pai e o tio Bob vão vir pra cidade e sempre fazemos uma reunião de família, que se resume a muita comida e uma tia Lane bem louca. Quero que você vá. — Diz.

Fico perdida. É informação demais ao mesmo tempo.

—Mas é uma festa de família. — Digo.

Ele estala a língua e revira os olhos.

—TimTim quer que você vá e tenho certeza que Henry também. Além disso, nossa família não é tão grande e é aniversário do Henry, você tem que ir. Ele sempre canta nessas reuniões. — Diz, mexendo as sobrancelhas sugestivamente.

Aniversário do Henry... Ainda estou tentando não entrar em pânico e sair correndo atrás de um presente pra ele.

—Tá, eu vou. O que eu dou de presente pra ele? Um vale—tatuagem? — Pergunto.

Nós voltamos a caminhar.

—Não, esse quem vai dar sou eu. Você pode dar algo especial pra ele.

—Tipo o quê?

Ele olha para as unhas, checando—as.

—Seu coração.

Me engasgo com a saliva e começo a tossir.

—Ei, calma, calma. Não precisa entrar em pânico. Só estava brincando. — Diz, enquanto ri.

Respiro fundo e reviro os olhos para ele.

Não entrei em pânico. Claro que não. Só... Fiquei surpresa com o que ele disse.

—Mas ele bem que iria gostar. — Ele sussurra.

Finjo que não ouvi nada. Como também finjo que meu coração não está dando pulinhos, como se quisesse sair do meu peito.

Capítulo 38

Quanto mais os dias passam mais me desespero em relação ao presente para Henry. Já pensei em dar um capacete novo, um vale—tatuagem ou um vale—piercing. A parte do vale—piercing me deixou com uma pergunta rondando minha cabeça: Onde ele colocaria o piercing? O que me fez corar em diversos momentos. Tirando essa parte não pensei em mais nada. Eu poderia perguntar para ele o que quer, mas eu não quero estragar a surpresa. É empolgante saber que ele não faz ideia de que eu sei quando é seu aniversário nem que eu estarei lá no dia.

Saí de casa sem tomar o café da manhã, o que poderia me deixar estressada, mas não estou, porque estou a caminho da casa de Henry. Mandeí mensagem para Logan ontem a noite pedindo ideias do que dar de presente a Henry, ele voltou com a história de "dar meu coração" e *blá—blá—blá*, claro que o ignorei. Dar o coração a alguém é algo muito importante e deve ser pensando

muitas vezes antes de se permitir fazer isso, ainda bem que não entreguei meu coração a Sid. Meu coração é a única coisa que ainda tenho que está inteiro não posso correr o risco de dar a alguém que vai despedaçá-lo. É meloso demais e talvez até infantil, mas é a verdade.

Estaciono em frente à casa de Henry e fico feliz ao ver sua moto estacionada em frente, pelo menos ele não foi para a loja ainda. Saio da picape e corro até a porta da frente, não sei por que estou tão feliz. Sempre me sinto assim quando estou perto dele. Vou sentir muita saudade disso. A porta está entre aberta, então entro na casa. Sinto o cheiro de café e sorrio. Caminho até a cozinha na esperança de encontrá-lo, mas ele não está aqui. Nem na sala. Deixo a bolsa no balcão para ir procurá-lo, mas algo me impede de dar um passo além do balcão. O caderno preto está sobre o balcão, com uma caneta entre as folhas. Minha curiosidade sobe a um nível catastrófico. Não resisto e abro o caderno, as folhas estão um pouco mais amassadas do que me lembrava e há mais marcas marrom—claras nos cantos. Me certifico de que ele não está por perto antes de me inclinar sobre o balcão para ler o que ele escreveu.

Vá e então se esconda, minha amada.

Antes que a luz apareça e te leve para longe.

Ela fica ao meu lado.

Sempre.

Sem medo do escuro.

Ela olha para as estrelas que brilham cheias de esperança.

Ela sorri e deita em meu peito.

Ela não sabe dos segredos.

O mistério que me rodeia.

Ele se esconde dentro de mim.

Ninguém saberá quem sou.

Ninguém saberá meu nome.

Antes que a luz resplandecente a leve para longe.

Sussurrarei em seus lábios meu maior segredo.

Então o silêncio que a torna minha não mais existirá.

É estranho ler isso, me faz sentir algo estalar dentro de mim. Olho sobre meu ombro para ver se ele está lá fora, e suspiro aliviada ao saber que não. Viro algumas páginas.

A escuridão da noite cai sobre nós.

O som do violão faz companhia ao murmúrio do vento.

O tempo passa rápido.

Ele está cansado.

Ele diz que só quer fechar os olhos.

A escuridão cai sobre nós.

Implorando por um raio de luz.

Gritando por clemência.

Orando por perdão.

Servindo de bom grado a alma e o coração.

Ele só quer fechar os olhos.

Onde está a luz?

A escuridão cai sobre nós.

Onde está a luz?

Me diga, onde está a luz?

Ele escreve poemas para o seu *alguém*. Eu devia saber disso. Não sei por que me machuca. Isso não devia acontecer. Odeio que aconteça. Odeio que doa. Odeio esse *alguém*.

—O que você tá fazendo?

Me sobressalto ao ouvir a voz de Henry. Minha bolsa e o caderno acabam no chão com um baque surdo e meus óculos ficam tortos em meu rosto, mesmo assim ainda consigo ver a expressão dele. Surpresa, raiva e um brilho nos seus olhos bonitos. Droga! Eu sabia que um dia minha curiosidade me causaria problemas.

—Eu só vim aqui pra te ver e a... a porta estava aberta, sabe? Aí eu entrei. — Digo e sorrio.

Espero que ele não note meu rosto vermelho, posso senti-lo quente nas bochechas. Ele me olha com os olhos semicerrados então seus olhos deslizam pelo meu corpo até o seu caderno caído aberto no chão, minha bolsa e a caneta que foi parar em algum lugar. Me abaixo e pego minha bolsa e o caderno, coloco—os de volta no balcão. Torço para que ele não questione o fato de seu caderno ter caído no chão e eu estar por perto, por acaso. Ele caminha até mim, passa o braço ao meu lado e pega o caderno. Droga!

—Você leu, né? — Ele pergunta, segura o caderno com uma mão e mantém os olhos fixos nos meus.

Merda. Merda. Merda.

—Talvez...— Sussurro. Desvio o olhar do seu.

Ele estala a língua entre os dentes e balança a cabeça de um lado pro outro como se não acreditasse. Quando seus olhos encontram o meu novamente estão tristes e vazios, o brilho que eu vira não está mais lá.

—Me desculpa, Henry. Eu não pensei que ficaria com raiva. Eu não queria que ficasse com raiva. — Digo.

Ele assente.

—Eu sei, Ratinha. É só que não tô acostumado com alguém entrando na minha casa e mexendo nas minhas coisas. — Diz.

Ai!

—Eu gostei muito do que tá escrito aí. — Aponto para o caderno em sua mão.

—Sério?

Sorriso.

—Gostei muito.

Ele sorri, mesmo tentando não sorrir. Me aproximo dele, perto o bastante para sentir seu cheiro, e ergo a cabeça para vê—lo. Gostaria de erguer minha mão e tocar sua bochecha áspera pela barba. Gostaria de muitas coisas com Henry Montgomery, coisas que eu definitivamente não deveria querer.

—Você não devia ter vergonha ou tentar esconder o que escreve, é lindo. Seus poemas são partes de você e nenhuma parte sua é feia, nenhuma parte sua deveria te envergonhar. — Digo, o fazendo lembrar das palavras que me disse uma vez.

Ele suspira. Não consigo desviar meus olhos dos seus, mesmo quando ele desliza sua mão pelo meu rosto. Me olhando como se tentasse guardar cada pedacinho de mim em sua memória. Todas as vezes em que ele olha para mim desse jeito me pergunto o que de tão fascinante ele vê no meu rosto. Ele me analisa como se eu fosse algum tipo de experimento científico. Como se pudesse ler minha mente.

Seu toque sobre minha pele é como combustível jogado sobre o fogo. Me sinto explodindo por dentro. Queimando. Meu coração bate acelerado e tenho que me forçar para dar o comando aos meus pulmões para que inspire e expire o ar. O ar que carrega seu cheiro. Fecho meus olhos porque não consigo mantê-los abertos. Deixo que seu toque me envolva nessa nuvem de entorpecimento. Sinto sua respiração em meu rosto, mas não abro os olhos. Se quando eu abri tudo isso sumir vou mantê-los fechados. Quero que ele me beije. Quero tanto que ele me beije. Ele não me beija.

Abro os olhos e não olho para ele, estou envergonhada demais para erguer meus olhos até os dele.

—Vamos tomar café da manhã. — Ele diz.

Será que ele percebeu o quão idiota eu fui? Talvez ele vá rir de mim depois quando se encontrar com seus amigos. E com seu *alguém*. Tomamos café em silêncio porque não há nada que possa ser dito. Porque as palavras flutuam entre nós, mas não a pegamos.

Depois do café da manhã o clima ainda está estranho entre nós. Pego minha bolsa e caminho até a porta quando sinto sua mão tocar a minha. Ainda não consigo olhar para ele, me sinto envergonhada. Ele entrelaça seus dedos nos meus e aperta minha mão me puxando para si. Será que ele tem alguma ideia do que seu toque faz comigo? Com certeza não tem. Porque ele me puxa contra seu peito e me abraça. Deixo a bolsa cair no chão e o abraço de volta. Amo seus abraços. Amo abraçá-lo, é como sentir o mundo inteiro entre meus braços.

—Não vá ainda, Ratinha. Tem uma coisa que quero te mostrar. — Diz.

Dessa vez eu o olho.

—O quê? — Pergunto.

Ele sorri e pega minha mão.

—Vem comigo.

Ele me leva através da cozinha e abre a porta dos fundos, Macarrão sai rebolando pela grama. O fundo da casa é cercado por árvores grandes e com folhas amareladas e laranjas. A grama está molhada e escorregadia, me seguro bem nele. Ele me conduz por entre as árvores e o chão cheio de galhos e folhas secas, a luz gélida do Sol da manhã que se esforça para atravessar as nuvens cinzas, vai se perdendo acima de nós, escondida sobre as folhas das árvores. Me sinto como se tivesse entrando em uma floresta gigantesca. É úmido e difícil de andar, até encontrarmos uma trilha de terra molhada e com pequenas porções de feno e galhos. Passamos por debaixo dos galhos de algumas árvores e ao lado de um tronco enorme. Consigo ouvir alguns pássaros e sorrio. Não parece que estamos no quintal da casa dele.

Henry me leva pela trilha sem dizer nada. Deixo que o som do vento e dos pássaros nos rodeie. Andamos pelo o que parece uma eternidade até que escuto o som de água. Olho para Henry, mas ele está concentrado demais em não me deixar cair. Passamos por debaixo de um galho e então sinto a terra firme sob meus sapatos. Pisco quando a luz do Sol nos atinge e então perco o fôlego.

—Uau. — Sussurro.

Um enorme lago se estende a nossa frente, cercado por árvores altas e grama. A água ondula até a beirada de uma leve inclinação a frente. Do lado esquerdo perto da água uma única árvore enorme e, aparentemente, sem vida abriga entre seus galhos frágeis os restos do que parece ser uma casa na árvore. Um balanço feito com pneu balança solitário em um galho. Solto a mão de Henry e me aproximo da água, desço a leve inclinação e olho tudo ao meu redor. Uma enorme pedra cinza prende a corda que segura uma canoa branca. *Uma canoa!* E recebe os pequenos golpes da água. Há flores perto da pedra e da árvore. É o lugar mais bonito que já vi. A água é tão clara que o céu se reflete nela e parece não ter fim. Sinto vontade de chorar e nem ao menos sei o porquê. Sinto a aproximação de Henry, mas não consigo desviar meus olhos do lago.

—Esse lugar é lindo. — Digo.

—Eu ainda ia arrumar algumas coisas antes de te mostrar, mas não consegui não fazer isso hoje.

Suspiro e olho para ele.

—Você ia me trazer aqui? Fez tudo isso? — Pergunto, surpresa.

Ele sorri e pega minha mão.

—Não fiz tudo isso, só limpei a trilha que leva até aqui e tirei todas as coisas velhas que tinha espalhadas pelo caminho.

Sorrio. Olho novamente o lago.

—Esse lugar parece perfeito demais pra existir. — Digo.

—Eu também pensei isso quando encontrei esse lugar.

Caminho até a pedra e me sento. Henry faz o mesmo. Pego um graveto e faço círculos na areia úmida.

—Encontrou?

Ouçõ ele rir.

—Eu estava procurando Macarrão, atravessei o lugar inteiro e encontrei ele aqui. Tentando pegar uma borboleta. — Diz.

—Você devia agradecer o Macarrão por ter te mostrado esse lugar. E eu agradeço por você ter me mostrado também.

—Não faria sentido se eu não te mostrasse esse lugar. Você também faz parte dele.

Fico confusa.

—Por que?

Ele sorri e desvia os olhos dos meus.

—Encontrei esse lugar no dia em que te conheci. — Diz.

Sinto o vento gelado sobre minha pele, me fazendo estremecer. Olho para o lago, ondulando quieto e as árvores balançando suas folhas.

—Alguém mais veio aqui? — Pergunto, antes que minha coragem se vá.

Imagino ele aqui com seu *alguém*. Não gosto de imaginar isso, mas a imagem de uma garota alta, magra e bonita andando confiante sobre suas pernas longas perto do lago enquanto Henry sorri para ela não desaparece tão facilmente da minha cabeça.

—Não, acho que ninguém descobriu esse lugar antes, ou somente o ex morador da casa. Só nós dois sabemos desse lugar. — Diz.

Sorrio.

—E Macarrão. — Digo.

Ele ri.

—Então, esse é o lugar onde você encontra a sua poesia? — Pergunto.

Seu cenho se franze, mas a sombra do seu sorriso permanece em seus lábios.

—A poesia nem sempre está nas palavras que escrevemos no papel, Ratinha. A poesia está em todos os lugares. Escondida nas entrelinhas da vida esperando alguém que a veja, que a sinta e se transforme com ela.

Me pergunto se ele tem alguma ideia do poder que suas palavras têm sobre mim. Se tem alguma ideia do quanto é especial sua forma de enxergar o mundo. Ele enxerga beleza nas coisas feias. E talvez aquela parte que pensa que o amor é uma desgraça é uma parte sua que ainda não teve a chance de experimentar um amor de verdade, talvez seja uma parte onde a poesia ainda não alcançou.

—E você a vê, a sente e se transforma com ela. — Sussurro.

Ele sorri.

—Sinto vontade de nunca mais ir embora daqui. É tão tranquilo e bonito. —
Digo.

Ele envolve um braço sobre meus ombros. Me aconchego nele e apoio minha cabeça em seu ombro. A tranquilidade não está nesse lugar, está nele.

—Você pode vir aqui sempre que quiser.

—Você vai me deixar invadir o seu lugar? — Pergunto.

Ele aperta seu braço em mim. Sinto seus lábios em minha testa. Fecho os olhos e sorrio.

—Esse lugar não é meu. Esse lugar é *nosso*.

Me levanto e corro até a beira do lado, com o graveto escrevo nossos nomes.

Olho para ele e sorrio.

—Se esse é o nosso lugar devemos deixar nossa marca nele.

Ele sorri, seus olhos azuis brilhantes. Ele levanta da pedra e tira um canivete do bolso, caminho até ele e o vejo se abaixar diante da pedra, então ouço o som do metal do canivete sobre a pedra. Quando ele se afasta eu leio:

Amélie & Henry

Meu olhar oscila da pedra marcada com nossos nomes e seu rosto, e o sorriso que está estampado nele.

—Mas isso é para sempre. — Digo.

Ele se levanta e guarda o canivete no bolso. Ele me olha e sorri, instintivamente sorrio de volta.

—Essa é a intensão.

Capítulo 39

Desço as escadas em silêncio para não acordar ninguém. Falei com Henry por uma hora e trinta e sete minutos por telefone e me surpreendi ao querer continuar falando com ele, mesmo depois de não ter mais assunto. Acho que é mais para ouvir sua respiração e imaginá-lo em sua casa. Falamos sobre o nosso lugar e as mudanças que ele ainda quer fazer lá. Para mim está tudo perfeito, mas ele insiste em deixar a trilha que leva ao lago mais firme para que eu não tropece quando for até lá. Será que ele percebeu que sou um pouquinho desastrada? Enfim, eu disse que tudo bem com a condição de que ele me leve naquele barco pelo lago. Ele ficou com medo, mas concordou.

A casa está completamente escura, graças as grossas cortinas que Lauren colocou em todas as janelas. Sigo no máximo de silêncio que consigo até a cozinha, abro a geladeira e pego o leite. Penso em esquentá-lo e beber com biscoitos, mas depois de abrir o armário e duas panelas caírem eu desisto. Esquento o leite no micro-ondas e pego o pote de biscoitos. Saio da cozinha tentando equilibrar o pote de vidro e a xícara com leite quente e caminho a passos lentos até a escada. Quase tudo vai ao chão quando vejo uma sombra sair do escritório do meu pai. Penso em sair correndo ou jogar o leite quente em quem quer que seja quando percebo que é Cassie. O que essa vaca estava fazendo lá?

—Cassie?

Ela se vira na minha direção quase derrubando uns papéis que segura e o celular, que usa como lanterna.

—Quer me matar, cacete? — Diz ela, com uma mão no peito.

Na verdade, às vezes, eu quero sim.

—O que você estava fazendo no escritório do meu pai? — Pergunto.

Me aproximo dela e tento enxergá-la através da luz cegante do seu celular no meu rosto.

—Não se preocupe, Gormélie. Eu estava apenas confirmando minhas suspeitas. — Diz, com um sorrisinho no rosto.

Mais um apelido para minha lista. Legal.

Ela começa a subir a escada e eu a sigo. Preciso de mais explicações. Paro em frente a porta do meu antigo quarto, a impedindo de entrar, e olho para ela.

—Quais suspeitas, Cassidy?

Será que meu pai está metido em alguma coisa ilegal? Não. Claro que não. Meu pai nunca faria algo contra a lei. Ou qualquer coisa ruim. Ela ri.

—Você quer mesmo saber? — Pergunta.

Engulo em seco, minha vontade de comer biscoitos desaparecendo. Assinto e vejo o seu sorriso aumentar. Cassie poderia ser modelo, até sem maquiagem essa vaca é bonita. Na verdade, fica bem melhor sem todo aquele reboco que passa todos os dias. Ia ser bem melhor se as pessoas bonitas por fora também fossem bonitas por dentro.

—Eu sei que sua mamãe morreu de câncer de mama, mas você sabia que sua avó também? E sua bisavó *também*? Sabe o que isso quer dizer, Gormélie?

Penso em jogar o leite quente nela e quebrar o pote de biscoitos em sua cabeça, mas fico paralisada no mesmo lugar. Suas palavras e a expressão em seu rosto me fazem querer chorar. As lágrimas não veem, ficam presas em minha garganta como todas as outras vezes. Aceno que não com a cabeça porque se eu abrir a boca eu vou gritar e talvez não pare mais. Ela sorri. Será que não tem ideia do quanto está me machucando? Será que eu pareço ser tão

forte ao ponto de ninguém se importar com o que fala comigo?

—Sid é meu namorado agora. Eu o tirei de você, Gormélie, para protegê-lo. Você é como uma bomba—relógio. Seu fim vai ser igual ao da sua bisavó, da sua avó. Da sua mamãe. E quem estiver com você, porque talvez algum louco possa vir a te amar, vai sofrer da mesma forma que seu papai sofreu quando sua mãe morreu. Você está destinada a fazer as pessoas ao seu redor sofrerem. Ou talvez você vá definhar sozinha numa cama. Estou apenas poupando Sid e minha mãe está poupando seu papai. — Diz.

É difícil respirar e dessa vez não é por escolha minha. Sinto suas palavras me atravessando como flechas pontudas e afiadas. Ela está certa? Será que...

—O câncer já está dentro de você se fortalecendo a cada dia. Ele já está te matando, Gormélie. Tique—taque... Tique—taque... Tique—taque...
Buuumm.

Ela ri. Me empurra para o lado e entra no quarto. Não sei o que fazer além de olhar para o carpete do chão, como se nele houvesse todas as respostas. As imagens giratórias de quando eu estava no balanço voltam. A imagem da minha mãe no hospital. O último pôr—do—Sol. As pessoas rindo de mim na escola. As imagens no meu armário. A dor. Droga! A dor pulsante em meu peito...

Você está destinada a fazer as pessoas ao seu redor sofrerem... Tique—taque... Buuumm...

Fiz de tudo para não encontrar com Cassie quando sai do sótão pela manhã. Tudo parecia quieto na casa, quieto demais. Encontrei com ela, Lauren e meu pai na cozinha, eles riam de algo e aquilo me machucou. Me dei conta de que nenhum deles precisa de mim. Papai não me notou enquanto eu preparava os sanduíches de manteiga de amendoim e geleia. Talvez eu vá definhar sozinha numa cama.

Enquanto dirigia pude sentir uma dor forte em meus olhos e um peso grande sobre meus ombros, tudo parece mais sombrio e cinza do que ontem. Tudo

parece causar mais dor que ontem. Eu não me sinto como ontem. Foi difícil dormir, foi ainda mais difícil me forçar a respirar. Eu sabia que iria encontrar com Henry e Logan hoje, talvez tenha sido isso que me fez respirar.

Estaciono a picafe em frente à loja no momento em que os vejo sair de lá. Reconheço o pai de Henry, ele ri de algo que Logan diz e dá tapinhas no seu ombro. Desço da picafe e caminho até eles. Posso sentir o peso se esvaindo dos meus ombros. O pai de Henry acena para mim antes de entrar na loja.

—Oi. — Digo.

Logan sorri e me abraça.

—Olá, meu pequeno raio de Sol. Que honra a ver novamente. — Diz. Seu olhar vai para o tupperware em minha mão. —Opa, trouxe comida? Ah, que maravilha. Já disse que te amo hoje? — Pergunta, arrancando o tupperware da minha mão.

Dou risada.

—Não, ainda não disse.

—Ah, cê sabe que eu te amo. — Diz, piscando seus cílios compridos.

Olho para Henry que assiste tudo com um sorrisinho e segurando um cigarro. Ele vem até mim e beija minha testa.

—Oi, Ratinha. — Sussurra.

Caminhamos até o parque, gratos pelos pequenos raios de Sol que atravessam as nuvens. Logan e Henry discutem pelos sanduíches até o momento em que tiro outro tupperware da bolsa com mais três sanduíches. Passamos no mercado onde Henry vai comprar Coca—Cola, Logan e eu esperamos sentados no meio—fio. Tento não pensar em Cassie e em tudo o que me disse, mas é difícil. Estou com a cabeça inclinada para trás e olhando para as nuvens quando Logan cutuca meu braço com o cotovelo. Ajeito meus óculos e olho para ele.

—Acho que aquele cara bonito está te paquerando. — Diz ele, apontando

com o queixo para frente.

Olho para onde seus olhos estão fixos e juro que se não estivesse sentada teria caído no chão. Aquele é...? Ai meu Deus...

Jesus, acho que esse não é bem o momento certo pra fazer uma coisa dessa comigo.

Recostado em um carro preto junto com mais três caras e uma certa loira que reconheço, está ele. Rick Anderson. Com toda sua altura e falta de músculos. Ele me olha, sorrindo como se tivesse encontrado o animal perfeito para devorar. Do mesmo jeito que me olhou quando me deflorou atrás das arquibancadas. Sinto meu coração bater em completo pânico dentro do meu peito a cada passo que ele dá em minha direção. Ele está vindo pra cá. Ai, Deus...

—Vamos embora. Anda. — Digo a Logan, puxando seu braço.

Ele parece estar hipnotizado por Rick, pois seus olhos acompanham cada passo dele até aqui. Penso em sair correndo, mas ou eu vou acabar de cara no chão ou... vou acabar de cara no chão. Nunca fui boa em correr. E ele já sabe que eu sei que ele sabe que eu já vi que ele me viu. Droga! Não há para onde fugir. Respirando fundo me viro e o encaro. Ele parece mais magro e seus olhos estão maiores e vermelhos. Ele sorri para mim.

—Amélie, quanto tempo que eu não te vejo. — Diz.

Ele está me olhando como um caçador olha sedento para o animal que vai levar um tiro de sua espingarda. Eu o olho como um animal que está a caminho do abate.

—Oi, Rick.

Ele dá uma risada alta e rouca, fazendo os cabelos em minha nuca se arrepiarem de pânico. Isso não devia estar acontecendo hoje. Pelo menos não quando estou com Logan e Henry. Ai, meu Deus... Henry. Ele pode sair a qualquer momento do mercado e eu não quero que ele veja Rick Anderson. Não quero que ele veja o meu maior arrependimento.

—Que bom te ver, Rick. É uma pena, mas estamos indo. Tchau. — Digo sorrindo.

Puxo o braço de Logan o forçando a andar comigo, mas sou impedida pela mão de Rick em meu braço. Lembranças dessa mão em mim me faz querer vomitar. Toda a sensação de medo e humilhação que passei com ele e seus amiguinhos na escola voltam com força. Me forço a olhar para ele.

—Você tá diferente, cresceu. É bom saber que lembra de mim. Isso é um sinal de que gostou e quer de novo, não é? — Diz.

Meu sangue congela ao tom baixo e arrepiante da sua voz e a expressão de louco em seu rosto. Me afasto dele e acabo esbarrando em Logan. Rick dá risada da minha cara e olha para seus amigos. Sigo seus olhos e vejo os três rindo, a garota loira que escondeu meus óculos no calção de Rick balança seus dedos magros para mim, sorrindo. Sinto vontade de vomitar. Ele não diz mais nada, me deixando atordoada e confusa, caminha até seus amigos enquanto ri. Sinto Logan me segurar quando minhas pernas falham e quase me levam ao chão. Olho para ele, para pedir que não comente nada com Henry, quando meus olhos encontram os olhos azuis onde fica minha ilha preferida. O que vejo estampado neles me faz estremecer. Eles não estão com o brilho quente que sempre me envolve quando os vejo, eles estão com um brilho gelado e perigoso. Seus olhos seguem o carro de Rick que acaba de sair, não sem antes buzinares para mim e me fazerem ouvir gritarem "Melie a Nerd".

Henry chega até nós a passos longos e rápidos. Sua mão livre vai até o meu rosto e seus olhos perfuram os meus.

—Quem era aquele cara? — Pergunta.

—Amigo da Melie. — Logan responde antes de mim.

Me sinto envergonhada e com vontade de correr de volta pro sótão e não sair mais de lá. Logan nos faz caminhar até o parque e vamos em silêncio. A mão de Henry em minha cintura me apoiando, eu preciso disso. No caminho penso em todas as coisas que Rick e seus amigos já fizeram comigo e o quanto isso ainda me machuca até hoje. Sentamos em uma das mesas de

piquenique e Logan serve os sanduíches e outras besteiras que Henry comprou no mercado.

—Você vai me dizer quem ele é ou não? — Henry pergunta.

Respiro fundo e sem olhar para nenhum deles eu conto toda a história, desde o primeiro momento em que conheci Rick na escola até o dia de hoje. Não entro em detalhes sobre o que aconteceu atrás da arquibancada, mas tenho certeza de que eles entenderam. E não falo sobre minha mãe. Quando o silêncio pesa sobre nós depois que termino olho para eles. Henry olha fixamente para a grama em sua frente, com os punhos cerrados sobre suas coxas, o cenho franzido e os lábios em uma linha fina. Logan me olha com os olhos arregalados, ainda segurando o sanduíche próximo a boca. Ele é o primeiro a falar:

—Nossa, quando eu estiver me sentindo mal vou pensar em você. Sua vida é pior que a minha.

Suspiro. Ele deve ter razão.

Henry ainda olha fixo para a grama como se com a força do pensamento pudesse fazê-la pegar fogo. Coloco minha mão sobre seu punho cerrado, ele me olha. Dessa vez seu olhar suaviza e seus punhos se afrouxam sob meus dedos. Sorrio o máximo que consigo.

—Tá tudo bem. — Murmuro.

Ele não diz nada. Porque ele sabe me ler muito bem. Parece sempre saber o que estou pensando. Talvez porque saiba que estou mentindo. Logan muda de assunto e tudo volta quase ao normal. Ele fala sobre seus romances passageiros e sobre a série que assistiu ontem. Dou risada até o momento em que ele me pergunta se tenho algum sentimento por Rick ou alguém. Bebo minha Cola e aponto para ele.

—A única coisa que sinto por Rick é raiva e arrependimento. — Digo.

Como mais uma minhoca de goma.

—E tem alguém que se apoderou do seu coração? — Logan insiste.

Sinto Henry se retesar ao meu lado. Ele tira um cigarro e o prende entre os lábios

—Sim, Sid Brown. — Henry responde, pega o isqueiro e acende o cigarro.

Os olhos de Logan quase saltam do rosto. Olho para Henry tentando decidir se bato nele ou simplesmente levanto e vou embora. Ele traga seu cigarro como se não tivesse acabado de expor a vida íntima de alguém. Não me preocupo que Logan saiba sobre Sid, mas Sid não faz mais parte da minha vida, não do jeito que Henry pensa.

—Pela sua carinha ele quebrou seu coração. Se quiser nós vamos atrás dele dar uma boa surra pra ele aprender. Não se pode quebrar o coração de uma garota, é como afogar gatinhos. E não se pode afogar gatinhos. — Diz Logan, segurando minha mão.

Olho confusa para ele.

—Sid não quebrou meu coração. — Digo.

Sinto os olhos de Henry em mim, mas não olho para ele.

—Ah, que bom. Até porque ele tem o nome da preguiça da Era do Gelo e só consigo imaginar a preguiça Sid enquanto falamos dele. — Logan diz, me fazendo rir.

—Eu pensei que... — Henry murmura.

—Não há nada entre nós, Henry. Não há nada, não mais.

Ele franze o cenho e traga mais um pouco o seu cigarro.

—Você me disse que queria... Que estava apaixonada por ele. — Diz Henry.

Eu balanço a cabeça e sorrio. Pego mais uma minhoca de goma, vejo os olhos de Logan oscilarem entre Henry e eu, e o sorrisinho em seu rosto.

—Eu queria algo que nunca iria conseguir, mesmo que eu tentasse muito. Não se pode fazer outra pessoa te amar, principalmente quando você não está verdadeiramente amando essa pessoa. Eu nunca estive apaixonada por Sid, só pensei estar. — Digo.

—Sério? Tem certeza? — Pergunta.

Sorrio e olho para seus olhos azuis e brilhantes.

—Nunca tive tanta certeza na minha vida. Meu coração ainda está inteiro.

Ele sorri e desvia os olhos dos meus quando seu sorriso aumenta. Volto minha atenção a Logan enquanto tento controlar meu próprio sorriso. E as palpitações no meu coração.

Capítulo 40

Timmy segura bem firme a minha mão. Estou lendo o Pequeno Príncipe para

ele mais uma vez, na verdade continuando de onde paramos. Parece que nunca vamos terminar este livro. Em alguns dias temos atividades no armazém então não leio para ele, mas em outros dias é Timmy quem desaparece. Isso ainda é uma pulga atrás da minha orelha, me mordendo o tempo todo para que eu não esqueça que ela está lá. E, sinceramente, estou cansada de perguntar a eles o que está acontecendo e sempre receber um "nada" ou "está tudo bem" em troca. Fico com raiva de Henry por esconder o que quer que seja de mim, e de Logan também que sempre parece querer falar a verdade, mas se lembra de que não pode e se cala.

Timmy está cada vez mais magro e percebo a palidez em seu rosto. Há uns dias atrás ele começou a usar sua touca marrom cobrindo suas sobrancelhas. Seus olhinhos parecem cada vez mais opacos e as olheiras maiores. Fico preocupada com ele, mas guardo isso para mim. Sei que não importa o quanto eu pergunte, eles sempre mentirão para mim. Isso me deixa com muita raiva. Hoje Logan e Henry estão com a gente na mesa em frente ao armazém, enquanto comemos e lemos o livro. Logan está focado no sanduíche na sua frente, não se importando com o fato de seu rosto estar sujo, e Henry olha para Timmy e eu, que intercalamos a comida e a leitura. Enquanto meus olhos passeiam pela página e leio em voz alta sinto os olhos de Henry em mim. O estranho é que ele não sorri, é raro os momentos em que estou com Timmy e ele sorri para nós. Às vezes seus olhos se enchem de dor, é tão grande que parece transbordar. Como agora.

—Onde está minha caixinha de suco? — Timmy pergunta.

Olho na mesa, mas encontro a caixinha de suco sendo sugada pelo canudo na boca de Logan. Ele tem os olhos arregalados, mas mantém o canudo na boca.

—Log? Você pegou minha caixinha de suco, né?

Olho para Timmy ao meu lado e depois para Logan. Henry tenta não rir, eu me forço para não fazer o mesmo. Meus olhos ainda estão em Henry e, por alguma razão, não consigo desviá-los. As sensações que tenho quando estou ao lado dele parecem ter criado vida própria e ficam me rodeando e soltando risadinhas. Me incomoda, mas me acostumei a isso. E não sei como será quando eu não sentir mais.

—Vamos até o mercado e compro uma caixa inteira pra você, carinha. — Logan diz, já se levantando.

Timmy pega sua bengala e a abre, saindo do banco ao meu lado. Henry troca um olhar demorado com Logan, parado atrás de mim. Mais uma vez me pergunto o que eles escondem. O mistério não é apenas Henry, aparentemente é sua família inteira. Logan segura a mão de Timmy e caminha com ele. Ouço a voz de Timmy:

—Vai ter que comprar duas caixas porque você sempre vai lá em casa e come tudo.

Sorrio para eles, enquanto se afastam em direção ao mercado. Volto minha atenção para Henry que já está me olhando. Me levanto e vou sentar ao lado dele. Seu braço envolve meus ombros, o peso que eu não me importo de segurar. Olho para o armazém, as pessoas que ainda estão lá dentro e outras que estão do lado de fora conversando. Gosto de vê-los sorrir e sempre me pego sorrindo quando os vejo. Posso ouvir a Princesa S. desafinando no piano e as risadas de todos. Seguro a mão de Henry que está no meu ombro, entrelaço meus dedos nos dele. Fico olhando o armazém e sorrindo, até perceber o que acabei de fazer. Nessa posição quem nos olhar vai pensar que somos um casal. Lentamente olho para ele, mas seus olhos já estavam em mim. Puxo minha mão, mas ele me impede.

—Você gosta muito daqui. — Ele diz.

Ainda estou em transe por ele permitir nossas mãos desse jeito. Ainda sentindo as sensações confusas que sua proximidade faz comigo. Me concentrando para não me desfazer numa poça de gelatina o respondo, mesmo que não tenha sido uma pergunta.

—Gosto muito. Eles são muito importantes para mim.

Henry sorri. Seus olhos azuis brilham, olho para minha ilha favorita e sorrio.

—É um lugar especial. — Diz.

Concordo com ele. O armazém é um lugar muito especial, mas acima de tudo

são as pessoas nele que são. Cada um dos frequentadores e voluntários do armazém dão vida a esta velha construção. Suspiro.

—Eu gostaria de fazer algo por eles. — Digo.

—Tipo, o quê?

Penso por um tempo e então uma ideia me ocorre. Um sorriso se espalha pelo meu rosto. Olho para Henry porque vou precisar da ajuda dele. E de Logan.

—Tive uma ideia. — Digo.

Henry parece assustado.

Esperei todos irem dormir e então sai de fininho do sótão, levando alguns dos meus livros e objetos de decoração que ficavam no meu quarto, mas não tenho como usar no sótão. Não saí com Lilo para não fazer barulho, acabei demorando um pouco para chegar até aqui. Pelo menos trouxe comida para Logan, ele fica irritado quando não é alimentado, assim como eu. Meu coração está acelerado quando os encontro. Tive que correr um pouco e normalmente não corro justamente para evitar o que aconteceu. Tropecei no meu próprio pé e caí na grama da casa onde um cachorro enorme estava preso por uma corrente e ficou latindo descontrolado, o que me fez sair correndo de novo.

Henry está recostado na van da loja e Logan parece dançar saltitando de um lado pro outro. Me aproximo deles, ainda sentindo meus pulmões pegando fogo. Entrego as sacolas a Henry quando Logan me abraça e me gira no ar.

—Melie, só você pra me fazer sair da minha cama quentinha de madrugada.
— Diz Logan.

Encolho os ombros e sorrio, me desculpando. Henry se aproxima de mim e beija minha testa. Adoro quando ele faz isso. Sorrio.

—Trouxemos tudo que vamos precisar. Pegou as chaves? — Henry pergunta.

Retiro do bolso do meu casaco preto o molho de chaves e balanço para ele. Foi difícil pegar as chaves de Princesa S., mas consegui. Henry pega as latas de tinta e Logan pega alguns rolos de papel de parede e cola. Ajeito meu casaco e coloco o capuz, então respiro fundo e olho para eles.

—Estou pronta. Vamos! — Digo.

—Ratinha. — Henry murmura.

Ele me olha dos meus sapatos pretos, passando pela calça de moletom e o casaco também pretos até a touca preta que cobre meus cabelos, e o capuz do casaco que cobre a touca. Com algumas folhinhas de grama grudadas na roupa toda, graças a queda.

—O quê? — Pergunto enquanto arrumo minhas luvas pretas.

—A gente vai pintar o armazém, não assaltar o banco. — Diz, tentando não rir.

Talvez eu tenha exagerado um pouco na vestimenta, mas tinha que passar despercebida. Mostro a língua para ele e caminho até Logan que nos espera, dramaticamente, em frente a porta.

Tentamos não fazer barulho, mas derrubei algumas coisas enquanto tentava ajudar. Logan pintou de verde a parede que devia ser laranja. Henry foi perfeito nos desenhos que fez nas portas dos banheiros femininos e masculinos. Eu arrumei a parte das crianças, onde coloquei alguns dos objetos de decoração que trouxe e os livros. Fiquei concentrada demais em não derrubar tudo enquanto arrumava que acabei não prestando atenção no que Henry fazia.

Deixo um globo de neve sobre uma prateleira e me viro para falar com Logan. Desisto quando o vejo comendo um saco de Ruffles, sentado confortavelmente num *puf*. Olho para Henry que está sorrindo para mim, sinto meu rosto ficando vermelho. Vejo a parede atrás dele e perco o fôlego. Ele desenhou uma paisagem, um lago cercado de árvores. A luz do Sol se infiltra entre as nuvens, que ele fez com o papel de parede azul e branco, iluminando toda a parte de cima da parede, como se pudesse sair dela a

qualquer momento. Olho para ele, meus olhos se enchem de lágrimas, mas são lágrimas boas. De emoção.

—Me diz o que você sente quando entra aqui, Ratinha. — Diz ele.

Aponta para o espaço em branco na parede, onde fracas linhas estão traçadas. Volto meu olhar para ele e sorrio. Ele está todo sujo de tinta, mas é o azul brilhante dos seus olhos a única cor que me importa ver. Olho para a paisagem que ele desenhou, há luz em todos os cantos dela, iluminando todo o armazém. Olho para Henry e o respondo. Sorrindo ele sobe a escada e com letras caprichadas ele escreve:

*TODA LUZ QUE VOCÊ NÃO CONSEGUE VER JÁ EXISTE DENTRO DE
VOCÊ.*

Capítulo 41

Nelie me ajuda a preparar alguns cannolis e uma torta de chocolate com morangos. Na verdade, é ela quem faz tudo e eu provo para ver se está bom. Hoje contei a Nelie sobre o armazém e Timmy, desde o dia em que o conheci. Contei sobre Princesa S. e como ela mantém o armazém sempre em ordem, acho que ela é o coração daquele lugar. Falei sobre todos eles e o quanto eles me fazem feliz. Contei sobre a noite em que invadimos o armazém e o pintamos. Sorri tanto enquanto contava a reação de todos quando entraram lá que minha mandíbula começou a doer. Henry fez um trabalho incrível com tudo o que tínhamos disponível para mudar o armazém. Todas os desenhos que fez e a paisagem na parede foram feitos com vários objetos e pinceladas grossas de tinta, fazendo—os ter uma textura.

Conto a ela o quanto me emocionei ao vê-los deslizar os dedos pelos desenhos e sorrirem. Conto a ela sobre o quanto Logan é divertido e suspiro ao dizer o quanto vou sentir saudade dele. Nelie coloca a torta na geladeira e volta a me encarar, com seus pequenos e inquisidores olhos.

—E o garoto do jantar? — Pergunta.

Droga! Eu devia imaginar que ela sabia sobre Henry, talvez meu pai tenha comentado. Nelie abre um sorrisinho e isso me faz rir.

—Henry? Ele é irmão do Timmy, o conheci no armazém também no mesmo dia. Ele é... meu amigo. — Digo.

—Para quem você leva sanduíches?

Aceno que sim. Nelie sorri enquanto conto tudo sobre Henry e eu. Desde o primeiro momento em que o vi e todas as coisas que ele me faz sentir. Conto sobre tudo porque as palavras simplesmente saem de mim. Entre sorrisos e risadinhas de Nelie, me pego suspirando e enquanto as palavras saem da minha boca imagino os olhos dele. A minha ilha favorita. Conto tudo a Nelie, todos os mínimos detalhes de todos os momentos que passamos juntos. No fim suspiro enquanto a realidade de que todos os momentos que passamos juntos ficarão apenas na minha memória.

—Vou sentir muita saudade dele, Nelie. E isso é muito estranho porque não o conheço a muito tempo, mas sinto como se o conhecesse a minha vida inteira. Ele mudou quem eu sou, sei disso porque não me sinto a mesma quando estou perto dele. Me sinto protegida, aceita... *amada*. É muito confuso. Nunca entendo o que estou sentindo quando ele está por perto. — Murmuro.

Nossa, como vou sentir falta dele. É como se a cada pequena luz de realidade ele se afastasse de mim. Ele se tornou importante de mais em um espaço de tempo curto demais. Essas coisas não deviam acontecer, não quando não estou preparada para elas.

—Ah, minha pequena criança. Você está apaixonada. — Nelie diz, seus olhos pequenos brilhando de lágrimas enquanto um sorriso se abre em seu rosto.

Eu engasgo com uma risada alta, que faz lágrimas caírem dos meus olhos. Acho que nunca ri tanto na minha vida. Nelie deve ter bebido alguma coisa ou está tendo alucinações. Eu não estou apaixonada por ele. Claro que não. Isso é impossível. Não existe a menor chance de Nelie estar certa. Respiro fundo enquanto tento não ter outra crise de riso. Limpo as lentes dos meus óculos na blusa e os coloco de volta. Olho para o rosto de Nelie, que não parece ter achado o absurdo que acabou de falar tão engraçado quanto eu.

—Me responda uma coisa, Melie. O que você sente por ele? — Pergunta.

Penso por um momento, sentindo as confusões de sensações dentro de mim. Quando estamos juntos sinto como se tudo estivesse no lugar certo e do jeito certo. É como se tudo fosse perfeito. Quando estamos separados é como se tudo estivesse se partindo, os pedaços me soterrando, e tudo estivesse errado. Eu preciso dele. Ele mantém as paredes erguidas e os pedaços não me

atingem. Ele deixa tudo certo. Ele faz tudo parecer perfeito. Até eu mesma. Droga! Agora ela me deixou ainda mais confusa. Não se pode fazer essas coisas com uma pessoa que já é uma confusão gigante.

—Não sei o que acontece aqui dentro. — Coloco a mão sobre o peito. Meu coração bate acelerado. — Quando estou perto dele sinto meu coração bater tão rápido e forte que me assusta. Chega a doer, mas é uma dor gostosa de sentir. E quando eu estou longe dele sinto meu coração parar de bater. Sinto ele doer. Doer muito, sabe? Como se ele tivesse sido arrancado do meu peito. — Sussurro.

Nelie segura minha mão sobre o balcão e sinto vontade de chorar. Não sei por que, mas uma onda repentina de tristeza me atinge.

—Você o ama, minha pequena criança. Você não consegue explicar o que sente por ele porque não há explicação para o amor. Você não entende, apenas o sente. — Diz.

Não! Eu não posso amar Henry Montgomery. Não posso me permitir amar alguém quando não me amo o suficiente para poder ser amada de volta. Não posso amar Henry porque não seria justo com ele. Eu quebraria sua regra. Não posso...

—Não diz essas coisas, Nelie. — Digo, retiro minha mão debaixo da sua e salto do banquinho do balcão.

Ela não pode colocar essas coisas na minha cabeça. Está tentando me deixar doida?

—Quer saber por que acho isso? — Ela pergunta.

Me viro para encará-la. As imagens dos momentos que passei com Henry girando em minha cabeça. O som da risada dele. Seus olhos. Seu sorriso. Tudo sempre volta para Henry Montgomery. Suspiro.

—São seus olhos, Melie. Os olhos dizem tudo. Dizem tudo aquilo que a boca se recusa a pronunciar, mas o coração clama para que ouçam.

Será que é por isso que ouço meu coração sussurrar seu nome todas as noites?

Não atendi a ligação de Henry esta noite. Não fiz as coisas que costumo fazer todas as noites porque esta noite não sou eu quem está aqui. Sentada no banco da janela, olhando através da janela a rua lá fora. As gotas de chuva que deslizam pelo vidro e se encontram com as outras no parapeito. Não sou eu que estou aqui. Não sinto que estou aqui.

Consigo visualizar a garota gorda e feia, míope e desastrada, que olha pela janela em busca de respostas que sabe que nunca virão. Consigo ouvir as batidas fracas de seu coração quase sem vida. Consigo ver as lágrimas que deslizam pelo seu rosto. Consigo ver a angústia escondida no fundo dos seus olhos.

Eu não estou aqui. Aquela garota não sou eu. Sou um fantasma. Lauren está certa. Sou um fantasma que vaga pela vida das pessoas. Eu causo sofrimento. Cassie está certa. Eu sou o fantasma que vaga pela vida das pessoas levando dor a elas.

A chuva aumenta lá fora, batendo contra o vidro da janela. Deixei a trava aberta esta noite. Aumento o volume da música que jorra através dos fones de ouvido. *Happiness*.

Como diz na música, a felicidade está do lado de fora da minha janela. Se eu pulasse daqui eu a encontraria?

Capítulo 42

Logan veio me buscar na van da *Mont's*. Enquanto dirigia me disse que estávamos indo para a casa dos seus tios, pais de Henry e Timmy. Durante toda a semana fiquei ruminando o que Nelie havia me dito e até agora não consegui chegar a uma conclusão sensata. Sei que não devo ficar pensando nisso, mas não importa o quanto eu tente tudo sempre fica rondando minha cabeça. Nelie me colocou numa situação muito difícil. Estar com Henry devia ser um momento bom para mim, mas agora só de pensar que irei vê-lo em poucos minutos meu coração acelera de uma ansiedade medrosa.

Logan estaciona em frente a uma casa de madeira branca e portas e janelas vermelhas. A luz do lado de fora e dentro da casa estão acesas, sinto a comichão em meu estômago. Salto da van logo depois de Logan e ele encaixa meu braço no seu e abre seu sorriso de comercial de pasta de dente. Isso me tranquiliza, até porque tem um carro desconhecido o que quer dizer que vou conhecer pessoas novas. Sou péssima nisso. Respiro fundo e o sigo até a porta da frente. Logan não toca a campainha ou bate na porta já vai entrando e me puxando junto com ele.

—Cheguei gente! — Ele grita.

Cinco pares de olhos me observam quando Logan solta meu braço e sou

obrigada a sair de trás dele. Ajeito meus óculos e sorrio. Eles sorriem para mim e isso me faz relaxar, talvez não vá ser tão ruim. A mãe de Henry caminha até mim, toda sorridente, e me abraça. O pai dele sai de uma porta e vem até mim, me abraça um pouco sem jeito, mas todos parecem muito felizes. Conheço o tio Bob, um homem que deve ter seus cinquenta anos, com uma barba grande e cabelos brancos, usa um chapéu de caubói e botas. Tia Lane é morena e em seu cabelo está um lenço vermelho, faz seus olhos esverdeados brilharem. Ela é tão linda.

—É muito bom vê-la aqui, querida. Fiquei com medo de que não viesse. — Diz a mãe de Henry.

Fico surpresa, não sabia que eles me queriam aqui. A sigo até a cozinha onde encontro o pai de Henry e um outro homem, tio Bob foi ver o churrasco no quintal. O homem sorri gentilmente para mim, mas sinto seus olhos me avaliando. O senhor Montgomery nos apresenta, o homem de agasalho vermelho e uma lata de cerveja na mão é o pai de Logan. Depois das apresentações ajudo a senhora Montgomery na cozinha, quebro dois copos e sinto vontade de me esconder. Ela diz que pode terminar tudo sozinha e tia Lane vai ajudá-la, fico grata por isso. Acho que ela estava com medo de que sua cozinha fosse destruída.

Vou até a sala onde todos os outros estão numa conversa bem animada sobre futebol. Sento ao lado de Logan no sofá e aceito o copo de suco que me entrega, na verdade sinto que há algo mais no suco. Ele pisca para mim. Olho para o tio Bob quando sua risada rouca envolve toda a sala, ele é bem engraçado. Tem um jeito rústico e parece ter saído de um filme de faroeste.

—O tio Bob nunca tira o chapéu. — Logan diz baixinho ao meu lado.

Sorrio e pergunto:

—Sério?

Ele ri.

—Acho que nunca o vi sem esse chapéu de caubói. Quando eu era criança pensava que ele tinha cobras na cabeça como a Medusa por isso tinha que

usar o chapéu. Bom, agora acho que ele está ficando calvo e por isso continua usando. — Diz ele, dando de ombros.

Dessa vez quem ri sou eu.

Penso no tamanho da sorte que Henry tem por ter uma família assim. Todos são tão animados e não param de falar nunca. Por um momento desejo ter tido uma família assim, mas não tive. E não importa o quanto você deseje algo se sabe, bem lá no fundo, que não vai acontecer.

Depois de aturar um Logan faminto e duas carnes queimadas por tio Bob —ele estava concentrado demais na cerveja e no jogo na televisão— as luzes foram apagadas e todos ficamos em silêncio. A senhora Montgomery acende as velinhas do bolo e é o seu marido que o segura. Ouvimos o barulho da moto e sinto a senhora Montgomery enrijecer ao meu lado. Acho que ela não sabe que Henry anda com Timmy na moto. Pela sua cara, com certeza, não sabe.

Acho que alguém terá problemas hoje.

Ouvimos passos na escada da frente e... Logan espirra ao meu lado. Lá se vai o silêncio. Todos olhamos para ele e seu pai lhe dá um peteleco na cabeça. A porta da frente se abre e todos gritamos:

—SURPRESA!!

Timmy está rindo e batendo palmas, Logan solta um rojão de confetes e tio Bob assobia com dois dedos na boca. A senhora Montgomery corre para abraçar um surpreso e desnorreado Henry. Estou sorrindo tanto que minha mandíbula começa a doer. Ele parece envergonhado, suas bochechas estão rosadas, e isso me faz rir. Depois de cumprimentar a todos com abraços e receber beijos da tia Lane ele finalmente vem até mim. Estou sorrindo quando ele me abraça bem apertado, tirando meus pés do chão. Ele estala um beijo na minha bochecha.

—Você sabia disso tudo e não me falou? Ratinha, o que eu vou fazer com

você? — Murmura em meu ouvido.

Não quero pensar no que Nelie me disse da mesma forma que não quero pensar no que Cassie me disse, mas as duas coisas voltam juntas e me machucam. O abraço com todas as forças que tenho porque quando o abraço sinto como se algo me completasse e ao mesmo tempo me machucasse. Beijo sua bochecha e inalo seu cheiro. Eu poderia ficar assim para sempre, mas Logan nos separa para abraçá-lo de novo.

Cantamos "feliz aniversário" e brindamos seu mais um ano de vida. Vamos para a cozinha e tentamos comer a carne que tio Bob preparou, por sorte o pai de Logan tinha preparado outras. Descubro coisas sobre a família de Henry, a tia Lane é professora do primário e tem dois filhos, tio Bob é marido dela e dono de uma loja de peças de automóveis no Texas e o pai de Logan é o dono do bar, mas quem cuida de tudo é Logan. Descubro coisas tristes também, a mãe de Logan morreu quando deu à luz a ele. Entre risadas e vozes atropeladas umas nas outras descubro que eles conseguem se entender, todos falam ao mesmo tempo e às vezes não falam sobre o mesmo assunto, mas por incrível que pareça todos se entendem.

A senhora Montgomery conta, toda orgulhosa, sobre Henry quando criança. Todos riem e ele parece querer se esconder debaixo da mesa.

—Ele tinha a mania de correr pela casa pelado. — Diz ela— Ele pensava que se corresse bem rápido ninguém o veria porque estava sem roupa.

Eu rio tanto que me engasgo com a água. Henry está vermelho e olhando para todos os lugares menos para nós que rimos da sua cara.

—Lembra quando ele queria ser o Super—Homem, querida? Ele pegou o lençol vermelho pra usar como capa, subiu na árvore e caiu, quebrou o braço e teve que levar pontos no queixo. — Diz o senhor Montgomery.

Todos riem e então começam a contar suas próprias histórias constrangedoras. Seguro a mão de Henry por baixo da mesa, para ele saber que não importa o que todos dizem, são apenas histórias engraçadas para serem contadas nas reuniões de família. E isso não faz com que eu goste dele menos, faz com que eu goste muito mais. Ele me olha e sorri. Seus olhos

estão tão azuis e brilhantes que poderiam ofuscar o brilho do Sol.

Depois de comer todos vamos para a sala, está frio lá fora para ficarmos no quintal. Henry abre os presentes, ri do presente de Logan que foi um vale —tatuagem. Quando abre meu presente, seus olhos encontram os meus e seus lábios esboçam um sorriso tímido. Comprei para ele uma gravata preta com desenhos de guitarras, quero que ele a use quando for necessário. E uma caneta em formato de pena, com tinteiro. Complementa a outra parte do seu presente, que darei mais tarde. O imaginei usando essa caneta, como os escritores antigos usavam para escrever seus poemas.

Tio Bob pega seu violão e tia Lane começa a tocar um banjo, o pai de Logan tira do bolso uma gaita. Antes que eu consiga me acostumar com a visão deles com seus instrumentos, tio Bob marca *um...dois...três...* E começa a cantar. Tudo parece muito inacreditável, mas não para eles, estão tão acostumados com isso. Fico de boca aberta ao escutá-los cantar e tocar. Timmy canta junto com eles, se balançando de um lado pro outro no colo da mãe. Logan batuca uma caneta num caderno e canta também.

Depois de várias músicas e minha suspeita de que o tio Bob tem um amor platônico pelo The Eagles, ele entrega o violão a Henry. Olho para ele com a expectativa de ouvi-lo cantar transbordando de mim. Todos esperam, assim como eu, enquanto ele se ajeita no sofá abraçando o violão. Me afasto um pouco dele para lhe dar espaço, mas ele segura meu braço.

—Você vai cantar comigo. — Diz ele.

Meu coração dá um pulo e volta a bater com força. Ele só pode estar brincando. Agora todos estão olhando para mim e sorrindo como se um mega show estivesse prestes a começar. Não tenho tempo de dizer que canto igual uma foca engasgada ou sair correndo, Henry já começa a dedilhar o violão. Meu coração bate acelerado, zumbindo em meus ouvidos, mas reconheço a música que ele toca.

Ai, meu Deus... Ele está tocando?... *The Civil Wars*.

Me sentindo ligeiramente confiante, quando chega o momento certo cantamos juntos o...

—Oh...Oh...Oh...Oh...Ohh...

Não sei por que ele escolheu essa música, mas ela faz todo o sentido para mim. Eu sabia que ele iria amar The Civil Wars, assim como eu. Eles cantam divinamente, mas não é apenas isso. Joy e John cantam com a alma, é possível sentir isso quando ouço suas músicas. E suas músicas... Suas músicas são como poesias cantadas da forma mais bonita. Não canto como Joy, claro, mas me esforço para cantar decentemente na sua parte da música.

Não me importo com os olhares e nem com a minha falta de talento no canto. Os olhos de Henry estão nos meus. Eu estou perdida no mar que são os olhos dele. A música termina e recebemos aplausos, mas não consigo sorrir para outra pessoa que não seja ele. Não consigo agradecer a outra pessoa que não seja ele.

E, talvez... Droga! Nelie possa estar certa.

Ohh...Eu tenho uma amiga. Agarrada em seu coração. Como se fosse um pequeno segredo. Como se fosse tudo que ela tem para dar.

Capítulo 43

Sair da casa de Henry foi uma tarefa difícil. Ficamos horas conversando e cantando e posso dizer de todo o meu coração que nunca me senti tão acolhida em algum lugar como me senti na casa dele, com sua família. Eles me trataram como se me conhecessem a muito tempo, como se eu fizesse parte da família. Meu Pequeno Príncipe Timmy se cansou logo e adormeceu antes que eu pudesse me despedir dele, Logan bebeu muito "suco" e seu pai precisou levá-lo para casa e tio Bob e tia Lane logo decidiram voltar para o hotel. Demos a noite por encerrada e depois de vários abraços em Henry e em mim finalmente saímos da casa dos pais dele.

O presente de Henry ainda está na minha bolsa e enquanto ele dirige sua moto penso no melhor jeito de lhe entregar o presente. Aproveito a sensação de ter meus braços em volta do seu corpo e da sensação do seu coração batendo forte e rápido contra a palma da minha mão. O vento frio nos chicoteando não faz com que meu corpo quente esfrie, o sinto cada vez mais febril quando estamos perto um do outro. A comichão no estômago, as confusões de sensações dentro de mim. Tudo parece ficar cada vez maior quando estou perto dele. E começo a gostar disso.

Fico surpresa quando ele estaciona a moto em frente à sua casa. Está tudo escuro, somente os postes iluminam a rua. Não digo nada enquanto caminhamos até a entrada porque não quero que ele se arrepende e me leve para minha casa. Ele abre a porta e acende a luz, com um sorriso tímido e um olhar que me faz sentir como se labaredas corressem nas minhas veias no lugar do sangue, estende a mão para que eu entre primeiro. Macarrão caminha até nós, se esfregando em nossas pernas, enquanto mia sem parar. Acho que ele está dando as boas—vindas. Acaricio seu pelo laranja e macio.

—Vou colocar um pouco de comida pra ele e já volto. Bom, você já conhece a casa. — Henry diz, sorrindo.

Vejo—o ir até a cozinha com Macarrão em seu encalço. Sigo para a sala e me sento no sofá, pego a caixa com seu presente na minha bolsa e espero por ele.

Posso ouvir sua voz conversando com Macarrão, mesmo que meu coração esteja zunindo em meus ouvidos. Não sei por que estou tão nervosa, vou apenas lhe entregar um presente. Talvez seja por estar em sua casa e por ser bem tarde e por tudo estar tão silencioso. Ou talvez por eu ser muito idiota e ficar fantasiando coisas que não existem. Nelie ferrou com minha mente quando me fez pensar que estou apaixonada por Henry e agora a insegurança, que por um tempo havia desaparecido, voltou com força.

Ouçó os passos dele se aproximando e tudo o que posso fazer é tentar controlar as batidas do meu coração para que ele não escute. Ajeito meus óculos e o encaro. Ele está sorrindo de um jeito novo, não é um sorriso aberto e cheio de dentes, é contido e tímido, como se ele não quisesse sorrir e sorrir fosse tudo o que seus lábios querem. Ele senta ao meu lado no sofá, com uma perna dobrada sobre ele, e vira para ficar de frente para mim.

—Gostou da surpresa? — Pergunto.

Ele sorri, uma risadinha lhe escapa. É um som tão adorável que eu poderia passar toda a minha vida escutando.

—Eu já desconfiava que meus pais iriam fazer alguma coisa e Logan ficava me olhando de um jeito estranho a semana toda e dando risada sozinho. Eu sempre soube que ele é meio louco, mas ele se superou dessa vez. — Diz.

Eu rio, porque Logan é bem louco mesmo.

—Eu sei que eu já te dei o seu presente e que talvez você não precise deste agora, mas quando vi isso eu pensei em você. — Digo. Estendo a caixa em sua direção esperando que ele a pegue.

Seus olhos encontram os meus. São tantas coisas que estão ali que me perco ao tentar decifrar o que quer que seja. Se os olhos realmente falam o que o coração grita, Henry consegue facilmente fazer os seus se calarem. Quando seus dedos tocam a caixa, seus olhos ainda fitam os meus, gostaria muito que eu soubesse calá-los como ele faz. Ele abre a caixa e percebo sua surpresa, sorrio.

—Espero que goste. — Sussurro.

Ele retira da caixa o caderno com capa de couro preta e detalhes dourados. Seus dedos deslizam sobre as palavras que pedi para o senhor da loja marcar na capa. Eu queria que fosse algo em que ele pudesse se agarrar nos momentos de caos, então as palavras simplesmente vieram. Sei o quanto sua poesia é importante para ele, que talvez não perceba, mas é a sua escapatória do mundo. Sua poesia é seu grito transformado em palavras bonitas. Quis algo só para ele, por isso a caneta em formato de pena e por isso as palavras gravadas na capa:

Seu Lugar.

Espero por um sorriso tímido ou alguma reação, mas a única coisa que existe agora é o som da nossa respiração. Nada mais. Seus olhos ainda estão no caderno e seus dedos congelados sobre as palavras. Não aguentando mais o silêncio, digo:

—Eu posso devolver e trocar por outra coisa se quiser.

Seus olhos encontram os meus. Cheios de segredos e palavras que ele nunca dirá. Esse é um daqueles momentos em que eu quero que ele fique louco e que sua loucura seja me beijar. Quero os lábios dele nos meus, quero o toque dele na minha pele e quero, mais que tudo, que por pelo menos esta noite eu possa ser o seu *alguém*.

—Meu lugar? — Pergunta.

Sorrio e dou de ombros.

—Acho que todas as pessoas têm um lugar pra chamar de seu. Essas páginas em branco é o seu lugar. Sua poesia é seu lugar.

Ele sorri.

—E qual é o seu lugar?

Qualquer lugar onde você esteja, não digo.

—Eu ainda não sei, mas quando souber você será o primeiro a saber. —
Digo.

—Obrigado, Ratinha. Por tudo o que fez e continua fazendo por nós. Por mim.

Não sei o que ele quer dizer porque a única pessoa que está ajudando outra é ele. Ele está me fazendo viver, mesmo que não saiba disso. Henry está me fazendo experimentar as sensações da vida, quando pensei que nunca seria capaz de fazê-lo. Ele deixa a caixa sobre a mesa de centro e me abraça. Seu corpo grande contra o meu me faz querer ficar aqui para sempre. Mas o para sempre raramente existe e logo ele se afasta. Não quero ficar longe dele, mas não há nada que eu possa fazer para fazê-lo ficar.

Estou quase certa de que tudo isso vai acabar em um grande desastre, mas não esta noite. Hoje eu posso fingir ser outra pessoa. Hoje eu posso fingir que ele sente algo por mim. Hoje eu posso fingir que sou seu *alguém*.

Em um movimento rápido Henry salta do sofá e caminha até a cozinha, me deixando completamente atônita. Será que ele percebeu? Meus olhos devem estar usando um megafone para ele ter saído dessa forma. Vou até a cozinha e o encontro com um copo na mão, com um líquido âmbar que reconheço. Ele está de costas para mim, encara a escuridão através da janela em cima da pia. Quero ir até ele e abraçá-lo e dizer que se ele deixar eu posso fazê-lo feliz, ou pelo menos tentar. Quero dizer muitas coisas, coisas que nunca poderei dizer.

—Henry?

Vejo seu corpo enrijecer. Com um único gole ele bebe o que sobrou no copo, seu corpo gira e seus olhos encontram os meus. Medo. Irritação. E algo mais que não consigo decifrar estão estampados no azul dos seus olhos. Sua respiração está acelerada, seu peito sobe e desce rapidamente sob a camisa preta.

—São borboletas e vaga—lumes, né? — Pergunta.

Olho confusa para ele.

—Vo—você gosta de borboletas e... e de vaga—lumes.

Aceno que sim porque não sei se ele está louco ou fazendo alguma piada comigo. Espero que não seja algum tipo de brincadeira.

Ele se aproxima do balcão que nos separa e pega suas chaves. Eu sei o que ele dirá e sei que talvez tudo dê errado. Também sei que amanhã poderá ser o dia em que eu vou me arrepender de tudo, mas não hoje. Hoje eu posso fingir. Seguro o braço dele quando tenta passar por mim. Não posso esperar mais. Não posso deixar passar a única chance que tenho. Se amanhã tudo não passar de uma lembrança posso fazer de tudo para que ela seja a melhor. Seguro se rosto para que me olhe e ele o faz, o azul dos seus olhos se tornaram apenas círculos finos em volta das suas pupilas. Eu poderia desistir agora, mas se fizer isso posso não ter outra chance.

—Me beija, Henry.

Tiro meus óculos e todo o resto se torna um borrão. Posso sentir sua respiração contra o meu rosto, ele segura minha cabeça entre suas mãos grandes e tudo o que quero é sentir o sabor dos seus lábios nos meus.

—Eu não po...

—HENRY, ME BEIJA. ME BEIJA LOGO, PORRA! —Grito.

—Amélie, se eu te beijar não vou conseguir parar. — Sussurra.

Meu coração bate descontrolado e todos os músculos do meu corpo decidiram se contorcer junto.

—Não pare. — Digo.

Como dois cometas colidindo seus lábios tocam os meus, me transformando em brasas. Me desfaço entre seus braços enquanto a sensação dos seus lábios nos meus me domina. Sinto sua língua tocar meus lábios então lhe dou a permissão que precisa. Sinto o toque suave da sua língua enquanto brinca com a minha, o sabor do conhaque e de morangos do bolo. O beijo como se minha vida dependesse disso e ele retribui como se a dele dependesse da

minha. Toco seu rosto e seus braços, minhas mãos desesperadas tocam seu peito largo e descem até o cóis da sua calça. Sinto o seu gemido reverberar em mim quando minhas mãos tocam a pele macia e quente da sua barriga. Ele interrompe o beijo.

Minha respiração ofegante se funde a sua. Não quero parar. Não posso parar agora. Olho para ele e peço, mentalmente, que não me mande embora. Minhas mãos ainda estão em sua barriga, as deslizo pelo seu peito e toco seus piercings com as pontas dos dedos. Com uma confiança que nunca pensei ter, colo meu corpo ao dele e o puxo para mim. Deslizo meus lábios em seu pescoço e beijo o canto da sua boca. Suas mãos apertam meu quadril e me puxa para perto. Um gemido abafado me escapa quando sinto sua ereção contra minha barriga. Decidida a não fazê-lo parar, fico na ponta dos pés e sussurro em seu ouvido:

—Por favor, não pare.

Não me importa onde nossas roupas estão nem como chegamos tão rápido até seu quarto. Entre beijos e gemidos que não consegui esconder me vejo nua sobre os lençóis frios da sua cama. Henry brinca com sua língua em meus seios, me fazendo contorcer e implorar por mais. Sinto seus lábios em todos os lugares, ouço seus gemidos de prazer se misturarem com os meus. Nunca experimentei uma sensação como esta e não quero que ele pare. Quero senti-lo dentro de mim, mas ele parece gostar de me ouvir choramingar.

—Tão linda. — Ele murmura entre beijos na minha barriga.

Me forço a acreditar nele. A fingir que ele não consegue ver as estrias e celulites e a gordura na barriga gorda e em todos os lugares possíveis. Me forço a fingir que eu sou linda e que ele realmente me quer. Finjo que ele me deseja tão forte e loucamente quanto eu o desejo. Esta não sou eu. A garota em sua cama é linda e magra. A garota em sua cama é o seu *alguém*.

Seus lábios criam uma trilha de pequenos beijos até a minha fenda que pulsa de desejo e vontade de sentir sua boca. Meus quadris se erguem por vontade própria, implorando por mais. Sinto seus dedos *lá* e ouço sua risadinha.

—Você está tão pronta, Ratinha.

Me contorço em seus dedos, querendo o alívio que meu corpo implora.

—*Por favor, Henry... Por favor...* — Choramingo.

—Só porque pediu com jeitinho.

Ele me beija... *lá*. Ele brinca com minha parte mais sensível, me faz contorcer e implorar por algo que nem sei o que é. Ele usa sua língua para me fazer flutuar num mar de sensações que nunca imaginei ir antes. Sinto os músculos do meu corpo enrijecerem e tento abafar o grito que me sobe pela garganta. Me sinto como se estivesse caindo e a queda não tivesse fim.

Com um grito abafado me sinto como milhares de pedaços brilhantes tocando, finalmente, o chão. Sinto meu corpo relaxar e meus membros pesarem.

O QUÊ FOI ISSO?

Sinto os lábios de Henry tocarem suavemente os meus.

—Henry, isso foi um orgasmo? — Pergunto.

Mantenho meus olhos fechados, enquanto ele deixa suaves beijos em meu rosto. Toco o seu cabelo macio quando seus beijos descem pelo meu pescoço.

—Acho que sim, por quê?

Suspiro. Sorrio.

—Eu pensei que estava morrendo.

Capítulo 44

O brilho do início do dia através da janela me força a abrir os olhos. Por um tempo fico perdida e só depois de perceber que não estou no chão do sótão e sim nua numa cama desconhecida lembro de tudo o que aconteceu. Meu corpo parece ter passado por um triturador de gelo. Procuro por Henry, mas sinto a cama vazia e o seu lado já frio. Um medo percorre minha espinha e penso que ele deve ter se dado conta de com quem passou a noite e agora quer manter distância. Não me arrependo do que fizemos. Nunca poderia me arrepender de fazer amor com Henry Montgomery.

Henry me fez sua. Me fez sentir desejada e amada, me fez a pessoa mais feliz do mundo. Não me arrependo de nada do que fizemos. E fizemos muitas coisas. Sorrio ao pensar na noite passada. Seu corpo no meu, a sensação de tê-lo dentro de mim. Os beijos e o seu sabor na minha boca. Sua voz me dizendo o quanto sou linda, o quanto ele me desejava. Fiz de uma memória amarga a mais doce de todas. Eu fui de Henry Montgomery. E por uma noite ele foi meu.

Me enrolo no lençol e saio da cama, fico surpresa ao ver meus óculos na mesa de cabeceira. Pego e coloco, tudo volta a ter forma. Noto um papel sobre a mesa de cabeceira, reconheço a letra de Henry. Leio:

Queria acordar ao teu lado, mas você estava dormindo demais. Pensei que estava em coma. Brincadeira. Te deixei dormir pra compensar o esforço de ontem. ;)

Quando acordar vai pra cozinha. Preparei o café da manhã. Estou te esperando.

Com todo tesão,

Henry.

P.S: Você ronca.

P.P.S: Passei a mão na sua bunda.

Ah, o jeito Henry Montgomery de ser romântico.

Suspiro.

Um sorriso enorme se abre no meu rosto. Uma onda de alívio me invade e tudo parece ser perfeito. Tão perfeito que se eu acordasse agora no chão do sótão não iria ser surpresa.

Tomamos o café da manhã em meio a uma bruma de risadinhas e provocações. E beijos. Muitos beijos. Beijos com gosto de café. Depois beijos com gosto de cigarros. Depois... Beijos com sabor de Henry.

Lavo a última xícara e sinto as mãos de Henry na minha cintura e sua boca no meu pescoço. Estou usando sua camisa e cueca samba canção do Homer Simpson, mas ele me faz sentir sexy e linda. Eu estou me acostumando a isso, mas não devia. Ele precisa saber que vou embora em breve. E que meu coração ficará com ele. Não, não posso dizer isso agora. A felicidade de tê-lo é tão grande que poderia manter isso em segredo somente para mantê-lo perto de mim.

Nunca pensei que um homem me faria sentir assim. Nunca pensei que *Henry* me faria sentir assim. Logo eu que jurei não me apaixonar por ele. Todos os planos que fiz não se comparam a melhor coisa não planejada que foi conhecê-lo. Me viro entre seus braços e olho para seu rosto bonito. Um rosto que quero manter fixado na minha mente enquanto eu viver. Ele me beija e sorri. Seu sorriso ilumina meu mundo.

—Não quero que vá ainda. — Diz.

Sorrio e beijo de leve seus lábios.

—Eu não quero ir ainda.

Com um pulo— e um gritinho assustado meu— ele me coloca sentada na bancada e cola seus lábios nos meus. São macios e firmes, com gosto de café e cigarro, me faz flutuar até as estrelas.

—Quer ir até o nosso lugar? — Pergunta.

Sorrio ao lembrar daquele lago que parece ter saído de um sonho perfeito.

—Aquele lugar parece ter saído de um sonho.

—Você é um sonho. Você é aquele tipo de sonho que faz as pessoas suspirarem só de pensar nele. Aquele sonho que você faz de tudo para que se torne realidade. — Murmura.

E meu coração pula dentro do peito.

Às vezes sou eu que em meio ao borrão da miopia quem o enxerga como um sonho realizado, o mais engraçado é que eu não percebi que estava sonhando com ele. Se eu não sabia que o amava agora eu sei. Estou completa e estupidamente apaixonada por Henry Montgomery. Ele é meu sonho. Meu sonho perfeito. Perfeito de mais...

Suspiro.

Ele parece ter saído de um sonho, um sonho muito bonito. Um sonho que alguém como eu nunca sonharia. Então talvez esse sonho que estou vivendo não seja meu.

Capítulo 45

Os primeiros ventos gélidos que antecedem o inverno começaram a soprar esta manhã. O clima está cada vez mais frio, o inverno já está anunciando sua chegada. Segundo os noticiários será um dos mais rigorosos. Junto com o vento frio que arrancam as folhas das árvores os dias passaram tão rápidos que logo se transformaram em semanas, num piscar de olhos tudo correu. Tão rápido e tão confuso.

Henry e eu ainda estamos juntos, somente juntos. Fiquei feliz ao saber que ele não se importa que as pessoas nos vejam de mãos dadas, eu não sou motivo de vergonha para ele. Ele me abraça sempre que pode e rouba beijos em todos os lugares em que estamos. Quando o encontrei na *Mont's*, no dia seguinte a nossa primeira noite juntos, seus pais estavam lá e ele não ficou nem um pouco constrangido depois de me beijar na frente deles, já eu fiquei tão vermelha quanto as latas de tinta que uma senhora com um cachorrinho peludo estava comprando. Ele também não se importou em me dar um baita tapa na bunda na frente de Logan, que ficou tão surpreso que engasgou com um pretzel.

Eu também estou surpresa com tudo isso. Com como as coisas aconteceram rápido. Como o que estou vivendo ainda não parece a coisa certa, pelo menos não para mim. Henry é perfeito demais, tem seus segredos e ainda é um grande mistério para mim, mas tudo o que ele me faz sentir é completamente perfeito. Todas as vezes em que ele me beija só por beijar, nas vezes em que nós fazemos amor e ele me faz sentir tão desejada, todas as manhãs quando nos encontramos e ele diz que estou linda. Além disso, tem os beijos na testa e os abraços que sempre foram as melhores partes do meu dia e agora se tornaram ainda mais frequentes. Tudo o que ele faz me faz apaixonar um pouco mais. Eu não devia fazer isso, mas tem coisas que não se pode controlar. E o amor é uma dessas coisas.

Eu gostaria de poder me virar agora e olhar em seus olhos. Gostaria de dizer que o amo, mas o momento nunca parece ser o certo. Não há só um segundo do dia em que eu não lembre do que conversamos no parque, ele me disse que amava alguém. Esse alguém me assombra porque não importa o que eu diga a ele, se seu coração já foi entregue a outra como eu poderia reivindicá-lo? Ainda estou no torpor do fingimento daquela noite, ainda estou me

permitindo fingir ser seu alguém.

—Você está quieta demais, Ratinha. — Henry murmura, com a boca pressionada em minha cabeça.

Estamos no nosso lugar. Temos vindo até aqui todos os dias e eu ainda me surpreendo com a beleza que por tanto tempo ficou escondida entre as árvores e arbustos. Logo o céu vai escurecer e a noite fria cairá sobre nós, mas não nos movemos para ir embora. A água do lago ondula a favor do vento, pequenas ondulações chegam bem perto de nós. O céu é um manto em tons de laranja e cinza, que reflete sobre a água cristalina, como se se fundisse ao céu. Ainda me pergunto até onde o lago vai parar, parece não ter fim, e o quão profundo ele é. Quando estamos aqui sinto que estamos no lugar certo, não há barulho de carros ou vozes de pessoas. Há apenas nós. Nosso silêncio. Nosso amor. Nosso tempo.

Seus dedos fazem cafuné na minha cabeça, me forço a manter os olhos abertos. Henry trouxe uma manta e a estendemos no chão, estamos sentados aqui por muito tempo. Estou sentada entre suas pernas, ele me abraça e me aquece com o calor do seu corpo. É por momentos assim que não quero nunca ir embora do nosso lugar.

—Só estou pensando. — Digo.

Ele me aperta ainda mais e apoia o queixo no meu ombro, sinto sua respiração regular. Meu coração dando piruetas.

—No que está pensando? — Pergunta.

Suspiro.

Estou esperando pelo momento em que você vai perceber a loucura que está fazendo por me manter ao seu lado. Estou esperando a parte em que eu vou sair machucada e destruída. Estou esperando a parte em que a história termina comigo despedaçada. Mas o momento não vem. E quanto mais eu espero com mais medo eu fico. Não quero perder Henry nem os amigos que fiz, mas sei que isso vai acontecer. Sei que em algum momento nessa história confusa da minha vida eu vou sofrer. É assim que tem acontecido até hoje e

se for diferente desta vez a história não será a minha. Eu sinto que seria mais fácil se ele me mandasse embora agora, me dissesse todas as coisas horríveis que já ouvi minha vida inteira e gargalhasse da minha cara. Eu iria sair machucada, mas seria antes de entregar mais de mim a ele. Se tudo acabasse hoje eu entenderia. Não sei por quanto tempo a felicidade fica na vida de uma pessoa. Não sei por quanto tempo ela pode ficar na minha.

—No para sempre. — Murmuro.

O céu começa a mudar suas cores mais uma vez. A noite está chegando. Às vezes penso que ele é noite e eu sou dia, então quando estamos juntos criamos nosso próprio crepúsculo. Como agora.

—O para sempre?

—É. Eu queria experimentar algo que me fizesse ter certeza de que seria para sempre, sabe? Queria ter um gostinho da eternidade.

Seus dedos tocam o meu rosto e me vira para encará-lo. Ele está sorrindo, seu sorriso de lado, aquele sorriso que ele quer esconder, mas não consegue. O sorriso que aprendi a amar muito rápido.

—Às vezes, a eternidade está escondida dentro dos segundos que passamos com quem amamos.

Ele encosta seus lábios nos meus e me beija. Me beija como se fosse tudo o que quisesse fazer. Me beija como se fosse tudo o que tem para me dar. Eu o beijo com todo o amor que tenho guardado dentro de mim. Com todos os para sempre que possam existir.

Talvez eu esteja vivendo na eternidade agora.

O brilho da Lua foi engolido pela copa das árvores, dificultando nossa volta para sua casa pela trilha. Mesmo com a lanterna e as luzes dos nossos celulares acabei tropeçando duas vezes. Ou talvez quatro. Ele segurou firme minha mão e tentou não rir da minha cara, falhou miseravelmente. A culpa

não foi minha a trilha que é cheia de lama e musgo, além de um tronco caído.

Já dentro da sua casa meu corpo se acostuma ao ar quente dos aquecedores. Está um gelo lá fora, por isso andamos mais rápido para voltar. A noite o nosso lugar é ainda mais bonito, mas com o frio não pudemos apreciar mais. O aconchego da sua casa e dos seus braços me fazem esquecer por um momento o quanto gostaria de voltar ao nosso lugar a noite. Uma vez que seus braços me puxam para um abraço apertado esqueço de todo o resto. O cheiro dele me preenche e me faz sorrir. Todos os abraços fazem com que eu sinta que talvez o meu lugar seja ao lado dele. E se eu pudesse viveria dentro dele.

—Vou preparar alguma coisa pra gente jantar. Vai ficar aqui comigo hoje? Está tão frio... — Ele diz, piscando seus cílios longos.

Aceno que sim, ele me beija e segue para a cozinha.

Mando uma mensagem para meu pai, dizendo que estou bem e que não voltarei hoje. Espero ansiosamente por uma ligação furiosa ou uma mensagem me dizendo para ter cuidado e ligar se precisar de ajuda, mas é apenas o seu silêncio que recebo de volta. Há muitos tipos de silêncios. O silêncio confortável, depois de uma conversa muito longa. O silêncio impaciente, quando se está esperando algo. O silêncio que acalma, quando uns minutinhos de paz é tudo o que precisa. E os silêncios dolorosos, aquele tipo de silêncio que é como se uma faca cravasse em seu peito a cada segundo. O silêncio doloroso é o pior de todos porque você não tem certeza se as palavras serviriam para aplacar a dor, uma vez que elas também têm o poder de machucar.

Deixo meu celular sobre a mesa de centro e sigo o cheiro gostoso que vem da cozinha. Henry está de costas para a entrada mexendo em alguma panela no fogão. Ele tirou o agasalho azul e usa agora apenas a camiseta branca. Aprecio a vista desde as suas pernas longas, passando pela sua bunda avantajada até os músculos das suas costas, os ombros largos. Seu cabelo toca o colarinho da camiseta, sinto vontade de tocá-los. Lembro das vezes em que seu corpo esteve sobre o meu e o meu esteve sobre o dele. Lembro do seu toque em mim e das vezes em que o toquei, quando beijei seu corpo e aqueles piercings que tanto me assombraram por um tempo. Já beijei o dragão

tatuado em seu bíceps, a águia em seu antebraço, a caveira no seu braço direito e as folhas secas que saem dela, beijei a árvore seca em sua costela, das raízes que começam no osso do seu quadril até o último galho seco abaixo do seu coração. A árvore é a tatuagem que mais gosto nele, é grande e preta, mas foi feita com traços que vão se afinando até o topo, notas de músicas saem dos galhos, como se fossem pássaros. Também gosto da âncora pequena em seu ombro e da estrela em seu tornozelo.

E mesmo com todas essas memórias ainda frescas em minha mente não entendo como algo tão bom pôde acontecer comigo. Henry vira para mim quando estou caminhando até ele, seus lábios sorriem e pelo brilho nos seus olhos azuis posso dizer que eles também estão sorrindo. Ele dá um beijo em minha testa e depois outro em meus lábios. *Como tudo isso foi acontecer?*

—Logo o jantar fica pronto. Estou preparando macarrão com queijo.

Como se Henry o tivesse chamado, Macarrão caminha até nós miando e rebolando seu rabo peludo. Sorrimos para o bichano. Henry desliga uma panela e volta até mim, me prendendo contra o balcão. Ele tira meus óculos e me beija, não de forma bruta ou desesperada. Ele é suave e carinhoso, como se fizesse amor comigo apenas beijando minha boca. Como se gostasse muito do que faz. Querer acreditar nisso não me faz acreditar que possa ser real. Eu estou apaixonada por ele e por quem me torno quando estou com ele. Henry tira de mim as partes feias que criei e me dá partes bonitas que ele carrega dentro de si. Seria tão mais fácil se eu não fosse embora. Ou seria ainda mais fácil se ele me mandasse embora.

Nos afastamos e Henry mantém a testa sobre a minha, nossas respirações se tornam uma. Pego meus óculos e os coloco outra vez. A única forma de enxergá-lo é através das lentes grossas.

—Por que tem tantas tatuagens? — Pergunto.

Seu cenho se franze, criando um pequeno v entre as sobrancelhas. Ele dá de ombros.

—Não sei, acho que conheci pessoas erradas no momento errado. — Diz.

Toco seu rosto e o faço me olhar.

—Como assim?

—Eu era magrelo e alto demais para a turma em que estava na escola, alguns caras faziam piadas comigo. E então comecei a andar com o grupo que eu pensava ser o melhor, eles eram o grupo mais foda da escola. Depois disso todos passaram a me respeitar, então pensei que eles fossem as pessoas certas para ter por perto.

—Acho que eles tinham medo de você, não respeito. — Murmuro.

—Comecei a trabalhar na oficina do tio Bob e acabei ganhando alguns músculos, passei a matar aula pra fumar e beber junto com eles. Eu já estava ferrado na escola de qualquer forma então não me importei. As tatuagens vieram depois que eles começaram a me chamar de maricas, por ser o único dos quatro a não ter nenhuma. A primeira que fiz foi essa. — Ele aponta para a caveira no seu braço direito— Eu queria algo grande, que fizesse todos eles calarem a boca.

Fico um pouco feliz por ele estar me contando algo tão íntimo, mas ainda assim um nó se forma em minha garganta.

—Você não se arrepende? — Pergunto.

Ele sorri e volta a dar de ombros.

—Não. Bom, talvez no começo porque doeu pra caralho, principalmente a da costela, mas depois me acostumei com a dor. Comecei a gostar de sentir a agulha entrando na pele. Eu pensava que a cada pequeno furo feito pela agulha eu iria ser mais respeitado. Todos pararam de encher o saco e eu parei de me importar com eles. Eles pararam de me julgar por parecer um bambu.

Isso é tão triste...

—Mas as pessoas ainda te julgam, não é? Você não é mais o garoto—bambu, mas se transformou naquele que todos tem medo.

—Você tem medo de mim? — Pergunta.

Olho em seus olhos, minha ilha favorita no olho esquerdo.

—Não.

Só tenho medo do que você pode fazer comigo. Do que eu posso fazer comigo mesma.

—E está me perguntando das tatuagens por quê? Não gosta delas?

Sorrio.

—Claro que eu gosto, só não gostei de saber que você as fez porque não queria ser julgado pelos outros.

—Pelo menos eles passaram a não encher o saco. — Murmura.

Dou uma risada fraca.

—Não, Henry. Eles só passaram a ter medo de você. Medo é diferente de respeito. O respeito é conquistado, já o medo é quase que forçado. E as pessoas vão continuar julgando você, mesmo que não saibam o quanto você é incrível. As pessoas julgam demais as outras, sem nem ao menos se dar ao trabalho de julgar a si mesmo.

Ele me beija, com os lábios a poucos centímetros dos meus, sussurra:

—Onde você se escondeu durante toda a minha vida?

Nesta noite o jantar, o frio lá fora e o passado foram esquecidos. Henry faz amor comigo e enquanto olha em meus olhos eu falo o quanto o amaria mesmo que ainda fosse o garoto—bambu. Falo que o amo, de mil maneiras silenciosas diferentes. Falo que, não importa o que aconteça, eu vou continuar amando, de mil maneiras gritantes diferentes. Eu o amo, da melhor forma que poderia amar. Mesmo que isso não seja justo com ele nem comigo, mesmo que toda essa nossa história louca termine com um inevitável adeus.

Eu o amo, mais do que pensei que pudesse amar alguém.

Capítulo 46

Henry me deixou em casa hoje de manhã bem cedo, fiquei um pouco triste porque quando dormimos juntos eu realmente consigo dormir. Sem pesadelos e sem motivos para não respirar. Ele disse que tinha algo importante para fazer, eu quis saber o que era, mas não perguntei. Entrei em casa tentando não fazer barulho, eu sabia que meu pai já havia saído, mas as enxaquecas de Lauren voltaram então todos têm que ficar em silêncio o máximo que puder, por ela. Senti vontade de quebrar as louças e ligar o som no máximo, mas não o fiz. Acho que ela usa essas enxaquecas para dar uma de coitadinha pro meu pai, aquela vaca! Enquanto subia a escada me deparei com Cassie me olhando e sorrindo, eu podia ter continuado andando e a ignorado, mas não consegui.

Normalmente, quando nos encontramos em casa ou em qualquer outro lugar não nos falamos. Eu não falo nada, mas ela sempre sussurra seu veneno em mim. Por isso, hoje cedo imaginei que ela iria falar alguma coisa, na verdade esperava por algo mais no estilo dela. Jogar o vaso de flores em mim, me jogar da escada ou jogar uma aranha venenosa na minha cara, mas não o que aconteceu. Ela me disse:

—Bom dia, Amélie. O dia está tão lindo hoje, não acha?

Então desceu a escada saltitando como uma gazela de salto alto e dando risada. Esperei pelo apocalipse, mas ele não veio. Se fiquei surpresa? Claro, quem não ficaria? Ao entrar no sótão esperava por alguma pegadinha ou algo

que ela teria feito contra mim, mas mais uma vez nada. Meus sentidos ficaram alertas enquanto tomava banho e escolhia uma roupa para vestir. Também pensei nisso enquanto preparava os sanduíches de manteiga de amendoim e geleia. Eu sentia que algo estava errado. Cassidy não mudaria da noite para o dia.

Ainda sinto que ela está aprontando alguma coisa e embora eu não queira me importar com isso uma parte de mim grita bem lá no fundo para que eu tome cuidado.

Deixo minha bolsa no gancho nos fundos do armazém e vou a procura de Timmy. Combinei com Henry ontem de chamar Timmy e Logan para assistirmos um filme na casa dele, por incrível que pareça ele concordou. Talvez somente depois de eu persuadi-lo de uma maneira que ele não teria como dizer não. Caminho entre as pessoas e sorrio feito boba quando as vejo sorrir e comentar do que fizemos no armazém. O mural que Henry fez e as novas cores nas paredes trouxeram mais vida ao lugar. É possível notar todas as vezes em que entro aqui, sempre tem alguém tocando o mural e sorrindo.

Encontro com Princesa S. e dessa vez não sou recebida por seu sorriso enorme. Um arrepio percorre minha espinha.

—Bom dia, Princesa. — Digo.

Ela me abraça, sinto seu corpo tenso. Isso é tão estranho.

—Bom dia, menina. Como estão as coisas? Bem? Oh, que maravilha. — Diz e passa rápido por mim em direção aos fundos do armazém.

Vou atrás dela e fecho a porta antes que ela possa passar. Com uma coragem que não sei de onde veio, fico parada na sua frente e cruzo os braços. Ela não consegue me olhar nos olhos e está agitada, balançando uma caixa de Lego que segura.

—Você está bem, Princesa? Aconteceu alguma coisa?

Não sei por que, mas a cada segundo do seu silêncio me sinto cada vez mais ansiosa e.... com medo. O senhor Turner, que se voluntariou aqui a algum

tempo, se aproxima de nós e nos cumprimenta com seu sorriso tímido. Às vezes ele esquece de nós e temos que contar como funciona o armazém de novo, hoje não é um desses dias, pelo menos.

—Onde está Timmy? — Pergunto.

É então que o medo se apodera de mim por completo. Os olhos de Princesa S. estão banhados com lágrimas e ela balança a cabeça em negação.

—Me desculpe, minha menina. Sinto muito mesmo. Todos nós sentimos. — Diz ela.

A deixo passar por mim e atravessar a porta porque não sei o que está acontecendo, mas reconheço a sensação que estou sentindo. O senhor Turner que parecia alheio ao o que está acontecendo dá tapinhas em meu ombro e balança a cabeça em negação, como Princesa.

—Oh, pobre garoto. Pobre garotinho. — diz.

A única coisa que lembro é de pegar minha bolsa e correr para fora do armazém.

Dirigi até a casa de Henry, mas ele não estava lá. Fui até a casa dos seus pais, mas uma vizinha me disse que eles haviam saído hoje bem cedo, antes do Sol nascer. Agora já passa das duas da tarde. Dirijo até a *Mont's*, agora o medo já se apoderou de mim por completo. Henry não atendeu o celular quando liguei e Logan não atendeu nem respondeu as mensagens. Acelero o máximo que consigo. Os pneus gritam em contato com o asfalto quando estaciono em frente à loja. Suspiro aliviada por ver que está aberta. Pulo da picape e corro até a entrada, no momento em que Henry sai de lá com um raio. Logan está logo atrás dele, falando coisas que não consigo assimilar.

Toda essa situação parece estranha demais. E assustadora demais.

Corro até eles, gritando seus nomes. Henry para perto da sua moto e me olha, por tempo suficiente para que eu veja seus olhos vermelhos. Como se não

tivesse me visto ele monta na moto e coloca seu capacete, sai em disparada pela rua. Me deixando completamente perdida, mais uma vez. Corro até Logan.

—O que aconteceu? — Pergunto.

Ele ainda olha para a rua que Henry saiu correndo com a moto. Henry fingiu que não me viu, mas eu o vi. Vi a dor em seus olhos, a raiva e desolação que se juntavam a ela. Eu vi as marcas vermelhas e o sangue em suas mãos. Sacudo Logan para que me olhe.

—Me diz!

Ele se afasta de mim e balança a cabeça em negação. Por que, porra, todo mundo está fazendo isso? O que estão tentando negar?

—Não sou eu quem deve te falar isso. — Diz ele, me olhando como se eu estivesse caindo aos pedaços.

E acho que estou.

—O que aconteceu com as mãos dele?

Ele sorri e dá de ombros.

—Ele tem uma certa tendência a fazer merda. — Diz.

Suspiro tentando me acalmar e apagar da mente as imagens de Henry sofrendo um acidente de moto, a forma como ele saiu correndo daqui me preocupa.

—Qual foi a merda que ele fez? — Pergunto.

Logan sorri tristemente, seus olhos ganham o tom de vermelho mais fraco do que vi nos olhos de Henry.

—Ele estava bem feliz hoje, mais cedo. Ficou falando de você o tempo todo e fazendo um monte de planos de lugares que quer te levar. Até disse que ia cantar lá no bar de novo. As mãos dele apenas se tornaram vítimas de uma

coisa que ele não tem controle. Ele não lida muito bem com isso, quando as coisas não acontecem como ele quer. O que o meu querido primo não sabe é que não temos o controle de tudo. E as merdas que a vida prepara pra gente são bem piores daquelas que nós mesmos fazemos.

Reviro os olhos.

—Não estou entendendo nada, Logan. Tô assustada pra cacete e nem sei o que está acontecendo. Essa não é uma boa hora pra ficar filosofando.

Ele ri, mas lágrimas escorrem pelo seu rosto. Ele as seca com o dorso da mão.

—Ele não queria te fazer sofrer, Melie. Nenhum de nós queria. — diz, então me dá as costas e entra na loja.

Então por que sinto que é exatamente isso que estão fazendo?

Capítulo 47

Não volto para o armazém. A única coisa que quero é ir para casa e me esconder no sótão. Não saber o que está acontecendo me deixa com raiva e com uma sensação tão ruim que não sei explicar. O nó na minha garganta me persegue até em casa e me faz esperar um pouco dentro da picape até me sentir firme em meus pés o suficiente para sair. Mando mensagens para Henry e Logan, mas mais uma vez fico sem respostas. Não sei mais o que fazer e ficar sem fazer nada me deixa ainda mais nervosa. Mando mais uma mensagem para Henry e fico sem resposta, de novo.

Abro a porta de casa e me deparo com o olhar furioso do meu pai. O olhar de desprezo de Lauren e Cassidy. E o olhar triste de Nelie. O céu já escureceu lá fora e está muito frio, mas penso em dar a volta e sair correndo. Guardo meu

celular no bolso da calça jeans e fecho a porta atrás de mim. Peço ajuda com os olhos para Nelie, mas ela apenas franze os lábios e seu olhar entristece ainda mais. Espero ouvir algo do meu pai, mas ele fica em silêncio me avaliando. Ele me olha como se sentisse nojo de mim. Será que fiz alguma coisa?

Ele dá dois passos na minha direção e joga aos meus pés uma pequena pasta de papel branca. Folhas caem dela e uma foto grande. Uma foto que me faz pensar em sair correndo mais uma vez.

—É com esse tipo de gente que você se relaciona, Amélie? — Papai diz. Sua voz pinga desprezo em minha direção.

Olho para Nelie, caem lágrimas dos seus olhos. Sinto que as minhas também querem cair.

Me abaixo e pego os papéis. São coisas da polícia, uma ficha criminal. A foto me assusta. Lágrimas se formam em meus olhos, mas não posso deixá-las cair. Não na frente deles. A foto em preto e branco é daquelas que tiram na delegacia quando vão fazer a ficha de um bandido. *Um bandido?* Não. Não. Não.

Ele não é um bandido.

Olho para meu pai e peço ajuda. Peço que diga que o que estou vendo é mentira. Quero que ele me diga que tudo isso é mentira. Porque não pode ser verdade. Não desse jeito. Não hoje. O nome na ficha não pode ser o dele. A foto não pode ser a dele.

—Como você pôde fazer isso? Como pôde se envolver com um delinquente? Eu não te ensinei isso. Você não foi educada para se meter com essas pessoas, Amélie. — Ele agora grita.

Respiro fundo e me levanto do chão e olho para ele.

—Eu não sabia. — Sussurro.

Ele volta sua atenção para Lauren.

—Você tinha razão, querida. Sempre teve. — Diz.

—Eu te avisei que um dia ela nos causaria problemas. — Murmura ela.

Cassidy parece saber muito bem o que está acontecendo, pois sorri para mim como se dissesse "bem-feito". Nelie chora. eu também quero chorar.

—Você me decepcionou. — Ele diz.

Agora as lágrimas fluem pelo meu rosto e molham o papel nas minhas mãos. Todo o resto não importa agora, o que importa é o que meu pai está fazendo comigo. Isso me machuca e me deixa com muita raiva. Aguentei tanta coisa em silêncio por ele. Todas as vezes em que me ignorou e todas as vezes em que eu precisei e ele não estava comigo. Queimei meu caderno de planos por ele. Não fui para a faculdade por ele, por achar que ele se sentiria muito sozinho sem mim. Quando na verdade minha presença nunca importou. Raiva. Com tanta raiva.

——Não me culpe pela sua decepção, não fui eu que criei suas expectativas, papai. — Grito.

—Não fale comigo desse jeito! Sua garota insolente.

Não sei quando tudo se tornou desse jeito. Nós nunca gritamos e brigamos, nunca mesmo, mas hoje eu não consigo. O rosto dele fica vermelho de raiva, sempre foi assim. Ouço seus passos firmes no chão. E então um grande tapa no meu rosto. Me desequilibro e caio no chão junto com os papéis e as lágrimas que agora caem sem parar. Ouço o suspiro surpreso de todas elas e o baque dos meus óculos no chão. Meu rosto queima onde ele me bateu. Pela cortina de cabelos olho para ele. Gostaria que ele tivesse ficado surpreso também e me pedisse desculpa, mas ele me olha e não expressa nenhuma reação. Não consigo enxergar direito, pela miopia e as malditas lágrimas.

—Às vezes queria que você tivesse morrido no lugar da sua mãe. — Diz ele.

Minha bochecha queima e dói muito, mas não é por isso que choro ainda mais. Não me importo com os meus soluços, que todos podem ouvir. Não me importo com os papéis que agora estão molhados com lágrimas. Seu tapa não

doeu. Não doeu tanto quanto ouvir o que ele acaba de me dizer. Nelie me ajuda a levantar e entrega meus óculos, volto a enxergar quando coloco meus óculos. O suficiente para ver a expressão de Lauren, com as mãos sobre a boca e os olhos arregalados, e a de Cassie com pena e arrependimento. Olho para meu pai e choro ainda mais.

Acho que nada nunca me machucou tanto quanto suas palavras.

—Às vezes eu também gostaria disso, papai. — Digo.

Passo por todos eles e começo a subir a escada. Cassie segura meu braço e sorri.

—Cuidado quando for dormir esta noite. Os cacos do seu coraçãozinho podem te perfurar. — Sussurra.

Mais lágrimas caem. Ignoro e volto a subir a escada. Enquanto carrego os papéis comigo e ainda tenho forças para fazer isso. Sei que esta noite eu vou desmoronar, mas não quero que eles vejam meus pedaços caírem.

Antes mesmo de abrir a porta do sótão sinto o cheiro de tinta, por um momento imagino que Cassie finalmente fez a piada que queria, mas não é isso que encontro quando acendo a luz. O sótão está pintado de lilás e o teto branco, o chão foi encerado, meus livros organizados numa pilha perto da cômoda, minha cama está com um novo lençol roxo com estampa de borboletas. Entro de vez no sótão e aperto os papéis contra o peito. Olho para o teto e vejo borboletas de papel presas em fios de nylon, como se estivessem voando. A janela está aberta e elas balançam suas asas.

Esse lugar não pode ser o sótão. Esse não é o lugar para onde uma rata corre para se esconder. Esse lugar não pode ficar bonito. Ele tem que ser feio e destruído porque é assim que me sinto. Solto os papéis sobre o colchão e procuro pelo sótão alguma parte feia, mas não encontro. Eu não encontro! Choro ainda mais, choro e choro sem parar. É a única coisa que consigo fazer agora. Nelie aparece na porta do sótão, com seu sorriso solidário e um copo de leite. Caio sobre o colchão e me encolho enquanto a dor me rasga por

dentro.

Sinto o toque de Nelie em meu ombro.

—Há uma coisa aqui pra você. — Diz.

Depois de respirar fundo ergo a cabeça e a olho. Ela segura um papel pequeno, limpo meus olhos e os óculos e desdobro o papel. Reconheço a letra.

—"*Quando o céu estiver nublado apague a luz.*" — Leio em voz alta.

Por um pequeno tempo as lágrimas param de cair. Olho para Nelie e ela sorri para mim, da melhor forma que consegue ela levanta e apaga a luz. Então as lágrimas voltam a cair. Pequenos pontos verdes brilhantes dançam no teto e se reflete nas paredes. Vaga—lumes. Nelie volta a sentar ao meu lado e eu deito no colo dela. Choro como chorei quando perdi minha mãe. Ela me consola como consolou naquele dia.

—*Shhh...* Está tudo bem, minha criança. Vai ficar tudo bem. — Ela murmura.

Um novo rompante de lágrimas me atinge. Não vai ficar tudo bem e eu sei disso. Sempre soube disso, mas por mais que eu quisesse estar preparada quando o momento chegasse percebo que não estou, nunca estive. Ninguém nunca está pronto para uma coisa dessas. Por muitas vezes desejei que isso acontecesse, só não fazia ideia do quanto me machucaria.

—*Oh*, Nelie... Eu o amo e isso está me matando. — Digo entre soluços.

—Não, o amor não está te matando. Ele pode machucar de vez em quando, mas ele não nos machuca. O amor nos mantém vivos.

Então por que sinto que estou morrendo? Por que ele tem que machucar tanto?

Me afasto de Nelie e pego os papéis amassados. Olho mais uma vez para o nome gravado na ficha e na foto.

—Por que ele fez isso? Por que está me machucando tanto desse jeito?

Ela tira os papéis das minhas mãos e me faz encará-la.

—Às vezes tomamos decisões erradas sem saber, porque a intenção não é ruim.

Será? Será que ele não fez isso por mal? Mas quem rouba e quase mata uma pessoa sem querer?

Quero fingir que não é o nome de Henry Montgomery II que está na ficha. Quero fingir que não são seus olhos que vejo na foto. Quero fingir que tudo é mentira. E eu não posso fazer isso. Não quando uma voz grita na minha cabeça que tudo é verdade. Que Henry Montgomery já foi preso por roubo e por suspeita de tentativa de homicídio. Que ele mentiu para mim. Eu devia saber que isso aconteceria.

—Eu o amo, Nelie. Eu não devia, mas me apaixonei por ele. — Sussurro.

Nelie me abraça e beija minha cabeça.

—Descanse, minha criança de coração partido. Durma um pouco e amanhã tudo irá se resolver. — diz ela.

Sei que nem ela consegue acreditar no que diz. Como posso descansar quando não consigo parar de chorar? Olho para ela, eu não preciso fingir nada perto de Nelie. Ela fica em silêncio porque sabe que nada do que dirá poderá fazer com que doa menos.

—Eu o odeio por fazer eu me apaixonar, mas me odeio mais ainda por não ter forças para lutar contra isso. — Digo.

Quando Nelie sai do sótão, fico na escuridão. Olhando para o teto recém pintado, a sombra das borboletas voando e o brilho dos vaga—lumes. Como alguém que faz coisas tão bonitas como esta poderia quebrar o coração de alguém? Como tudo isso foi acontecer?

Ouçó meu celular vibrar, mas não atendo. Sei que é Henry e sei que não posso falar com ele. Vou fazer isso amanhã, digo a mim mesma. Amanhã talvez tudo se resolva. Amanhã pode ser o dia em que eu vou descobrir que

tudo foi apenas um sonho ruim. Hoje eu só quero o silêncio e o escuro.

Eu poderia parar de respirar agora, mas não faria diferença. Eu sinto como se estivesse sem respirar por dias. A dor é ainda mais forte. A dor é a única coisa real.

Capítulo 48

Sai de casa bem cedo para não encontrar com meu pai. Não quero vê-lo, sei que não vou conseguir. Se eu olhar para ele mais uma vez sei que vou desabar e chorar. Antes eu não conseguia chorar, agora não sei como evitar não chorar o tempo inteiro. Nelie não falou nada sobre Henry ontem à noite, então pensei que ela pode não estar acreditando nisso também. Bem, não é que eu não acredite. Tudo está nos papéis amassados que carrego na bolsa, mas uma parte de mim implora para que seja mentira. Eu não sei como lidar com isso, não faço ideia do que fazer.

A única coisa de que preciso é distância dele. Eu o amo. Deus sabe o quanto eu o amo, mas ele me machucou. Eu sabia que ele escondia coisas de mim, mas nunca pensei que seria isso. Passo em frente a *Mont's* e encontro a placa de FECHADO. Estranho. Eles sempre costumam abrir a loja bem cedo. Sigo para a casa de Henry, não quero vê-lo, mas tenho que passar em frente a ela para pegar a estrada que leva para o bar do Logan. É com ele que preciso falar. Ele precisa me dizer se isso é verdade. Acelero o máximo que Lilo

consegue, mas me deparo com o bar fechado também. Droga! Faço o retorno, dessa vez sigo pela pista central. Que vai me levar até a casa de Timmy.

Depois de alguns minutos dirigindo, suspiro aliviada por ver a van da loja estacionada e o carro do pai de Logan. A luz do dia a casa parece ainda mais adorável, como uma casa de bonecas. Estaciono e pulo da picape. O vento frio balança as poucas folhas da árvore em frente à casa, me enrolo no meu agasalho marrom e ajeito meus óculos. Sei que não deveria estar aqui, mas preciso de respostas e não vai ser fingindo que está tudo bem que vou encontrá-las. Estou chegando perto da casa quando a sirene de uma ambulância me faz dar um pulo de susto. Ela para de qualquer jeito perto da calçada, seus pneus derrapando no asfalto. A porta da casa se abre e o senhor Montgomery sai correndo de encontro aos enfermeiros que pulam da ambulância e correm até a casa, levando uma maca e aparelhos médicos.

Meu coração bate descontrolado e imagens de coisas horríveis giram em minha cabeça. Corro até a entrada, mas quase caio. Os enfermeiros saem de dentro da casa, carregando a maca com... Timmy? Ai meu Deus... Timmy está na maca desacordado, um enfermeiro segura um pano em frente ao seu rosto. Um pano que está coberto de sangue.

—TIMMY! — Grito.

Sei que ele não vai me ouvir, mas não posso acreditar no que estou vendo. O senhor e senhora Montgomery correm junto com os enfermeiros, ela chora desesperada. Posso sentir minhas próprias lágrimas descerem pelo meu rosto. Com mais um cantar de pneus a ambulância liga sua sirene e corre pela pista. Pelo canto do olho vejo mais alguém sair da casa. Logan. Corro até ele. Seguro seu braço e o faço olhar para mim. Ele também está chorando.

—O que está acontecendo? O que aconteceu com Timmy? — Pergunto, ainda o balançando.

Ele me olha surpreso e um pouco em choque, seus olhos se voltam para a casa e ouço barulhos dentro dela. Ele volta sua atenção para mim e segura meus ombros.

—Eu não devia fazer isso, mas sei que ele precisa de você. Timmy está muito

mal, Melie. Não tenho tempo pra explicar tudo, mas você precisa ir até o hospital em Seattle. Nós estamos indo pra lá agora.

Ao dizer isso caminha em direção a van. Fico plantada no mesmo lugar, em choque. Sinto como se tivesse visto tudo em câmera lenta. Desde ontem tudo parece estar em câmera lenta. O baque da porta me traz de volta à realidade, Henry sai da casa segurando uma mochila preta e uma mala pequena, também preta. Ele olha para mim e fica parado no lugar, como eu. Dessa vez mais lágrimas caem. Ele não mentiu apenas em ter sido preso, mentiu sobre Timmy o que é bem pior. Não reconheço o homem para o qual eu olho agora. Esse não é o Henry que conheci e por quem me apaixonei. Esse não é o meu poeta, cantor e pintor cheio de sarcasmo e ironia. Que bebe Coca—Cola e come sanduíche de manteiga de amendoim com geleia e não se importa em arrotar em público. Esse não é o homem que me amou até outro dia.

Será que eu também o criei?

—O que tá fazendo aqui? — Ele pergunta.

Sorrio em meio as lágrimas.

—Eu vim saber quem você é de verdade, mas perdi meu tempo. Acho que não há nada verdadeiro em você. — Digo.

Com o resto de orgulho que me resta me viro e caminho até a picape. Sinto os olhos dele em mim e me forço a não olhar para ele. Não consigo. Como se eu estivesse em câmera lenta outra vez, olho para ele através da janela. A mochila e a mala estão sobre a grama, seus ombros curvados e seus olhos em mim. Dor. É tudo o que vejo neles. Talvez estejam refletindo o que estou sentindo.

Corri pela pista, derrubei uma placa de sinalização e quase atrolei um cara. Tudo porque precisava chegar em casa logo. Eu devia ter ido direto até o hospital, mas não sei quanto tempo vou ficar lá então dirigi feito louca até em casa. Peguei minha mochila e enfiei nela tudo o que pode ser necessário. Sei que estou indo porque Logan me pediu, mas também vou até lá por mim.

Porque eu também preciso. Preciso de respostas e só vou encontrá-las se for até o hospital. Logan estará lá para me explicar tudo, é apenas isso que quero. Uma explicação.

Desço a escada correndo, mas paro ao chegar perto da porta. Não olho para trás, mas sei que ele está aqui. Hoje me olhei no espelho e a marca de ontem ainda está no meu rosto. E pior que isso, ainda está dentro de mim. Acho que não irá desaparecer tão cedo. Não quando essa ferida foi aberta tão cruelmente.

—Onde você pensa que vai?

Sua voz me faz estremecer porque uma parte de mim ainda é uma garotinha medrosa, mas uma outra parte não se importa com mais nada. Olho para ele.

—Vou sair. — Digo.

—Amélie, não tente me desafiar de novo.

Eu já o desafiei antes? Espera. Alguma vez eu o desafiei? Pelo visto ele não apenas se afastou de mim, mas mudou por completo. Nós nunca gritamos um com o outro. Ele nunca me bateu antes. Ontem foi um dos piores momentos da minha vida, descobri coisas que me machucaram como nunca imaginei antes. E tive certeza de que não importa o quanto eu tente, nunca terei meu pai de novo.

Eu não devia ter esperado tanto tempo para falar tudo o que estou sentindo e, pensando bem, acho que isso acabou acarretando em um longo tempo de dor e sofrimento. Eu pensei que ao manter minhas palavras só para mim iria evitar causar sofrimento nas pessoas. O que não imaginava é que, ao poupar os sentimentos alheios, acabei destruindo os meus. Desde ontem a noite tomei a decisão que eu já devia ter tomado há muito tempo. Fiquei adiando meus planos por medo, mas agora não há mais nada a temer.

—Ou o quê? Vai me bater de novo? — Pergunto.

Ele dá um passo para trás, como se eu o tivesse dado um soco. Talvez minhas palavras o tenham machucado, como seu tapa ainda me causa dor.

—Amélie, eu estava nervoso com o trabalho. Fiquei com raiva e disse coisas que não devia. Fiz coisas que não devia. — Murmura.

Dessa vez eu sorrio. Não tem razão para que eu guarde o que quero dizer, não mais.

—A raiva mostra quem as pessoas são de verdade. Na raiva você diz aquilo que sempre quis dizer. E faz aquilo que sempre quis fazer.

Ele dá dois passos na minha direção, mas me afasto. Levo minha mão a bochecha que ainda dói pelo seu tapa. Ele agora parece triste e arrependido, mas as pessoas sempre podem parecer quem quiserem ser.

—Vai encontrar com aquele delinquente de novo, não vai? Será que você não...

—Não, papai. Não vou me encontrar com ele, mas você não se importa, né? Já se importou alguma vez? — O interrompo.

Ele cruza os braços e franze os olhos. O nó na minha garganta parece cada vez maior, me impede de respirar.

—Se você sair por aquela porta esqueça que é minha filha.

Suas palavras giram na minha cabeça, por um segundo perco o equilíbrio e quase caio. O impacto dessas palavras é tão grande que meu corpo inteiro parece doer. Suas palavras são como facas no meu coração. Em qual lugar no meio do caminho nós nos perdemos desse jeito?

Eu sou o fantasma. Eu causo sofrimento em todos. Eu vou definhando sozinha numa cama. Eu sou a próxima.

Todos eles sempre estiveram certos.

—Acho que você já esqueceu disso há muito tempo.

Olho para ele uma última vez. E tão rápido quanto um suspiro, vejo desaparecer as últimas partes de quem meu pai foi. Eu me afasto dele. Me agarro ao resto de força que ainda tenho, pois Timmy agora precisa de mim.

Ouço a porta se fechar atrás de mim.

Capítulo 49

Hospital.

Nunca pensei que pisaria em um tão cedo. Principalmente neste.

Ainda me lembro do dia em que estive aqui, a viagem pareceu longa demais como a que fiz agora. Meu coração batia tão rápido quanto agora. Eu rezava baixinho para que alguém lá de cima poupasse a vida de quem amo, como agora. Eu estava perdida, me sentindo sozinha e dolorida, como agora. A diferença é que agora eu sinto vontade de dar a volta e sair correndo, mas não se pode fugir da realidade.

Na recepção digo meu nome para uma mulher de cabelo azul, ela masca um chiclete tão audivelmente que sinto vontade de mostrar a ela a placa na parede que pede silêncio. Digo o nome do paciente que vim ver e depois de pegar a identificação vou para o elevador. Quero ir até eles o mais rápido que posso, mas o elevador para em todos os andares antes de finalmente parar no que preciso.

Minhas pernas tremem e meu coração bate tão rápido que se algum cardiologista passasse iria querer me examinar na hora. O corredor está vazio, é frio e tem cheiro de desinfetante e doença. Um típico cheiro de hospital. Me deixa enjoada, as lembranças de já ter pisado em um dos diversos corredores desse hospital voltam com força. Digo a mim mesma que logo vou embora e com boas notícias. Caminho pelo corredor estéril, as luzes fluorescentes deixam a sensação de desconforto ainda pior. Não preciso de muito tempo para encontrar o quarto que a moça da recepção me disse, antes mesmo de encontrar o quarto encontro com Henry.

Ele está sentado no fim do corredor, encostado na parede com as suas longas pernas flexionadas e a cabeça enterrada sobre os braços cruzados, apoiados nos joelhos. Ele parece estar dormindo. Essa imagem parte meu coração, muito mais do que a ficha criminal partiu ontem. O que vejo é bem pior que algumas palavras num papel. Vejo o garotinho perdido, desolado pela dor. Eu só queria abraçá-lo e dizer o quanto eu o amo, mas não posso fazer isso. Embora sua dor também doa em mim. Ele mentiu.

Tento dar passos silenciosos para não o acordar, mas toda a minha tentativa desaparece quando ouço o barulho do elevador e a voz de Logan gritando meu nome. Henry ergue a cabeça no mesmo momento, seus olhos encontram os meus. É tanta dor que vejo nos seus olhos azuis que preciso desviar os meus. Me viro e me deparo com Logan, seu sorriso e o olhar que gosto tanto. Ele para na minha frente, por cima da minha cabeça olha para Henry. Não

quero virar e olhar para ele outra vez, me machuca muito.

—Que bom que veio, Melie.

Eu o abraço.

—Você me pediu para vim, então estou aqui.

Ele me afasta e olha nos meus olhos. Eu podia fazer todas as perguntas que quero, mas não é o momento certo. Só espero que o momento chegue logo, antes que o tempo acabe.

—Você vai conversar com ele? — Pergunta.

Sei a quem ele se refere, então aceno que não. Sei que não vou conseguir. Logan suspira e aperta minhas mãos.

—Sei que quer saber sobre o que viu hoje e por que está aqui, mas não sou eu quem deve te dizer isso. Fale com ele, Melie.

—Não posso. — Sussurro.

—Por quê?

Abro minha bolsa e tiro os papéis amassados de dentro dela, incluindo a foto, e entrego a ele. Logan pega os papéis o choque em seu rosto já responde minha primeira pergunta. Sim, é verdade. Não sei por que esperava ouvir que tudo isso é mentira. Ele não precisa de muito tempo olhando os papéis, acho que sempre soube de tudo. Mais uma pessoa que mentiu para mim. Como eu pude ser tão tola?

—Como você soube disso?

Reviro os olhos.

—Meu pai é da polícia.

Não falo sobre tudo o que esta descoberta acarretou. Não falo sobre o quanto isso me magoa. Acho que se eu não o amasse tanto não doeria. Ele enfia os

papéis na minha bolsa e segura meus ombros, me fazendo encará-lo. Meus olhos ficam tortos.

—Ah, Melie... Droga! Nunca imaginei que você saberia disso assim. Ele... Henry não é essa pessoa que você está pensando, ele não é uma pessoa ruim. Só fez muitas merdas, mas mudou.

Me afasto dele. É claro que Logan ia defendê-lo, eu devia saber.

—Você tem alguma ideia do quanto isso me magoou? Ele mentiu pra mim, Logan. Está doendo tanto. — Sussurro.

—Vá conversar com ele, não acredite em tudo o que vê, Melie. Tudo tem uma razão para acontecer. Há muito mais nessa história do que você imagina.

Como eu posso fazer isso? Como posso ir até ele e olhar nos olhos dele sem que eu desmorone? Eu quero saber toda a história, só não sei se vou ser capaz disso.

—Não sei se consigo.

Logan suspira e olha por cima da minha cabeça mais uma vez. Sei que está olhando para Henry, mas não sou capaz disso. Logan me gira, colando minhas costas em seu peito. Sou obrigada a ver toda a dor que transborda de Henry. Quero sair correndo. Quero chorar. Quero me esconder.

—Sabe qual é a pior parte para ele? Ter te feito sofrer, quando ele só queria evitar isso.

Dito isso Logan me deixa sozinha. Ouço seus passos se afastando e o barulho do elevador. Sozinha com Henry nesse corredor que me traz tantas lembranças percebo que essa história não é a minha. É a daquele garotinho perdido na sua própria dor. Passei anos deixando minhas dores de lado para cuidar das dores dos outros e sei que agora eu devo fazer isso. Henry precisa de mim.

Ele mantém a cabeça baixa mesmo depois de eu ter me sentado no chão ao

seu lado. Não sei por onde começar, não quero trazer seu passado à tona quando estou tão preocupada com Timmy. Soube que ele está dormindo agora e que precisa descansar. Logan e os pais de Henry estão lá embaixo tentando encontrar forças para comer algo. Sei como se sentem. Henry não quis ir, mesmo depois de sua mãe insistir. Eu também sei como ele se sente.

O caderno de capa preta está no chão, junto com uma caneta. O garotinho dentro dele gritou hoje. Sinto que ele quer gritar ainda mais. Eu só queria que ele confiasse em mim o suficiente para se abrir. É o que tento fazer.

—Me diz o que tá acontecendo. — Peço.

Ele suspira. Olho para o seu rosto bonito, castigado pela dor dentro dele. Seu cabelo está bagunçado, a barba cresceu muito e seus olhos pesam pelo cansaço.

—Vai embora, Ratinha.

Logan me avisou que ele podia fazer isso.

—Mesmo que você fique aí sem me dizer nada, eu não vou embora. Não adianta tentar.

Ele suspira e encosta a cabeça na parede atrás de nós, ele vira a cabeça na minha direção. Seus olhos encontram os meus e meus lábios instintivamente sorriem. Odeio que ele me faça sorrir quando eu devia estar com raiva dele. Odeio que no fundo eu não odeie sorrir quando ele me olha.

—Eu sei disso. E eu não quero que vá. — Diz.

Eu quero chorar e beijar ele. Eu também quero bater e gritar com ele. Chego mais perto e sinto seus braços me envolverem, suspiro sentindo o alívio que tanto queria.

—O Timmy não está bem. Eu quero tanto ver meu irmão bem, Melie. Eu daria tudo o que tenho, daria minha vida em troca da dele.

Um nó se forma em minha garganta. Embora eu tenha medo da resposta, pergunto:

—O que ele tem?

—Leucemia.

Eu me afasto dele. Em busca de ar, meus pulmões parecem não querer funcionar agora. Minha bolsa vai parar em algum lugar quando me levanto em um pulo. Meus óculos não me fazem enxergar direito, tudo parece embaçado.

—Não mente pra mim! Para de mentir pra mim! Vo—Você não pode dizer uma coisa dessa. Não mente pra mim!

Seus braços me seguram, não sei para onde eu estava indo. Não consigo ver nada. Não sei o que está acontecendo. Isso é mentira! Henry mentiu para mim antes e está mentindo agora. Isso não pode acontecer de novo. Não!

—Não! Por favor, de novo não.

—*Shhh...* Ratinha, não estou te entendendo. Não pode gritar aqui dentro do hospital. Eles vão te colocar pra fora. Por favor, meu amor, se acalma.

Eu não quero me acalmar. Não consigo me acalmar. Eu quero gritar com a filha da puta da vida pra ela parar de me machucar.

—Diz que é mentira, Henry. DIZ QUE É MENTIRA! — Grito.

Ele se afasta, balançando a cabeça. Porque eu sei que ele também quer que seja mentira. Por que isso não pode ser uma mentira?

—Não é mentira, Ratinha. — Sussurra.

Isso não pode estar acontecendo. Isso não pode estar acontecendo. Isso não pode estar acontecendo. E se...

—Eu posso fazer alguma coisa. E—Eu posso ir doar sangue ou... ou sei lá. Cadê o médico?

—Ratinha...

—Eu vou falar com ele e tudo vai ficar bem, tá? Timmy vai ficar bem.

Caminho em direção ao elevador, mas Henry me para de novo. Limpo meu nariz e olho para ele, sorrio porque a gente vai poder salvar o Timmy. É claro que vamos salvar o Timmy. Pela expressão em seu rosto ele não pensa o mesmo que eu, mas que bobo. Henry tem que acreditar em mim. Timmy é meu Pequeno Príncipe, nada vai acontecer com ele.

—Ele não reage mais ao tratamento.

É a última coisa que me lembro antes de tudo ficar escuro.

Como da última vez.

Capítulo 50

Eu tentei. Juro por Deus, que tentei.

Tudo aconteceu rápido demais. Em uma noite eu descobri coisas horríveis de uma pessoa que amo. Percebi que não sobrou nada da minha relação com meu pai. Descobri que eu estou prestes a perder mais uma pessoa que amo. E não sei como lidar com isso. Com nada disso.

A semana passou sem que eu me desse conta. Não sei quando foi a última vez que comi ou quando foi a última vez em que vi meu pai. Bem, disso eu lembro. Não voltei para casa, estou morando na Lilo e usando o parque como refúgio de toda a confusão que caiu sobre mim. É muito simples, durante o dia fico no hospital com Timmy e os pais dele. Eles se revezam entre o hospital e a loja, já que é de lá que tiram o sustento da casa e o dinheiro para manter Timmy no hospital. Eles gostam da minha presença, disseram que Timmy fica feliz. Eu também fico, mais do que eu poderia explicar. Logan aparece sempre que pode e conversamos sobre tudo, menos sobre o quanto

meu coração está partido.

Henry está sempre no hospital, fica com Timmy e leva o violão para cantar com ele. Ontem à noite quando fui me despedir de Timmy eu ouvi Henry tocar para ele, era uma melodia que eu não reconheci, mas pude senti-la vibrar em meus ossos. Calma e lenta como uma chama lambendo um pedaço de madeira. Eu não entrei no quarto, mas enquanto pude fiquei com a orelha grudada na porta escutando a música. Às vezes Henry não vai até o hospital, por um tempo me perguntei o que ele fazia quando não estava com Timmy e no fim cheguei à conclusão de que o velho Henry está de volta. Ele não sai apenas do hospital, acho que também sai dele mesmo. Nos dias em que ele aparece fica sentado no chão, no mesmo lugar de sempre, com seu caderno e uma caneta. E agora com fones de ouvido plugado no celular e o violão por perto.

Não nos falamos mais, ele não tentou falar comigo e eu não tentei falar com ele, não depois de ter descoberto tantas coisas que me machucaram. Às vezes eu fico escondida em um dos corredores e o observo de longe. Fico olhando para o homem por quem me apaixonei e torcendo para deixar de amá-lo. Eu sei que isso não vai acontecer. Mas não custa nada tentar.

Ele está lá de novo, no chão e escrevendo algo no caderno. Posso sentir daqui, há uma boa distância dele, o quanto ele está sofrendo. Logan está sentado ao meu lado, tagarelando sobre seu último relacionamento. Descobri também que esse é o jeito dele de enfrentar tudo isso, Logan tenta esconder o quanto está sofrendo fazendo piadas e fingindo que acredita que tudo ficará bem. Gostaria de ser como ele. Se eu apenas tivesse mantido o talento de fingir estar bem quando estou destruída, talvez estivesse sendo mais fácil passar por tudo isso.

—Ei, tá me ouvindo? — Logan me traz de volta a realidade com um cutucão na costela.

Às vezes é difícil desviar meus olhos de Henry, principalmente quando estou desesperadamente tentando gravá-lo para sempre na minha memória.

—Me desculpe. O quê disse?

Ele revira os olhos, mas sorri.

—Você não vai mais falar com ele? — Pergunta.

Olho para Henry, agora com os fones de ouvido e ainda escrevendo. Sinto vontade de correr até ele e gritar com todas as forças que eu o amo e que não importa o que ele tenha feito antes disso não muda o que sinto por ele, mas eu estaria mentindo. Não sobre amá-lo, mas sobre não importar o que ele tenha feito. Eu o amo o suficiente para esquecer todo o passado, mas não neste momento. Agora eu estou magoada e saber que ele mentiu para mim é o que mais me incomoda.

—Eu quero muito falar com ele, Logan, mas não sei se conseguiria fazer isso sem desmoronar ou dizer coisas que não devo. Henry é muito importante pra mim. — Sussurro.

Logan segura minha mão. Olho para ele e forço um sorriso.

—Você também é muito importante pra ele. Nem sabe o quanto. Hank mudou depois que te conheceu, ele deixou de ser o idiota que ia no bar beber até cair e transar com alguma das vacas que vão lá. — Faço uma careta. Ele dá de ombros. — Desculpa, mas é verdade. Eu aguentei o meu priminho falando de você o dia inteiro e me perguntando o que fazer pra que você deixasse de amar o tal Sid. Acho que agora é hora de você me pagar por isso, indo até lá e dando a ele todo o amor que ele pensa não merecer. — Diz.

Suspiro.

Eu poderia dar a ele todo o amor do mundo, mas não tenho tempo suficiente para isso. Olho para ele, com a cabeça enterrada nas mãos entre as pernas. É doloroso olhar para ele, coberto por tanta dor. Quero trazer meu Henry de volta, mas não sei se ele será capaz de voltar. Não sei se estou pronta para fingir que seu passado nunca existiu.

—Ele te falou que escreve poemas? — Logan pergunta.

Aceno que sim. Ele sorri e olha para Henry. Também olho para ele e tento impedir que as palavras que nunca disse saiam pela minha boca.

—Ele é o tipo de poeta que escreve sobre o amor, mas não tem ideia de como amar.

Eu também não tenho nenhuma ideia de como amar então talvez, talvez a gente possa descobrir juntos. Eu só preciso acreditar nisso.

A primeira a falar foi eu. E ele apenas assentiu. Depois de dar uma olhada em Timmy e receber a mesma notícia do médico: "Não temos previsão de melhora, sinto muito.". Descemos até o pátio em frente ao hospital e compramos café. Não sei quando caminhamos até lá e sentamos em um dos bancos, também não sei quando fomos comprar café. Tudo parece ser um grande borrão, não há nada certo. Tudo parece ser um gigantesco erro.

Sair do hospital parece me dar um pouco de alívio, estar rodeada de pessoas doentes é muito deprimente. Sei que minha mente e meu coração estão lá com Timmy, mas quando saio do hospital é mais fácil acreditar que ele ficará bem. Isso tem sido bem difícil. Todas as vezes em que o vejo tão pequeno e frágil naquela cama com um tubo no nariz e vários fios no seu corpo me pergunto como algo assim está acontecendo com ele. Agora eu sei como ele é sem aquela touca marrom, agora sei o porquê de ele tentar se esconder quando não estava bem. Meu Pequeno Príncipe está tendo sua luz apagada. É horrível e muito cruel, mas é a única certeza que temos. Todos nós. Inclusive Henry.

Esse é o momento que tenho de dizer tudo a ele. Deixo meu copo de café ao meu lado no banco e tiro os papéis amassados da minha bolsa. As pessoas caminham ao nosso redor, perdidas nos seus próprios problemas para se importar com os nossos. Logo a noite vai chegar e será fria e solitária, mais uma vez.

—Ouvi você tocar pro Timmy ontem. — Digo.

Ele suspira e sorri, ainda olhando para algo na sua frente se recosta no banco.

—Ele fica falando de você o tempo inteiro, é meio irritante. Fica me perguntando o que você está vestindo e como está o seu cabelo. — Murmura.

Tento engolir o nó na minha garganta e sorrio.

—Sério? E o que você diz?

Dessa vez ele me olha, de forma intensa. Como se pudesse ver minha alma.

—Eu sempre falo o mesmo. Que você é linda.

Eu suspiro e desvio o olhar do dele. Eu rio, sem achar graça alguma. Ele só pode estar brincando comigo. Odeio que ele faça isso. Odeio que uma parte de mim ame quando ele faz isso. Ele segura meu queixo e me faz olhar para ele.

—Eu me sinto o homem mais sortudo do mundo por te dizer o quanto é linda e, por um momento, mesmo que um momento muito curto, você acredite nisso. E odeio que você não consiga ver em si mesma o que eu vejo. Odeio não ser capaz de fazer acreditar nisso.

Sinto lágrimas em meus olhos e não me importo que elas caiam. Henry sempre fala as coisas certas, as coisas que as pessoas precisam ouvir, mesmo que elas gostem ou não. O problema é que ele apareceu tarde demais na minha vida. Todas essas palavras deveriam ter sido ditas quando havia uma chance de eu acreditar nelas.

—Não faz isso. — Sussurro.

Choro. Por não ser capaz de ser confiante o bastante para ele. Choro por ele ter mentido para mim. Choro por estar prestes a perdê-lo. Tiro os meus óculos e limpo as lágrimas dos olhos, depois de respirar fundo pego os papéis e entrego a ele. Fixo meu olhar em seu rosto vendo sua expressão mudar de confusão para surpreso e então para algo que nunca pensei que veria: *culpa*. Ele olha para mim, não nega o que está escrito no papel e não faz nada para se justificar. Ele parece esperar que eu saia correndo e o mande ir a merda. Eu também espero por isso, mas não saio do lugar.

—Você mentiu para mim. Sobre Timmy e sobre você. Eu pensei que você gostava de mim, pelo menos o suficiente para ser sincero. — Digo.

Ele apoia os cotovelos nos joelhos e afunda a cabeça nas mãos, agarrando os cabelos e respirando ruidosamente.

—Por que essa porra tá acontecendo agora? Por quê logo agora, caralho?

Ele fica praguejando e xingando sei lá quem. Ele está perdido dentro dele, mais uma vez.

—Por que não me disse, Henry? Por que não foi sincero comigo? Se você quisesse podia me mandar embora e eu iria. Não entendo por que esperou tanto para me magoar, se sabia o quanto isso seria fácil desde o começo.

Ele me olha com o cenho franzido.

—Eu nunca quis magoar você. — Murmura.

—Então por que mentiu pra mim?

As lágrimas agora caem sem piedade. Dói muito tudo isso. Dói ver o que mais amo deslizar entre meus dedos e ir embora. Ele não me responde.

—Por que fez tudo isso? Por que me manteve ao seu lado se sabia que esse seria o fim? Eu pareço ser tão estúpida assim? Um brinquedo tão fácil de ser usado? Por que agiu como se me amasse? Por que fez eu me apaixonar por você? — Digo. As palavras saem numa enxurrada, atropeladas por lágrimas e soluços.

Só me dou conta do que disse quando ele me olha com dor estampada nos olhos. Agora eu não me importo mais, ele precisa saber o que fez comigo.

—Eu avisei pra não se apaixonar por mim.

Eu rio.

—Se você não queria isso por que não me ajudou a conquistar o Sid? Por que não me mandou embora na primeira vez? Por que me tratou como se me amasse?

Num gesto rápido ele joga os papéis amassados no chão e se levanta do

banco em um pulo. Anda de lado para o outro, e então para na minha frente. Vejo lágrimas reprimidas nos seus olhos bonitos.

—Porque eu já tinha me apaixonado por você. E eu fui egoísta, queria você só pra mim. Eu sabia que ele nunca iria amar você, pelo menos não mais que eu. — Grita.

O chão parece tremer sob meus pés. Tudo parece girar. Como se respira mesmo?

—E você chama isso de amor? Mentir pra mim? — Murmuro.

—A mentira foi a única coisa que eu sabia que te manteria ao meu lado.

—A mentira me afastou de você.

Ele suspira.

—Ratinha... Você disse que se apaixonou por mim...

—Eu amo você, Henry. Eu te amo, mas você me magoou muito. Meu coração era tudo o que eu tinha pra te dar e você o quebrou.

Pego minha bolsa e levanto do banco. Confesso que eu já fantasiei que um dia ele diria que me amava, eu só não esperava que isso um dia fosse acontecer de verdade. E junto com toda a surpresa a dor também estivesse presente. Seco as lágrimas e me viro para ir embora, antes que possa dar mais um passo ele me para e me puxa para junto do seu peito. Eu choro porque é apenas isso que consigo fazer. Nunca imaginei que terminaríamos assim.

—Por favor, Ratinha... *Eu te amo.*

Raiva se mistura com toda a dor. Me viro para encarar seu rosto.

—Eu queria tanto dar um soco na sua cara agora. — Digo.

—Então por que não dá?

Suspiro.

—Porque eu gosto muito da sua cara pra deixar uma marca nela.

Ele sorri, em meio a toda dor e angústia na expressão do seu rosto, ele me mostra aquele seu sorriso que tanto amo.

—Me deixa explicar tudo e aí a gente pode resolver as coisas...

—Não há nada pra ser resolvido, Henry. A verdade está bem aqui, entre nós dois. A verdade é que você mentiu pra mim e não se importou com isso. Eu devia saber que isso ia acontecer. Estava tudo bom demais pra ser verdade. Nem parecia que eu ia tomar no cú.

—Ratinha...

—NÃO! Chega, Henry. Não me chama de Ratinha, você perdeu esse direito quando pegou a porra do meu coração e destruiu. E eu cansei de tanta merda acontecendo na minha vida.

Eu choro, sei que as pessoas que passam olham para nós e não me importo. Eu sou mesmo uma idiota por pensar que alguma coisa boa podia acontecer comigo. Ele tenta me abraçar, mas me afasto. No céu as nuvens começam a derrubar seu pesar em forma de chuva sobre nós, um trovão faz o chão tremer e um raio clareia tudo ao nosso redor. Os papéis estão completamente destruídos no chão, mas é neles que meus olhos estão fixos.

Ele mentiu...

—Você é um bandido. — Murmuro.

—Eu já ouvi isso antes, mas nunca doeu tanto quanto ouvir isso de você.

Seus olhos estão cheios de dor quando ele me dá as costas e vai embora, sem se importar com a chuva que cai sem piedade. Arrastando os pés, as mãos nos bolsos da calça e os ombros curvados. Como se toda a dor fosse pesada demais para suportar.

E eu tivesse acabado de acrescentar um pouco mais.

Acho que agora seria um bom momento para morrer.

Capítulo 51

Tem sido difícil dormir esses dias. Ter que dormir toda torta no banco da picape no parque é horrível, além do medo de ficar lá a noite. Não tenho notícias do meu pai e ele não parece querer notícias minhas. Nelie sempre prepara sua comida italiana deliciosa e me entrega todos os dias, ela não sabe que estou morando na picape. Eu não contei. Os dias parecem longos e tristes. As noites solitárias e frias. Não sei bem o que fazer, não sei como

alguém conseguiria ficar bem diante de tudo o que está acontecendo comigo. Só sei que, se essa pessoa existi eu queria muito ser ela.

Às vezes, durante a noite, enquanto não durmo e sinto o vento frio entrar na picape pela janela que nunca consigo fechar, coloco os fones de ouvido e coloco na playlist que fiz há um tempo. A música de alguma forma sempre esteve perto de mim, não sei cantar nem tocar instrumentos, mas sempre gostei de ouvir música. Às vezes eu pegava a letra da música e a lia, quando eu fazia isso sem que houvesse melodia era como ler uma história. A música sempre pareceu falar comigo. Acho que isso acontece com todo mundo. Ontem à noite eu dormi ouvindo *Human*, da Christina Perri. As palavras que ela canta na música são as que eu gostaria de ter dito a todas as pessoas que já me machucaram. E são muitas.

Eu sou só humana...E eu me despedaço e eu me quebro...

Talvez eu seja uma masoquista. Quando estou triste coloco músicas tristes para tocar, porque não quero fingir estar feliz por alguns minutos enquanto a música durar. Agora que voltei a chorar todas as noites, pelo menos choro ao som de uma playlist adequada. Henry iria rir se me ouvisse agora.

Henry...

Tem sido tão difícil ficar longe dele. Tem sido difícil não ir até ele quando o vejo no hospital, se bem que agora não faz mais diferença. Ele não me olha como antes, não depois de tudo o que eu fiz. Durante dias aquelas palavras rondaram minha cabeça, me fazendo perceber o quanto eu sou estúpida. Eu sabia que iria magoá-lo, mas não sabia que ainda estaria aqui para vê-lo sofrer. Ele está passando por coisas bem piores e eu não o ajudei como eu queria, deixei a minha parte idiota vir à tona e então estraguei tudo.

Aperto o botão do elevador e o divido com mais três pessoas e uma enfermeira. Tem sido assim todos os dias. Logan me disse que durante seis meses ele tem feito esse mesmo trajeto. Eu ainda não sei como encarar tudo isso. Fico me perguntando o tempo inteiro: Por que o Timmy? Por que uma criança? Por que isso tem que acontecer logo com ele? Sei que isso não é justo com ninguém no mundo, mas acho que eu posso ser egoísta quando está acontecendo comigo pela segunda vez. É como se eu estivesse vivendo tudo

o que vivi a dois anos atrás, mas agora a dor parece ter se juntado aquela.

O elevador deixa os outros ocupantes no andar antes do meu, em pouco segundos saio no andar que sempre me recebe. Dessa vez Henry não está sentado no fim do corredor, isso me deixa aliviada. Quando ele está lá é como se sua dor tomasse conta do prédio inteiro, é como se entrasse milhões de vezes em mim. Como facas afiadas. Respiro fundo e dou duas batidinhas na porta antes de abri-la. O quarto é pequeno e muito branco, as poucas cores são as dos balões e ursinhos que Timmy ganhou das visitas. Meu garotinho está de olhos fechados, mas sorrindo, enquanto uma enfermeira o examina. As janelas estão com as persianas abertas e os fracos raios de Sol iluminam o quarto. Vejo Henry sentado na poltrona e me aproximo, apenas o suficiente para deixar minha bolsa sobre a cadeira. Ele não me olha.

—Melie? Você tá aqui? — Timmy pergunta, sua voz falhando.

Me aproximo da cama e seguro sua mão pequena. Ele está cada vez mais fraco, sua pele parece mais pálida a cada dia e cada pequeno movimento é difícil demais para ele fazer. Me abaixo e beijo sua cabeça carequinha. Ele sorri.

—Bom dia, príncipe. — Murmuro.

A enfermeira termina o que estava fazendo e deixa o quarto, lançando um sorriso triste para nós antes de fechar a porta. Ainda me surpreendo por não desmoronar todas as vezes em que o visito, não sei de onde tiro forças para isso. Hoje vou ler para ele a última parte de O Pequeno Príncipe, eu sempre achava graça por nós nunca conseguirmos terminar de ler o livro, mas agora tenho que encontrar forças para virar as páginas. E controlar minha voz em cada palavra.

A porta se abre e o senhor e senhora Montgomery entram, trazendo copos de café. Eles sorriem para mim. Nunca sei o que dizer a eles, nós nunca tivemos uma conversa muito longa, apenas vagas explicações sobre Timmy. O que eu poderia dizer aos pais que estão tão perto de perder seu filho? Não há nada que eu possa dizer. Não há nada que possa ser dito. Vou para perto de Henry enquanto eles falam com Timmy, posso dizer pela expressão devastada da senhora Montgomery que ela gostaria de sair correndo e levar seu garotinho

com ela. O senhor Montgomery tenta sorrir e brincar com ele, mas, assim como foi com Henry, posso sentir sua dor.

O bip da máquina parece ser o som das lágrimas que não podemos deixar cair agora.

—Pai? — Timmy murmura.

—Hum.

—Você tá bravo comigo?

—Não. Por que acha isso? — O senhor Montgomery pergunta.

Me sinto uma intrusa no quarto, mas agora sei que não são eles que precisam de mim. Sou eu que preciso deles. A respiração de Henry está lenta e alta, sei que não estamos tão bem quanto antes, mas mesmo assim coloco minha mão sobre seu ombro. Sei que não posso tirar o peso da dor sobre eles, mas posso ajudar a carregá-lo. Ele não se afasta.

—Porque eu vou morrer. — Diz Timmy.

A senhora Montgomery deixa lágrimas silenciosas caírem. Eu tento controlar as minhas.

—Você não vai morrer, filho.

—A gente sabe que sim, mas tá tudo bem.

Timmy sorri e pega a mão do pai.

—Pai?

—Hum.

—Promete que não vai ficar se culpando por isso?

O senhor Montgomery não responde.

—Promete, pai?

—Prometo, meu filho.

O silêncio cai sobre nós, mas precisamos disso. Logan e seu pai aparecem depois de um tempo e brincam com Timmy, do jeito que conseguem. Ouço Timmy brincar com eles e sorrio. Ele pode estar rodeado de tristeza, mas seus olhos sempre conseguem enxergar aquela ínfima felicidade que deixamos passar.

Depois de um tempo ouvimos a voz fraca de Timmy:

—Hank? Canta pra mim?

Henry pega o violão e começa a dedilhar as cordas. Ele está com a cabeça baixa e não consegue cantar. Reconheço a música que ele toca, então começo a cantar baixinho. Eu sei essa música, ela também faz parte da minha playlist. Então todos cantamos juntos:

—Além do escuro. Há paz, eu tenho certeza. E eu sei que não haverá mais lágrimas no paraíso.

Mas nós choramos. Não estamos no paraíso.

Estou sentada encarando meu café quando ouço a cadeira na minha frente ser afastada. Não há muita gente por perto, esse lugar está quase sempre vazio. Ninguém sente fome quando uma parte sua está morrendo nos andares acima. Não preciso erguer a cabeça para saber quem é. Eu sei que é ele.

Quando saí do quarto de Timmy a senhora Montgomery me acompanhou, ela me abraçou e chorou um pouco. Eu tinha acabado de ler o livro para Timmy e eu precisava chorar também. Nós nos afastamos quando Henry saiu do quarto, ele não olhou para nenhuma de nós, seguiu com as mãos nos bolsos da calça e a cabeça baixa até o elevador. Foi então que ela me disse:

—Ele ama você, não somente por quem você é, mas por quem ele se tornou depois de te conhecer.

É por suas palavras que eu não o mando embora agora. Ou talvez seja por mim.

—Eu sei o que você está pensando de mim, mas não posso deixar que você me odeie sem uma razão para isso. — Ele diz.

Ajeito meus óculos e olho para ele. Minha vontade é de pular em seus braços e gritar que o amo, mas não sou tão corajosa quanto posso parecer.

—Você me disse uma vez que as pessoas julgam as outras sem conhecê-las de verdade. Você está sendo como essas pessoas, Ratinha. Você me julgou sem me dar a chance de me explicar.

Sinto como se tivesse levado um tapa, bem mais doloroso que o que levei do meu pai. Henry está certo, ao julgá-lo me transformei nas pessoas que odeio. Não digo nada, apenas o encaro. Ele respira fundo e se inclina sobre a mesa.

—Só para deixar claro eu nunca fui preso, na verdade só passei uma noite na cadeia. Lembra quando você me perguntou sobre as tatuagens? — Assinto, ele continua: — Eu fazia de tudo para que eles gostassem de mim, para que me aceitassem, e foi por isso que acabei no lugar errado e na hora errada. Eu nunca faria algo desse tipo, Ratinha. Eu nunca roubaria alguém ou seria capaz de fazer parte de uma coisa que poderia matar alguém. E se você me conhece, pelo menos um pouco, vai saber que eu nunca faria isso.

Suspiro. Não sei o que dizer a ele. Todo esse tempo ele mentiu para mim, mas não é isso que me importa agora. E, sinceramente, o que dói mais é ele não ter falado sobre Timmy. E eu sei que Henry nunca faria isso. Ele pode até parecer um valentão por fora, mas ele não é assim por dentro. Eu sei disso. Meu coração sabe disso. Minha alma sabe o quanto a dele é bonita. E agora ele está aqui na minha frente me explicando algo que eu não tenho o direito de exigir saber. Ele não está fazendo isso por ele e sim por mim. Então devo fazer algo por ele também; amá-lo. Enquanto eu ainda posso.

—Eu sempre confiei em você, mesmo quando tudo me dizia para sair correndo e me esconder, o que não entendo é o porquê de você não ter dito isso antes. Por que esconder isso de mim, se você sabia que eu não

conseguiria deixar de te amar? — Murmuro.

Posso sentir as lágrimas em meus olhos, mas não as deixo cair. Esse não é o momento de chorar.

—Eu tinha medo de perder você. Eu fazia de conta que você não era importante, quando na verdade você sempre foi importante pra caralho.

Sorrio. Ele sempre sendo romântico, do jeito mais não—romântico possível.

—Me desculpa pelo o que eu falei? Eu estava com raiva e acabei falando demais. Eu não queria magoar você, Henry.

—Tá tudo bem. Eu sei que você não queria isso. E se eu pudesse mudaria todo o meu passado, se tivesse a certeza de te encontrar novamente no futuro.

Eu o amo tanto...

—Por que não me falou sobre Timmy? — Pergunto.

Ele se afasta da mesa, deixando minha mão se sentindo instantaneamente solitária. Ele não me olha.

—Eu tentei evitar que mais um coração fosse partido. — Sussurra.

O que ele não sabe é que o meu já está completamente despedaçado.

—Mas isso iria acontecer, mais cedo ou mais tarde. Você sabe disso. Não importa o quanto você tentasse, Henry. No fim eu iria sofrer, assim como você.

Eu me levanto e o deixo sozinho. Já está ficando tarde e eu preciso ir embora. Timmy já deve estar dormindo, então vou direto para a saída. Está na hora de voltar para minha triste realidade. Como se eu pudesse escapar dela...

—Ratinha...

Me viro e vejo Henry correr na minha direção. Ele para na minha frente e segura minha cabeça com suas mãos grandes. Uma parte de mim implora

para que ele me beije. Uma outra parte me diz que o melhor é deixá-lo ir embora.

—Eu quero cuidar de você. E amar você. Talvez eu não vá te amar da forma que merece, mas eu te prometo que vou te amar com todas as minhas forças, com tudo o que tenho. Com tudo o que sou. Porque você merece alguém que te ame de verdade e eu estou aqui dizendo o quanto eu *verdadeiramente* amo você. Você merece um final feliz e eu quero te fazer feliz até o fim. Então, *por favor*, me deixa ir até o fim.

Eu não tenho tempo de respondê-lo, ele me impede com um beijo. Com o beijo mais apaixonado que alguém já viu. Com todo o amor que sentimos um pelo outro.

Mas nós não temos o para sempre. Temos um tempo.

Capítulo 52

Voltar para casa.

Eu sei que não devia, mas não consegui voltar a pensar em dormir no parque mais uma noite. Abro a porta da frente sem fazer barulho, meus olhos se adaptam a mudança de luminosidade e sou atingida pela surpresa de ver várias caixas espalhadas. Parece como no dia em que Lauren chegou aqui, mas bem pior. As caixas guardam as coisas que vão ser levadas daqui. Eu sei que eu não devia me importar, mas me importo. Porque eu cresci aqui e passei por bons e maus momentos, mas sempre sabendo que estava segura. Agora não penso mais assim.

Essas caixas estão levando todas as lembranças de uma vida. Todas as lembranças do que esta casa já foi um dia. Os novos moradores nunca saberão o quanto fomos felizes aqui, porque sei que fomos.

A casa está silenciosa, mas sei que tem gente aqui. Meu pai. Seu carro está lá fora e tentei fazer com que isso não me impedisse de entrar. Eu não quero que a gente brigue de novo, mas também não quero vê-lo. Se ele ao menos tivesse ido me procurar ou pelo menos tentado saber se eu estava bem, mas ele não o fez e eu não posso fingir que isso não me machucou, porque doeu muito. Ainda dói. Avisei Nelie que viria e ela me disse que deixaria comida pronta para mim, eu gostaria de vê-la. Nelie sempre foi minha amiga e sempre cuidou de mim, acho que se não fosse por ela muitas coisas teriam acontecido há muito tempo.

Enquanto subo a escada mando uma mensagem para Henry, dizendo que estou em casa. E que sinto saudade dele. Nós voltamos a ser o que éramos antes de toda a confusão, mas não somos namorados oficialmente. Ainda não sei bem o que somos, o que tenho certeza é que eu o amo. Ele quer ir até o fim, então deixarei. Nosso fim está bem perto, eu sinto que está. Não há como fugir. Eu sei. Eu tentei.

Abro a porta do sótão e sorrio. Tudo ainda está como antes, até minha cama está arrumada. O cheiro da tinta já saiu quase por completo e agora um leve cheiro de chuva está no ar. A janela está aberta, fazendo as borboletas e vagalumes balançarem. Nunca pensei que me sentiria tão bem entrando aqui. Deixo a bolsa no colchão e vou até a janela para fechá-la, mas para no meio do caminho ao sentir uma mão tocar meu braço. Pulo de susto e abafa um grito com a mão. Me viro para bater em quem quer que seja, mas desisto. Ao ver os mais lindos olhos azuis do mundo. Henry.

—O que você tá fazendo aqui? — Sussurro, para que meu pai não nos ouça.

Ainda bem que não gritei. Henry sorri e balança a cabeça, fazendo uma mecha de cabelo cair sobre sua testa. Ele se aproxima de mim e beija minha testa. Eu sorrio, isso não fica velho nunca. É bom estar com ele, é sempre bom, principalmente agora que ele está passando por algo tão ruim. Esses nossos pequenos momentos juntos é o que nos dá força para encarar os dias em que ficamos separados.

—Eu sou bom em muitas coisas, mas sou péssimo quando o assunto é ficar longe de você. — Diz ele.

Eu puxo seu rosto para perto do meu e estalo um beijo em seus lábios macios. Ele me faz tão bem, como se tivesse nascido justamente para isso. O passado não importa agora, eu não o conhecia naquele tempo, mas o conheço agora. Eu sei quem é esse Henry para o qual eu olho nos olhos nesse momento. Esse é o meu poeta e músico preferido. Esse é o *meu* Henry. Esse é o meu amor.

—Eu também senti sua falta. Como você entrou aqui? — Pergunto.

Ele passa a mão pelo cabelo—que precisa ser cortado urgentemente—e sorri. Aquele seu sorriso lindo que faz meu coração bater mais rápido.

—A janela.

Olho para ele de boca aberta. Ele ri, o que me faz rir também. Não sei como ele conseguiu fazer isso, mas não quero perguntar. Eu o levo até o colchão e antes de me juntar a ele tranco a porta do sótão. Quando me aproximo ele me puxa para seus braços, então ficamos deitados olhando para o teto, que agora brilha com os vaga—lumes. Me aconchego em seus braços e o faço olhar para mim.

—Por que você fez tudo isso? — Pergunto, balançando a mão indicando o sótão.

Ele deita de lado para me encarar. Estamos bem perto, posso sentir sua respiração em meu rosto. Meus óculos estão tortos, mas não me importo com isso agora. Quando ele está bem perto eu consigo vê—lo.

—Você disse que gostava de borboletas e vaga-lumes. —Diz, dando de ombros. Como se isso tudo não fosse grande coisa, mas significa muito para mim.

—Eu gostei muito. Obrigada. — Digo e o beijo.

Nós ficamos assim por um tempo. Perdidos nos braços um do outro, enquanto nos beijamos. E eu amo isso. Não há sofrimento e o peso da dor do mundo sobre nós, ficou tudo lá fora. Se alguém me perguntasse o que eu vi nele, nunca seria capaz de responder. Às vezes não amamos alguém apenas por quem ela é, mas por tudo o que essa pessoa nos faz sentir. Henry me faz sentir especial.

Tiramos nossos sapatos e ficamos protegidos do frio debaixo das cobertas. Nunca pensei que ele estaria aqui um dia, mas também nunca imaginei que um dia ele apareceria. Seu celular avisa uma nova mensagem, ele a lê e revira os olhos. Ele me olha e sorri.

—Logan pediu pra levar comida quando eu voltar.

Eu rio.

—Você vai agora? — Pergunto.

Ele me abraça apertado e me beija.

—Só se você quiser.

—Eu não quero. — Murmuro.

—Que bom, eu não iria mesmo.

Sorrio. Deito a cabeça em seu peito e o abraço. Ficamos em silêncio por um tempo. Eu gosto do nosso silêncio, me permite ouvir seu coração batendo. Às vezes, durante a noite, consigo ouvir meu coração sussurrando seu nome. Como uma canção de ninar, me fazendo adormecer lentamente. Isso começou a acontecer logo quando o conheci, acho que eu só queria negar aquilo que meu coração já sabia. Eu já o amava antes mesmo de me dar conta disso.

—Você vai me mostrar o que escreveu no caderno? — Pergunto.

Desde o dia em que o vi sentado no chão do hospital escrevendo, fico me perguntando o que ele teria escrito.

—Algumas bobagens. — Diz.

Ergo a cabeça para encará-lo, com meu melhor olhar de raiva. Falho, pois ele ri.

—Seus poemas não são bobagens. O que você escreve é arte. A arte mais bonita, porque você escreve com o coração.

—Você fala como se isso fosse importante.

Reviro os olhos. Ajeito meus óculos.

—Claro que é importante. Você podia ser um poeta famoso e ter sua poesia lida por todo o mundo.

Ele sorri, parece envergonhado.

—Sério?

Sorrio.

—Sério. Você não nega o que está sentindo quando escreve e não fingi sentir o que não está sentindo. Acho que a arte de verdade é isso; quando o artista se deixa ser visto através daquilo que faz. Você podia fazer um compilado das suas poesias e mandar para alguma editora, tenho certeza de que eles vão querer publicá-lo. — Digo.

Ele desliza os dedos pelo meu rosto. Seus olhos azuis brilham com algo que reconheço: desejo.

—E se não der certo?

Faço uma cara pensativa.

—Bom, aí você pode escrever cartões.

—Cartões?

—Sim. Aqueles de *feliz Páscoa* e *feliz Hanukkah*.

Ele ri e me puxa para seus braços, tira meus óculos e me beija.

—Você gosta mesmo do que eu escrevo? — Pergunta.

—Sim.

—Isso é muito bom.

—Por quê?

—Porque você é minha melhor poesia. Você é minha poesia viva.

Ele me beija. Me beija com vontade, fazendo todo o meu corpo querer muito mais. Fico sobre ele enquanto sinto suas mãos grandes passearem pelo meu corpo. Ainda não me sinto completamente confiante em relação ao meu corpo, ele percebe a tensão e interrompe o beijo. Com um movimento rápido ele inverte nossa posição, ficando sobre mim.

—Eu amo você. Amo tudo em você. E nunca, nunca mudaria nada. — Diz.

Lágrimas teimosas escorrem pelo meu rosto, mas sorrio. Ele não se importa com o que eu sou. Ele não se importa com meus óculos feios, meus cabelos que nunca ficam do jeito certo. Ele não se importa com a minha altura ou meu peso. Ele me aceita como eu sou. Por dentro e por fora. Ele me faz querer ser melhor, mas sem nunca mudar por completo. Pensei que ele fosse um louco, mas não. Ele apenas vê em mim aquilo que eu sou e nunca percebi.

—Eu te amo. — Sussurro.

Ele se abaixa e me beija.

—Eu vou dizer todos os dias o quanto eu amo você, até o dia que você acreditar nisso. E então eu vou continuar dizendo que te amo, pra você nunca

esquecer. — Diz.

E nós nos amamos. Por toda a noite. Entre sussurros e gemidos ele diz o quanto me ama. Nos amamos em nossos silêncios. Enquanto ainda podemos deixar tudo de ruim do lado de fora. Enquanto ainda temos tempo.

Hoje pode ser o fim de tudo, então vou fazer o possível para ficarmos juntos.

Acordo sentindo o espaço ao meu lado da cama vazio. Procuro meus óculos, o encontro em cima de um papel no criado—mudo. Pego—o e leio:

Gostaria que você se enxergasse do jeito que eu enxergo você.

Você iria se apaixonar pelo teu próprio sorriso, assim como eu me apaixono toda vez que você sorri. Gostaria que você se amasse da mesma forma, louca e desenfreada, que eu te amo. Nunca esqueça que eu te amo. Nunca esqueça que as minhas melhores noites são as que eu passo com você. A maior felicidade de um poeta é encontrar em alguém uma poesia. Eu encontrei em você. Eu te amo, minha Ratinha. Eu te amo, minha poesia viva.

P.S: Você fala enquanto dorme.

P.P.S: Você disse meu nome.

Capítulo 53

O câncer não escolhe quem vai pegar. Não escolhe status sociais, cor, sexualidade ou gênero. Não escolhe idade. Não escolhe o tempo que vai durar. O câncer apenas aparece. O câncer chega para destruir tudo. Ele fode com sua vida, com força e sem piedade. Ele te destrói. Te despedaça em milhões de pedaços. Você fica sem saber o que fazer. E o que pode ser feito?

Penso na minha mãe. Às vezes quis que a morte a tivesse levado quando eu era criança. Quando eu era pequena demais para entender o que havia acontecido. Queria que tivesse acontecido na idade em que eu saberia que ela havia morrido, mas não entendesse que ela nunca mais voltaria. Pensando

nisso agora posso dizer que não tenho mais vontade disso. Se tivesse acontecido como muitas vezes eu desejei, eu não teria boas lembranças. Eu também não teria as lembranças ruins. Se tivesse acontecido como, por muitas vezes, eu quis eu não teria aproveitado todo o tempo que tivemos. Todos os momentos dos dias que nos restavam. Eu não teria tido uma mãe.

Timmy está segurando minha mão. Sua mão está fria e não aperta forte a minha, como costumava fazer. Ele está quieto e com os olhos fechados, mas sei que está acordado, pois todas as vezes em que tentei retirar minha mão da sua ele impediu. Estou tentando ficar aqui com ele por mais tempo, mas está cada vez mais difícil. Ele não fala muito e não quero que ele se esforce para isso, mas ele sorri. Um sorrisinho fraco, franzindo seus lábios pálidos, mas é um sorriso. Um sorriso que me faz querer chorar.

Outra coisa que tento não fazer é chorar. É bem difícil. Ultimamente tenho tido muitas razões para isso. Eu sinto que a cada momento estou me despedindo, uma parte morrendo. Não apenas de Timmy, pois sei que ele está partindo. Uma parte de mim. Isso dói. Dói muito. Dói ver alguém que você ama ser tirado de você, lentamente. Dói você não poder fazer nada para mudar isso. Me sinto inútil ao vê-lo dessa forma e não poder trazer aquele garotinho de gorro marrom de volta. Estou sentindo o mesmo que senti quando perdi minha mãe. Estou vendo mais uma pessoa que amo me deixar. Estou me sentindo inútil, mais uma vez. Eu não sei o que fazer quanto a isso. Estou realmente cansada da vida, de tudo o que ela me tira.

Sinto as lágrimas caírem, não há nada que eu possa fazer para pará-las.

—Não...chora. —Timmy sussurra, sua voz fraca e baixa.

Isso só me faz chorar mais. Me abaixo e beijo sua testa.

—Desculpa. — Murmuro.

Ele aperta minha mão, com o máximo de força que consegue, e vira a cabeça para mim. Ele sorri.

—Está tudo bem. A gente corre o risco de chorar um pouco quando se deixa cativar. — Sussurra.

E eu choro e sorrio ao mesmo tempo. Choro porque esse garotinho me cativou. Choro porque sempre que eu olhar para um gorro marrom ou qualquer gorro vou me lembrar dele. Choro porque não consigo parar. Choro e ainda assim me lembro: O quanto é misterioso o país das lágrimas.

—Henry? Ele...ele tá aqui? — Pergunta.

Suspiro e seco as lágrimas. Nos últimos dias Henry não apareceu aqui nem entrou em contato comigo. Durante esse tempo arrumamos desculpas para que Timmy não ficasse agitado, mas ele sempre pergunta. Dessa vez tenho que dizer a verdade.

—Não. Eu não sei onde ele está.

Ele suspira baixinho.

—Tudo bem. Sei que é tarde, mas ele sempre vem. — Sussurra.

Espero que Henry apareça de repente, como da última vez, mas isso não acontece. Digo a mim mesma que vou dar um jeito de trazê-lo. Logan entra no quarto e seu sorriso se desfaz ao ver meus olhos vermelhos e meu rosto marcado pelas lágrimas, mas ele se recompõe. Movo minha boca, sem emitir som, e pergunto de Henry. Logan dá de ombros e balança a cabeça. Se aproxima de mim e sussurra em meu ouvido:

—Quando as coisas ficam difíceis ele se esconde. É meio que o jeito dele de suportar as coisas.

Mas eu não vou deixá-lo se esconder dessa vez.

—Timmy, vou sair agora e Logan vai ficar com você, tá? — Digo.

Logan se aproxima da cama.

—Oi, carinha. Prometo não comer da sua comida hoje. — Logan diz, fazendo Timmy sorrir.

Mais lágrimas caem do meu rosto, embora eu sorria.

—Melie? — Timmy chama.

Me aproximo dele e me abaixo para ouvi—lo.

—Está tudo bem. É como sentir um abraço quentinho vindo direto do céu.

Todas as vezes em que eu olhar um pôr—do—sol vou me lembrar do meu garotinho.

A trilha está úmida e escorregadia, tenho que tentar não cair. Minha respiração cria ondulações no ar frio do fim do dia. Dentro da escuridão causada pelas árvores caminho em direção ao o único lugar que sei que Henry está. Sinto a terra úmida afundar sob meus pés e ouço o barulho dos galhos se partindo enquanto caminho. Faz muito tempo que não venho até aqui, mas lembro como chegar até lá. Saio do meio das árvores e arbustos e finalmente encontro a luz do sol, filtrada pelas nuvens carregadas. Tudo parece cinza quando olho ao redor de onde estou.

A água do lago está calma, fumaça parece sair dela, mas sei que é pelo frio. Mal posso ver a canoa, mas consigo ver sua silhueta. Ele está aqui. Caminho até ele, tento não fazer barulho. Ele está de costas para mim, olhando para o lago. Vejo a pontinha laranja e brilhante do cigarro e suspiro. Ele tinha ficado sem fumar e beber, não entendo o porquê ele sempre volta para essas coisas. É seu jeito de encarar as coisas difíceis, eu sei, mas não é a melhor opção. Ele podia vir até mim e dizer tudo o que sente, eu o ouviria sem pestanejar. Mas ele prefere se matar lentamente com o maldito cigarro.

—Vai embora. — Ele diz, sem se virar.

Eu não vou. Me aproximo mais dele, me enrolo no meu agasalho e caminho lentamente. Não quero cair, o chão está muito úmido. E eu não costumo ter muito equilíbrio.

Às vezes sinto como se ele fosse um abismo no qual cai. E eu não sei como encontrar a saída.

—Por favor, não faz isso. Foi muito difícil entrar. Não me coloca para fora.
— Murmuro.

Ele traga o resto do seu cigarro e pega outro, então vira e me encara. O que eu vejo me dá um nó na garganta. Seu cabelo está bagunçado como sempre, a barba cresceu muito mais do que às vezes ele deixa e seus olhos têm manchas roxas de cansaço, mas são seus olhos que me fazem perder o fôlego. Por trás de todo aquele azul e a ilha que amo está muita dor, mais do que eu achei que pudesse ver um dia.

—Você é a única que sempre teve acesso irrestrito a mim. — Diz.

—Então não me coloca para fora. Não se esconde de mim, Henry.

Ele pega um isqueiro no bolso da calça, mas não acende o cigarro. Ele olha para o cigarro preso entre seus dedos, parece tomar várias respirações profundas antes de dizer algo.

—Eu não estou me escondendo de você, Ratinha.

—Então está se escondendo do quê?

Ele me olha. No momento em que o sol fraco ilumina seu rosto, tão torturado pela dor.

—De todo o resto.

Reviro os olhos.

—Da realidade? Da vida? Da sua família? Do seu irmão que está no hospital precisando de você? — Pergunto.

Minhas palavras o atingem, mas era isso que eu queria. Não podemos nos esconder da realidade, porque ela sempre dá um jeito de chegar até nós.

—Vai embora. — Diz.

Balanço a cabeça e cruzo os braços. Ele não vai me tirar daqui. Eu não vou a lugar nenhum.

—Você prometeu que sempre estaria com ele. Não quebre o coração do Timmy.

Ele me olha com raiva agora, em meio a toda a dor.

—A vida é uma guerra, sabia? Quebramos corações e deixamos de cumprir promessas. Estamos estirados no chão pedindo por ajuda, mas ninguém estende a mão para nos ajudar porque também está no chão. Na guerra da vida não há vencedor. — Diz.

Eu quero chorar. Eu já estou chorando.

—Isso não é uma guerra, ninguém está lutando. Timmy precisa de você, Henry. Todos nós precisamos.

Seus olhos ficam vermelhos, com as lágrimas que ele não quer deixar cair. As lágrimas reprimidas são mais dolorosas do que aquelas que deixamos cair. Eu sei disso.

—E o que *eu* preciso? Alguém se importa com o que *eu* preciso? — Ele grita, alto o bastante para ecoar entre nós.

—Henry...

—Eu preciso do meu irmão aqui. Eu preciso que ele viva!

Meu coração está disparado, não sei o que fazer. Nunca o vi assim antes. Ele leva as mãos à cabeça e segura os cabelos, como se quisesse se controlar. E é isso que eu acho que ele quer. Mas esse não é o momento para pensar nele. Timmy precisa do irmão e mesmo que ele esteja despedaçado precisa ir até lá.

—E você acha que ficar aqui fumando vai fazer com que isso aconteça?

Ele ri, uma risada seca e sem humor algum.

—Pelo menos não preciso pensar que meu irmão está na cama de um hospital morrendo. — Diz.

Eu choro, mas agora de raiva. Ele não tem o direito de ficar puto por causa disso. Ele não tem o direito de magoar Timmy. Ele não pode ficar aqui fumando como se não houvesse amanhã, porque tem um amanhã. Sempre tem e a gente nunca sabe o que ele reserva.

—E você prefere ficar fumando, como se pudesse apagar as memórias de uma coisa que nem ao menos se tornou uma lembrança ainda. — Murmuro.

Ele olha para seus pés e qualquer outro lugar que não seja eu. Abro minha bolsa e pego a caneta, que era reservada para as dicas que ele nunca me deu. Caminho até ele e tiro o cigarro da sua mão, ele me olha confuso. No cigarro, escrevo: MEMÓRIAS. Então entrego novamente a ele. Ele lê e me olha com o cenho franzido.

—Se é isso o que você quer, fique aqui. Trague as suas memórias, mas saiba que elas não vão desaparecer como a fumaça. Sempre resta o filtro. — Digo.

Me viro para ir embora, mas não consigo dar mais dois passos quando ele segura meu braço. Me viro para ele e encaro seus olhos bonitos. Eu o amo tanto. Eu queria tanto mudar sua vida, para uma em que não houvesse sofrimento. Eu só quero que ele seja feliz.

Ele se ajoelha na lama e segura minha cintura com força, pressiona a cabeça contra minha barriga. Sinto seus ombros tremerem, mas não escuto nenhum som. Ele me segura como se eu fosse tudo o que ele pode se agarrar para viver. Não quero ter essa responsabilidade, mas também não quero deixá-lo sozinho. Eu me afasto o suficiente para me abaixar ao lado dele, seus olhos estão vermelhos e seu rosto molhado de lágrimas. Eu o abraço. Ele me abraça. Agarrados um ao outro como se não restasse mais nada. Como se o mar estivesse turbulento demais e precisássemos um do outro para nos manter dentro do barquinho da felicidade. Que balança sem parar, pronto para afundar a qualquer momento. Não há palavras ou qualquer barulho.

Dentro do nosso silêncio nós deixamos sair pelos olhos tudo aquilo que não dizemos.

Capítulo 54

Enrolo a bainha do meu vestido preto, o suficiente para ver a pele nua acima das meias pretas que coloquei hoje. Estou sentada no último banco da capela da cidade. O mesmo velho banco que machuca minha bunda e no qual me sentei há poucos meses. A capela está cheia de pessoas, muitas nas quais eu nunca vi. E acho que nunca o viram também. Algumas dessas pessoas nunca trocaram mais de dez palavras com ele, tenho certeza. Estou sentada aqui por tempo o suficiente para ouvir várias pessoas subirem até o púlpito e contarem suas histórias, em meio a risadas e lágrimas. Estou aqui a tempo o suficiente

para olhar o rosto de cada um. Tempo o suficiente para querer sair correndo, de preferência correr de volta para o passado. Um lugar onde ele ainda estaria aqui. Porque agora ele não está mais.

Dessa vez eu conheço a pessoa que descansa no caixão.

Eu falava com ele, quase todos os dias. Eu o conheço muito bem. Eu li para ele. Eu contei piadas com ele. Comemos sanduiches juntos e bebemos várias caixinhas de suco. Contei quantos passos eram necessários até o lugar onde ele queria ir. Dessa vez sou eu quem gostaria de contar quantos passos são necessários para me levar ao passado. Dessa vez eu sou uma das várias pessoas que chora baixinho, como se tivesse medo de acordar alguém. Eu sei que ele não vai acordar. Mas eu gostaria tanto disso. Tia Lane termina seu discurso e o pastor sobe até o púlpito novamente. Um pequeno coral canta uma música que não conheço, acho que é uma daquelas reservadas para funerais. Finjo ouvir o que eles cantam e finjo que tudo isso não está me despedaçando.

Às vezes me pergunto se eles conseguem ver meus pedaços caírem. Eu os sinto cair.

Olho para o primeiro banco da capela. Lá estão sua família, todos eles. Até mesmo alguns que nunca conheci. Eles vieram se despedir, é triste saber que alguns reencontros só acontecem nos funerais. Quando não resta mais nada a ser dito, a não ser adeus. Ele me chamou para sentar ao seu lado, me implorou com os olhos para que eu ficasse perto dele, mas eu não fui. Essa é uma das coisas que não posso fazer por ele, às vezes você não pode dar a alguém o que essa pessoa precisa porque sabe que não vai conseguir. Deixei que ele ficasse com sua família, é com eles que conseguirá ter forças para seguir em frente. E eu espero que um dia ele consiga, mas não agora. Agora é o momento de sentir a dor, uma dor que não pode ser negada ou escondida. Apenas sentida.

Ele vira a cabeça na minha direção, seus olhos encontram os meus. Meus olhos favoritos em todo o mundo, é difícil ver minha ilha de onde estou, mas sei que ela está lá. Assim como sei que eu faria tudo para que a dor não escondesse o brilho naquele olhar. Movo minha boca para que ele possa ler meus lábios, digo que eu o amo. Ele me dá um breve sorriso de lado. O pastor

volta a falar sobre a morte, diz que Deus agora terá mais um anjo. Ele fala sobre o quanto ele era inteligente, o quanto era engraçado e feliz. O quanto não devemos odiar a Deus por tirá-lo de nós. Isso é mesmo possível? Me pergunto.

Ele continua a falar sobre ele, mas não fala como será daqui para frente. Não estou pensando nas coisas que ele viveu e nas coisas que fez. A única coisa na qual consigo pensar é em tudo o que ele não vai viver e nas coisas que ele não irá fazer. Ele não vai entrar para o ensino médio e fazer novos amigos. Ele não terá a chance de participar de algum clube ou tocar algum instrumento. Ele não vai ter seu primeiro beijo nem sentir como é se apaixonar pela primeira vez. Ele não vai ter seu coração partido e não vai saber que um coração partido não é o fim do mundo. Ele não vai experimentar as coisas boas da vida e não vai saber que existem muitas ruins. Ele não vai se despedir da mãe quando for para a faculdade e não vai saber como é enlouquecer as garotas com o gene dos Montgomery, como o irmão faz. Ele não vai estar aqui para fazer essas coisas. Ele não vai voltar a viver. Eu só queria que ele estivesse vivo. Não importa o que o pastor ou qualquer pessoa no mundo possa dizer. Por mais ruim e cruel que o mundo possa ser, acho que todos devem viver nele pelo menos por um tempo. Para aprender que o mundo é bom, algumas pessoas é que são ruins.

O pastor convida uma pessoa para dizer algumas palavras, fico surpresa ao ver Henry levantar do banco e ir até o púlpito. O pastor aperta seu ombro antes de descer. Todos estão em silêncio, esperando. Meu coração bate descontrolado, como se fosse eu que estivesse prestes a falar algo na frente de todos. Henry ergue a cabeça e olha para todos, quando seus olhos encontram os meus ele sorri.

—Timmy era meu irmão, como todos sabem, mas ele também era meu melhor amigo. Eu lembro de quando eu era criança e vi minha mãe atravessar a porta segurando um grande burrito, mas era apenas o Timmy enrolado numa manta. Eu lembro que fiquei muito feliz por ter um irmão, eu queria ensinar muitas coisas para ele, eu queria ser o irmão mais velho que iria fazê-lo se orgulhar. — Ele suspira e olha para as mãos— Eu lembro que uma vez uns garotos fizeram piadas com ele e o xingaram por ser deficiente visual e magrelo, o empurraram no chão e jogaram longe a bengala dele. Eu ouvi o

que eles disseram e quis muito bater em todos eles, mas Timmy não deixou. Ele não estava triste ou chorando, ele estava sorrindo. Gargalhando muito e isso me deixou muito confuso, perguntei o porquê dele estar rindo e ele me disse que era porque eu também era magrelo e fiquei forte o bastante para bater neles. Isso é verdade, eu era bem magrelo mesmo. Uma vez já me chamaram de garoto—bambu. Timmy sempre foi muito otimista, eu nunca o vi triste. Ele sempre acreditou que sairia dessa e iria ser grande e forte, não mais como o garoto—bambu que era.

Há mais sorrisos e risadas, mas Henry parece tentar controlar a emoção.

—Timothy não nasceu com um corpo forte e livre de doenças como a maioria de nós. Quando recebemos a notícia da doença do Timmy eu fiquei com muita raiva, fiquei fora de mim. Me perguntando o porquê Deus estava fazendo aquilo com a gente. Meus pais e eu ficamos nos perguntando se um dia voltaríamos a ser felizes. Eu fiquei com medo de que ele não fosse feliz, mas Timmy sempre foi a pessoa mais feliz que conheci. Ele tinha algo que o tornava único; sua capacidade de ver a luz, mesmo na escuridão. E ele era *nossa* luz. Sinto como se tivessem roubado essa luz de nós, mas quero acreditar que ele está brilhando em outro lugar. Sua luz ainda existe, vai continuar existindo dentro de nós.

Henry seca os olhos com o dorso da mão. Eu seco meu nariz com o lenço e volto a olhar para ele, quando seus olhos encontram os meus e ele volta a falar.

—Timmy queria que eu falasse no funeral dele. Ele sabia que isso iria acontecer, mas ninguém estava preparado para isso. Timothy Montgomery Júnior era um lutador que estava sempre sorrindo e lutava contra as dificuldades da vida com toda a força que tinha e, ao contrário do que possam pensar, foi ele quem ganhou essa luta. O que aprendi com meu irmão é que não podemos controlar o que acontece com a gente, seja com um corpo doente ou um passado cheio de marcas. Timmy é o meu irmão mais novo, mas me ensinou mais do que eu poderia ter ensinado a ele. Ele me ensinou a ser melhor e nunca desistir. Me ensinou que das coisas que nunca vamos dizer o “eu te amo” é a pior delas. Eu quero que nos lembremos dele da melhor forma que podemos: Sempre dizendo o quanto amamos as pessoas que estão ao nosso lado. Nossa família, nossos amigos e nossos amores.

Vamos viver por ele, pois foi isso o que ele fez até os últimos momentos; Timothy *viveu*.

Ele respira fundo e olha para o caixão pequeno e branco, onde jaz o corpo de Timmy.

—Eu tenho muito orgulho do irmão que tive. E espero que ele também tenha se orgulhado de mim. — Sussurra.

Olho todos em volta enquanto lágrimas caem pelo meu rosto. O tio Bob não está usando seu chapéu.

O cortejo seguiu em silêncio até o cemitério, debaixo da fina neve que cai sobre nós e do frio que nos cerca. Estou segurando a mão de Henry, ele aperta minha mão como se estivesse tentando não cair dentro do buraco onde abaixam o caixão. Seus pais estão abraçados um ao outro, o senhor Montgomery tem o rosto banhado de lágrimas, a sua esposa segura seu braço e chora também. O lugar do seu descanso final é ao lado do túmulo do vovô Montgomery. Flores estão espalhadas pela grama salpicada de branco pela neve.

O pastor fala mais algumas palavras, nenhuma que possa curar a dor que todos estão sentindo. Quando ele diz “amém” as pessoas começam a se afastar, cada um que não o conhecia pronto para seguir em frente em sua vida. O pessoal do armazém vai fazer uma homenagem a ele, nem todos puderam vim, mas sei que vão sentir falta de Timmy. Principalmente Lea. Henry se afasta e me leva junto com ele. Seus pais nos param, olham para Henry por um tempo, falando com ele apenas com os olhos. O olhar da mãe dele se volta para mim, fico um pouco nervosa. Ajeito meus óculos e tento sorrir, como ela está fazendo. Ela me puxa para longe de Henry pelos ombros e me abraça. Um abraço forte e verdadeiro. Ela se afasta e me olha nos olhos.

—Obrigada por amar meu menino. Obrigada por ter dado a ele a alegria que tanto precisava. — Ela diz e beija minha bochecha.

Eu choro, de um jeito não muito bonito. Ela não sabe, mas foi Timmy que me

trouxe alegria. O senhor Montgomery coloca uma mão no meu ombro e me olha. Ele tem o olhar de amor, aquele tipo de amor que um pai sente pela filha. Eu gostaria de ver esse mesmo olhar no meu pai. Ele soube sobre Timmy, mas não veio prestar uma homenagem a ele. Nelie não pôde vim, está viajando com o marido e os filhos. Ela me consolou quando chorei pelo telefone, porém meu pai nem ao menos fez isso.

—Timothy estava pronto para isso. Ele não queria que fosse tão rápido assim, mas ele também não tinha medo. Ele estava pronto para ir, Amélie. Está tudo bem deixá-lo ir. – Ele diz.

Não me controlo e choro mais, ele me abraça. Um abraço que um pai daria a filha que está sofrendo. Por que meu pai nunca fez isso? Eles se afastam de nós. Henry me leva para fora do cemitério e quando estamos longe dos olhares curiosos ele me abraça. Eu preciso disso, muito. Não contei a ele que minha mãe também está aqui e a razão de ela não estar mais entre nós ser semelhante a que levou o Timmy. Eu não contei nada disso a ele, não por que eu não confie nele, mas por não querer mais sofrimento em sua vida. Embora eu saiba que vou ser um.

—Henry?

Ele se afasta para me olhar.

—Timothy tem muito orgulho de você. – Digo.

Ele deixa lágrimas caírem e olha para o céu.

—Sinto como se um pedaço de mim tivesse morrido. – Murmura.

Eu sei como ele se sente, mas não digo isso. Eu sinto como se estivesse morta, apenas um fantasma vagando por aí.

—Viva, Henry. Fique vivo por Timmy, o deixe ainda mais orgulhoso do irmão que tem. – Sussurro.

Ele me abraça de novo, mais apertado. Eu deixo, pois, o abraço assim também. Nós choramos, a perda de Timmy e a perda de um pedaço dele. Eu

choro por outras razões, complicadas demais para serem ditas em voz alta. Complicadas demais para serem pensadas agora.

—Eu te amo. — Ele sussurra.

Eu me afasto e olho em seus olhos.

—Eu te amo. — Sussurro.

Ele me beija, é suave e terno. É o beijo que precisamos agora. É o beijo que mistura nossas lágrimas. E nós dá a prova que ainda temos o nosso amor.

Capítulo 55

Tudo aconteceu rápido demais. Isso tem se tornado comum na minha vida. Depois do funeral de Timmy uma manta negra pairou sobre a cidade. Além da família e amigos toda a cidade sentiu a perda dele. Os primeiros dias convivi com a sensação de vazio dentro de mim, como se os dias não parecesse passar, mesmo que os ponteiros do relógio ainda girassem. Fiquei me perguntando se ainda ouviria a voz dele, se o sentiria por perto e se veria seu sorriso novamente. Eu sabia que nada disso aconteceria e mesmo assim era difícil acreditar que nunca mais aconteceria. Passei um tempo com Henry, tentei ficar por perto para caso ele precisasse de alguma coisa. Fiquei com medo de que ele se fechasse em seu próprio mundo novamente. Eu o queria

bem, pelo menos o máximo que ele conseguisse ficar. Eu sei o quanto dói perder alguém e sei que as pessoas pensam que a morte é mais fácil para os mais jovens, mas não é.

Todos esperam que você passe por isso e fique bem logo, esperam que não faça diferença na sua vida, mas faz. E sempre vai fazer. Todos esperam que você lide bem com isso, que simplesmente supere. Eu queria dizer a todos que aquilo me destruiu. Me arruinou. Eu queria ter dito isso em voz alta, mas sempre me calei. Afinal, *Amélie é uma boa garota*. E eu não podia preocupar meu pai. Acho que ele também esperava que eu passasse por isso e simplesmente... seguisse em frente. Eu não segui, papai.

As festas de fim de ano chegaram e passaram como num borrão. Soube que o jantar na minha casa foi muito bonito. Algumas pessoas me pararam na rua e me desejaram condolências sobre Timmy, também disseram que as fotos do jantar estavam muito bonitas. Eu apenas sorri, não podia dizer nada. Eu não estava lá. Meu pai não me telefonou para me pedir que voltasse para casa para o Natal, acho que ele pensou que eu passaria com Henry. Eu disse a Henry para que ficasse com sua família, pois precisavam ficar juntos. Eu sei que os primeiros anos depois de perder alguém é bem pior, principalmente quando se perde alguém perto do fim do ano. Todas as lembranças que uma vez foram felizes se tornam amargas diante da dor de nunca mais ter quem amava por perto. Eu sei. Fiquei na picape naquela noite, olhando a neve cair e repousar no para—brisa e sentindo o vento frio da noite entrar pelas janelas. Fiquei pensando em tudo o que aconteceu nesse último ano. No dia 31 quando deu meia—noite eu chorei.

No tempo que ficamos separados trocamos mensagens todos os dias. Ele me enviava alguns de seus poemas e eu trechos de músicas que me fazem lembrar dele. Ele dizia que estava sentindo minha falta e eu respondia com um “eu te amo”. Sinto falta dele todos os dias, mas quero que ele perceba que pode seguir sua vida sem mim. Porque ele pode.

Pego meu celular e envio uma mensagem para ele.

EU: Me deixe entrar nesse muro, que você construiu ao seu redor. E nós podemos acender um fósforo e queimá-lo. Me deixe segurar sua mão e dançar em volta das chamas.

Aperto enviar e aguardo sua resposta. Enviei um trecho da música *Dust to Dust*, do *The Civil Wars*. Essa música me faz lembrar dele, tenho escutado muitas vezes desde que o conheci. Quero que ele saiba que não importa o quão alto o muro que construir possa chegar, darei um jeito de derrubá-lo. Meu celular apita com uma nova mensagem, sorrio antes mesmo de abri-la.

HENRY: *Oh, beije-me sob o crepúsculo leitoso.... Levante sua mão aberta. Bata até a banda e faça os vaga-lumes dançarem. Beije-me ao lado da casinha da árvore quebrada. Traga seu chapéu florido. Nós tomaremos o caminho marcado no mapa do seu pai.*

Suspiro. Ele me enviou essa música uma vez, me disse que um dia iríamos ouvi-la juntos. Eu amo *The Fray*, mas não conhecia esse cover deles. Depois pergunto a Henry sobre ela. Agora, estou feliz por ele ter pensado nessa música ao falar comigo. Talvez esteja na hora de ouvirmos ela juntos.

EU: *Nosso lugar?*

HENRY: *Nosso lugar.*

Dirigi até a casa de Henry, eu sabia que ele já estava aqui, sua moto estava estacionada em frente. Atravessei a trilha que leva até o nosso lugar. Lá está ele, usando suas botas doc martens pretas, jeans escuro e a jaqueta de couro preta. Lembro que ele estava assim na primeira vez que o vi. O cabelo bagunçado, as mãos nos bolsos do jeans. Tudo ao redor está salpicado de branco, o céu derrama pequenos flocos de neve e o lago está levemente congelado. Aqui sempre será meu lugar favorito, desde os arbustos e a grama verde até a velha árvore seca. Principalmente a pedra que está marcada com nosso nome. Quero me lembrar desse lugar para sempre. Quero me lembrar daquele homem que me olha agora, com um sorrisinho de lado e os olhos brilhantes que aprendi a amar muito rápido. Caminho até ele.

—Senti sua falta, Ratinha. — Diz.

Ele me abraça, me sinto protegida dentro dos seus braços fortes. Inalo seu cheiro, fico feliz em sentir apenas o cheiro da sua colônia e não misturada com o cheiro de cigarro. Ele me afasta e me olha nos olhos por um tempo, mantendo o sorriso que amo nos lábios. Ele se abaixa e me beija, cola seus

lábios nos meus. Quando ele se afasta ainda está sorrindo. Sei que ele sente saudade de Timmy, mas me sinto um pouquinho melhor quando o vejo sorrir. Não quero que ele tenha medo de ser feliz, não quero que ele tenha medo de receber a felicidade quando ela chegar. Sei que um dia ela virá. Ele sempre vai sentir saudade de Timmy e eu sempre vou sentir saudade da minha mãe. Se não existisse o amor a saudade também não existiria. Acho que vale a pena correr o risco de sofrer um pouco se o amor for verdadeiro.

—Esqueci os sanduíches. – Sussurro.

Ele sorri e me leva até a pedra. Ele senta e me faz sentar entre suas pernas. Olho para o lago, sinto como se ele me completasse.

—Tudo bem, eu posso comer outra coisa. – Ele diz.

Empurro seu ombro, mas nós acabamos rindo. Gostaria de ficar aqui com ele para sempre, mas não posso. Conversamos um pouco sobre qualquer coisa que não seja a perda de Timmy. Ele me fala sobre sua poesia e que Logan o chamou para tocar no bar qualquer dia. Eu não tenho muito o que dizer a ele, minha vida não é tão empolgante assim. Me levanto e estendo a mão para ele, que me olha confuso.

—Dança comigo? – Peço.

Ele sorri e faz aquilo que tanto gosto, lambe o lábio inferior e o prende entre os dentes. Ele levanta e coloca as mãos na minha cintura, levanto meus braços e seguro seus ombros. Ele me olha nos olhos e começa a balançar de um lado para o outro.

—Canta. – Sussurro.

Ele começa a cantar, a música que me enviou por mensagem. Fecho meus olhos e apoio a cabeça contra seu peito. Eu poderia dizer muitas coisas a ele, todas as coisas que ele me faz sentir e o quanto eu sou feliz com ele. Eu provei a felicidade no momento em que o conheci, fui me familiarizando com ela enquanto os seus olhos azuis me hipnotizavam. Eu me apaixonei por ele sem acreditar que isso poderia acontecer. Eu me senti única todas as vezes que ele me olhava. Não havia palavras feias e apelidos que me deixavam

triste. Quando eu estou com Henry estou apenas com ele. Nada mais importa. Nada mais existe.

No funeral do Timmy ele disse algo que me fez pensar por um longo tempo. Ele disse que das coisas que nunca vamos dizer o “eu te amo” é a pior delas. Eu não posso ir sem dizer para as pessoas que eu conheci que as amo. Acho que, às vezes, a gente esquece de fazer isso. De dizer o quanto as pessoas são importantes na nossa vida. Às vezes, é mais fácil se calar, mas o silêncio, por mais consolador que seja, não nos permite dizer o que sentimos. Acho que é o medo. O medo de que alguma palavra seja interpretada de outro jeito e estrague tudo. Mas a gente precisa dizer o que sentimos, mesmo que seja apenas algumas vezes. Mesmo que seja apenas uma única vez. Diga!

Eu me calei por muito tempo, todas as palavras que nunca disse me sufocaram.

Henry para de cantar, me afasto o suficiente para olhar seu rosto bonito.

—Nunca esqueça que eu amo você. – Digo.

—Eu...

Eu o interrompo com um beijo. Eu o beijo com toda a minha alma e todo o meu amor. Eu o beijo com tudo o que sou e tudo o que me tornei depois que o conheci. Deixo que as palavras saiam antes que eu as mate.

—Eu te amo.

EU: Eu te amo, você é o melhor amigo que eu poderia ter. Coma uma pizza por mim. ;)

LOGAN: Também te amo. Como duas, só por você. Haha.

EU: Obrigada por fazer cannolis tão deliciosos. Por me lembrar de levar sempre um guarda—chuva e por cuidar de mim. Eu te amo. <3

NELIE: Eu te amo, minha criança.

EU: Oi, sei que não quer falar comigo, mas quero que saiba de uma coisa. Apesar de todas as coisas que foram feitas e todas as coisas que foram ditas, eu amo você. Eu nunca deixei de te amar. Espero não ter deixado de ser sua garotinha. Comprei biscoitos pra você, Nelie sempre deixa leite na geladeira. Eu te amo!

Eu sei que a viatura da polícia vai passar aqui novamente daqui a pouco por isso preciso ser rápida. O vento frio chicoteia meu rosto através da janela, mais forte dessa vez. No rádio a música do *Keane* toca, preenche toda a picape. Eu sempre amei ouvir música, essa música se tornou a minha favorita. *Somewhere Only We Know*. Canto o refrão. Sorrio. Aperto o volante e acelero um pouco mais. A pista está vazia, sempre está vazia nesse horário. O sol ainda não nasceu por completo.

Eu não posso falhar dessa vez. Eu sei que não vou falhar. Acho que todos esperariam que eu falhasse se soubessem, mas ninguém sabe. Eu sei de tudo. Eu sei que dói muito. Eu sei que parei de respirar quando as vozes se tornaram muito altas. Eu sei que elas ainda estão dentro da minha cabeça. Eu sei que sempre serei *Melie a Nerd* e *Gormelie*. Eu sei que agora não importa mais. Eu provei a felicidade com Henry e com os amigos que fiz, mas não importa agora.

Depois de tantos insultos nenhum elogio apaga a marca que ele deixou.

Ninguém consegue ver minhas marcas. Elas estão dentro de mim.

Henry...

Ele passou a viver dentro de mim. Ele se tornou parte da minha história.

Me perdoa, meu amor...

A árvore está lá. Grande e alta, como sempre. Ela está bem perto agora. Mais perto. E um pouco mais perto. Ela parece vir na minha direção. Ou sou eu

que estou indo até ela?

Não há mais tempo. Em meio ao terror, aperto com força o acelerador e seguro firme o volante. No meio do silêncio um soluço permeia o ar.

Então, tudo volta ao silêncio. Silêncio.

Henry... Henry... Henry...

Epílogo.

Fico sentado na grama olhando para a água. Ela tremula devagar, fazendo a canoa balançar em direção a lugar nenhum, eu acabei de soltar a corda que a prendia na pedra gravada com nossos nomes. O sol brilha forte acima de mim, parece rir da minha cara. Sinto como se nuvens negras soltassem raios na minha cabeça. Eu não entendo. Ainda não entendo e acredito que nunca vou entender. Por isso quando alguém me pergunta o porquê eu mostro meu melhor sorriso e me mantenho em silêncio.

“Eu matei minha filha, Lauren. Matei minha garotinha.” Ele disse entre soluços, enquanto lutava para respirar. Todas as vezes em que fecho meus olhos me recordo daquele momento. Daqueles segundos em que tirei os olhos do caixão em que minha Ratinha jazia e observei o homem, Michael Haywood. O homem durão que se transformou em uma sombra opaca de si mesmo.

Sinceramente, eu não me importei com ele nem com ninguém que apareceu naquele maldito dia. Para mim eles eram culpados de tudo o que aconteceu. Eles são os assassinos mais cruéis. Eles não precisaram de nenhuma arma para matá-la. Eles tinham suas palavras. A pior arma que existe. Eles

choraram pela morte dela. Acreditei que choravam pela culpa que carregarão para sempre. E espero que carreguem.

Balanço a cabeça, tentando fazer os pensamentos daquele dia desaparecerem, mas, como sempre, eles permanecem, Fecho os olhos com força enquanto deslizo o dedo sobre a tatuagem no meu pulso. Poucos dias após perdê-la fui até o antigo estúdio de tatuagem que costumava frequentar. Me mantive de olhos fechados enquanto o tatuador e antigo amigo meu gravava a palavra AMOR escrita em braile junto com o desenho de um gorro e um vaga-lume logo abaixo. Ele me perguntou se a tatuagem estava doendo quando me flagrou chorando. Eu disse que não.

Eu não sentia a agulha entrando em minha pele, estava anestesiado por outro tipo de dor. Não era a tatuagem que doía. Era todo o motivo por trás dela. Era saber que era por *ela*. E ela nunca saberia.

Ninguém faz ideia do que estou sentindo agora. Ninguém faz ideia do quanto sinto doer dentro de mim todos os dias. É como se meu coração tivesse parado de bater e mesmo assim eu ainda continuasse vivo, apenas para saber que ele não bate mais. Isso dói. Dói pra caralho. Eu odeio o que aconteceu, odeio tudo o que levou para esse fim. Na realidade, eu nunca quis um fim. Eu nunca imaginei que teríamos um final que não fosse a porra de um final feliz. Eu imaginei um para sempre, embora eu nunca tenha acreditado nisso antes de conhecê-la. Ela me fez acreditar. Ela me fez acreditar em muitas coisas.

Eu não fazia ideia disso, mas as vezes o para sempre pode ser interrompido. O nosso foi. Tínhamos muitas coisas só nossas. Nosso amor. Nosso lugar. E o nosso tempo. Acredito que dentro desse nosso tempo limitado experimentamos o para sempre. Experimentamos o eterno dentro daqueles segundos que passamos juntos. Ela me fez experimentar a felicidade. Ela era minha felicidade. E eu ainda não sei como ser feliz sem ela.

Amélie Haywood me presenteou com a felicidade mesmo que estivesse soterrada dentro da sua tristeza. Ela me deu uma vida feliz dentro do tempo que tínhamos. A amei da melhor forma que pude. Agora eu só preciso entender que ela não foi a culpada. Que, no fundo, ela nunca desejou de fato partir. Quero acreditar que a culpa foi do freio que não funcionou. Quero acreditar naquilo que os outros acreditam. Acho que a vida tinha um plano

diferente do meu e acabou tirando-a de mim. Estranho como as vezes o amor não é suficiente para fazer alguém ficar.

Olho para a água novamente. Eu imaginava nossa vida bem aqui. Nós dois. Juntos. Eu me imaginava abraçando-a quando estivesse distraída deslizando os dedos dos pés na água fria. Eu conseguia imaginar um futuro em que estaríamos sorrindo, fazendo planos e... quem sabe com uma garotinha igual minha Ratinha em meus braços.

Eu nunca quis dizer adeus. E eu não disse adeus, nunca consegui dizer. Não houve uma despedida. Não houve algo que selasse o que vivemos e colocasse um ponto final em nossa história. E deve ser por isso que ainda dói tanto. Nós não tivemos uma vida inteira juntos, mas as lembranças.... As lembranças são as melhores que eu poderia ter.

Sorrio ao olhar para o céu. O tempo passou tão rápido e devagar ao mesmo tempo, sinto como se tudo tivesse acontecido ontem e ao mesmo tempo tudo tivesse acontecido em uma outra vida, a dor torna tudo tão confuso. Hoje faz dois anos e eu ainda espero que onde quer que ela esteja saiba que era o meu *alguém*. Que ainda é o meu alguém. E *sempre* será o meu alguém. Nós tivemos apenas um tempo, hoje consigo aceitar isso, porém eu desejei o para sempre. Desejei ter um pouquinho mais de tempo ao seu lado, mais um dia, sei lá. Teria feito diferença? Me pergunto. Eu teria conseguido evitar que ela saísse naquele dia, entrasse naquele carro e fosse em direção aquela maldita árvore?

Eu teria conseguido te salvar, minha Ratinha?

Eu a mantenho viva nos versos que escrevo naquele velho caderno todos os dias. Nas suas músicas favoritas, nos sanduiches de manteiga de amendoim e geleia, nos livros, nas flores, no ar. Ela está viva dentro de mim. Ela continua vivendo na memória daqueles que a amavam de verdade e é assim que deve ser. E o bom das lembranças é que ninguém pode tirá-las de nós. Amélie Haywood nunca será esquecida.

Pego o caderno e a caneta. Levanto da grama e olho mais uma vez para o lugar que eu costumava amar. Talvez alguém um dia o encontre e seja feliz nele, como eu fui. Agora é o momento de recolher minhas folhas rasgadas e

as dores do chão, enfiá-las na mochila e ir embora. Para qualquer lugar que exista. Não há um plano a ser seguido ou caminhos a serem traçados. Dessa vez não estou planejando nada. Deixo ao acaso, afinal foi assim que tudo começou. Sem querer. Sem que eu esperasse.

Caminho de volta pela trilha, que voltou a ter galhos secos e folhas por todo lado, em direção à frente da casa. Olho para a casa que eu demorei muito para arrumar quando a comprei. Aqui sempre será o lugar onde eu a beijei pela primeira vez, o lugar onde eu a amei pela primeira vez. Eu já ri bastante com Timmy aqui e também foi aqui onde chorei quando ele morreu. Nem todas as lembranças são boas, é verdade, mas isso não faz com que eu não pense nelas. A casa foi vendida finalmente, então retiro a placa presa na cerca e jogo no chão. Pego meu capacete e o coloco, monto na moto e acelero. Está na hora de saber para onde essa estrada pode me levar. Ou talvez um dia eu volte, não sei. No entanto, não importa aonde eu vá, sempre levarei comigo uma única certeza:

Amélie Haywood não queria causar dor a ninguém. Ela só queria sarar a sua própria dor.

Playlist

Do I Wanna Know - Arctic Monkeys

Dust to Dust - The Civil Wars

Have You Ever Seen The Rain - Rod Stewart

Human - Christina Perri

I've Got This Friend - The Civil Wars

Kiss Me - The Fray (cover)

Let It Be - The Beatles

Somewhere Only We Know - Keane

Tears In Heaven - Eric Clapton

When The Sun Goes Down - Arctic Monkeys

Nota da autora

O suicídio é um assunto pouco discutido hoje em dia e isso é algo preocupante. De acordo com pesquisas recentes, o Brasil ocupa a 8º posição no ranking de países com maior incidência ao suicídio. Ultrapassando 12 mil casos por ano. Há muitas causas para isso, que variam de pessoa para pessoa, é claro. Abordar este assunto, implicitamente, no livro foi algo que eu não esperava. Apenas surgiu no meio do processo de criação dele. O que me fez refletir sobre o quão ignorantes nós somos sobre esse assunto. Algumas pesquisas me levaram a dados alarmantes e me fizeram perceber que qualquer pessoa ao nosso redor pode estar sofrendo com a depressão, com a ansiedade, com o pânico, etc. Porém, mantenha em mente que para toda doença mental existe um tratamento, com a ajuda de psicólogos e/ou psiquiatras.

Você se identificou com Amélie? Às vezes, se sente como ela? Tem sentimentos confusos? Se sente perdido ou com medo? Procure ajuda! É de extrema importância contar com o apoio da família e amigos, mas, por mais que eles te amem e se preocupem, apenas um profissional pode realmente te ajudar da forma que você precisa. Não sinta vergonha de pedir ajuda, você é corajoso (a) apenas por dar esse pequeno primeiro passo.

Fale com alguém em quem confie. Não deixe que as palavras não ditas te sufiquem. Procure ajuda.

O Centro de Valorização da Vida (CVV) trabalha na prevenção ao suicídio. Atende 24 horas por dia no telefone 141, por e-mail ou bate-papo na internet, no endereço www.cvv.org.br

.

Enumclaw realmente existe. É uma cidade localizada no estado norte —americano de Washington. Os locais descritos e os personagens no livro foram obra da minha imaginação. Qualquer semelhança com a realidade foi apenas coincidência.

Recado da autora.

Se você gostou desta história compartilhe nas redes sociais e indique aos seus amigos. Deixe sua avaliação aqui na Amazon, se puder. Me ajude a levar a história de Amélie e Henry a muitas outras pessoas.

Para saber mais sobre este e próximos livros, procure por Letícia Alves nas redes sociais.

Instagram: @aleticia.s

Facebook: Letícia Alves

Twitter: @aletiicia